

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS: CULTURAS E
PODERES

NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

**Uma “Guerra” Santa de Ideias nas obras de Ramon Llull (1232-1316):
as estratégias de evangelização e conversão dos não-cristãos**

**SÃO LUÍS
2024**

NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

**Uma “Guerra” Santa de Ideias nas obras de Ramon Llull (1232-1316):
as estratégias de evangelização e conversão dos não-cristãos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer

**SÃO LUÍS
2024**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Mateus, Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio.

Uma guerra Santa de Ideias Nas Obras de Ramon Llull
1232-1316: : As Estratégias de Evangelização e Conversão
dos Não-cristãos / Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio
Mateus. - 2024.
189 f.

Orientador(a): Adriana Maria de Souza Zierer.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em
História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Ramon Llull. 2. Educação. 3. Conversão dos
infiéis. 4. . 5. . I. de Souza Zierer, Adriana Maria.
II. Título.

NATASHA NICKOLLY ALHADEF SAMPAIO MATEUS

**Uma “Guerra” Santa de Ideias nas obras de Ramon Llull (1232-1316):
as estratégias de evangelização e conversão dos não-cristãos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História e
Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer – Orientadora (PPGHIS/UFMA)

Prof. Dr. Guilherme Queiroz de Souza (PPGH/UFPB)

Profa. Dra. Terezinha Oliveira (PPH/UEM)

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin (PPE/UEM)

Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi (PPGHIS/UFMA)

Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira (PPGHIS/UFMA) (SUPLENTE)

Dedicatória

Aos meus pais, Edivalto e
Niedja Alhadeif.
Aos meus irmãos, Yuri e
Anna Sara Alhadeif, amo
todos vocês até o infinito!

"Cada um lê com os olhos que tem.
E interpreta a partir de onde os pés pisam.
Todo ponto de vista é um ponto" (Leonardo Boff, 1997)

Agradecimentos

Uma das palavras que mais agrega valores e significados no percurso da nossa breve e passageira existência é a gratidão. Não sei se acontece com todos, mas comigo em cada etapa da vida contei com a ajuda nobre e gentil de alguém. Isso não quer dizer que foram muitas pessoas, mas aquelas que passaram e contribuíram fizeram total diferença na construção da minha história e no meu desenvolvimento enquanto ser humano e também acadêmico.

Agradeço aos meus pais, Niedja Alhadeff e Edivalto Mateus, que na limitação de suas possibilidades de vida, deram seu melhor. Minha mãe que não chegou a cursar um ensino Superior, dedicou grande parte de seus anos com muito trabalho e esforço para que eu pudesse, de forma digna, iniciar minha trajetória escolar. Eu jamais chegaria a um doutorado, se alguém não tivesse me levado ao jardim de infância ou se esforçado para eu pudesse fazer um pré-vestibular e realizar o sonho de cursar uma graduação.

Com isso, meus pais me deram meus dois maiores presentes, meus irmãos Yuri e Anna Sarah Alhadeff. Somos irmãos de sangue, mas mais do que isso temos uma ligação de alma. Nossa convivência cotidiana é o fundamento de todo o sucesso que temos construído juntos.

No ano de 2012, iniciei minha jornada na pesquisa científica e conheci a professora Adriana Zierer que se tornaria minha orientadora na iniciação científica, parceria que se estendeu até o doutorado. Ela se tornou muito mais que uma orientadora, hoje nossos laços são fraternos. Não poderia deixar de agradecer também ao seu esposo Mariano que é brilhante e um ser humano extraordinário, muito obrigada por serem tão especiais e por terem me acolhido em momentos tão difíceis.

Agradeço imensamente a professora Elizabeth Abrantes que desenvolve um trabalho de excelência com profissionalismo e compromisso com a pesquisa e educação.

A professora Júlia Constança pela amizade construída ao longo desses anos!

Diretamente do Rio de Janeiro ela veio construir uma bela história aqui no Maranhão. Com um jeito único de ser, e uma personalidade forte, marcou minha vida com sua generosidade e humanidade. Não tenho palavras para agradecer a professora Mônica Piccolo, estará para sempre em minhas memórias além da academia.

Desde a iniciação científica ela tem contribuído com minha pesquisa, sempre de forma gentil e carinhosa, muito obrigada digníssima Terezinha Oliveira.

Deixo registrado também minha gratidão ao Prof. Dr. Guilherme Queiroz, pela nobre gentileza de enviar materiais que me ajudaram na escrita do texto e por cada detalhe destacado para melhoria da tese.

Agradeço a Profa. Conceição Solange Bution por cada consideração para melhoria deste trabalho.

A todos os professores da Universidade Estadual do Maranhão e da Universidade Federal do Maranhão que contribuíram para minha trajetória acadêmica.

A todo o grupo *Brathair*-Ma, em especial à Bianca Trindade, Alex Costa, Elisângela Coelho e Solange Oliveira.

Agradeço a Fapema por ter me concedido a bolsa de estudos, possibilitando a realização dessa pesquisa o que foi imprescindível para esse estudo e finalização da tese.

Finalizo os agradecimentos com o sentimento de gratidão por tudo. Além do orgulho em concluir uma tese, que não é uma missão fácil, orgulho-me de não ter desistido e mesmo em meio aos turbilhões de mudanças, imprevistos, caos e surpresas, escolhi continuar e lutar bravamente por este sonho. Concluir este trabalho é concretizar mais um sonho e fechar um ciclo necessário. Obrigada Deus por sempre iluminar meu caminho e por toda paz ao longo desse percurso!

RESUMO

Esta tese tem por finalidade analisar as estratégias de evangelização e conversão dos ditos “infiéis” ao Cristianismo, como uma “Guerra Santa de Ideias”, por meio do discurso do filósofo Ramon Llull, contido em suas obras *Doutrina para Crianças* ((1274-1276) e *O livro do Gentio e dos Três Sábios* (1274-1276). Como fundamentação teórica, utiliza-se trabalhos que tratam da História Social, Hebe Castro (2011) e da História do Imaginário, Le Goff (2006) e da História Global, Crosley (2014) e Conrad (2019). A metodologia dessa pesquisa é bibliográfica, comparativa e utiliza a Análise Crítica de Discurso. A problemática dessa pesquisa de doutorado é: quais os meios utilizados por Ramon Llull no processo de conversão dos não-cristãos diante de um projeto global de expansão do Cristianismo? A hipótese norteadora desta pesquisa aponta que as obras *Doutrina para crianças* e *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, de Ramon Llull foram ambiciosas e abrangentes para além do que se imagina no tocante à religiosidade, mas queriam a unificação do Cristianismo. O autor instrumentalizou discursivamente a mensagem cristã como estratégia de resistência cultural contra o império muçulmano na Península Ibérica e em outras localidades. É relevante destacar que o maiorquino oferece em seu discurso elementos formadores e também teológicos desse cristão que ele pretende constituir para o combate, ou seja, para uma “Guerra Santa de Ideias”, com a pretensão de provar a veracidade da fé cristã, formando missionários para a difusão e expansão da fé católica nos territórios “reconquistados” pelos cristãos na Península Ibérica e fora dela. Esta pesquisa procura mostrar que a disputa pela manutenção da Cristandade no discurso cristão influenciou diversos intelectuais como Ramon Llull, os quais se colocaram a serviço dessa instituição na propagação do ideário da vida no além, mas também na conquista terrena.

Palavras-chave: Ramon Llull. Educação. Conversão dos “infiéis”.

Abstract

This thesis aims to analyze the strategies of evangelization and conversion of the so-called “infidels” to Christianity, as a “Holy War of Ideas”, through the speech of the philosopher Ramon Llull contained in his books *Doctrine for The Book of the Gentile (1274-1276)*. and the *Three Wise Men (1274-1276)*. As a theoretical foundation, research is used that deals with Social History, Hebe Castro (2011) and the History of the Imaginary, Le Goff (2006) and Global History, Crosley (2014) and Conrad (2019). The methodology of this research is bibliographic, comparative and Critical Discourse Analysis. The problem of this doctoral research is: what are the means used by Ramon Llull in the process of converting non-Christians in the face of a global project to expand Christianity? The guiding hypothesis of this research points out that the books, *Doctrine for children* and *The Book of the Gentile and the Three Wise Men (1274-1276)*, by Ramon Llull were ambitious and comprehensive beyond what is imagined regarding religiosity, but wanted unification of Christianity. The author discursively instrumentalized the Christian message as a strategy of cultural resistance against the muslim empire in the Iberian Peninsula and other locations. It is important to highlight that the Majorcan offers in his speech formative and also theological elements of this Christian that he intends to constitute for combat, that is, for a “Holy War of Ideas”, with the intention of proving the veracity of the Christian faith, training missionaries for the spread and expansion of the Catholic faith in the territories “reconquered” by Christians in the Iberian Peninsula and beyond. This research seeks to show that the dispute for the maintenance of Christianity in Christian discourse influenced several intellectuals such as Ramon Llull, who placed themselves at the service of this institution in propagating the ideas of life in the afterlife, but also earthly conquest.

Keywords: Ramon Llull. Education. Conversion of “infidels”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O CONTATO DO OCIDENTE CRISTÃO COM ISLÃ E O JUDAÍSMO: estranhamento, convivência e conflitos.....	28
1.1 O cristão ocidental: espaços de poder e a cristandade.....	35
1.2 Identidades e fronteiras: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo no Medievo.	43
1.3 A expansão do islã e a luta pela permanência da cristandade	50
2 EM NOME DE DEUS: Ramon Llull, um viajante global.....	60
2.1 Uma trajetória pessoal: a vida espiritual de Ramon Llull.....	64
2.2 A missionário em formação: entre os muçulmanos e não-cristãos.....	74
2.3 Ramon Llull um viajante global por um mundo cristão: espaços de circulações de ideais.....	86
3 “POR UM MUNDO CRISTÃO”: a Educação como instrumento de conversão dos não-cristãos na Obra <i>Doutrina para Crianças (1274-1276)</i>	101
3.1 A Educação como arma de conversão e seus ecos: <i>A Doutrina para Crianças</i>	101
3.2 Os “inimigos” da cruz: a tensão entre cristãos e muçulmanos.....	121
4 O PROJETO GLOBAL DE CONVERSÃO NO LIVRO DO GENTIO E DOS TRÊS SÁBIOS (1274-1276)	128
4.1 Livro do Gentio: Ramon Llull e o diálogo com os muçulmanos, judeus e gentio.....	128
4.2 “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho”: Peregrinos em Marcha para a Salvação.....	152
Considerações finais	177
REFERÊNCIAS	181

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A conversão de Llull e sua peregrinação a Rocamadour e Santiago de Compostela.....	60
Figura 2: Ramon Llull suplica aos papas e reis.....	76
Figura 3: Viagens de formação político-missionárias de Ramon Llull.....	89
Figura 4: Viagem missionária com disputas religiosas, tumultos e expulsão.....	96
Figura 5: Ramon Llull dialogando com os muçulmanos.....	149
Figura 6: Ramon Llull aprendendo o idioma árabe com o seu escravo	173

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge a partir de uma trajetória de estudos nos temas relacionados ao filósofo Ramon Llull (1232-1316), que se iniciou em 2012 por meio do projeto de iniciação científica que desenvolvi durante a graduação em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e por meio das discussões no grupo de estudos *Mnemosyne*. O projeto ligado ao PIBIC/UEMA por título “*A salvação da Alma, segundo a obra Doutrina para Crianças*”, em que Llull dedica a obra ao seu filho chamado de Domingos, na intenção de ensiná-lo os princípios cristãos, os quais considerava importante. Nessa obra, sob a ótica luliana, lança as bases para uma educação cristã, contém princípios que norteiam a formação do indivíduo, há um modelo de conduta e virtudes, bem como mostra a brevidade da vida, isto é, a importância de a criança crescer distante das “práticas mundanas”. Nesse sentido, analisou-se a importância da religiosidade para o homem e a mulher medieval, e como os aspectos educacionais eram fundamentais na busca pelo modelo de formação de um “indivíduo perfeito” com base no Cristianismo.

Em sequência, essa pesquisa de iniciação científica resultou no trabalho de conclusão de curso sob o título “*Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças (1274-1276) de Ramon Llull*”, defendida em 2015 no curso de História da UEMA, no qual foi feita a relação entre a educação medieval e a religiosidade em que se destacou a principal finalidade da educação daquela época: educar para salvar. Neste caso, a perspectiva de educação em questão era sob os pressupostos cristãos, uma vez que pensá-la é refletir em uma preparação para a morte, já que a cultura ocidental se atemoriza com o fim da vida na terra. Este processo se dava por meios de manuais pedagógicos que visavam a formação do “bom cristão”, na aquisição de virtudes, e da moral.

Com base nos resultados preliminares obtidos na pesquisa monográfica, desenvolvemos a dissertação de mestrado intitulada “*Ensino de História Medieval: A obra Doutrina para Crianças, de Ramon Llull e a produção do paradidático¹ ‘Ramon Llull e a Idade Média’*”. Nesta pesquisa, foi utilizado como *corpus* documental a obra *Doutrina para Crianças (1274-1276)*, sob a perspectiva teórica da História do Imaginário (LE GOFF, 2002), em que discutimos, conforme os ideais desse filósofo maiorquino, a

¹ Devido ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST-UEMA) ser na modalidade profissional, elaborei um material paradidático, *Ramon Llull e a Idade Média*, destinado ao ensino básico que versa sobre os ideais lulianos no contexto medieval, bem como estimula reflexões sobre os valores morais e éticos na atualidade, adquiridos por meio da educação.

importância dos princípios cristãos na constituição e na formação ético moral do indivíduo por meio do ensino das virtudes, desde a fase da infância. Tem-se em vista que esse autor defendia um modelo de formação do cristão perfeito. Assim, levou-se em consideração o contexto do século XIII, no qual a Igreja Católica teve um papel fundamental nesse processo ao propagar a vida no além, assim como as dualidades do bem e mal, céu versus inferno, Deus e o Diabo. Nesta conjuntura, surgiram muitos intelectuais que reforçaram tais ideias, Ramon Llull, inserido neste meio buscou capturar a “mensagem cristã”, considerada como a mais importante da sua época, por isso, colocou-se a serviço da Igreja e da educação na pretensão de “resgatar” a “doutrina cristã”.

A partir dessa trajetória de pesquisas, constatou-se que o projeto luliano era “ambicioso” em contribuir para a expansão do Cristianismo por meio de suas ideias, visto que Llull demonstra em suas obras uma crise do Cristianismo, já que considerava que os próprios cristãos do seu tempo não se empenhavam em aprender e evangelizar os ditos “infiéis”. Desse modo, o processo educativo, na concepção de Llull, seria contribuir na transmissão desses valores no ambiente familiar, religioso e convívio social, entre outros, o que gerou a formulação de estratégias de ensino que resultaram em uma educação centrada na formação de um bom cristão. Assim, verificou-se que a educação no Medievo ocidental estava vinculada à religião cristã, mas isso não acontecia de modo aleatório, pois há um propósito que estava para além de educar os próprios cristãos, mas também garantir uma organização social. No entanto, é possível que esse autor também estivesse interessado em converter os demais povos por meio da mesma estratégia que era utilizar a educação, uma vez que para os cristãos ela serviria para edificá-los e alcançar os outros povos com ensinamentos das doutrinas cristãs e os ensinamentos do bom comportamento.

Assim, a problematização do tema dessa pesquisa de Doutorado reside na análise dos meios utilizados por Ramon Llull no processo de evangelização e conversão dos não-cristãos diante de um projeto global de expansão do Cristianismo, o que revelou sua forte preocupação com a evangelização e conversão, pois reconheceu a crise no Cristianismo, em um contexto de expansões de outras religiões, como o Islamismo, o que levou muitos cristãos a traçarem estratégias de conquistas e “regastes as almas” dos que professavam outros credos.

Segundo Marty (2014, p. 119), “Lúlio precisa ser incluído nos registros como um dos agentes mais ambiciosos e capazes de trabalhar no sentido de trazer os muçulmanos para Cristo usando a educação como instrumento”. Observa-se na trajetória de

evangelização do filósofo a não limitação de percorrer somente a Península Ibérica, mas se estendeu a Túnis e Bugia no norte da África, em militância contra o crescimento do Islamismo. Desse modo, questiona-se quais os elementos presentes no discurso de Ramon Llull mostram que a intenção vai além de educar², mas evangelizar e converter os ditos infiéis para o Cristianismo? Quais as estratégias discursivas usadas na evangelização para esta conversão? Como as obras de Ramon Llull revelam uma Idade Média diversificada, isto é, um período que não se restringiu geograficamente somente a Europa, nem a religião cristã, ocorreram outros processos, sendo bem mais complexos do que uma determinada historiografia³ tentou mostrar.

A partir dessa problematização, e na tentativa de compreender esse projeto de conversão que foi elaborado pelo maiorquino, buscar-se-á também discutir os impactos das interconexões culturais entre Religiões (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo), e a resistência Cristã, face ao avanço do Islamismo e Judaísmo enquanto fortes concorrentes dentro do Medievo europeu no século XIII, presente nas obras do filósofo maiorquino; Refletir sobre a formação intelectual de Ramon Llull, a partir da obra *Vida Coetânia (1311)*, e os impactos dos seus ensinamentos usados no alcance dos mais diferentes povos no qual o autor teve contato, ao longo de sua trajetória intelectual em suas viagens pela Península Ibérica, França, Península Itálica, norte da África, nesses espaços conectados; problematizar na obra *Doutrina para Crianças (1274-1276)* os fundamentos educacionais para a construção do discurso filosófico-pedagógico Luliano em prol da conversão dos ditos “infiéis”; compreender as estratégias discursivas de Ramon Llull para a conversão dos muçulmanos ao Cristianismo a partir da análise da obra *O livro do Gentio e dos Três Sábios (1274-1276)*.

Utilizou-se como objeto de pesquisa duas obras escritas por Llull. A primeira foi a obra *Doutrina para Crianças*, redigida por volta de 1274-1276, que foi dedicada ao seu filho, chamado Domingos, e pode-se considerar como um dos primeiros manuais pedagógicos voltados à educação infantil. Esta obra compõe-se de um Prólogo e treze capítulos, ao longo dos quais todos os ensinamentos giram em torno de Deus e dos preceitos da Igreja Católica, isto é, destacar os fortes ensinamentos cristãos. A segunda, *O Livro do Gentio e dos Três Sábios (1274-1276)*, Ramon Llull apresenta um debate entre

² A educação que se refere é nos preceitos cristãos, desse modo, quando essa educação se volta para o não cristão é com o objetivo de evangelização.

³ Aponta-se historiografia que apresenta um enfoque somente no Cristianismo praticado na Europa, como exemplo dessa historiografia destacam-se Le Goff e Lucien Leblvre.

os três sábios religiosos, judeu, cristão e muçulmano, em que havia também um gentio que seria aquele sem religião, estava perto da morte e buscava saber quem era o “Deus Verdadeiro”. Para isso, o gentio presenciaria uma disputa entre esses três sábios e escolheria qual a religião a seguir.

Neste sentido, é importante analisar essas duas obras, que trazem como pano de fundo a oposição percebida por Lull entre as religiões. Desse modo, seria impossível realizar a tessitura da diversidade na Coroa de Aragão do século XIII, sem levar em consideração a força da religião no pensamento europeu da época. Para uma parte dos homens europeus, o referencial de todas as coisas era a “manifestação do sagrado” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 30), e as bases fundamentadas nos preceitos cristãos. Era a mistura do visível com o invisível, do material com o imaterial. Durante boa parte da Idade Média perdurou o ideal clássico quanto à ideia de formação da personalidade, ou seja, o propósito de se plasmar o cristão perfeito, na aquisição daquilo que era considerado como virtude no Imaginário da época. As fontes primárias que utilizamos são de extrema importância, pois mostram que durante o Medievo houve disputas e embates em torno de uma religião cristã que fosse hegemônica, ocidental, branca e masculina em contraponto a tudo que divergia desse ideal reacionário, como a religião islâmica. Também foi utilizada a obra *Vida Coetânea*, uma edição portuguesa por Mário Carvalho.

É nesse sentido que a perspectiva teórico-metodológica do trabalho que direciona esse estudo é a *História Social*, pois entende-se que contribui para análise mais global do homem no seu tempo, possibilitando a compreensão das ações que movem os indivíduos, assim como o impacto das mudanças sociais. É importante destacar que é necessário problematizar as obras estudadas com enfoque em seu contexto social, pois consideramos a obra *Doutrina para crianças* e o *Livro do Gentio e dos três sábios* como manuais pedagógicos que ditavam regras necessárias para se enquadrar ao modelo de um cristão e logo a estrutura social exigida a época.

Para a autora Hebe Castro (2011, p. 41), a história social faz parte do marco real e simbólico da constituição de uma nova história, ou seja, demarca uma postura historiográfica em rompimento a história tradicional, possibilitando problematizar outras dimensões da vida em sociedade, pois “[...] a história social passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam”. Dessa forma, fica explícito que as ações humanas só fazem sentido a partir da compreensão do contexto social ao qual

ela foi emergida, já que as ações sociais também são “leituras” passíveis de serem interpretadas e reinterpretadas.

Para realizar esse estudo foi necessário estar atenta a algumas questões: a primeira foi entender o contexto histórico e a formação do pensamento luliano, buscando entender a construção do seu discurso. A constituição do pensamento luliano não pode ser compreendida como ato puro e individual, mas é um percurso bem mais complexo no qual faz parte do acúmulo de experiências, somado ao coletivo e ao caráter político de seu tempo. A segunda, consiste em compreender as especificidades do cenário religioso e as diferenças entre o Cristianismo, Islamismo e Judaísmo. A partir dessa compreensão, será possível observar que o objeto de análise dessa tese consta com um aparato discursivo e apologético. O discurso nunca é neutro e nem imparcial, mas é um elemento constitutivo para propagação de ideologias, e sobretudo no que diz respeito aos discursos religiosos que ultrapassam as questões temporais.

O discurso do maiorquino, registrado em suas obras, revela um projeto de unificar a fé cristã. E, para isso, criou um método pautado no conhecimento sobre o outro, o que permite notar uma dimensão da interação e da globalidade em seu projeto. Como afirma Souza (2021), trata-se de uma história em que houve trocas, encontros culturais e redes de alianças políticas.

Além disso, podemos observar a relevância dos temas que envolvem fé e política; temas relacionados à salvação da alma e ordenamento dos corpos. Como afirma Mota (2014, p. 21) o “[...] domínio secular e religioso são pontos complementares no universo do monoteísmo judaico-cristão e muçulmano. A diferenciação dos corpos religiosos, formada por sinais diacríticos, ortodoxias, práticas e crenças”, tratando-se de um ponto fundamental ao debate e as questões políticas, o que se torna fator indispensável na construção de uma sociedade.

Esta tese é desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação que tem como área de atuação a História Global. Este é um recente campo de estudos que avalia os processos históricos em contextos globais. Em uma perspectiva Global, compreende-se que as ideias se espalham, sobretudo, as crenças e a religião, fenômeno tão caro para as sociedades, que não formam necessariamente de forma original, mas se misturam a partir das interconexões culturais. Neste trabalho, faz-se uma reflexão sobre como Ramon Llull, apesar de focar sua total ambição na expansão do Cristianismo, deixou rastros riquíssimos que a Idade Média não é só europeia ou cristã.

Pamela Crosley (2014) destaca que é necessário tirar o foco apenas do Ocidente e ter um olhar para as outras regiões do mundo, ou seja, entende-se nesse sentido, que é de fundamental importância olhar as outras culturas, principalmente no que diz respeito ao período medieval, que em grande escala as produções historiográficas medievais, focaram-se no Ocidente e nas práticas cristãs. Assim, compreende-se que é necessário considerar outros sujeitos, outras religiões, grupos sociais, instituições, outras ideias, e outras possibilidades de vivenciarem o mundo e as experiências a partir dos intercâmbios culturais, sobretudo, os religiosos:

Uma visão histórica mais global deveria, inevitavelmente, reconhecer o peso de uma denominação colonial surgida da dinâmica ocidental, que conduz a transferência e à reprodução de instituições e mentalidades europeias, mas sem ignorar que a realidade original, irredutível a uma repetição idêntica, toma forma nas colônias do Novo Mundo (BASCHET, 2006, p. 32).

A História está conectada entre o passado, presente e futuro. “Pensar historicamente”, é ter a capacidade de lançar análises sobre o passado e presente em uma perspectiva histórica, uma vez que ter um olhar sobre o passado, pode ser fundamental em nossa análise sobre as questões presentes, já que permite perceber a historicidade do nosso tempo, e como os acontecimentos são passíveis de outros olhares em temporalidades distintas que acabam passando por interpretações e outras análises.

Nesse sentido, Llull (2010) mostra que a cultura islâmica também esteve presente em sua formação e analisa processos de construção e desconstrução em meio às representações que são criadas para dar um sentido social, na esfera daqueles que absorvem no coletivo a ideia e a certeza de uma fé, que corresponde no espaço físico e sobrenatural a representação do que os homens e mulheres conjecturam para suas existências, e que dramatizam por meio de um fio condutor do tempo, que abre espaços para a construção de culturas que alicerçam as bases e estruturas de uma determinada sociedade. Assim, ele deixa registrado em suas obras a vivência e as riquezas de seu contato com outras culturas. Ele forjou sua compreensão sobre o mundo para além da cidade de Paris, e outros centros, mas andou sobre terras “periféricas” e experimentou múltiplas relações.

A construção de uma representação que impacta uma sociedade está diretamente ligada à noção de tempo, o que Koselleck (2014, p. 9) denomina como primordial para constituição dos espaços históricos, permitindo a sua compreensão, pois a noção de espaço e tempo continuam entrelaçadas. Embora nossa reflexão seja sobre um debate que

se desencadeou durante o século XIII e início do XIV, sobre a uma defesa da “fé”, e da fé cristã católica, vemos como ainda se trata de uma discussão atual, em que muitos dedicam sua vida em prol de uma religião ou em nome de Deus. A tendência de se pensar em uma linearidade do tempo às vezes confunde a reflexão humana sobre as ações, levando a pensar que há um progresso contínuo ou que uma sociedade herda as culturas de um tempo passado. Isto porque se acredita nessa linearidade do tempo, e que o presente pode sempre ser mais eficaz em relação aos acontecimentos que já passaram. Mas por vezes olhamos acontecimentos que se repetem e estruturas que se mantêm.

Desta forma, durante o século XIII, no contexto da Península Ibérica, fica evidente que não era apenas o Cristianismo que tinha força, mas Ramon Llull por meio de sua ação em expandir o Cristianismo e criticar os cristãos de seu tempo, revela a crise de seu tempo. A historiografia medieval desenvolveu seus estudos sobretudo no mundo ocidental, mas as práticas orientais influenciaram também outras sociedades (CROSLEY, 2014). Os desafios em repensar o enraizamento eurocêntrico nas representações históricas, sem dúvida, tem sido um desafio para os estudos medievais, tratando-se das problemáticas que envolviam o Cristianismo, ou melhor, para além do Cristianismo. O foco na cultura europeia fez que muitas escritas históricas priorizassem o que era considerado como o hegemônico até mesmo para a construção de outras sociedades e de outras histórias:

Assim procuramos encarar com pragmatismo a noção de “eurocentrismo”, entendida não só como as várias formas de influência política, econômica e social da Europa no globo, mas sobretudo como remissão ao enraizamento dos conceitos e valores que operam na ciência e em outras formas de enxergamos o mundo (NICODEMO; PEREIRA; SANTOS, 2017, p. 163).

É nesse sentido que o passado continua presente em nossa sociedade, passível de questionamentos e reflexões. “Graças aos ‘estratos de tempo’ podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores” (KOSELLECK, 2014, p. 9). Embora a distância de séculos, tentamos fazer uma análise sobre aquilo que no sentido literal já não existe mais, mas que faz parte do nosso processo de análise e reflexão. Como destaca Oriani (2017, p. 324), “história para Certeau, que é a compreensão de que a história é o discurso do morto e que a escrita coloca em cena uma população de mortos, não apenas para honrá-los, mas para exorcizá-los e eliminá-los”.

Assim, Ramon Llull elabora um projeto de conversão aos não-cristãos e não se limita apenas à Península Ibérica. Nesta pesquisa, apresentamos esse filósofo como um

viajante global, no sentido de que foi além da fronteira e se conectou a outras culturas e percebeu a complexidade e diversidade de seu tempo. Llull vai desde Paris à África, mudando em alguns momentos seu estilo de escrita o que mostra a influência do contato com o outro; talvez isso tenha se dado por visitar outras culturas e localidades. Sua abordagem foi desde a poética e, por vezes, mais realista da sua realidade social. Llull torna-se singular, já que por meio dos seus escritos, mesmo que não de forma proposital, pode-se olhar o entrelaçamento cultural e suas obras oferecem possibilidades de perceber conexões e interações, abrindo possibilidades para muito além da Europa (SILVEIRA, 2019).

Conrad (2019) chama atenção para o fato de que por muito tempo a Europa foi o motor para as formulações de outras histórias antigas, retirando do centro outras histórias e conexões de outras sociedades. Embora considere uma tarefa árdua, o autor sugere que os historiadores globais deem visibilidade as outras pluralidades, interconexões e complexidades de outras histórias locais e de outras sociedades indo além da superioridade da história apenas europeia.

Para Souza (2022), as obras luliana foram influenciadas pela cultura oriental. Llull não ficou isolado somente à cultura cristã ou europeia, mas conheceu diversas localidades o que proporcionou um amplo conhecimento sobre outras religiões. O autor discorda que Llull tenha sido um nacionalista catalão, classificação essa que não resume a filosofia luliana.

A utilização da Análise de Discurso como método torna-se relevante para a compreensão do objeto de estudo desta tese, já que se torna parte do processo interpretativo, sendo um instrumento efetivo diante das indagações a respeito das ações de Llull, a partir dos seguintes questionamentos: A quem se dirigia? Quais eram as suas intenções? Em quais circunstâncias as suas obras foram escritas? Que alterações elas receberam?

Portanto, o discurso deve ser entendido como um exercício de “sujeitos inscritos em contextos determinados”, ou seja, “como uma unidade de comunicação associada a condições de produção determinadas” (MAINGUENEAU, 1999 apud ANDRADE, 2005, p. 47). Desse modo, é imperativo a análise das conjunturas sociopolíticas dos indivíduos que se quer investigar, uma vez que cada produção é resultado de seu tempo, marcada pelas impressões contemporâneas, que nem sempre é explícita a intenção do autor. Por isso, “é preciso que nos coloquemos no momento em que o texto era lido, narrado por um

indivíduo e, ao mesmo tempo, ouvido por um ou mais indivíduos e registrado na memória” (ANDRADE, 2005, p. 48).

Torna-se um grande desafio a tentativa de explicar os objetivos de Llull, quando publicou obras que tinham como temática principal o Cristianismo. Diante das variações que a sociedade medieval no Ocidente enfrentava, sobretudo na sua religião preponderante, a qual sofria com a concorrência do Islamismo nos territórios que estavam sob o seu domínio. Conseqüentemente, gerava um contra-ataque dos cristãos, característica historicamente presente em suas ações, o combater aos “inimigos” da fé cristã. Vale frisar que isso é bem evidente nos relatos bíblicos.

Portanto, as estratégias discursivas utilizadas por Ramon Llull em que a educação foi um instrumento de evangelização para converter os ditos “infiéis” ao Cristianismo, são encontradas como fontes presente nas suas obras: *A Doutrina para Crianças e O livro do Gentio e dos Três Sábios*. Sobre Ramon Llull, constatou-se que nasceu na ilha de Maiorca em 1232, era casado e tinha dois filhos, como homem do seu tempo em que a devoção ao sagrado era preponderante, converteu-se ao Cristianismo, por volta dos 30 anos, depois de viver entregue aos “prazeres mundanos” (LLULL, 2004, I, § 9, p. 60). No capítulo dois desta tese, falaremos mais sobre sua vida e as principais mudanças a partir de sua conversão ao Cristianismo.

Durante o século XIII do Medievo europeu, período em que viveu Ramon Llull, houve avanço no campo científico. O historiador Richard Fletcher em sua obra, *A cruz e o crescente: a convivência entre muçulmanos e cristãos das Cruzadas à Reforma Protestante* (2003) diz que nesse contexto cultivou-se uma abundante colheita intelectual e o conhecimento:

[...] havia deixado os mosteiros, com lealdade profundamente conservadora a uma ementa de estudo quase que apenas dedicada à Bíblia e aos Pais da Igreja. Os eruditos do século XIII estudavam e discutiam em novas instituições chamadas “universidades” - em Paris, Bolonha, Oxford, para nomear três -, com bibliotecas, auditórios e livros didáticos. Toda a atmosfera do saber havia mudado. Nesse e em muitos outros pontos, o século XIII é reconhecidamente parte do nosso mundo moderno (FLETCHER, 2003, p. 148).

Foi nessa conjuntura que Llull utilizou a educação como estratégia para converter os ditos “infiéis”, assim, a educação teve uma finalidade para além de objetivos terrenos, pois dentro do Imaginário do homem dessa época, este não se via apenas como um homem que morreria, mas acreditava em uma vida pós-morte. Por isso, o filósofo se

preocupou com a preservação das memórias do Cristianismo primitivo, sempre ressaltando que os homens estavam distantes de Deus.

No que tange a Ramon Llull, Fletcher (2003, p. 173-174) afirma que era um jovem polímata de Maiorca, “era uma figura notável: cavaleiro, poeta, novelista, místico, viajante, editor de suas próprias obras, autor de mais de duzentos trabalhos e um lobista de suas causas tão incansável”. Esse filósofo “estabeleceu uma faculdade perto de sua casa, em Maiorca, para o treinamento de missionários para o islã”. Em 1311, no Concílio Ecumênico de Vienne, “ele convenceu os religiosos a fundar escolas de estudos sobre o Oriente nas universidades de Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca, nas quais a língua árabe poderia ser estudada, junto com a história, teologia e a filosofia islã”. A questão de aprender a língua do outro era fundamental para a comunicação e conversão dos considerados “infiéis”

O alargamento das conquistas dos europeus tornou viável a expansão do Cristianismo aos locais mais distantes do seu centro, e foi pioneiro no que diz respeito a expansão pela Europa e a África. O Islamismo, sendo uma religião com características aproximadamente globais, alcançou também territórios na África, Ásia e parte da Europa.

O Cristianismo se fortaleceu muito nessa época e a Igreja buscava o monopólio e ser era a grande detentora dos ensinamentos naquela sociedade. Ramon Llull discorre profundamente sobre a relação entre educação, memória e religião, e na sua obra dá destaque a uma memória da salvação, em que formulou o que consideramos um “Projeto Cristão Imperialista”⁴ usando a educação por meio de um discurso, no qual se pregava modelos de condutas a ser seguidos e que contribuíssem para o bom funcionamento da sociedade. A religião, para o autor, é a soberana “[...] virtude ordenada no homem para a regra contemplativa e a renúncia da vida ativa. Assim, saibas, filho, que o princípio desses homens religiosos esteve nos ermitões, que, pelo grande amor e fervor que tinham a Deus, partiram para os desertos e os bosques” (LLULL, 2010, LXXXII, 1. p. 68).

E era nessa conjuntura que Llull estava inserido, assim, pode-se perceber o lugar social e de fala desse filósofo (CERTEAU, 2011), isso se expressa por meio de suas importantes obras literárias, que mostram uma espécie de proposta de reformulação da sociedade, baseado naquele contexto, o que leva o leitor a uma reflexão sobre o que

⁴ Utilizaremos esse termo para se referir a um projeto de ambição em captar o maior número de cristãos e expandir o Cristianismo para outras regiões.

conceituava enquanto educação cristã e elevação do pensamento espiritual, e encarava a vida terrena apenas como uma breve passagem.

É importante destacar que os novos estudos sobre a forma de “(re)fazer” e “(des)construir” a história nos últimos tempos, sobretudo a história global, tem privilegiado os aspectos pessoais e subjetivos dos indivíduos, assim como repensado nos processos de conexões e interconexões. Diante desse fator, as questões ideológicas-religiosas- culturais se difundiram por várias partes do mundo, maiormente no que se refere às questões que giram em torno do Cristianismo e o Islamismo (SILVA, 2016, p. 10).

O historiador Martin Marty mostra em sua obra, *O Mundo Cristão: uma História Global (2008)* que o Cristianismo em uma perspectiva global significa tentar mantê-lo em um foco amplo por todo o mundo. Esse autor desconsiderou as abordagens convencionais que concentra os relatos apenas na Europa e a América do Norte, e ampliou o seu estudo tratando outras partes do globo, como a África, América Latina etc. Desse modo, cita Ramon Llull com um dos propagadores do Cristianismo que foi além da Península Ibérica, a exemplo em Túnis no norte da África, no combate ao avanço do Islamismo, o que o insere em uma História Global. Sobre esta, Silveira diz que:

A História Global é uma perspectiva historiográfica que busca um olhar mais amplo e complexo, abrangendo diversas metodologias. Sobre seu campo podemos falar que ele é vasto, com diferentes fases e desdobramentos. Felizmente, muito trabalhos foram escritos nos últimos anos, na tentativa de definir melhor o desenvolvimento, possibilidades, limites e perspectivas do campo (SILVEIRA, 2019, p. 214).

Nesse sentido, observa-se que os estudos a partir das obras do filósofo maiorquino, evidenciam as conexões entre os continentes europeu, africano e outras localidades que estão conectados e integrados “[...] em sua diversidade, onde integrado significa que só seria possível compreender amplamente um fenômeno histórico de uma região, quando se tivesse em perspectiva as interações, conectividades e interdependência entre as demais regiões” (SILVEIRA, 2019, p. 213), levando em consideração que as sociedades não estão isoladas, mas existem as trocas e conexões que interligam as culturas “diferentes”.

As influências religiosas na formação de Ramon Llull, ultrapassavam as questões ligadas ao Cristianismo, pois além do contato com outras culturas foi profundamente influenciado pelo Islamismo e Judaísmo. Como ressalta Barros (2019), a História Global busca recuperar outros pontos vistas, que vão para além das questões eurocêntricas, ou

seja, construir uma História sem ter um único centro, mas pensar nas formas múltiplas e nas outras possibilidades de se repensar os acontecimentos.

Um dos aspectos a ser destacado é perceber as diversas fusões culturais e entrelaçamentos vividos por Llull em um contexto que ultrapassam as questões temporais e cristãs, mas observar as trocas culturais possíveis, assim como “[...] as maneiras pelas quais a Europa foi moldada por suas conexões com outras partes do mundo” (SILVEIRA, 2019, p. 217). No entanto, são necessários alguns cuidados para não construir uma pesquisa fragmentada, pois reconhecemos os limites que ela também nos impõe:

Diante de realidades que convém estudar a partir de múltiplas escalas, o historiador tem de converter-se em uma espécie de electricista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras (GRUZINSKI, 2001, p. 176).

Um ponto relevante quando se trata dos estudos globais referente às pesquisas medievais, é a necessidade tocante de encontrar nas situações locais e regionais, uma conexão histórica. Para Serge Gruzinski (2001), ainda há uma dificuldade em à produção historiográfica romper com as fronteiras de sua própria nação, mantendo assim um “conservadorismo europeu”. Dessa forma, apesar das fontes que utilizamos ser produzida no contexto europeu, ressaltamos que o filósofo maiorquino, não omite a influência de outras culturas na sua formação, que apesar de cristã, está entrelaçada com a cultura dos muçulmanos. Silveira (2019) destaca que é fundamental, para os estudos medievais, repensar os limites temporais e os espaciais, e reforça que o contato e as interações entre as culturas compõem o que se pretende abordar em nossa pesquisa como uma História Global, que rompe com uma Idade Média marcada geograficamente europeia.

Dessa forma, vale ressaltar que a viagens realizadas por Ramon Llull foram decisivas para a propagação de ideias e valores oriundos de suas crenças, assim como “assimilar” também a cultura do outro. Por isso, ao consultar as obras escritas por Llull, vemos que o autor mostra que durante suas idas a outras regiões, era possível ver que existiam outras culturas, outros “mundos”, e além do Cristianismo, o Islamismo também crescia e aumentava seu número de seguidores. É nesse sentido que,

[...] a História Global prima pelo estudo do contato e as interações entre as culturas. Fazer uma História Universal da Idade Média seria compartimentar e estudar separadamente ou em comparação, por exemplo, a cristandade latina europeia e o mundo muçulmano do mesmo período” (SILVEIRA, 2019, p. 222).

É preciso reconhecer que os desafios metodológicos quando se trata da História Global são bastante instigantes, pois trará novas interpretações, novas abordagens e uma forma de análise, que, leva-nos a um exercício interessante, que analisar a fonte para além do que aparentemente está dito. Nesta perspectiva, em minha pesquisa atual, problematiza-se que mesmo preocupado com os assuntos educacionais de sua época, havia em Ramon Llull uma grande inquietação de propagar o Cristianismo e tinha em vista que existiam outras religiões com essa mesma finalidade. Por isso, construía armas para obtenção de êxito nessa “guerra santa de ideias”, e por meio do seu discurso presente nas suas obras, tentava convencer os outros indivíduos a professar a sua fé. Desta maneira, questiona-se quais os elementos presentes na oratória de Llull, bem como mostrar que a intenção dele vai além de educar o indivíduo, mas sim, persuadir os ditos infiéis a tornarem-se bons cristãos.

É nesse sentido que Llull apresenta a disputa entre as diferentes e maiores religiões monoteístas⁵ (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) e argumentos apologeticos dos seus respectivos credos. *O Livro do Gentios e dos Três Sábios* está dividido em um prólogo, no qual apresenta os personagens que estarão presente no decorrer da obra. Os quatro capítulos são chamados de livros: o primeiro livro mostra a existência de Deus; já no segundo, trata das doutrinas do judeu que tenta provar que a sua crença é superior à dos outros dois; no terceiro livro o cristão defende a sua crença com a única verdade, e, por fim, no quarto livro, o muçulmano também tenta provar que a sua crença é a correta (LLULL, 2001). Ramon Llull chama a atenção para a condição do Gentio que se encontrava sem religião, a saber:

Ocorreu por disposição divina haver numa terra um gentio muito sábio em filosofia. Refletia sobre sua velhice, sua morte e os bens deste mundo. Este gentio não tinha qualquer conhecimento de Deus e nem acreditava na ressurreição ou na existência de qualquer coisa depois da morte [...] Enquanto o gentio meditava sobre estas coisas, seus olhos se enchiam de lágrimas e punha-se a chorar. Seu coração derramava em tristeza, suspirava e condoía-se, porque tanto amava essa vida mundana e tanto lhe enchia de terror o pensamento da morte e a consideração de que depois dela não houvesse mais nada, que não se podia consolar nem se abster de chorar, nem podia espantar a tristeza do seu coração (LLULL, 2001, prólogo, p. 42-43).

⁵ Segundo Fletcher (2003, p. 148), os “três monoteísmos relacionados do Judaísmo, Cristianismo e islã são religiões ‘reveladas’. Elas se baseiam em revelações divinas concedidas à humanidade e registradas em escrituras sagradas”.

Nesta fonte, traz o debate entre o judeu, o cristão e o muçulmano, os quais buscavam converter esse gentio as suas respectivas religiões, contudo, a intenção do autor era mostrar que a religião cristã era a verdadeira. Desse modo, as estratégias de conversão elaboradas pelo maiorquino, os seus discursos, os métodos, o que estava por trás de seus argumentos para convencer os ditos infiéis ao Cristianismo, faziam parte de um ambicioso projeto para além das perspectivas espirituais.

Rubio (2021) fez um levantamento sobre as investigações em relação às produções luliana no artigo intitulado *Ensayo Bibliográfico sobre los estudios lulianos (2008-2018)*, e afirma que as produções sobre o filósofo Ramon Llull tiveram um aumento significativo a partir das últimas décadas do século XX, entre 1975 a 1995. Mas o salto expoente, configura-se entre os anos de 2008 a 2018, em que alguns temas relevantes foram esmiuçados a partir das obras de Llull, sobretudo, a temática em que se refere aos aspectos de sua Arte, e da relação intercultural e inter-religiosa, já que Llull esteve bem próximo da diversidade cultural entre muçulmanos e judeus. Por isso, é importante destacar o intercâmbio cultural vivenciado pelo maiorquino.

É partir desse prisma que vemos que a finalidade da História Global é apreender os diversos olhares, em seguida interconectá-los, contudo, sem colocá-los somente por um viés, como acontece em uma escrita da história tradicional, mas, contar uma História sem um único centro. Essa abordagem não é concebida como um “agregado desconectado de histórias nacionais”, e “nem é tratada como uma História Universal que tenta submeter todas as histórias a uma caminhada única da civilização, à maneira das antigas histórias universais” (BARROS, 2014, p. 88). Tal abordagem nos auxilia a compreender melhor a trajetória de vida de Llull e as suas ações como colocar em prática o seu projeto.

Como metodologia, a pesquisa é bibliográfica, já que se recorreu às diversas literaturas que tratam do tema. É documental, pois fez-se uso de documentações da época, as ditas fontes primárias como *Vida coetânea* (1311), *Doutrina para Crianças* (1274-1276) e o *Livro do Gentio e dos três sábios* (1274-1276) e a comparação entre as fontes, bem como a Análise do Discurso.

Assim, o trabalho intitulado *Uma “Guerra” Santa de Ideias nas obras de Ramon Llull (1232-1316): as estratégias de evangelização e conversão dos não-cristãos* foi desenvolvido do seguinte modo: no primeiro momento, fez-se leituras sobre a Idade Média e obras específicas que discutem sobre vida e as obras de Ramon Llull, e depois foi realizada a análise das fontes primárias.

A utilização de trabalhos sobre a produção historiográfica do período medieval. Em consonância com os trabalhos acerca da vida e obras de Ramon Llull: Zwemer (1952), Tusquets (1954), Badia e Bonner (1992), Duby (1994), Hillgarth (1996), Gayà Estelrich (1997), Domínguez Reboiras (1998), Costa (2000), Castro (2002), Le Goff (2002), Fletcher (2003), Ruiz Simon (2004), Palma (2005), Eliade (2011), Fontes (2011), Ginard Bujosa (2015), Jaulent (2013), Marty (2014), Nascimento (2016), Souza (2020), Oliveira, T; Perin (2021), Rubio (2021). Como fundamentação teórica, utilizamos trabalhos que tratam da História Social, Hebe Castro (2011) e da História do Imaginário, Le Goff (2006) e da História Global, Crosley (2014) e Conrad (2019).

Em tempos recentes, ainda se percebe um forte avanço do Cristianismo. Assim, entende-se como um fenômeno global, que coloca os relatos bíblicos como foco para expansão dessa fé, desabrochando um verdadeiro encanto e impulso para os trabalhos eclesiásticos e ministeriais. Portanto, existe algo que move as relações humanas há séculos, o sagrado. A busca pelo sentido da vida fez com que o homem, em suas distintas sociedades, buscasse direções opostas face ao que consideravam e consideram como a “verdade” em meio aos mistérios da existência. Nesse sentido, o contexto da Idade Média se percebe como os homens daquela sociedade buscavam no sagrado um sentido para a sua existência. E, isso não é uma atribuição exclusiva desse período, já que esse é um fenômeno global. Mas a “religião” na Idade Média, juntamente com suas instituições, despertam a curiosidade em aprofundar-se nas ideias traçadas, nos caminhos percorridos por homens e mulheres em relação a sua divindade:

Esta dependência da história do passado em relação ao presente deve levar o historiador a tomar certas precauções. Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tomar presente. Esta longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para o respeitar e evitar o anacronismo (LE GOFF, 2003, p. 20).

O que leva alguém dedicar parte da sua vida em defesa de sua fé? Parece uma pergunta insignificante para alguns, mas é um questionamento sagaz e inquietante. Portanto, o foco dessa pesquisa, longe de apenas limitar-se a estudar a biografia de Ramon Llull ou a sua “obsessão” de anunciar o evangelho, consiste em se debruçar na análise das principais estratégias de evangelização para conversão daqueles que Llull considerava como os “infieis”. Para delimitação dessa pesquisa, estudamos o século XIII, para recorte da pesquisa, e sobretudo, analisamos mais de perto a Península Ibérica, tendo em vista

que a maior parte do tempo Ramon Llull estava na ilha de Maiorca ou em viagem pelo Mediterrâneo e Paris, locais que visitou, viveu e influenciou por meio do seu discurso.

Para discutir essas questões dividimos essa tese em quatro capítulos, sendo que no capítulo 1 discutimos os impactos das interconexões culturais entre Religiões (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo) e a resistência Cristã, face ao avanço do Islamismo e Judaísmo enquanto fortes concorrentes dentro do Medievo europeu no século XIII, presentes nas obras do filósofo maiorquino.

No capítulo 2, refletir-se-á sobre a formação intelectual de Ramon Llull a partir da obra *Vida Coetânea (1311)* e os impactos dos seus ensinamentos usados no alcance dos mais diferentes povos com os quais o autor teve contato, ao longo de sua trajetória intelectual, em suas viagens pela Península Ibérica, França, Península Itálica, Norte da África, nesses espaços conectados.

O capítulo 3 tem por pretensão problematizar na obra *Doutrina para Crianças (1274-1276)* os fundamentos educacionais para a construção do discurso filosófico-pedagógico Luliano em prol da conversão dos ditos “infieis”.

Por fim, o capítulo 4 realiza uma análise na obra *O livro do Gentio e dos Três Sábios (1274-1276)*, para se compreender as estratégias discursivas de Ramon Llull na busca pela conversão dos ditos “infieis” ao Cristianismo.

1 O CONTATO DO OCIDENTE CRISTÃO, ISLÃ E O JUDAÍSMO:

estranhamentos, convivência e conflitos

Em diferentes contextos históricos, diversos conflitos foram gerados por motivações religiosas. A tentativa de estabelecer um espaço entre a superioridade de uma crença, fez com que muitos homens e mulheres dedicassem parte de sua vida na tentativa de provar e converter pessoas em nome de uma fé verdadeira, isto é, uma verdade absoluta. Toma-se como exemplo o século XIII, quando na Península Ibérica travou-se uma disputa entre cristãos e muçulmanos na denominada a “Guerra de Reconquista”.

Para Alejandro Garcia-Sanjuan (2019), o debate sobre a noção de Reconquista detém uma forte carga nacionalista e católica. Nos últimos anos essa temática tem sido debatida e tem recebido outras interpretações. Foi durante o século XIX, que o conceito de “reconquista” marcou as disputas político-ideológicas a favor de um nacionalismo e catolicismo espanhol. Como o mesmo autor ressalta, esse termo não foi encontrado em textos medievais, e nem muito menos utilizado antes do século XVIII para designar o confronto entre os reinos hispano-cristão. Tal conceito se fortaleceu e perdura até os dias atuais, justamente pelo fato do passado histórico em sua maioria, ser utilizado como uma ferramenta de fortalecimento das identidades coletivas, em que a própria Igreja reforça esse considerado “grande feito” contra as forças do islã, a fim de reforçar que a terras pertenciam aos cristãos e teriam sido usurpadas pelos muçulmanos.

Assim, os embates religiosos entre cristãos, judeus e muçulmanos, na Península Ibérica, geraram diversos conflitos, o que favoreceu para que se tornasse um ambiente diversificado, gerando divergências entre as práticas religiosas, e conflitos de toda espécie. Trata-se de uma trajetória histórica complexa, de conflitos e perspectivas distintas, de uma cultura árabe que se expandiu, de um Cristianismo que se fortaleceu, e a cultura hebraica que esteve presente no Medievo. Essas crenças juntas tiveram que presenciar os mais diversos conflitos.

Este capítulo busca investigar o ambiente político e social que Ramon Llull estava inserido, os quais lançaram base para a construção do seu discurso. Tal objetivo motiva-se pela evidência de que qualquer produção é fruto do seu tempo. Assim, é de grande interesse compreender que não é possível entender as ideias que foram forjadas por Llull, sem levar em consideração a conjuntura sociopolítica na qual viveu. Llull forjou uma parte da sua formação na ilha de Maiorca, e depois se lançou em outras culturas conhecendo outras formas de viver e outras crenças.

Llull foi atento às questões do seu tempo, em que o Cristianismo esteve sob ameaças com os surgimentos de outras religiões que buscavam a supremacia dos territórios conquistados pelos cristãos. Para combater o avanço dessas religiões “inimigas” e concorrentes do Cristianismo defendido por Llull, este filósofo criou um “ideal” de conversão, elaborando um projeto político missionário em que fez uso da retórica para alcançar os não-cristãos. Para uma melhor compreensão acerca dessas questões enfatiza-se três os acontecimentos que se considera importante para a problematização deste capítulo: a Cristandade medieval⁶, as particularidades cristãs na Península Ibérica e a expansão muçulmana.

O fenômeno que conhecemos hoje “da conversão” à religião cristã⁷, não é uma prática da sociedade religiosa contemporânea, medieval ou moderna, mas uma prática que se consagrou e ao mesmo tempo teve novos ressignificados ao longo do tempo, seja pela imposição ou pela disputa utilizada na busca de obtenção de resultados frente as resistências e aceitações no quesito “religião”. Observa-se a partir dos escritos de Llull, que converter ao Cristianismo o outro era o seu principal objetivo. Conforme Domínguez Reboiras (2012), o termo “conversão” tem duplo sentido na concepção luliana. Primeiro, trata-se de uma aceitação da fé cristã por parte de todos aqueles que rejeitaram o Cristianismo como a religião que professa uma “verdade absoluta”. Segundo, é quando o cristão aceita a sua missão e obrigação para com aquele que, para Llull, era considerado o “infiel”. “O cristão, ensimesmado nos problemas internos de seu entorno social, deve ampliar seu horizonte em função do ideal que informou toda a existência de Lúlio e que formulou com toda clareza na primeira de suas obras” (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 2012, p. 63-64).

⁶ “[...] a Cristandade medieval constituía uma entidade unitária e largamente homogênea que não pode ser compreendida sem que se a considere em seu conjunto” (BASCHET, 2006, p. 33).

⁷ Mudemos voluntária e bruscamente de tempo e de sociedade e aprofundemos por um momento no tema conversão na Antiguidade. Para Paul Veyne (2011), em sua clássica obra *Quando o mundo se tornou cristão (312-394)*, ao problematizar os primeiros momentos em que o Cristianismo se tornou uma religião oficial do Império romano e como aconteceu a sua rápida expansão pelo Ocidente, esse autor aponta que foi necessário pensar na conciliação do Cristianismo com o paganismo, já que a imposição a conversão a religião cristã representaria um problema para aquela sociedade. Veyne afirma que Constantino, reconhecendo também a resistência dos pagãos, se limitará em apenas expor o paganismo como uma “superstição desprezível”, e não forçará a conversão “[...] Constantino não mais os constrangerão e deixarão o cuidado de convertê-los à Igreja, que usará mais de persuasão que de perseguição” (VEYNE, 2011, p. 10). É apenas com Justiniano, que na tentativa de converter os judeus, os não-cristãos e abolir os cultos dos pagãos, fez disso um objetivo. O exemplo mostra, que são inúmeras as possibilidades de cada tempo reformular os conceitos para dar sentido as ações, e aos jogos de poderes. Atentos a essas evidências, mesmo nesse sobrevoo rápido do tempo e espaço, há uma dada importância das reações coletivas a religiosidade e a conversão.

Ramon Llull cria uma “‘filosofia de conversão ao catolicismo’ heterodoxa e original, a partir de uma herança cultural-filosófica comum das ‘três religiões do livro’ (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), embora ineficaz (não se tem notícia que tenha convertido ninguém)” (COSTA, 2012, p. 1224).

O não registro de que se houve conversões por meio da pregação ou do projeto luliano, não diminui o projeto de uma reforma social proposta por Llull. O certo é que o maiorquino idealizou, e pode-se pensar em até mesmo de um “projeto utópico” ou “idealista”, que aproximasse de idealizações que foram levantadas pelos apóstolos e escritores da Bíblia sobre a conversão de outros povos. O que se leva a entender que as influências de exemplos contidos nos textos bíblicos influenciam épocas diversas.

As questões levantadas por Ramon Llull não foram só religiosas, mas existia em seu discurso um projeto de conversão que estava também atrelada a um ideal de comportamento e mudança social.

O objetivo de Llull em assegurar conversão dos judeus, muçulmanos, gentios e cristãos “desviados” ao Cristianismo, é motivado pela tentativa de imposição dos princípios cristãos no seio da comunidade que defendia uma única fé, aquela que defende Jesus Cristo como o salvador da humanidade. Diante dessa realidade, é notório pensar que a conversão nem sempre era um ato sentido, sincero ou uma opção, mas, muitas vezes, era uma forma de sobreviver diante das pressões sociais ou tensão política.

Na defesa ao Cristianismo, Llull encara a ideia de evangelização e de levar a mensagem cristã aos outros povos, no intuito de combater as heresias, e convencer aquele público a aceitar o Cristianismo. O maiorquino era consciente de que a violência, a guerra não era um meio ideal para conversão. Dessa forma, utilizou a educação como uma estratégia para converter, já que seu desejo era apresentar seus argumentos de forma que demonstrasse uma tolerância, mas que no final seu propósito era convencer que somente o Cristianismo levaria a salvação da alma do homem.

Ramon Llull (2001) apresenta, por meio de sua obra, os fundamentos das três religiões (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo). Sem um viés unicamente cristão, Llull busca entender as diversas considerações das religiões para assim poder trazer, mesmo que de forma sutil, a “verdade absoluta” cristã. Ele consegue construir uma narrativa perspicaz, o que mostra o amplo de conhecimento sobre as outras religiões não-cristãs. Ele mostra não só as condições que possibilitam a expansão do Cristianismo, mas traz uma vasta compreensão sobre a sociedade do seu tempo, ou melhor, a circulação de ideias que não paravam apenas com o conhecimento do Cristianismo, apesar de tentar provar a

principal missão dessa religião, o qual Jesus Cristo veio ao mundo para salvar a humanidade, também mostra o impacto sociocultural da crença para formação do mundo também.

Llull defendia o Cristianismo como única religião verdadeira e acreditava que os homens estavam distantes da finalidade para a qual foram criados, amar e servir a Jesus Cristo. Esse filósofo nos conduz por meio dos meandros de seu discurso, apresentando as dinâmicas pelas quais um “admirador” quase que obsessivo pelo Cristianismo conduziu parte da sua jornada, a fim de combater as religiões do seu tempo, sobretudo o Islamismo. Com isso, é possível compreender que não era só o Cristianismo que estava em foco, mas se deve ter um olhar atento para as outras religiões, assim como para as interconexões culturais, pois existia de fato uma verdadeira “batalha de ideias”, principalmente entre cristãos e muçulmanos, que de qualquer modo tentavam firmar e consolidar as práticas de sua fé, para além dos interesses espirituais.

Marty (2014, p. 10) afirma que mesmo em nações em que existem uma quantidade significativa de cristãos, ter essa figura como divina, ou atrelar essa intermediação entre o homem e Deus pela figura de Jesus Cristo ainda é muito ofensivo, pois o Cristianismo “[...] é a única que dá testemunho e advoga a fé na figura humana da qual advém seu nome”. Nesse sentido, tem-se de imediato uma oposição explícita entre o Cristianismo e as demais religiões. Diferente do Judaísmo e Islamismo, a religião cristã concede um estatuto divino a figura de Jesus Cristo, que globalmente foi propagado com uma visão de Deus- homem.

Essa visão de Jesus Cristo como ser divino e humano, de certa forma, revela um desconforto, pois acabava por criar inimigos, aguçando as disputas que se intensificaram ao longo da história, mesmo que o Cristianismo tenha sua raiz no Judaísmo, e o Islamismo tenha uma mescla das duas, existe uma tentativa de provar a superioridade entre essas últimas duas religiões. "O Cristianismo, como ancestral, o Judaísmo, e seu primo, o Islamismo, são ferozmente devotados ao Deus Único" (MARTY, 2014, p. 10). Assim, o processo de evangelização e unificação do Cristianismo, em um contexto de expansão de religiões, como o Islamismo, levou muitos cristãos a traçarem estratégias de conquistas e “regastes as almas” dos que professavam outros credos.

Diante dessa realidade, a tarefa de difundir o Cristianismo aos considerados pagãos e aos adeptos de outras crenças, configurou-se quase como uma “missão” que deveria ser cumprida e para isso fazia uso da retórica para converter os chamados “infieis”. No Medievo Ocidental, a Igreja e o Cristianismo foram responsáveis pela

formação na mentalidade do homem e da mulher, ainda nesse sentido, a construção histórica de uma vida *pós-morte*, confirmou uma constante tensão de comportamento, de guerras de ideias, e a busca em apontar a “verdadeira” religião. “A Idade Média elaborou não só uma constante tensão para o Além, mas também um sentimento visionário do mundo terreno e da natureza” (ECO, 2010, p. 24). A Igreja sobreviveu à crise do Império Romano, e é interessante pensar que a força do Cristianismo se instala, justamente, porque trazia uma mensagem de que algo melhor poderia acontecer, e sobre os impactos terrenos como o conforto, em meio as crises. O resultado também é terreno, e não apenas na busca pelo Além, ou seja, na conquista do Paraíso.

Ramon Llull, sem dúvida, demonstrou em suas obras ser um cristão convicto, propagandista de sua fé, e considerou todos os não-cristãos como “os infiéis”, enquanto que o Cristianismo é considerado a “santíssima lei”, a qual não deve ser questionada.

Agostinho de Hipona escreveu um livro inteiro para provar a divina Trindade. Todos os esforços para tecer argumentos para provar a Trindade divina e a Encarnação, além de tornar os dogmas cristãos inteligível para todos que não seguissem sua crença. O tema sobre a Trindade foi amplamente debatido durante o medievo, e tomado de mistérios como uma forte base da doutrina cristã, sendo um forte alicerce para todos que professavam e professam essa fé mesmo que nos tempos atuais. Nesse sentido, Agostinho de Hipona na obra *De Trinitate* faz a seguinte afirmação:

Quando os homens investigam sobre Deus e aplicam-se à compreensão da Trindade, dentro das limitações humanas, experimentam sérias dificuldades, seja por causa do olhar da mente que empreende a penetração de luz inacessível, seja devido aos muitos e variados modos de expressão das Escrituras sagradas, perante as quais a alma, segundo penso, deve humilhar-se, para que possa brilhar, iluminada pela graça de Cristo. Aqueles que chegam a uma certeza, após dissiparem todas as suas dúvidas, devem desculpar com indulgência os que ainda vagueiam na investigação de tão grande mistério (AGOSTINHO, 1994, prólogo, p. 40).

Agostinho (1994, prólogo, p.23) enfatiza que o homem não é capaz de entender o significado da Trindade devido as próprias limitações de compreensão humana, pois se trata de algo transcendente e impossível de ser explicado e compreendido. Afirma também que alguns homens ficam confusos quando ouvem falar que existe Deus pai, Deus filho e Deus Espírito Santo, pois acham que são três deuses, mas na verdade é apenas um Deus. “No entanto, a voz do Pai, que se ouviu, não é a voz do Filho; somente

o Filho nasceu, padeceu e ressuscitou e subiu aos céus; e somente o Espírito Santo apareceu em forma de pomba”.

Para Ramon Llull nada é mais importante do que a fé na Trindade, pois a não crença nesta doutrina era uma das principais causas que afastava o homem de Deus. Por isso afirma que o seu Deus desenvolveu um grandioso plano para Salvação da humanidade em que regulava a vida dos homens e das mulheres de seu tempo. Assim, pretendia mostrar a todos que almejassem a salvação eterna da alma, uma vida de estrita moral, ou seja, de bons comportamentos.

Llull viveu em um tempo no qual os cristãos da Península Ibérica procuravam combater as religiões não cristãs, e por isso, levavam a sério a recuperação das terras que estavam sob domínio do Islã. Palma (2005, p. 254) destaca que a relação do maiorquino com os muçulmanos era de intenso sentimentos contrários, pois em alguns momentos, Llull destaca a beleza do Alcorão⁸, mas não concorda com o que está escrito. Admira a fidelidade dos muçulmanos, mas não concorda com a doutrina, e ataca os princípios que para os muçulmanos são tão caros. O confronto de Llull com os muçulmanos não se dava de forma frontal, mas por meio do diálogo sutil do convencimento e tinha por objetivo conhecer a cultura religiosa do outro para cumprir e ampliar sua visão em relação ao seu projeto missionário. Ramon Llull não quis ser apenas um pesquisador sobre a cultura islâmica, mas se dedicou para ser um missionário dedicado em captar os muçulmanos para o Cristianismo.

Ramon Llull em uma “rara exceção desde os medievais, foi o primeiro grande proponente do diálogo ecumênico entre cristãos, judeus e muçulmanos” (PUJALS, 2008, p. 11). Llull tece essa preocupação em conhecer a cultura do outro, ele percebeu os pontos em comuns, mas também apontou as diferenças no que diz respeito a doutrina, sobretudo, sobre a reencarnação divina e a Trindade. Palma (2005, p.261) destaca que no concílio de Vienne (1311-1312), Llull demonstrava ao papa o interesse em manter o diálogo entre os diferentes priorizando a paz.

É por meio da pregação, do martírio, da própria inspiração nos apóstolos, que Llull decide levar a adiante o seu projeto de conversão, e suas ideias reformistas. É a partir da sua própria experiência de vida, de sua crença, de tudo o que projetou sobre a vida terrena,

⁸ “Etimologicamente, o livro sagrado dos muçulmanos deveria chamar-se, em português, Corão, uma vez que o prefixo al-, no árabe, indica o artigo o. Contudo, muitas palavras árabes passaram ao português com o artigo incorporado, como açúcar, arroz, alface, alfândega, algodão, alcaide, almíscar, ao contrário do francês, por exemplo, no qual se lê sucre, riz, coton, musc... Portando, a palavra Alcorão obedece à regra geral do idioma português no tocante às palavras de origem árabe, já consagrada” (MOTA 2014, p. 20).

que idealiza um tipo de comportamento humano. A intenção é explicitar que a proposta pedagógica luliana, de formação e conversão são propósitos bem organizados pelo filósofo. São princípios éticos que Lull deseja que se transforme em comportamentos, logo alcance um impacto social. Evidencia-se, portanto, que duas são as formas de “converter”, deseja-se converter o infiel e busca-se recuperar aqueles que por mais que se intitulassem cristãos, não estavam no caminho da primeira intenção, que era amar a Deus acima de todas as coisas.

Badia e Bonner (1992, p. 17) compreendem que Lull utilizou estratégias e métodos de conversão diferente dos métodos tradicionais que foram usados anteriormente pelos dominicanos. Para Lull, não bastava refutar os argumentos, mas era necessário oferecer um argumento em troca do que o adversário concordava, era necessário provar a veracidade dos dogmas cristãos.

Segundo Ricardo da Costa (2017, p. 17, **grifos do autor**), o conceito de tolerância que se entende hoje, é diferente na Idade Média. Ramon Lull foi um dos pensadores mais cosmopolitas medievais, pois vivenciou a diversidade nas fronteiras da Cristandade, assim como foi um filósofo que se intrigou com as diferenças, e almejou quase que de forma obcecada converter os “infiéis”. Dessa forma, Lull cria personagens em seus livros, elabora debates “[...] mas não movidos por um desejo de dialogar por dialogar, sem qualquer conclusão, mas para **converter o mundo à fé cristã**. Nesse sentido, o maiorquino não é **um filósofo da tolerância**, mas um pensador de uma **filosofia de ação**”.

Conhecer o outro, a cultura do diferente, moveu o filósofo maiorquino a ter uma “filosofia da ação”. Isso não quer dizer que houve uma tolerância de ideias, visto que Lull buscou impor a “verdade” cristã. Pensar o que move os homens e as mulheres ao longo do tempo é um interesse imprescindível da História, e esse olhar para o passado traz inúmeros questionamentos. O que é falar sobre a “conversão” senão um caminho árduo e de muitas possibilidades? Escrever sobre conversão, ou melhor, sobre as estratégias de conversão em que se toma como base o discurso de Ramon Lull, é tratar sobre uma temática delicada que envolve vários olhares e personagens a partir do lugar fala o que pode mudar as interpretações, sobretudo, qual a principal motivação desse filósofo. Trata-se de um projeto elaborado em momento de crise no Cristianismo no século XIII, o que mostra a busca por uma hegemonia cristã.

A escolha de analisar o discurso do filósofo Ramon Lull não foi aleatória, mas trata-se de analisar ações desse homem, que em nome da sua fé deixou registros

importantes para compreender o funcionamento de uma sociedade, que, sem dúvida, vai além da Península Ibérica, passando pela ilha de Maiorca ou em viagem pelo Mediterrâneo e Paris, espaços estes que Llull forjou também as suas ideias e opiniões. Não é objetivo do trabalho estudar propriamente a sua biografia, mas por meio dos elementos deixados em suas obras observar o que estava por trás das suas motivações, logo como se constituía a complexa sociedade cristã ocidental. O maiorquino, para muitos, foi um excêntrico, fanático ou idealizador, mas nessa tese entende-se que a relevância em estudar suas obras está diretamente ligada à consciência que Llull tinha sobre a política e as mudanças sociais do seu tempo.

É certo que as mudanças são pontos de partidas para se repensar as relações humanas, diante de seu contexto histórico, e sua forma de pensar. Em função disso, não é foco do capítulo fazer uma descrição generalizada da Idade Média, mas tentar compreender as transformações ocorridas no século XIII, sobretudo nos espaços em que o discurso luliano foi criado em meio às transformações sociais e religiosas do seu tempo. Sem dúvida, a proposta educacional, política, sociocultural está amalgamada à conjuntura histórico essas questões são forjadas.

1.1 O Cristão Ocidental: Espaços de poder e a Cristandade medieval

A Europa, como afirma Lucien Febvre (2004, p. 35) “é uma criação da Idade Média, [...] é feita de diversidade, entulhos arrancados de unidades históricas anteriores, elas mesmas feitas de pedaços, de fragmentos de unidades anteriores”, assim o que está no interior da Europa são as correntes políticas, religiosas e sociais, isso faz com os espaços durante a Idade Média vão além de uma questão geográfica ou ao que está vinculado aos mapas, mas são as ações humanas que se revelam nas suas mais assertivas tentativas de mostrarem o poder, a ambição e os feitos.

Por outro lado, permite-se compreender as diversas transformações nas cidades medievais, as revoltas nas cidades, nos campos, o que forja e gera trocas de ideias. Nesse sentido, as devoções se espalham sem fronteiras, as ideias religiosas se propagam e os homens passaram a mover a vida em prol de uma religião cristã, ao menos teoricamente. Para Baschet (2006, p. 63), o processo de conversão só pode ser compreendido se considerar o surgimento da instituição eclesiástica. E um dos primeiros problemas que a Igreja tem que “combater” é o colapso das cidades e mudanças nos costumes, assim como o aumento dos vícios, luxúria e a própria crueldade humana.

Dito isso, pensar nas questões do Cristianismo, coloca três problemas em evidência que Llull estava envolvido: um primeiro em torno do que se pensava ser a superioridade do Cristianismo europeu; o segundo é sobre o Cristianismo que Ramon Llull desejava unificar em meio a expansão do Islamismo; e o terceiro é a tentativa de provar que as demais religiões, Judaísmo e Islamismo, estavam erradas diante de uma, o Cristianismo, que era a “verdade” e que por isso, deveria alcançar os ditos “infiéis”.

A forma como cada época forjou o Cristianismo pautado nas suas próprias ambições, crenças e necessidades, dá lugar aos espaços de poder, cujos componentes, de certo modo, fornecem necessariamente parte de elementos anteriores, que, por sua vez, deixam marcas na história de resistências e de lenta fusão. Llull vivenciou uma Cristandade da Península Ibérica. Formou-se em meio à pluralidade de crenças e diversos espaços culturais.

Assim, percebe-se que ao longo da expansão do Cristianismo muitos cristãos lutaram por essa causa de defender a sua fé. A partir dessa análise, é possível notar as um projeto de propagação em nome do Deus cristão, com a mensagem de paz e do amor que tanto pregam.

Marty (2014) aponta algumas contradições em nome da fé, pois fomentam guerra e pregam sobre a paz, são justos e ao mesmo tempo impiedosos. Diante da perspectiva global, questiona-se: até que ponto se pode falar de uma globalidade cristã? Como o Cristianismo europeu chocou-se com o Cristianismo de outras localidades? Pensar essa tentativa de unificação cristã às vezes soa até mesmo pueril, na medida em que quando se fala de religiões como Islamismo, que estava em ascensão no período vivido por Llull, e que a disputa pela territorialidade já era acirrada entre as questões políticas. Isso traz um confronto que escapa somente da interpretação de ideias ou de suspensão da própria crença.

Antes de mais nada, é necessário que para além de uma crença o Cristianismo é uma história. Marty (2014) destaca que o Cristianismo pode até ser categorizado como instituições ou uma doutrina que se diz como viver, mas em sua total essência se trata de uma história que foi construída e reconstruída, conforme os interesses e manipulações.

Na obra *A Europa: Gênese de uma civilização*, Febvre (2004, p. 40) afirma que todos os homens e mulheres do Ocidente bebem da mesma fonte do Cristianismo, e que todos são mexidos, despertados e levados por grandes correntes que passam pela Cristandade e que vão para outras fronteiras. Os homens e mulheres que estão vivenciando as suas experiências são, antes de tudo, cristãos: “nossos franceses dos

séculos 10, 11, 12 e depois são franceses sim, mas talvez mais cristãos do que franceses. E o que eu digo dos franceses, pode-se com mais forte razão dizê-lo dos alemães, dos ingleses, dos italianos, dos flamengos etc.”. Assim, é importante pensar que a Europa é feita por seres humanos, logo todos eles são capazes de partilhar, de propagar as suas ideias e ideais. Como afirma Oliveira (2013, p. 7), para os nossos dias “essa forma de pensar é inconcebível porque pensamos e nos vemos a partir da nossa nacionalidade. A noção de territorialidade é o que forja nossa identidade, nossos documentos indicam quem somos, ao menos em termos jurídicos, inclusive em âmbito mundial”. Hoje se tem uma identidade nacional e também religiosa o que muitas vezes se entra em conflitos, pois ambas são confundidas.

É bem certo que a história é marcada por resistências, já que muitos dos acontecimentos são escolhas humanas, de homens que no seu próprio tempo, buscam estruturar as suas percepções sobre a vida a partir daquilo que a eles convém ser encarados como algo que seja indispensável a sobrevivência humana. É o próprio homem tentando descortinar os mistérios sobre a forma exata do viver terreno e do pós-morte, e isso não é produto da Antiguidade ou Idade Média, mas também do homem contemporâneo. É claro, cada um vestido das suas próprias angústias e dilemas do seu tempo. No Medievo, o homem, sobretudo o europeu, apegou-se a “Deus”, à Bíblia e a todas as referências que dessem um sentido para a sua existência. De modo geral, buscou-se provar a fé cristã de forma racional, já que era um tópico indispensável entre os intelectuais “[...] pelo menos desde que Anselmo da Cantuária- (c. 1033-1109) criou seu *argumento ontológico* (a prova da existência de Deus – “aquilo do qual nada maior pode ser pensado”) somente com a razão, sem recorrer à autoridade da fé (a Bíblia)” (COSTA, 2017, p. 65, *grifos do autor*).

Ramon Llull fez uma “guerra santa de ideias” em que buscava a preponderância do Cristianismo, esta religião seria na terra a detentora de autoridade máxima e do poder supremo, em que teria um “Deus”, senhor de tudo e deveria ser de todos. O filósofo teve como ponto de partida a educação para a luta contra as pretensões imperiais de outras religiões como o Islamismo. O confronto entre os diversos tipos de imperialismos inter-religiosos no seio da sociedade cristã foi muito profundo, o que provocou repercussões ideológicas que impactaram o tecido social e a vida das pessoas.

Pensar no conceito de imaginário é fundamental para se compreender o mundo medieval no ocidente. O imaginário, portanto, é “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, constituíram para si, dando

sentido ao mundo”. Sendo um aspecto tão relevante das sociedades humanas quanto aquilo que se denomina de realidade concreta. Imaginário traz para si elementos simbólicos variados que determinam e são elaborado pelas representações sociais. Assim, há alguma relação entre imaginário e símbolos. Desse modo, para alcançar até as sensibilidades de outro tempo, é necessário que elas tenham deixado um rastro, que alcancem até presente como um registro escrito. “O imaginário comporta crenças, mitos ideologias, conceitos, valores, construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito” (PESAVENTO, 2014, p. 43).

O imaginário cristão do homem medieval constitui, na maioria das vezes, um aspecto que foge da nossa capacidade de compreensão, revelando-se em uma dimensão “tão significativo das sociedades humanas como aquilo que corriqueiramente é encarado como a realidade efetiva” (BARROS, 2004, p. 92). Portanto, o imaginário é “conjunto de imagens, verbais e visuais, que uma sociedade ou um segmento social constrói com o material cultural disponível para expressar sua psicologia coletiva”. É importante ter em vista que, “todo imaginário é histórico, coletivo, plural, simbólico e catártico. Não pode ser confundido com imaginação, atividade psíquica pessoal que ocorre, ela própria, de acordo com as possibilidades oferecidas pelo imaginário” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 255-256).

Diante disso, não se pode perder de vista que o imaginário medieval no ocidente é fortemente caracterizado pelos ideais do Cristianismo, o que teve grande peso naquela sociedade, uma vez que foi criado um plano de Salvação da alma humana e que dependeria das ações praticadas na vida terrena para saber qual rumo a alma tomaria, se seria ir para o Céu ou Inferno. Foi marcado por esse imaginário que homens como Lull assumiram como missão de vida converter o máximo de fiéis na religião cristã, mesmo que para isso tivessem que enfrentar os outros que professassem outra fé.

É nesse sentido que Baschet (2006, p. 27) faz uma reflexão interessante ao tratar sobre as mudanças estabelecidas a partir dos anos de 1492, em que coincide com o fim da Reconquista e novas experiências marítimas em busca de novas conquistas, além da expulsão dos judeus, o que contribuirá definitivamente para um mesmo objetivo que é a unificação cristã, projeto este estabelecido pelos Reis Católicos e soberanos ocidentais.

Eliminar a dominação dos muçulmanos na Península Ibérica e estabelecer a unidade cristã foi um projeto de dominação que se estendeu além dos territórios europeus. “Nesse sentido, Reconquista e Conquista revestem-se de uma profunda unidade e

participam de um mesmo processo de unificação e expansão da Cristandade” (BASCHET, 2006, p. 27). Uma das hipóteses levantadas nesse trabalho é que Ramon Llull contribuiu para esse projeto, que no século XIII fez disso um objetivo, por isso, tratou de elaborar mecanismos que levassem o Cristianismo a adentrar em um certo imperialismo, que consistia em uma política de expansão e de domínio territorial e cultural sobre aqueles tidos como “infiéis”. Desse modo, buscou ampliar a influência cristã sobre os povos de outras religiões.

Portanto, a imposição doutrinária elaborada por Llull, notadamente filosófica e teológica, deu-se com a crescente difusão das suas obras, em que ele mesmo peregrinava por regiões da Europa, chegando até a África, em que se valia de um discurso que remetia ao Cristianismo como a “verdadeira” e única religião que levaria o indivíduo pecador a salvação da sua alma, livrando-se da condenação eterna após a morte. Os seus livros ofereciam fórmulas e caminhos para todos os aspectos do cotidiano dos homens e mulheres medievais durante a vida terrena e pretendia formar um modelo de cristão a ser seguido.

Baschet (2006, p. 85) diz que, no geral, perante o Islã, o Ocidente teve um “sentimento ambivalente de ‘fascínio-repulsão’” que é bem expresso pela personagem de Ramon Llull, o qual era “ao mesmo tempo entusiasta da cultura árabe e partidário virulento da cruzada e da conversão dos muçulmanos”. Para o autor, o Ocidente se apropriou de “um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, forjadas ou difundidas no mundo árabe, para fortificar uma sociedade e uma cultura totalmente diferentes e, finalmente, para reforçar sua superioridade sobre o islã”.

A principal marca do Ocidente medieval “é a identificação da Igreja com o conjunto da sociedade” (SILVA, 2019, p. 81). Cabe dizer que no século XIII, a Igreja já tinha consagrada a “sua expansão espiritual para regiões que não pertenciam à chamada cristandade latina”. Esta empreitada em que se buscava a expansão assumiu-se de expedições militares que foram direcionadas para algumas regiões como Península Ibérica, Oriente e Europa Oriental. Para Igreja Católica, seria um verdadeiro combate contra todos os que não seguiam a fé católica e consagrar o poderio cristã. No caso da Europa Oriental, os grupos pagãos e na Península Ibérica, os muçulmanos que por muito tempo dominaram extensos territórios. Llull tinha explicito que era indispensável ser um cristão, ser um membro da Igreja e logo ser um cidadão, por isso, a lógica do resgate e da conquista permeava o seu imaginário.

Essas conquistas, que vão muito além do aspecto territorial, tinha por motivação a luta contra a fé islâmica. No ano de 1095, o papa Urbano II em um concílio na cidade de Clermont, na região da Auvérnia (França), proferiu dentre diversos assuntos “a Paz de Deus”. Contudo a verdadeira causa desse concílio era passar à posteridade o apelo que “todos os cristãos, ricos ou pobres, partissem para a Terra Santa” com a finalidade de “socorrer os irmãos do Oriente, vítimas dos turcos”. O discurso desse papa ressaltava que não se tratava somente da sua vontade, porém se igualava a uma ordem de Cristo. Para convencer um grande número de fiéis para se lançarem nessas expedições, Urbano II prometeu a todos que atendessem ao seu chamado a remissão dos seus pecados. Tal empreitada, poderia levar à morte física, mas a remissão dos pecados seria instaurada (SILVA, 2019, p. 94). Observa-se que nesses discursos muitos fiéis adotaram essas missões como estilo de vida, pois a promessa de paz, esperanças e realizações no pós-morte era mais interessante do está sem rumo com o fim da vida terrena.

Franco Júnior (1984, p. 27) destaca que o ensinamento daquele contexto era que todos os homens e mulheres que morressem no caminho, terra, mar ou perdessem suas vidas em combate contra aqueles que negaram o Cristianismo, teria como recompensa a remissão de seus pecados. Dessa forma, para cristãos, seria motivo de honra combater contra os “infieis”, serem cavaleiros de Cristo os que não eram bandoleiros. Era necessário lutar contra os que seguiram o caminho oposto à fé cristã para que assim tivessem “[...] uma dupla recompensa os que se esgotavam em detrimento do corpo e da alma. A terra que habitam é estreita e miserável, mas no território sagrado do Oriente há extensões de onde jorram leite e mel”.

Foi por volta dos séculos XI e XIII que o Cristianismo se expandiu e obteve diversas conquistas enquanto se impunha como religião dominante. Os cristãos celebram “guerras santas”, com as cruzadas e a Reconquista. Esses movimentos foram justificados por serem destinados a Deus, ou seja, só aconteceram em prol da vontade divina. Externavam os valores da nobreza feudal, aquela que era guerreira, que valorizava a honra em favor da fé católica.

No final do século XI e início do século XII encontramos uma mudança no interior das instituições da sociedade feudal. Mudanças essas que permearam as relações e os modos de trabalho, na passagem de um mundo rural para um mundo citadino. Podemos elencar três fatores que propiciaram essas mudanças e, conseqüentemente, fortificaram novos hábitos. O primeiro fator foi o movimento das Cruzadas, que promoveu o contato com o Oriente e trouxe uma reinterpretação das coisas da natureza aob [sic] a influência dos escritos de Aristóteles, antes

explicadas pela revelação contida nas Sagradas Escrituras (GATT, 2020, p. 418).

As Cruzadas do Oriente resultaram ligações necessariamente militares, isto é, o surgimento das Ordens Militares e não indicam ter engradecido os conhecimentos do Ocidente, nem suas conjunturas materiais. “Habitua-se, contudo, ao contato com os muçulmanos. Nas margens meridionais da Cristandade, populações muçulmanas relativamente numerosas foram integradas aos Estados criados ou aumentados às custas do Islã” (GUICHARD, 2006, p. 640).

A análise a respeito das Cruzadas torna-se complexa, já que a grande heterogeneidade dessas viagens “dificulta uma explicação de conjunto do fenômeno”. Para uma corrente historiográfica, essas expedições religiosas foram explicadas por três fatores principais, sobretudo aquelas dirigidas à Terra Santa. A primeira explicação consiste na “existência de um excedente da população forneceria a essas expedições o contingente necessário”. Em segundo lugar, relacionado à primeira, “seria a necessidade de obtenção de novos domínios por partes dos filhos mais novos da aristocracia senhorial, excluídos das sucessões das linhagens que privilegiavam os primogênitos”. Por fim, dava-se pelo “interesse dos mercadores italianos em conquistar novos mercados para os seus produtos” (SILVA, 2019, p. 95).

Tais argumentos para atual historiografia não são mais convincentes, pois o crescimento demográfico na Europa Ocidental teve o seu apogeu após o começo das Cruzadas. Somado a isso, a questão das terras em volta de Jerusalém serem menos atrativas para as atividades agrícolas do que aquelas da Europa Central. A tomada e a “exploração de terras situadas do outro lado do Mediterrâneo e dominadas por um poderoso exército inimigo constituíam uma operação custosa, arriscada e sem retornos materiais evidentes” (SILVA, 2019, p. 95). Por isso, as suas intenções não poderiam ser somente econômicas. Para as cidades italianas, essas guerras deixavam em risco “as rotas comerciais e os intercâmbios já existentes com as cidades do Oriente Médio e estabelecidos desde o Ano Mil”. Cabe dizer que não se pode perder de vista que tais campanhas religiosas “compreenderam também expedições no interior da própria Cristandade, nos Bálcãs, na Itália e na França” (SILVA, 2019, p. 96).

No tocante à definição do que seriam as Cruzadas, Franco Júnior (1984, p. 7-8) as caracterizou de forma simplificada “como expedições militares empreendidas como contra inimigos da Cristandade e por isso legitimadas pela Igreja, que concedia aos seus participantes privilégios espirituais e materiais”. Assim, os embates contra os

“muçulmanos do Oriente Médio e da Península Ibérica, contra os eslavos pagão de Europa Oriental e contra os heréticos de qualquer parte da Europa Ocidental eram as Cruzadas”. Era nesse contexto que Llull estava inserido, talvez possa considerá-lo como aquele que empreendeu uma nova Cruzada, mas longe de um aparato militar, lançou mão da retórica para combater os inimigos do Cristianismo e convencer os ditos “infiéis” que existia somente um “Deus” e uma única religião verdadeira.

No século XIII foi o período marcado como o século das universidades⁹ (LE GOFF, 2014). A Universidade, segundo Jacques Verger (2001), foi o local em que os intelectuais, isto é, as pessoas cultas, os homens do livro, da escrita, basearam os seus conhecimentos, os quais sabiam usar a palavra, tendo o conhecimento da Gramática, da lógica, do raciocínio, lecionavam a aritmética comercial para futuros mercadores.

Ainda no século XIII, outro ponto que deve ser demarcado é o impulso demográfico que chegava ao ápice, porém, com ritmo reduzido, e a população da Cristandade logo se estacionou. A onda de lavrar a terra, que organizou “os campos necessários à alimentação desse excedente humano, arrebenta e cessa. O ímpeto construtor cria para esse povo cristão mais numeroso uma rede de igrejas novas, com um espírito novo, mas a era de grandes catedrais góticas encerra-se com o século” (LE GOFF, 2014, p. 93).

Com base nesta descrição, pode-se então refletir que Llull foi influenciado pelo seu tempo, mas além disso ele recebeu influências das fronteiras, expressas na diversidade e na vivência com o diferente. Escolheu a educação como estratégia de evangelização, pois entendeu que para converter era necessário se capacitar e encontrar argumentos que fossem aceitáveis para dialogar e combater, sobretudo, com os muçulmanos e judeus, e buscou quebrar as armadilhas impostas entre fé e razão.

⁹ “A universidade, dissemos, constitui criação original da Idade Média. Não existiu no mundo antigo nem entre os povos muçulmanos nem em Bizâncio durante o Medievo. É preciso estar atento para o uso do termo, quando se lê, por exemplo, em algum livro que houve universidade em Atenas ou em Bizâncio. Primeiramente, observe-se que o termo universidade só começou a ser usado em latim e a ser aplicado às escolas de certo tipo durante o século XIII. Fala-se em Universidades “espontâneas” (reunião de escolas já existentes no local), “nascidas por secessão” (problemas que levaram grupos de mestres e alunos a abandonar a universidade que frequentavam e fundar outra) e “criadas” (a partir de bulas imperiais)” (NUNES, 1979, p. 269).

1.2 Identidades e Fronteiras: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo no Medievo

A complexidade da Cristandade do Medievo Ocidental, descrita como algo delimitado, perfeitamente encaixado e harmonioso, não define a cultura medieval, mas o que se estabelece é mais diversificado e, sobretudo, complexo. É necessário abrir espaços para outras discussões, e englobar as diversas manifestações culturais medievais (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 2012, p. 57). Dessa forma, é imperativo entender a dinamicidade das relações estabelecidas, para que não se enquadre em configurações perfeitas ou estritamente alinhadas, já que se está falando de homens e mulheres no seu tempo, que são influenciados pela dinâmica dos espaços.

Souza (2017, p. 344) define as fronteiras como sendo dinâmicas, pois são a partir delas que as relações, os encontros, desencontros, a arte, os lugares e o conhecimento são produzidos, ou seja, são processos que geram uma formação de identidades, reconfigurações, configurações decorrentes de espaços nos quais ocorreram as vivências tornando cada realidade singular, pois as fronteiras são móveis. “Pode-se falar, então, de fronteiras econômicas, culturais, artísticas. Também se pode falar em fronteiras simbólicas, espirituais e religiosas, decorrentes da presença de religiões e religiosidades diversas numa mesma região”.

Nas fronteiras são construídas relações em potencial, o que escapa ao conceito simplório de divisão ou separação. A ideia de fronteira no espaço em que conviveram várias religiões, pode ser descrita na perspectiva de Carlos Souza (2017, p. 344) ao tratar sobre as fronteiras na Península Ibérica como “[...] fronteiras religiosas e simbólicas, que não foram só lugares de separação e tensão, mas lugares porosos de trocas, de mesclas, de aprendizado mútuo e de intercâmbio de experiências de sustento comum”. Percebe-se assim, que os modelos culturais dentro dos quais os homens estabelecem as suas relações de trocas, organizam a forma pensar e produzir suas experiências, que vão além do aspecto geográfico.

A oposição entre Ocidente e Oriente não é elucidativa para compreender as questões multifacetadas, ou perceber as diferenças entre Cristianismo e Islamismo, excluindo dimensões que são humanas que vão além das fronteiras e das religiões, já que as fronteiras não determinaram as particularidades do mundo islâmico, pois existem as transformações internas e conexões com o restante do mundo “[...] uma vez que há elementos nas sociedades islâmicas (como em todas as sociedades) que não estão

perfeitamente integrados no todo social, e não são os limites e fronteiras geográficas que definem ‘Oriente Médio’ ou ‘mundo islâmico’” (MOTA, 2014, p. 33).

A Península Ibérica foi um espaço circulado por outras religiões, sendo assim considerado uma região de fronteiras na Cristandade Ocidental. O contato com as outras religiões não se deu somente pelo contato pacífico, mas também conflituoso, o que mostra a tentativa de hierarquizar ou colocar no topo a religião considerada “verdadeira”. O cristão de vivência na Península Ibérica certamente se diferenciava do cristão francês, pois o contato com os muçulmanos e judeus, implicou na construção de identidades de cada cristão na sociedade em que várias religiões circulam de forma mútua. Isso não quer dizer, que seja um exemplo de tolerância a vivência entre essas diversas religiões, ou também de repressão total, observa-se que é uma relação complexa, porque nas religiões monoteístas há o embate entre elas para provarem a sua superioridade e a sua “verdade absoluta”, como consequência o ambiente torna-se belicoso.

Ramon Llull foi bastante perspicaz ao aproveitar o que tinha em comum entre o Cristianismo, Judaísmo e Islamismo, sobretudo, o monoteísmo que mostra ao menos uma semelhança ou “parentesco” entre essas religiões. Fato esse que, ao mesmo tempo dificulta a compreensão entre ambas, pois mesmo com essa proximidade, as principais diferenças são determinantes para o distanciamento, gerando diversos conflitos religiosos. “A partir do começo do século VII até o século XIX ou XX, o historiador pode ritmar a vida da Europa de acordo com os avanços e recuos incessantes do Islã e do Cristianismo” (FEBVRE, 2004, p. 97). Llull foi um maiorquino que estabeleceu a “[...] tolerância como diálogo”, no sentido de ouvir outro, mas não de aceitar suas ideias, “em outras palavras, o imperativo de debater os pressupostos de sua fé com os sábios de outras fés (no caso, o Judaísmo e o Islamismo)” (COSTA, 2018, p. 117).

De acordo com Palou (1981, p. 16), o que mais se torna relevante na personalidade luliana, uma das respostas possíveis seria que Ramon Llull se dedicou excessivamente pela conversão dos muçulmanos. O autor chega até mencionar que Zwemer exagerou no título de seu livro *Raimundo Lulio, primer missionero entre los muçulmanes*. Mas de qualquer forma foi um exagero que tentou resumir o principal objetivo que Llull traçou, que foi a conversão dos muçulmanos.

Domínguez Reboiras (2012) afirma que os cristãos viveram em contato com os muçulmanos¹⁰ em uma ordem social, em que os judeus tinham um papel fundamental nos

¹⁰ “Entre 661-750, o domínio islâmico alcançou dimensões continentais, ocupando partes da África, Ásia e Europa. Cobrindo área desde o oceano Índico ao Atlântico, o mundo muçulmano instalou-se em terras

centros urbanos, o que colocou a identidade do cristão em meio a uma sociedade plurirreligiosa. O judeu embora estivesse socialmente marginalizado, “[...] como ocorria em toda Europa, usufruía em Maiorca de autonomia religiosa e de um forte poder econômico. Por um privilégio que foi confirmado repetidas vezes, os judeus maiorquinos tinham os mesmos direitos que os cidadãos cristãos da ilha” (JAULENT, 2001, p. 12).

Llull preocupou-se com os desprezados judeus, que estavam espalhados pelos reinos e ilhas do Mediterrâneo. É importante destacar que judeus alcançaram também seu lugar e influenciaram por meio de suas aprendizagens e riquezas. Na Espanha, sob a supremacia sarracena, estavam diante de um contexto de ampla tolerância, mas a partir da rejeição dos mouros, da ampliação do poder dos cristãos, os judeus se encontravam em uma maior condição de sofrimento (ZWEMER, 1952, p. 76).

Domínguez Reiboras (2012, p. 60) diferencia que a formação científica e o grau de cultura estabelecida entre cristãos, judeus e muçulmanos foi muito diferente no decorrer da Idade Média na Espanha. “Durante o domínio árabe foram os muçulmanos e sua classe dirigente os determinantes da estrutura cultural na península ibérica”. Segundo ele, com o domínio dos cristãos, a cultura dos muçulmanos, em que grande parte eram dedicados a ofícios agrícolas e artesanais, foi se enfraquecendo. Mas é importante destacar que os muçulmanos sabiam ler, principalmente, porque tinham que recitar textos do Alcorão. Já a população judia conservou o seu alto grau de cultura “[...] e desempenhou na sociedade multi-religiosa sob domínio cristão uma função de portadores de cultura, exercendo ofícios que exigiam alto nível de alfabetização. A cultura judia registrou na Espanha medieval uma verdadeira época de ouro”.

A confluência entre judeus, cristãos e muçulmanos marcou a história da Península Ibérica. A convivência entre essas distintas religiões abre espaço para uma postura dialogal entre ambas. Isso não quer dizer que existia uma aceitação ou outro extremo, mas o intercâmbio cultural e convivência entre elas, não podem ser negadas. O Cristianismo, o contato com o islã e o Judaísmo, nesse contexto histórico, coloca algumas questões que são pertinentes para essa pesquisa: quais as possibilidades dialógicas entre essas religiões? Quais espaços existiam para o debate inter-religioso e a tolerância? Nesse

outrora ocupadas pelos grandes impérios da Antiguidade e incorporou, além do império Persa, o norte da África e a Península Ibérica, territórios noutros tempos de domínio romano: “pela primeira vez, esses dois conjuntos, do delta do Indo à Hispânia, são reunidos sob a mesma autoridade, fundidos num mesmo domínio econômico, prometidos a uma mesma cultura” (MOTA, 2014, p. 29).

ponto, há uma interação social, cultural e religiosa presente no mundo muçulmano, cristão e judeu.

Desse modo, destaca-se que na Espanha Medieval muitos pensadores eram conscientes sobre a diversidade cultural, sobretudo, em questões referentes às fronteiras, integrando isso ao seu pensamento, distanciando-se muitas vezes do pensamento teológico que predominava em Paris. Para Domínguez Reiboras (2012, p. 65), a trajetória da teologia espanhola medieval foi consolidada a partir de concepções originais que foram desenvolvidas por pessoas que refletiram sobre o Cristianismo em “situação fronteiriça”, isso quer dizer que o Cristianismo esteve em contato direto com outras religiões. Muitos desses pensadores “[...] não exigiam outra fé, mas a consideração da fé em uma perspectiva mais universal. Eram pessoas conscientes da situação real de um cristianismo que se considerava o centro do mundo e era na consciência de fronteira uma religião minoritária dentro desse largo mundo”. O autor continua destacando que muitos criticavam a visão particularista do Cristianismo fechado, exclusivista, sem ter uma visão “universal e dinâmica do mandamento de Cristo no final do Evangelho de São Mateus”:

[...] ide pelo mundo e pregai o evangelho a toda criatura». Só quem vivia em contato com o infiel podia Desde Álvaro de Córdoba a Bartolomé de las Casas, passando por Raimundo Lúlio, pode-se traçar uma linha de pensamento cristão consciente de ser levedura e não massa. Um pensamento centrado na compreensão do outro e no mandamento de propagar a fé a que se propunha necessariamente uma cristandade aberta ao mundo e não um mundo cristão reduzido aos limitados horizontes da Europa Central (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 2012, p. 65).

Para Souza (2017), ao tratar da relação estabelecida na Espanha Medieval entre judeus, cristãos e muçulmanos, ressalta que embora tenha existido diversos conflitos entre as religiões, houve também interação e congruência cultural. Dentro desse aspecto, a convivência é complexa naquele contexto social, mas ambas as religiões realizavam trocas, estabeleciam ideias, negócios, mas não ficavam estáticas diante do crescimento de cada religião. Mota (2014, p. 20) destaca que as relações que são travadas geram conflitos entre os grupos sociais “[...] que professam diferentes modalidades da fé una e dizem respeito à busca pelo monopólio da comunidade humana, o legado do Deus-pai aos seus filhos”. É nesse sentido, que a batalha é instaurada, e ambas querem assegurar seus espaços. “Irmanados na concepção da unidade divina e na genealogia religiosa, cristãos e muçulmanos reproduzem as disputas fraternas em busca da herança do Pai”. O problema é que o foco na “convivência harmônica”, deixa de trazer reflexões sobre outros aspectos,

no que diz respeito a não aceitação e a falta de um clima harmonioso. Assim, espera-se dessa convivência um movimento de ideias culturais e étnicas, já que o contato surge no espaço dessa dinâmica social, que revela um pluralismo de ideias, o que provocou ricas trocas culturais e religiosas, mas também conflitos, intolerância, violências e rivalidades.

O grau de participação de cada membro das religiões na Espanha Medieval foi distinto, visto que em cada época variou a predominância entre as religiões. Em certos momentos, os muçulmanos foram eminentes na estrutura cultural na Península Ibérica, mas com a hegemonia dos cristãos, “a cultura dos muçulmanos, quase todos dedicados a ofícios agrícolas e artesanais, foi caindo paulatinamente, ainda que não se deve esquecer que esses muçulmanos sabiam ler, pois por exigências de sua religião tinham que recitar textos do Alcorão” (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 2012, p. 60).

Assim, a cultura cristã que foi forjada na Espanha Medieval, estava misturada com a cultura do muçulmano e do judeu, o que difere bastante da cultura francesa, e de outros reinos. “As fronteiras que dividem estas diversas tradições culturais não são tão nítidas como hoje se pensa (quando predomina a imagem do conflito entre muçulmanos e cristãos no decurso das Cruzadas)” (ECO, 2010, p. 3).

A abertura que foi cedida as demais religiões, Judaísmo e Islamismo, de certa forma rompia com a “pureza cristã” almejada por todos que defendiam a essa pureza. Assim, questiona-se que tipo de Cristandade é essa que foi consolidada dentre os séculos VII ao XIII, na Espanha Medieval? Uma Cristandade que teve que dividir o seu espaço com outras crenças. Os judeus também eram considerados como os “infiéis”, e merecedores de desprezo, de ódio. Nos últimos anos de vida de Llull, ele presenciou o crescimento do ódio contra os judeus, mas ainda assim demonstrou tamanha preocupação escrevendo livros que provasse que existia apenas um messias, um salvador da humanidade, Jesus Cristo. É explícito que estava de encontro com o que os judeus professavam, mas com base no cumprimento de seu projeto de conversão, os judeus também estavam inclusos.

Domínguez Reiboras (2012, p. 60) enfatiza que a cultura judia na Espanha Medieval fez uma verdadeira época do ouro. Eles cultivaram um alto nível de ciência, sobretudo aos estudos da Bíblia. O alto nível cultural dos judeus contribuiu de forma significativa para que muitos judeus assumissem cargos chave na administração dos estados cristãos exercessem uma enorme “[...] influência nas finanças e estruturas administrativas dos mesmos. Houve judeus também em outras partes de Europa. Fora da Espanha, porém, viviam marginalizados e tiveram que esperar o século XIX para se

emanciparem e se afirmarem dentro da sociedade”. Dessa forma, é impossível compreender a história da Espanha medieval sem refletir sobre como os judeus ocuparam esses espaços.

Segundo Castro (2012, p. 28), durante a Idade Média na Península Ibérica, muitos judeus e muçulmanos ocuparam posições de destaque no reino, sendo que muitos receberam doações digna da alta nobreza cristã “como se observaria durante o *repartimiento* de terras dado em Sevilha alguns anos após sua conquista pelos cristãos, quando um grupo de oficiais judeus da corte de Alfonso X vai receber não apenas casas, mas parcelas consideráveis de terra, na zona rural sevilhana”.

A Cristandade forjada por diversas vivências dentro da sociedade espanhola, sem dúvidas, foi de uma sociedade de fronteiras, mas que olhou o outro, ou a religião não cristã, um caminho fértil para a construção da identidade cristã, a partir da “guerra” instaurada contra aqueles que participavam de outros credos. “Ao final da primeira grande expansão dos reinos cristãos no fim do século XIII, a Cristandade espanhola fez enormes esforços para recuperar a tradição cultural muçulmana e afirmar sua hegemonia política no campo das letras” (DOMINGUEZ REIBORAS, 2012, p. 61).

Conforme destaca Febvre (2004, p. 126), a Cristandade agrupa todos os homens mesmo com suas diferenças e a própria diversidade, mas tem um caráter comum a todas, que é a obediência romana, pois tanto faz ser o cristão da Idade Média ou das Cruzadas, acabam que são fraternais com os cristãos do Oriente. A Cristandade¹¹ une essa fé, linguagem e ideal comum. “Muito já foi escrito a respeito do sentimento dos cristãos medievais em relação ao fato de terem a consciência de serem minoria no mundo – e, por isso, o renovado *espírito apologético* do séc. XIII” (COSTA, 2018, p. 119, *grifos do autor*).

Além disso, segundo Sousa (2017, p. 346), quando o Islã chegou a Península Ibérica, existia um problema grave que a Igreja estava enfrentando que era a “heresia adocionista”, segundo a qual, Jesus Cristo era, “[...] de acordo com a natureza humana, filho de Davi e, segundo a Graça, adotado por Deus. Logo, ele não era Deus, mas foi adotado como Filho de Deus. Novamente uma crença que não atribuía a Jesus uma personalidade divina”. Essa pluralidade de interpretações no seio do Cristianismo é algo

¹¹ De acordo Febvre (2004), a Cristandade não é um Estado, mas ela se estende por Estados, ou seja, o que ela deve incessantemente reunir, apoiar, controlar. Por vezes, ela desempenha um papel de Super-Estado. A Cristandade se justapõe às instituições próprias desse Estado sua própria instituições, que nada mais é a rede de bispados e arcebispos.

recorrente e nesse contexto não foi diferente, o que chama a atenção é que além de batalhar contra as religiões inimigas, era necessário saber lidar com as próprias questões doutrinárias não resolvidas na religião cristã, conseqüentemente, abria espaços para aquilo que a Igreja considerava heresia.

Conforme Fevbre (2004, p. 41), a ação poderosa que o Cristianismo teve, foi devidamente organizada, expandindo um pensamento cristão, o proselitismo, a devoção, e uma “[...] política cristã interna ao mundo do Ocidente (Europa e papado) ou externa a esse mundo e levando a conflitos com o Oriente (Cruzadas), durante toda a Idade Média a ação poderosa e múltipla de um Cristianismo de fato totalitário [...]”. Toda esta ação superou as fronteiras, talvez, porque o ser cristão representava uma ideia bem mais ampla do que a própria nacionalidade. A ideia de unidade europeia, de uma unidade econômica e cultural vista como algo indiscutível. Uma unidade “[...] suficientemente forte para que essa Europa fosse capaz, diz-se, unindo os europeus, de lutar contra o declínio e, já que tão bem, objetivo final, o último é o de continuar a dominar o planeta como pelo passado, sob a direção de algumas grandes potências”.

Como um elemento de importância capital, a unidade europeia foi inventada. Na verdade, um projeto político foi criado para fortalecer o aspecto de dominação. A Europa não foi uma unidade perfeita, nem tampouco harmoniosa, sobretudo na Península Ibérica. Para Fontes (2011, p. 21), a presença do Islã durante o “[...] Medievo na península Ibérica, alternando períodos de dominação e subjugação, até 1492, com a capitulação de Granada¹² e 1502, quando seus adeptos que permaneceram em terras hispânicas foram finalmente forçados à conversão ao cristianismo”.

Há uma consideração que merece destaque nesse capítulo, é quando se fala do Reino de Granada e dos mouros. Conforme Baschet (2006, p. 27) destaca “[...] a cristianização dos “índios” prolonga e reproduz a dos mouros em Granada, seu prelúdio imediato”. Em outras palavras, é refletir sobre essa continuidade da expansão cristã que teve sua continuidade na era moderna. Esse convite ou “imposição” a conversão e a evangelização ao Cristianismo estão diretamente ligadas ao projeto de expansão da

¹² “Ningún otro país en Europa tenía un contacto tan estrecho con el islam, para bien y para mal, como los reinos de Castilla, Navarra y Aragón. Allí la pugna era de la mente tanto como de la espada. Allí por tres siglos se peleó una cruzada por la verdad, tanto como una lucha sobre el campo de batalla entre cristianos y musulmanes. En este conflicto los antepasados de Raimundo Lulio jugaron su parte. Durante todos los años de la vida de Lulio, el dominio musulmán se mantuvo en Granada contra los reinos unidos españoles” (ZWEMER, 1952, p. 2).

Cristandade, que também foi almejado e executado mesmo que “utopicamente” por Ramon Llull durante o século XIII.

Conforme Llull, as conquistas mais importantes foram as realizadas por Jaime I que conquistou as ilhas Baleares e o Reino de Valência. De acordo com Hillgarth (1996, p. 968), houve uma grande conquista cristã na Espanha islâmica, pois entre os anos 1226 a 1248, as possessões muçulmanas, reduziram-se ao pequeno reino de Granada. Muitos cristãos se estabeleceram nas Ilhas de Baleares, e diversos muçulmanos permaneceram em Valência como escravizados e outros como artesãos e agricultores. Foi durante a Coroa de Aragão, que a proporção de judeus e muçulmanos para cristãos foi bem maior que durante o reinado de Castela. Conforme o autor, para a coroa de Aragão os não-cristãos constituíam provavelmente um quarto do total de habitante de 900.000 pessoas.

Desta forma, Palou (1981, p. 24) afirma que as primeiras conversões e as polêmicas que envolviam Llull com os muçulmanos deram-se na ilha de Maiorca, espaço em que Llull iniciou seu primeiro contato com os sarracenos e depois passou a viajar e realizar peregrinações em outras localidades. Assim, a relação estabelecida de Llull com os muçulmanos é de intensas contradições.

1. 3 A expansão do Islã e a luta pela permanência da Cristandade: Llull e o combate contra os muçulmanos

Não é objetivo desse tópico discutir a “origem” do Islamismo¹³, mas compreender como a expansão dessa religião representou uma ameaça para a Cristandade, gerando entre os cristãos o temor pelo avanço islâmico, e impulsionando tentativas de estabelecer domínios territoriais, e mais que isso ideológico. Ao tratar das religiões pode se observar um campo quase que minado, já que cada religião busca impor seu conjunto de doutrinas como a “verdade absoluta”, resultando em “guerras de palavras”, ou seja, no campo das ideias e que outra “verdade” não pode vencê-la. Geralmente, ocorrem esses embates que chegam até mesmo as vias de fato, conflitos, discriminações e em casos de intolerâncias

¹³ “As origens do Islã podem ser evocadas, aqui, apenas brevemente: a hégira (quando Maomé é obrigado a abandonar Meca, em 622); a unificação da Arábia, praticamente completa quando da morte do profeta, em 632; a fulgurante conquista, por um exército de cerca de 40 mil homens, da Síria e da Palestina, do Império Persa dos sassânidas e do Egito, na época dos três primeiros califas (632-56), e, em seguida, do Paquistão, do Norte da África e, em 711, da Espanha visigótica. Embora a conquista imponha a dominação de um grupo dos cristãos da Ásia e da África e dos adeptos do zoroastrismo da Pérsia. Assim alguns decênios depois da Hégira, o Islã constitui um imenso Império comandado por um chefe supremo, que concentra os poderes militares, religiosos e políticos. Pela primeira vez na história, as regiões entre Atlântico e o Indo são integradas em um mesmo conjunto político” (BASCHET, 2006, p. 81).

como se assiste a muitos episódios na contemporaneidade. Por isso, é fundamental historicizar as religiões, observado seus pontos de (des)encontros para que se possa alcançar um possível diálogo inter-religioso e que este saia do campo utópico.

As religiões, Cristianismo e Islamismo, apresentam caminhos que se cruzam, como um Deus, um padrão de moralidade, com mensagens propagadas por um mesmo anjo, há personagens comuns e uma história sem rupturas. Nessa perspectiva, destaca-se que os sentidos dessas religiões, no contexto aqui tratado, escapam do sentido ahistórico e transcendental, mas se tenta compreender como a “essas crenças” passaram a tomar forma social, o que impactou diretamente os conjuntos de valores que foram estabelecidos para os muçulmanos e cristãos. “Cristianismo e Islamismo são religiões irmãs, cuja gênese remonta às palavras do Anjo Gabriel, que anunciou a boa nova a Maria, informando-lhe que conceberia e daria à luz o filho de Deus; que ditou a Maomé as palavras do livro sagrado” (MOTA, 2014, p. 19), direcionando ambos para guiar povo, ao caminho da salvação.

A narrativa bíblica conta a história de Abrão, depois teve seu nome mudado para Abraão, que era casado com Sarai, posteriormente chamada de Sarah, a qual não poderia ter filhos, mas o casal havia recebido uma promessa do seu Deus que eles viriam a ter um filho e Abraão seria “Pai de multidões”, todavia ambos eram de idade avançada. Sarai temendo que a promessa não se cumprisse ofereceu ao seu marido a escravizada Agar, para que lhe pudesse conceber um filho. O patriarca aceitou esse pedido e relacionou-se com ela e tiveram um filho que se chamou Ismael.

Este é Ismael, um dos patriarcas do islamismo, de quem Maomé descendeu. Anos depois de seu nascimento, Deus apareceu a Abrão, propondo-lhe uma aliança: faria-o fecundo, gerando nações e reis a partir de seus descendentes, com a condição de que Ele fosse o Deus dessa descendência. O patriarca aceitou a aliança, que deveria ser exposta num sinal diacrítico: a circuncisão masculina, feita no oitavo dia de vida de todos os homens nascidos na casa daquele que passou a chamar-se Abraão, ou por ele comprados (MOTA, 2014, p. 19).

Mas na narrativa bíblica nos conta que havia uma promessa de que Abraão e Sarah teriam um filho, Isaque, o qual dele descenderia Jacó e outras personagens protagonistas da Bíblia, até chegar a Jesus Cristo, o filho do Deus desse patriarca. Vale dizer que da linhagem de Abraão é que surgiram os muçulmanos, judeus e cristãos.

A partir disso é possível compreender que os conflitos entre os seguidores do Cristianismo e Islamismo têm sua origem por uma mesma raiz genealógica, o que

interliga essas religiões, embora se observe que essas similitudes sejam negadas por ambos os fiéis dessas religiões. “Partindo da necessidade de historicizar a emergência do islã no ocidente cristão, buscamos perceber o estabelecimento de relações/conflitos sociais entre os praticantes das duas religiões, mas sem relegar os embates à análise estritamente religiosa ou cultural” (MOTA, 2014, p. 21).

Acreditamos que o choque civilizacional entre muçulmanos e cristãos decorra menos da irredutibilidade entre as religiões, que têm tantos aspectos comuns, que de conflitos entre sistemas de sentidos e valores, forjados social e historicamente, através de diferentes espaços. Historicizar as relações não significa apenas demarcá-las no tempo, mas também espacializá-las e compreendê-las em suas transformações, uma vez que os mundos islâmico e cristão são heterogêneos, espacial e temporalmente. [...], {O} “mundo islâmico” (assim como “mundo cristão”, acrescentamos) é um conceito utilizado para organizar narrativas: não se trata de uma realidade autocontida que caracterize um agente coletivo. Cristianismo e Islamismo, nesses termos, são tratados aqui como arquétipos civilizacionais que se opõem nas esferas da ação política e social. Embora suas interações sejam mediadas pela manutenção de distinções, nem aquilo que os distingue nem os resultados da diferença são permanentes ou imutáveis ao longo do tempo (MOTA, 2014, p. 21).

Nesse sentido, é imperativo historicizar como a religião do Islamismo chegou ao Ocidente, especificamente na Península Ibérica, não apenas como um movimento de fé, mas político, econômico, social e cultural. Ultrapassando barreiras impostas pelo Cristianismo, que tem na sua gênese a busca por se legitimar como a religião preponderante na sociedade:

Durante seis séculos (VII-XIII) os árabes estabeleceram um Império que, em seu auge, se estendeu do continente asiático à Europa, passando pelo norte da África, unindo diversos povos e religiões, os quais eram governados por uma estrutura política que seguia os preceitos do Corão, o livro sagrado dos islâmicos. Durante esse tempo, eles desenvolveram uma complexa infraestrutura administrativa e controlaram as principais rotas comerciais, dominando o comércio no Mar Mediterrâneo (LANNES, 2013, p. 17).

Diante disso, é notório o fato de que muitos dos princípios estabelecidos no Islamismo influenciaram direta e indiretamente as produções e formulações de Llull, juntamente com a convivência que ele teve com diferentes povos, o que teve um grande peso no processo de formação intelectual desse filósofo.

Segundo Mota (2014, p. 22), no século VII d. C., raros lugares em volta do globo seriam menos possíveis para o aparecimento de uma religião com eficácia política e imperial que a península Arábica. “Ladeada pelo Império Bizantino, a oeste, e pelos

persas Sassânidas, a leste, a Arábia era uma região que contava com poucos atrativos, em decorrência da aridez do solo, agricultável apenas no sul, na região de Omã e em alguns oásis, localizados, sobretudo, em sua porção central e oriental”. As atividades importantes eram praticadas em pastoreio nômade, em que os árabes peregrinavam com seus “seus rebanhos de cabras e ovelhas nas franjas de vegetação; e o comércio, com grandes caravanas cruzando os desertos com camelos carregados de produtos, indo e vindo entre domínios persas e romanos, de oásis a oásis”. Pouco povoada e com a grande parte da população nômade e pobre, “a Arábia ainda não havia sido berço de uma organização de alta complexidade política e social, como seria o império árabe-islâmico”.

Esse autor ainda diz que se desenvolveu entre os pastores nômades e as elites sedentarizadas, as quais faziam parte em sua maioria por mercadores e seus familiares. Tais comerciantes faziam longas rotas, que se estendiam pela África, Ásia e Europa, e mantinham comunicação com diversas culturas, sociedade e religiões “pelos espaços por onde mercadejavam, conhecendo o Cristianismo de Roma, o Judaísmo presente tanto em Roma quanto nas terras do Oriente Médio, e o zoroastrismo sassânida”. Contudo, ressalta que os árabes não se achavam unificados tendo uma única religião ou tutelados por uma única divindade, mas “cultuavam diversas divindades dadas à proteção das tribos. Muitas vezes, seus deuses opunham-se uns aos outros, estendendo seus conflitos para o domínio dos homens” (MOTA, 2014, p. 22-23):

Entretanto, é no turbilhão do improvável que a história revela seus caprichos. Na Meca do século VII, importante centro de peregrinações árabes politeístas, por reunir na Caaba ¹⁴ 360 divindades correspondentes a cada dia do ano lunar, Maomé esboçou os traços da doutrina que lhe foi apresentada por meio de revelação divina: a “verdadeira” palavra de Deus ditada pelo arcanjo Gabriel, o Alcorão. Em sua formulação teológica, o profeta, comerciante caravaneiro que andou por muitas terras do Oriente Médio e teve acesso a diferentes culturas, sofreu influências das duas grandes religiões monoteístas presentes na Arábia e nas terras por onde suas caravanas comerciais passaram: cristianismo e judaísmo. Inspirado na moralidade cristã e no monoteísmo principalmente judaico, Maomé propôs o estabelecimento de solidariedades sociais entre os povos árabes que superassem as tribos, apelando à generosidade e ajuda aos pobres, e buscou difundir o monoteísmo. Além disso, o profetismo e o misticismo árabes daquele período foram fortes componentes da divulgação e consolidação da nova crença (MOTA, 2014, p. 23).

¹⁴ “A Caaba é uma construção cúbica na qual se reverenciava a pedra negra, provavelmente um pedaço de meteorito. Segundo a tradição islâmica, ela foi originalmente construída por Adão, como protótipo celestial e, após o dilúvio, foi reerguida por Abraão e seu filho Ismael, por orientação divina, considerando que Meca, dentro dessa tradição, era o centro do mundo. Atualmente, a Caaba encontra-se no interior da mesquita sagrada de *Al Masjid Al-Haram*, em Meca, na Arábia Saudita” (MOTA, 2014, p. 23).

As propostas chocavam com a conjuntura política e social que vigorava em Meca e foram recriminadas pelas elites políticas e econômicas daquela cidade, as quais atacavam e perseguiram o profeta e os seus seguidores que se convertiam a essa nova religião. Nesse ambiente de enalço, os muçulmanos fizeram a primeira grande migração, “de Meca para Medina, onde a fé passou a tomar forma social, no ano de 622 d. C”. A este episódio denominou-se de Hégira e caracterizou o início do calendário islâmico. Em Medina, o islã cresceu e ganhou fôlego, além de diversos fiéis, o quais liderados por Maomé, tomaram Meca, em 629. Depois da volta triunfal a Meca, o profeta se direcionou à Caaba, “contornou-a sete vezes, destruiu os 360 ídolos e estabeleceu no santuário um centro de peregrinações estritamente islâmico. Entretanto, Maomé não viveu o suficiente para ver sua religião tomar forma de um império: em 632, o profeta faleceu, em Medina” (MOTA, 2014, p. 23-24).

Nos séculos IX e X, o que caracterizava a relação entre a Europa e o mundo muçulmano era a pirataria sarracena no Mediterrâneo ocidental. As práticas de pirataria que se constituíram nesses séculos parecem terem sido reunida fora do ambiente dos poderes estatais. Tais incursões aparentavam ter a finalidade de capturar escravizados, uma vez que a procura era grande no mundo muçulmano (GUICHARD, 2006).

A invasão dos muçulmanos por volta do século VIII até a completa expulsão no século XV, gerou um cenário de muitos conflitos na Península Ibérica. Mas é importante destacar que as trocas culturais entre cristãos, judeus e muçulmanos foram um marco histórico. A relação entre cristãos, muçulmanos e judeus na Península Ibérica durante a Idade Média forjou uma cultura com a mistura de ambas as concepções das religiões, pois ambas são diferentes e ao mesmo tempo excludentes entre si. E ainda tem outro ponto que merece atenção, são conflitos e divisões dentro do próprio Cristianismo, o que também provocou no interior do próprio Cristianismo conflitos (MOTA, 2014).

Em relação ao campo intelectual a situação era diversa. A Europa logo entendeu que havia uma grande riqueza cultural islâmica, sucessora de uma Antiguidade com a qual buscou restabelecer ligação e adequar-se em seu proveito. As ligações diretas com os autores árabes eram obviamente escassas, notadamente em razão do obstáculo da linguística. Dá-se Ramon Llull “como um bom exemplo dos sentimentos de fascínio e repulsa que o Islã inspirava em alguns ocidentais”. Imbuído da intelectualidade árabe-muçulmana, o filósofo fez apologia à Cruzada, remetendo o Islã com repulsa, “quanto o

partidário ‘moderno’ da aprendizagem do árabe e de um diálogo islamo-cristão destinado à conversão dos muçulmanos.

O grande problema, como é evidente, é que Llull estava preocupado, assim como vários intelectuais, com as questões típicas daquele contexto, Llull estava projetando a sua preocupação e inquietação com as mudanças e o avanço de outras crenças. Não que não tenha existido a convivência entre os grupos, e claro, as trocas culturais são dignas de notas. Mas o que chama a atenção, é a tentativa de hierarquização do Cristianismo, e processo de “demonização” do Islamismo. “O islã passou a ser demonizado de forma mais efetiva e o muçulmano caracterizado indistintamente como *bárbaro*, adensando-se os estereótipos ligados à idolatria, gentilismo e satanismo” (MOTA, 2014, p. 37, grifos do autor). Llull encontrou várias dificuldades no que diz respeito à conversão dos muçulmanos, logo eles possuíam uma tradição muito ligada a filosofia, e as próprias questões científicas que eram desconhecidas ao Ocidente (JAULENT, 2001, p. 11).

Baschet (2006, p. 89) enfatiza que o cenário religioso entre cristãos e muçulmanos é dado pela mistura de desqualificações recíproca. Se um lado os muçulmanos consideram os cristãos de Bizâncio ou do Ocidente como idólatras, para os cristãos, todos os que pertencem ao Islamismo são “infiéis”, “[...] geralmente assimilados aos pagãos e paradoxalmente qualificados de idólatras. Conta-se com efeito, que eles adoram os ídolos de Maomé, que seria seu Deus, o que é um modo radical de contrapor-se à crítica do cristianismo pelo islã”.

É explícito que a rápida expansão do Islamismo gerou tensões entre os cristãos, pois territórios que eram ocupados pelos cristãos passaram a ser dominados por muçulmanos, o que afetou diretamente a “hegemonia” do Cristianismo, gerando resistências e conflitos entre ambas as religiões, de um lado o Islamismo, se é possível dizer assim, passou a ser considerado um real inimigo para o Cristianismo.

É de extrema importância compreender alguns debates em torno do início dessa religião do Islã, para que os debates posteriores desta tese fiquem mais elucidados, sobretudo, no que diz respeito às aproximações e distanciamentos entre o Cristianismo e o Islamismo. Assim, nada melhor do que um diálogo entre alguns autores sobre as influências que Maomé recebeu dos seus espaços de vivências. “De todos os fundadores de religiões universais, Maomé é o único cuja biografia, em suas linhas gerais, é conhecida” (ELIADE, 2011, p. 69).

Conforme Eliade (2011, p. 71), sobre as primeiras revelações que Maomé¹⁵ recebeu, foram antecedidas de longos períodos de “retiro espiritual”. É muito provável que Maomé tenha observado em algumas de suas viagens as preces, as meditações realizadas por monges cristãos. “A missão profética de Maomé teve início depois de várias experiências extáticas que constituem de certo modo o prelúdio da revelação”. A concepção teológica a qual Maomé formulou, foi baseada no conjunto de experiências vivenciadas no encontro com as diferentes culturas e também “[...] sofreu influências das duas grandes religiões monoteístas presentes na Arábia e nas terras por onde suas caravanas comerciais passaram: Cristianismo e Judaísmo” (MOTA, 2014, p. 23).

As culturas judaica, muçulmana e cristã contribuíram para a formação da cultura europeia, resultado do contato direto entre ambas, do entrelaçamento, dos conflitos e interações. Maomé defendia a expansão do seu credo, mesmo que fosse por meio da guerra. Após a morte de Maomé, os domínios árabes expandiram-se por toda a Península Ibérica, levando a cultura, língua, religião e hábitos.

De acordo com Palou (1981, p. 07), o poderio bélico do Islamismo e o florescimento cultural, criaram sérios problemas para o Cristianismo. Dessa forma, o século XIII foi marcado por grandes “disputas”, categorizando o islã como inimigo, e espalhando muitas vezes ódio e rejeição a essa religião.

Segundo Mota (2014, p. 28), o Islã foi muito além de uma força espiritual, mas caracterizou-se como um poder político de monta, que lutou contra as ideias cristãs e nos campos da economia, cultura, arte e guerra. “É uma alteridade que exige dos de seus *alteregos* a submissão a Deus e a Meca, ao Profeta e à Arábia”. O autor continua destacando que, diferentes dos germânicos, que agiram diferentes com os romanos, os muçulmanos exigiram “[...] sua submissão (embora não exigissem conversão) e arabização. Enquanto o germano se romanizava ao entrar em contato com a România, os árabes buscavam substituir as culturas nativas pela sua, abarcando-as e transformando-as”, fizeram de acordo com seus objetivos “[...] bárbaros e romanos arabizavam-se ao serem conquistados pelo islã”. Para Baschet (2006, p. 83), o Islã foi, sem dúvida, umas das civilizações mais brilhante do Mediterrâneo na época Medieval. Destacou-se pelas suas conquistas, urbanismo e pelo poder. O crescimento do Islã e sucesso culturais e intelectuais, “[...] por muito tempo claramente superiores ao Ocidente, manifestam-se

¹⁵ Conforme Mota (2014), Maomé foi inspirado na moralidade cristã, e também no monoteísmo cristão, mas principalmente do Judaísmo. O que Maomé estabeleceu na cidade de Meca iria de encontro com a situação vigente, tanto nos aspectos econômicos, políticos e sociais.

com toda a evidência quando salienta a amplitude dos empréstimos que os Cristãos da Idade Média tomaram do mundo árabe”.

Conforme Palou (1981, p. 9), Ramon Llull presenciou o desejo papal em reavivar o entusiasmo cavaleiresco e espírito em defesa da fé cristã, em prol do resgate dos territórios que estavam sobre o poderio dos muçulmanos. O autor Palmas (2005, p. 265) explica que, para Ramon Llull, o sucesso do Islamismo se deu por duas causas principais. A primeira foi uma espécie de castigo contra os cristãos, pois estes não se importaram pela “causa de Cristo”, e deixaram o espaço livre para os muçulmanos se expandirem. A segunda se deu pela corrupção da Igreja Católica. Dessa forma, as cruzadas não foram alheias aos projetos de Llull sobre o Islã. Mas, Llull considera que os muçulmanos ocuparam a Terra Santa por causa do total descrédito dos cristãos e judeus. Assim, Llull que salvar esse “descrédito” dos cristãos, sobretudo pelas diferenças e rompimentos entre os féis do Cristianismo que gerou várias divisões. Segundo Llull uma solução possível era vencer as diferenças entre eles, pois só assim seria possível conquistar a expansão do Cristianismo.

Desde meados do século XIII, alguns religiosos cristãos de ordens mendicantes¹⁶, franciscanos e dominicanos, começaram a fazer apologia da relevância de irem visitar e descrever os povos e as paisagens de terras que não compunham a Cristandade, notadamente as regiões do interior do continente asiático. Essas ações eram vistas de

¹⁶ “O que se entende por Ordens Mendicantes? Elas são organizações eclesíásticas compostas por frades e freiras que surgiram durante o século XIII, entre elas distinguindo-se a Ordem dos Frades Menores (Franciscanos) fundada por Francisco de Assis e a Ordem dos Pregadores (Dominicanos) que foi fundada por Domingos de Gusmão. Ambas sendo diferentes e semelhantes em certos aspetos, mas possuíam a vontade comum de professar um retorno à austeridade da vida religiosa e espiritual, realizando obras de caridade, difundindo os ensinamentos do Senhor e dispondo-se ao serviço dos pobres e dos doentes [...] Os princípios de pobreza, simplicidade e a aproximação ao povo viriam a contribuir para a renovação da Igreja e da sua imagem manchada pelas circunstâncias degradantes da sua ostentação, restabelecendo a confiança do povo nessa Igreja e na imagem da Igreja como seguidora dos ensinamentos do Evangelho e da Sagrada Escritura. Estas ordens contribuíram para o restabelecimento da fé cristã e da crença na Igreja católica, mas também serviram como opositores às heresias, cuja influência se tinha difundido pela Europa. As Ordens Mendicantes trouxeram com elas uma renovação e reforma da fé cristã na Idade Média, desenvolvendo-se como um modelo de renovação de uma nova era. São chamadas mendicantes devido ao ato de “mendigar” ou de auxiliar os mais necessitados, quer a nível alimentar com o fornecimento de comida ou através de doações para um melhor sustento económico dos pobres ao mesmo tempo que os que praticam estas ações devotam a sua vida em torno do seu voto de pobreza, desempenhando uma missão de evangelização [...] A sua ação foi levada a cabo nas cidades da Europa que durante a atualidade do século XIII se encontravam em expansão, sendo esta última uma condicionante que facilitou a entrada e estabelecimento destas ordens nas cidades, juntamente com a sua influência, quer na cidade quer nos campos que a rodeavam que eram influenciados e condicionados pela sua atividade. Isto levou a uma difusão facilitada da doutrina mendicante e da sua palavra perante as massas, apelando-as através da anunciação do Evangelho de forma simples, mas ao mesmo tempo profunda, pregando com grande devoção. Pregavam nas igrejas ou em locais ao ar livre, e tal pregação levou ao crescimento dos números de fiéis, inspirados pela vida de oração e piedade que a vida religiosa dos Franciscanos e Dominicanos fornecia” (DIAS, 2018, p. 11-12).

forma depreciativas, como atos de um conhecimento curioso, o que não agregava para o aperfeiçoamento espiritual do cristão, tais práticas eram repreendidas e desprezáveis. A busca por novos lugares ocorreu a partir de tomarem conhecimento de que havia homens orientais muito diferentes dos que já se tinham notícia, os quais monopolizavam um império de grandes proporções (GONÇALVES, 2011).

Nisto, observa-se que o movimento cristão começava a buscar se expandir nas mais variadas regiões habitadas do mundo conhecido naquela época, mesmo que para isso fosse necessário a utilização da força tanto militar como psicológica, a exemplo das cruzadas. Cabe ressaltar que havia uma variedade de motivos que estimulavam essa expansão, como a difusão do comércio e as peregrinações. Ramon Llull conviveu com tristes circunstâncias em relação à situação a qual se encontrava o Cristianismo, e foram essas circunstâncias que o motivaram a escrever contra os “erros” daqueles não-cristãos:

O maior projeto franciscano de ensino de línguas, entretanto, foi reservado ao espanhol de Maiorca, Raimundo Lúlio. Desde que vestiu o hábito franciscano, Lúlio direcionou grande parte de seus esforços religiosos à salvação da alma dos infiéis, principalmente dos muçulmanos, que ainda rodeavam os territórios dos reinos espanhóis. Para isso, o maiorquino chegou a desenvolver um método, segundo ele, infalível para a conversão, intitulado a *Grande Arte*. Junto com o ensino do método, Lúlio considerou indispensável aos missionários o conhecimento das línguas estrangeiras. Assim, recomendava a criação de centros de estudos não somente na Europa, mas também na Hungria, na Armênia, em Caffa e em outros territórios de missão (GONÇALVES, 2011, p. 68, grifos do autor).

De acordo com Franco Júnior (1981, p. 7), a palavra Cruzada, assim como outras que fazem parte do vocabulário dos historiadores, “não era conhecida no momento histórico para o qual empregamos”. De fato, o termo aparece, e de modo muito esporádico, somente em meados do século XIII, no período em que este fenômeno histórico já perdia força. Conforme o autor, os textos medievais trazem, geralmente, as expressões: “peregrinação”, “guerra santa”, “expedição da Cruz” e “passagem”. O termo Cruzada ao surgir, “derivava do fato de seus participantes considerarem-se ‘soldados de Cristo’, ‘marcados pelo sinal da cruz’, e por isso bordarem uma cruz na sua roupa”.

Dessa forma, tinham que conviver com fé e ao mesmo tempo ódio, de um lado reconquista, “[...] de um lado, a libertação do túmulo de Cristo; de outro lado, a dominação, pois o chefe da cruzada é o chefe da cristandade, ideia que se destaca muito rapidamente; do outro lado, o interesse e o ganho. Pois a cruzada é uma bela oportunidade” (FEBVRE, 2004, p. 127).

No período em que Llull nasceu, os tártaros invadiram a Rússia, e saquearam Moscou. Os cristãos e os sarracenos estavam disputando não só a posse da Terra Santa, mas queriam conquistar o mundo (ZWEMER, 1952, p. 2). Ramon Llull propôs diversas estratégias para que ocorresse o sucesso nas cruzadas. Ele acreditava que a partir do momento que os territórios fossem recuperados, seria necessária uma campanha em prol da conversão de todos aqueles que ainda não tivessem aceito a fé cristã.

Conforme Palmas (2005, p.266) uma estratégia pertinente era a conversão dos muçulmanos mais importantes para influenciar o resto. Em Maiorca ao longo do século XIII existia um grande número de muçulmanos livres e uma parte das comunidades judaicas, o que deixou muitos cristãos impactados para evangelizar e convertê-los.

Dadas a essas circunstâncias, neste capítulo buscou-se fazer uma discussão sobre os impactos das interconexões culturais entre Religiões (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo), e a resistência Cristã, face ao avanço do Islamismo e Judaísmo enquanto fortes concorrentes dentro do Medievo europeu sobre a Península Ibérica no século, presente na formação do filósofo maiorquino.

2 EM NOME DE DEUS: Ramon Llull um viajante global

Este capítulo tem por finalidade discutir a trajetória de vida de Ramon Llull, um filósofo cristão que empreendeu um “projeto imperialista cristão”¹⁷ sob a bandeira que se denominou de: “por um mundo cristão”. Para isso, contextualiza-se o cenário em que Llull estava inserido, o qual recorreu a autoridades da época na pretensão de expandir e ter aceito a implementação do seu projeto. Em seguida, apresenta-se uma pequena trajetória de vida de Llull, marcada pela remissão de uma vida pecaminosa que foi transformada depois de um encontro com um ser divino.

Além disso, trata-se das suas viagens que tinham por finalidade a propagação do Cristianismo para os não-cristãos. Em seguida, aborda-se como se deu a preparação e formação de Llull como um missionário, das suas influências, de como se tornou um instrumento para a “missão divina”, segundo ele, recebida diretamente do Deus cristão. Por fim, considera-se Llull um viajante global¹⁸ que buscava tornar o mundo cristão, assim como se destaca as circulações das ideias defendidas por ele em diversas partes do mundo.

Os estudos medievais são marcados por sonhos, mitos, crenças, magia, que movem as ações cotidianas dos indivíduos. É nesse sentido, que as reflexões sobre ações que movimentam os homens tornam-se fundamentais para a compreensão das estruturas sociais. Conforme Febvre (2004, p. 38), “[...] o homem é também pensamento, inquietação e sonho-inquietação, o traço dominante talvez do homem. O homem é um inquieto, um perpétuo inquieto. Ele tem sob seus pés um solo estável e firme”. No Medievo Ocidental, o homem enxerga o mundo como uma floresta notando todos perigos, mas também tem revelações que são extraordinárias, e olham o mundo cheio de significados, de visões, e a manifestação do próprio criador, “[...] o homem medieval atribui um significado místico a todos os elementos do mobiliário do mundo: pedras, plantas, animais” (ECO, 2010, p. 25).

Segundo Costa (2006), a mística medieval é uma das temáticas mais complexas para o homem moderno, o que escapa a capacidade de reflexão e compreensão desse fenômeno. Nesse sentido, coloca-se em discussão a complexidade em estudar sobre um

¹⁷ Trabalharemos esse conceito como um projeto de expansão e dominação do Cristianismo como a fé verdadeira na concepção luliana e como o objetivo central do projeto luliano.

¹⁸ Llull foi um viajante global, pois esteve em conexão com outras culturas. Viajou para diversas localidades, e foi influenciado pela diversidade cultural o que favoreceu Llull em conhecer outras culturas em lócus.

tema tão caro, a conversão na Idade Média cristã, a partir de Ramon Llull, pois trata-se de um tema que envolve o místico, a religiosidade e a complexidade do que moveu uma parte da sociedade do século XIII. Tal pesquisa visa, nesse quadro espaço-temporal, percorrer nas entrelinhas de uma civilização, dos comportamentos vividos e por vezes inconfessados, e para além dos discursos que o homem e a mulher medieval pronunciavam.

Muito mais do que só falar do que está nas obras lulianas, é indispensável entender o discurso de Ramon Llull que tentou guiar as suas reflexões por meio dos raciocínios, o que está nas entrelinhas, as suas vivências, experiências, que não são exclusivas suas, mas perpassaram a diversidade da sociedade cristã ibérica, de homens e mulheres que entregaram as suas vidas por meio de uma missão, a qual tinha como pretensão conscientizar em nome da fé e da salvação.

Os estudos sobre o filósofo Ramon Llull têm crescido¹⁹, não por ser modismo, mas porque as suas obras trazem reflexões sobre a Filosofia, Teologia, Educação dentre outras temáticas. Muitos questionamentos sobre a vida desse filósofo ainda estão em aberto, aguardando estudos mais aprofundados. É, com a obra *Vida Coetânea*, que se dará o ponto de partida para refletir e dar a conhecer “parte” da vida de Llull, dando uma perspectiva para compreensão do pensamento cristão, as ideias e objetivos lulianos, em uma época em que os conflitos sociais, os debates religiosos entre judeus, muçulmanos e cristãos ganharam papel de destaque, o que de certa forma fez com que o maior objetivo de Ramon Llull fosse defender o Cristianismo, e garantir por meio da retórica a conversão dos judeus, muçulmanos, ou seja, aos não-cristãos.

O pensamento utópico de Llull pode representar um deslocamento do mundo real, levantando certas críticas sobre a “veracidade” de seus escritos. Mas qual sociedade sobrevive sem Utopias? Sem sonhos? E idealizações? Ramon Llull escreveu sobre amor, sonhos e acerca do mundo ideal. Costa (2008) diz que o *exemplum*²⁰ de Llull poderia ser inserido em uma pregação do século XIII, mas se enquadra no conceito de *exemplum* clássico medieval. “Por sua vez, o *exemplum* luliano, em regra geral, não é realista, nem pretende ter um valor de documento histórico, pois Ramon busca sempre uma atemporalidade e uma utopicidade aplicáveis universalmente” (COSTA, 2008, p. 33). No

¹⁹ Além dos trabalhos de Ricardo da Costa, a historiografia sobre Ramón Llull tem despertado interesse em pesquisadores como Souza (2022).

²⁰ O termo *exemplum* implica em “um relato breve e verídico para ser inserido num sermão ou em um discurso teológico com o objetivo de convencer uma plateia através de uma lição moral” (COSTA, 2008, p. 33).

entanto, ainda que haja divergência sobre a veracidade de suas obras, há concordância que tais escritos supostamente creditados a Llull foram e são documentos importantes para compreensão da sociedade cristã medieval do ocidente, sendo ele um pensador que viveu e sobreviveu a sociedade diversificada culturalmente.

Llull escreveu aquilo que desejava registrar ou preservar. Ele narra por meio da *Vida Coetânea*, mesmo que com algumas lacunas, como realizou o seu trabalho missionário, retratando que teve contatos com homens letrados, religiosos e pessoas comuns. Homs (2013, p. 16) destaca que Llull não escreveu e nem ditou ao pé da letra sua vida, mas narrou aos cartuxos de Vauvert, embora muitos críticos do século XVIII afirmem que essa obra é um dos itinerários biográficos do autor mais vivo.

Suas obras enfatizam diferentes aspectos da sua vida e o desejo em cumprir seus propósitos. Llull, por exemplo, deu atenção especial a educação como uma forma de preparar os cristãos para levar a “boa nova”, sempre na pretensão de converter os não-cristãos. Não de qualquer forma, mas se observa a preocupação em se preparar e se capacitar para tal missão, tendo a consciência dos possíveis perigos da morte, perseguição, destruição, riscos estes que o fiel estava sujeito em prol da fé.

De acordo com Zwemer (1952), Llull viveu parte de sua vida em Palma²¹ de Maiorca. Ao que tudo indica o seu pai nasceu em Barcelona, e participou do exército, assim que a ilha de Maiorca foi tomada dos sarracenos por Jaime I, rei de Aragão. O seu pai recebeu do rei como recompensa parte de terras, no território em que foi conquistado, devido a sua excelência ao servir o exército. A Catalunha foi a terra dos antepassados de Llull, mas por volta de 470 esta parte da península era ocupada pelos godos. Por volta de 712, os berberes tomaram posse de quase toda a Península Ibérica, sendo expulsos pelas tropas de Carlos Magno, e em 1137, a Catalunha foi incorporada ao reino de Aragão.

Segundo Costa (2006, p. 109), a expansão aragonesa em direção ao sul, conquistou uma considerável população de muçulmanos e judeus. “Calcula-se que os

²¹ “Palma, el país natal de Lulio y el lugar que guarda su sepultura, es una bella ciudad de calles estrechas y con cierto aspecto de la Edad Media, con excepción de la parte donde el comercio moderno ha suplantado los edificios de carácter moro. La catedral es aún un edificio prominente; empezó a construirse en el año 1230 y fué dedicada a la Virgen por el mismo rey Jaime que dió terrenos al padre de Lulio cerca de Palma. Todavía quedan partes del edificio original, y el visitante puede entrar en la capilla real (construida en 1232), con la certeza que si Lulio no estuvo allí alguna vez, al menos vió a menudo el exterior del edificio. Palma probablemente debe su nombre y puerto a Metellus Balearicus, que en el año 123, A. d. C, estableció en la isla a tres mil colonos Romanos y Españoles, y cuya expedición se simboliza en las monedas Romanas por un ramo de palma. También dió su nombre al grupo de islas, y los honderos de los Baleares son nombrados con elogio en los «Comentarios» de César. Hoy en día Palma es un puerto pequeño de mucho movimiento y mantiene un comercio directo con Valencia, Barcelona, Marsella, Cuba, Puerto Rico y aun con puertos de la América” (ZWEMER, 1952, p. 18).

não-cristãos constituíam uma quarta parte do total da população, isto é, cerca de 250.000 pessoas em um total de 900.000”. Em vistas dessas observações, o processo de expansão traz uma consciência de identidade forjada em meio a uma diversidade cultural formada na Catalunha.

Foi nesse espaço e agregado a outras experiências, que Llull forjou as suas ideias, em meio à diversidade de opiniões, crenças, e criou um projeto apologético de conversão dos que não seguiam os princípios cristãos. É importante destacar que, a população muçulmana também apresentava resistência diante da imposição de alguns cristãos, como afirma Badia e Bonner (1992, p.12), após a “conquista” militar dos cristãos, muitos muçulmanos que não conseguiram fugir foram obrigados a permanecer em Maiorca, tornando-se escravos.

A ilha de Maiorca passou a fazer parte dos territórios das ilhas de Baleares, assim como Roussillon e Montpellier, na região do Languedoc. Uma das possíveis explicações que fez com que Llull por volta dos seus quatorze anos se tornasse pajem do filho de Jaime I e depois se tornasse mordomo do príncipe Jaime II, foi a participação do seu pai na conquista das terras que estavam no domínio dos árabes (JAULENT, 2013).

Conforme destaca Esteve Jaulent (2001, p. 11), a expansão cristã pelos territórios muçulmanos foi na verdade a reconquista de territórios usurpados, versão é questionada por Alejandro García Sanjuán (2019), como já mencionada no capítulo 1 (um) desta tese. Antes de qualquer observação, os muçulmanos, judeus e cristãos, eram homens que faziam aquela sociedade se manter. Seja por serem agricultores, artesãos, todos esses realizavam algo para que a vida terrena acontecesse, mas a conversão dos muçulmanos não agradava aos senhores de Maiorca, pois traria prejuízos econômicos, já que o batismo entregava ao escravo “[...] a condição de livre e melhorava sua condição de alforria”. Mas na ilha de Maiorca, existe uma condição bem mais específica sobre a vivência e expressão da fé muçulmana, trata-se de que converter alguém a uma determinada fé, nem sempre é uma missão que acontece, sobretudo no que diz respeito a fazer alguém abrir mão daquilo que muitas vezes move a sua existência, em outras palavras, sua crença.

Embora tenha existido um número significativo de conversões de muçulmanos ao Cristianismo, isso está longe de representar um número significativo, já que uma parte continuou fiel ao Islamismo, pois tanto os muçulmanos escravizados, assim como os livres poderiam praticar a sua fé no privado “[...] uma vez que as mesquitas foram convertidas em igrejas, em oficinas ou simples moradias. Em Maiorca, portanto, os

muçulmanos sofriam condições bem mais duras para o exercício de sua religiosidade do que no resto da Península (JAULENT, 2001, p. 11).

Essa estrutura que movia a sociedade de Maiorca, mostra que Ramon Llull certamente enfrentou diversas resistências, sobretudo no que se refere à conversão daqueles que colaboravam nas questões econômicas. Não se trata apenas de apresentar o seu desejo em converter, ele também enfrentou diversas oposições. É provável que tenha se dedicado por um período à conversão daqueles que já possuíam a sua liberdade, e se bem mais tarde em “[...] 1299, quando obteve uma licença do rei Jaime II de Aragão, permitindo-lhe pregar nas sinagogas dos judeus às sextas-feiras, aos sábados e domingos, e nas mesquitas dos mouros às sextas e sábados [...] se aventurou a um público mais amplo” (JAULENT, 2001, p. 11). A presença de um grande número de muçulmanos e judeus, sem dúvida, foi motivo de grandes discussões no governo de Jaime II, é certo, Llull trabalhou para esse governante e vivenciou naquele espaço de estratégias para unificação de um povo que fosse totalmente cristão; para isso, este filósofo lançou mão de escritos que tinham a pretensão de serem capazes de conscientizá-los de que o Cristianismo era o único caminho a ser seguido.

Para os planos missionários de Llull, era necessário o apoio de grupos influentes, ou seja, um contato mais próximo não apenas com os governantes, mas também com os pregadores de sua época. Não há um registro explícito se Llull foi simpatizante dos franciscanos e dominicanos. O que se sabe é que os dominicanos viam a proposta de Llull com desconfiança. Mas, por volta de 1304, ele fala dos franciscanos, e permanece muito próximo deles, intelectual e espiritualmente (BADIA; BONNER, 1992, p. 32).

2.1 Uma trajetória pessoal: a vida espiritual de Ramon Llull

Em uma crise pessoal, Ramon Llull, mostra-se arrependido da vida “mundana” que levava, mas que após uma iluminação divina teve uma mudança radical de sua conduta. Como afirma Santiago de Carvalho (2004), Llull narrou sua história no intuito de reforçar os seus projetos missionários e proselitistas que desejava apresentar ao concílio de Viena (1311).

Assim, dedicar a vida para conversão daqueles que não eram cristãos, passou a ser o seu objetivo maior. Ele criou um sistema filosófico e educacional para persuadir os não-cristãos da “verdade do Cristianismo”. Por isso, o projeto político criado por ele, incluía uma organização e conhecimento do outro, assim como entender a língua, a crença para

que pudesse, por meio da argumentação, conduzir à doutrina cristã. Confessa também parte de sua história pessoal, no que diz respeito a sua conversão, talvez para algumas pessoas exageros, para outros reflexos da fé, e um conjunto extenso de suas crenças. Supõe-se que Llull por meio desses relatos da sua história pessoal quis impor um modelo a ser seguido por meio do seu projeto político de conversão do outro, em que o homem mesmo marcado por uma vida pecaminosa haveria uma retratação ao aceitar o plano de vida cristão.

Um homem que se tornou cheio de imaginação, além disso também era um homem de ação, em busca de atingir as suas finalidades. Tornou-se cristão e a sua conversão permitiu-lhe participar daquilo que ele considerava como o maior feito de sua vida, de se posicionar diante de um movimento e, com isso, levar uma mensagem cristã e apresentar aos não-cristãos o que era a salvação da humanidade; possuía ele o sentimento que, para essa salvação, ter as suas ações reguladas, sob o ponto de vista religioso, teria um papel importantíssimo. Por isso, era relevante traçar estratégias para colocar em prática o seu projeto político imperialista de conversão, tendo a retórica como a principal arma, pois visava persuadir o outro com as suas crenças e valores.

Entregou-se a uma vida de contemplação, à busca interior de seus mais profundos pensamentos e opiniões. Abdicou de sua vida, para poder se dedicar apenas ao que ele considerava como a primeira intenção para a qual foi criado, amar e servir a Jesus Cristo. Conforme Nascimento (2016, p. 35, grifos o autor), a variedade dos textos de Llull mostra uma personalidade “multimoda”, pois pode ser considerado o filósofo, o místico, o teólogo, pregador, ermitão e pedagogo. Inspira-se na visão franciscana reformista, sincero e combativo, apostou na imaginação e também na utopia, contanto que se admita olhar “[...] para o homem e para o mundo sob a perspectiva da criação feita por Deus, como transparece em *Blaquerna*, onde as reformas se projetam numa idade nova em que o próprio Papa é capaz de depor a tiara pontifícia e buscar o ermo da contemplação.

O registro da autobiografia de um homem de trinta anos, desejoso de tornar as suas razões pela qual abdicou de sua vida pecaminosa a serviço da vida cristã e sua atitude diante do preço que pagou para expandir a fé cristã, mostra que durante o medievo ocidental a vida espiritual determinava o percurso do homem em suas tomadas de decisões. Em sua obra, *Vida Coetânea*, ele ditou parte de sua história a um monge que provavelmente era um amigo próximo:

No tempo de sua juventude, Raimundo, senescal da corte do rei de Maiorca, passava seu tempo a compor poemas e cantigas vãs, entregando-se aos prazeres mundanos. Uma noite sentado à borda de seu leito, tentava compor em vulgar uma cantiga para uma certa dama que amava loucamente. Começava a escrevê-la, quando, olhando a direita, viu o senhor Jesus Cristo como que pregado na cruz. Esta visão amedrontou-o, deixando o que tinha entre mãos, meteu-se na cama procurando dormir. Mas voltando a si considerou de tanto que era falho de toda ciência necessária a tão alto empreendimento, pois até a gramática não aprendera nada ou muito pouco. Consternado com tal pensamento começou a chorar (LLULL, 2004, I, § 2, p. 55-56).

Llull afirma que trabalhava como Senescal do rei Jaime II, e que compunha canções que despertavam o seu lado “mundano”, gerando uma imensa tristeza, pois tais atitudes o distanciavam da primeira intenção, que era amar e servir a Jesus Cristo. Com isso, ainda nesse contexto, Llull registra ter tido algumas visões que mostravam Jesus Cristo com os braços em cruz, ou seja, uma imagem que demonstra o que está relatado na Bíblia em que Cristo entregou a sua vida pela humanidade ao dar a sua vida para que os pecados dos homens fossem pagos.

Figura 1: A conversão de Llull e sua peregrinação a Rocamadour e Santiago de Compostela



Fonte: Breviculum. Thomas <Migerii>: *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum*, c. 1321, Badische

Landesbibliothek Karlsruhe, Cod. St. Peter perg. 92, f. 1v.

Disponível em: <https://digital.blb-karlsruhe.de/blbhs/content/pageview/105542>

É possível ver nesta imagem (figura 1), Llull por meio de uma visão, olhando Cristo ressuscitado por cinco vezes. Cristo aparece com os braços abertos estendido em uma cruz e a partir desse momento o maiorquino entendeu que era um sinal para entregar a sua vida a Jesus Cristo e possui na sua mão um pergaminho, onde escreve a sua visão. Logo depois, na segunda e terceira parte da imagem, Llull aparece realizando uma peregrinação em Rocamadour, podemos perceber que ele está em cima de rochas, se direcionando a um templo sagrado aparecendo depois prostrado fazendo suas súplicas e provavelmente lamentando por sua vida mundana que levava anteriormente.

A figura 1 e outras imagens utilizadas na tese são provenientes da obra *Breviculum* ou *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum* (Uma Breve Seleção dos Trabalhos de Ramon LLull), um manuscrito com doze iluminuras de página inteira, produzido após o ano de 1321, provavelmente no norte da França, que tem por objetivo contar a história de Llull por meio imagético. As miniaturas visam reproduzir fatos da autobiografia *Vida Coetânea*. De acordo com Schmitt (2007), as imagens no Medievo tinham a função de transportar os seres humanos do mundo visível ao invisível e o seu significado vai além do que está contido nos textos escritos. Não se pretende aqui fazer um estudo detalhado das imagens deste manuscrito, apenas enfatizar alguns elementos da biografia do maiorquino que nos auxiliem a compreender a sua trajetória.

Tal aparição de Cristo crucificado voltou a repetir-se nas noites posteriores. LLull sente-se deprimido pelas lembranças demasiado vivas da juventude, atemorizado pelos seus pecados. Trata-se tanto de uma autobiografia espiritual como de um relato de seu desespero, a visão que cativou Llull foi a imagem do próprio Jesus Cristo. Por cinco vezes, Llull teve visões do Cristo ressuscitado, o que para ele representou um sinal de Cristo, chamando-o para o “tão nobre ministério”:

Levantando-se no dia seguinte, voltou as habituais frivolidades, sem se preocupar com aquela visão. Mas ainda: passados quase oito dias, no mesmo lugar e quase à mesma hora, dispôs-se de novo a escrever e terminar sua cantiga. Tal como antes, lhe apareceu o Senhor na cruz. Desta vez assuntou-se ainda mais do que a primeira aparição. Meteu-se na cama e adormeceu como antes tinha feito (LLULL, 2004, I, § 3, p. 56).

Para André Vauchez (1995, p.162), as visões eram um importante meio de comunicação entre o homem e Deus. Os cristãos do século XIII acreditavam nessas visões, pois faziam parte do imaginário medieval ocidental. Talvez, para Llull, isso

representasse um sinal divino. Como nos dias atuais as interpretações sobre essas “visões” podem ser as mais variadas, seja por um meio racional ou espiritual, é difícil imaginar o que realmente tenha acontecido nessa sua considerada “experiência mística”. Pode-se até duvidar das visões, mas os resultados delas têm significado para aqueles que nelas acreditam, pois causam mudanças, dão sentido à vida e impactam nas ações realizadas pelo homem. Mas como a função do pesquisador não é julgar é necessário refletir com muito respeito, apesar da criticidade, estabelecer os limites entre interpretações e julgamentos.

Além de observar pelo viés da análise do discurso “o discurso é concebido como a inclusão de um texto em seu contexto” (MAINGUENEAU, 2004, p. 169). É nesse sentido, que ao analisar a sua autobiografia, contempla-se ela em um contexto histórico, repleto do místico e sobrenatural. Dessa forma, Lull não escreveu de forma aleatória, mas discursou para um público, diverso e em várias localidades, “[...] o discurso serve tanto para mascarar a realidade quanto para traduzi-la” (DOSSE, 2007, p. 13). Dessa forma, busca-se o que está por detrás do discurso luliano.

A escrita como prática social tem grande impacto na sociedade Ocidental, Marcuschi (2001, p. 16 apud ANDRADE, 2005, p. 48) afirma que o texto escrito tem uma “história rica e multifacetada (não-linear e cheia de contradições), ainda por ser esclarecida”. Nessa sociedade, ela é mais do que uma tecnologia, tornou-se “um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, em qualquer canto do mundo”. Desse modo, ela é considerada como fundamental na “própria sobrevivência do homem Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e influenciou as culturas de modo geral”.

Andrade (2005) diz que a análise de um texto não deve se limitar somente ao que está dito, contudo também os modos e as formas de dizer, já que estas possibilitam uma interpretação dos implícitos que se mostram e demonstram a interação “como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessões” (BRAIT, 1993, p. 194 apud ANDRADE, 2005, p. 54). Portanto, é basilar a investigação das conjunturas de elaboração, de circulação e de aceitação de um dado texto, uma vez que:

Em toda interação, os interlocutores estão reunidos sob determinadas condições “contratuais”, que estão diretamente ligadas ao contexto situacional e aos papéis sociais dos participantes dessa interação. Uma análise textual deve, portanto, levar em conta os traços lingüísticos que permitem reconhecer a intencionalidade do enunciador, os efeitos de

sentido construídos por esse enunciador ou pelo locutor por ele instaurado/instituído, e a persuasão ou manipulação que o enunciador busca exercer sobre o enunciatário (leitor) (ANDRADE, 2005, p. 55).

Para a análise de um texto faz-se “**necessário levar em conta não só o conteúdo e a relação do enunciador com esse conteúdo, mas principalmente a relação do enunciador com o outro e com os discursos desse outro, explicitados ou presumidos**” (ANDRADE, 2005, p. 56, **grifo nosso**).

Maingueneau (2004, p. 171) continua afirmando que “[...] o discurso não intervém em um outro contexto, como se o contexto não passasse de uma moldura, um cenário”, ou seja, todo discurso é contextualizado, não se pode atribuir um significado a um enunciado fora do contexto. “Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto e pode modificá-lo durante a enunciação”.

Nesse sentido, é necessário observar que o “discurso” luliano, por meio de sua autobiografia, leva a problematizar as diversas visões espirituais de outros homens. Existem outras referências e alusões, por exemplo aos relatos bíblicos como o de Paulo de Tarso, que também teve visões, converteu-se, dedicou-se às conversões de outros e entregou a vida a serviço de Cristo, levando “as boas novas” do Cristianismo. Tentou apresentar aos não-cristãos o que era amor e humildade a partir de Jesus Cristo. Outros homens que marcaram a história foram, Agostinho, Francisco de Assis, e a própria experiência de Maomé, que recebeu algumas revelações, e que também teve suas experiências místicas e “os sinais do seu Senhor” (ELIADE, 2011, p. 71).

Diante das várias aparições, Llull ainda ignorou as primeiras visões e permaneceu com suas práticas consideradas mundanas. Foi quando percebeu que Cristo o estava chamando para algo que ele considerava muito maior. Assim, entendeu que deveria deixar totalmente o mundo e se doar aos serviços cristãos. Esse ato de se “doar”, registrado pelo filósofo maiorquino, fica bastante evidente em sua autobiografia, quando destaca que retribuiria total paciência e misericórdia que Cristo estava tendo com ele.

Cuidou, então, em pensar qual o serviço que mais agradaria a Deus. E, pareceu-lhe que ninguém poderia prestar a Cristo um serviço maior ou melhor do que dar a própria vida e alma por amor d’Ele e em sua Honra, e isto, **indo converter ao seu culto e serviço os Sarracenos**, que em grande número ameaçava os Cristãos por todos lados (LLULL, 2004, I, § 5, p. 58, **grifo nosso**).

Tal serviço de “converter” os sarracenos, tornou-se o foco central do projeto luliano, e considerou esse ato de levar o evangelho como sua missão principal. Nesse

sentido, sua retribuição a Cristo seria converter os “infiéis” e incrédulos à verdade da fé Católica, mesmo que isso lhe custasse a própria vida.

Diante do trecho retirado da obra *Vida coetânea*, questiona-se o porquê Llull desejava “converter “os ditos infiéis” e incrédulos”? O que ele entedia como a “verdade da santa fé católica”? Para isso, no capítulo um, fez-se uma breve discussão sobre a conjuntura em que se encontrava o Cristianismo junto ao Islamismo e Judaísmo, como o embate entre essas “religiões”, ocasionou em verdadeira “guerra”, e temor das perdas de membros por parte dos cristãos, talvez isso explique essa corrida desenfreada de Ramon Llull, pela busca de novos adeptos ao Cristianismo. Na passagem a seguir, registrou o momento em que a sua “conversão” foi concretizada:

Logo voltou-se às suas coisas, ainda extremamente imbuído das frivolidades da vida mundana. Durante os três meses a seguir, quer dizer, até a festa seguinte de São Francisco de Assis, continuou fraco e negligente. Todavia, no próprio dia da festa, ouviu nos Frades menores um bispo pregar e mostrar como São Francisco abandonara e rejeitara tudo para se unir com mais firmeza a Cristo etc. o exemplo de São Francisco tocou Raimundo. Imediatamente vendeu tudo o que possuía, reservando tão somente uma porção para as necessidades de sua mulher e de seus filhos (LLULL, 2004, I, § 9, p. 60).

Portanto, aproximar-se de Deus, para Llull, implicava também abrir mão de seus bens, o que remete a visão de que a pobreza era um meio de se distanciar do mundo, para se aproximar da vida espiritual. Toma-se como exemplo, Francisco de Assis, um pregador, considerado uma figura importante da religiosidade cristã medieval, que para Vauchez (1995, p. 135), foi adepto da pobreza de Cristo, e acreditava que cada um deveria abandonar os bens materiais, para buscar o amor, a caridade e pobreza para se aproximar da figura de Jesus Cristo “[...] a ênfase na vestimenta pobre era uma característica dos espirituais franciscanos” (COSTA, 2006, p. 112-113).

Conforme Costa (2006, p. 112-113), Llull foi influenciado pelo sermão sobre Francisco de Assis, em que dizia “[...] como o santo havia abandonado todas as coisas mundanas para se entregar totalmente ao serviço da cruz, é que Ramon Llull finalmente decidiu mudar sua vida”. Esses modelos de santidade durante a Idade Média serviram como exemplos de padrões de comportamentos a serem seguidos. Talvez Llull quisesse ser um grande modelo para a sua época, assim como foram os pregadores que o influenciaram. Dessa forma, Llull também seguiu os passos daqueles que vieram antes dele, os quais renunciaram a sua vida por amor à missão de Cristo, do mesmo modo teve

atitudes semelhantes à de seus antecessores, como exemplo, “[...] vendeu então a maior parte de seus bens e deixou somente uma pequena parte para sua esposa e filhos”.

Ramon Llull era casado com Blanca Picany²², com quem teve dois filhos, Domingos e Madalena. “A Domingos, Llull dedicou algumas de suas obras com objetivo de ajudar toda a sua formação intelectual, e Madalena que se casou com um nobre chamado Pedro de Sentmenat” (BADIA; BONNER, 1992, p. 10). Quando Llull entendeu que recebeu um chamado divino, abriu mão de tudo, assim como de sua família, pois, para ele, o seu maior ministério era converter o máximo de homens e mulheres à fé cristã. Conforme Soler (2022), questiona essa versão de que Llull teria abandonado sua família, visto que certos pontos precisam ser revistos. Primeiro, o que está descrito em obras literárias não necessariamente fornecem os fatos verídicos deste episódio sobre a relação de Llull com sua família. Segundo, reavaliar se o que aconteceu de fato foi o abandono de sua família ou se houve uma falta de administração de seus bens. Soler (2022) enfatiza que um documento de arquivo, datado em Palma de 13 de março de 1276, nomeia um administrador dos bens de Llull a pedido de sua esposa Blanca Picany, pois devido a escolha de uma vida contemplativa, ao que tudo indica, administrar seus próprios bens, já não era uma questão de prioridade.

Soler (2022) continua destacando que não há uma comprovação exata de que Llull tenha abandonado sua família. Mesmo que não tenha ficado no comando da administração de seus bens, Llull continuou dando suporte e preocupado com a educação dos seus filhos. Fica evidente essa preocupação quando dedicada a obra *Doutrina para crianças* ao seu filho chamado de Domingos, e apresenta a base da educação cristã. Por isso, a tese que Llull tenha abandonado a sua família tem sido questionada.

Em verdade, a maneira de Ramon Llull abordar o tema sobre a “fé”, faz parte dos seus livros de forma tão vívida, que se tornou parte de um ideal. Conforme aponta Tusquets (1954, p. 6-7), Llull mesmo sendo um senescal do rei de Maiorca, buscou em diferentes culturas enriquecer o seu conhecimento sobre as diversas realidades e crenças. Por isso, destaca-se a Educação como um elemento central no projeto de conversão luliano, já que por meio dela se lança bases que influenciam de modo significativo no desenvolvimento do ser humano. Essa “Educação Luliana” foi aquela que aprendeu junto

²² “No ano de 1275, mas exatamente no dia 13 de março, Lúlio, devido às insistentes queixas de sua esposa, que não se conformava com o seu estilo de vida, decide nomear um administrador de seus bens e abandona definitivamente sua família” (JAULENT, 2013, p. 72). Esta versão foi questionada por Albert Soler (2022) no texto intitulado “Ramon Llull no va abandonar la seva família”.

aos escravizados mouros e por uma busca também individual. Não teve uma formação em curso regular na Universidade, e acabou buscando meios próprios para aprender e construir um repertório capaz de compreender de entender o outro e ao mesmo tempo tentar convencer a partir de suas crenças.

Para Tusquets (1954, p 6-7), Ramon Llull representa o espírito jovem da Idade Média, que tinha como ideal libertar a Terra Santa, reformar a Igreja Católica e livrar a Europa do Islã. São ideais que para o homem e moderno, talvez fosse encarado como uma verdadeira loucura. Llull estabeleceu objetivos bem ambiciosos, mas acreditava ser possível, em nome da sua fé, expandir o Cristianismo.

Llull buscou conhecer a cultura muçulmana, e descreveu em alguns de seus livros informações importantes sobre os muçulmanos, é certo que, muitas vezes, “influenciado” pela sua perspectiva religiosa sendo as vezes intolerante com a crença do outro. Segundo Palou (1981, p. 15), Llull relatou as suas viagens as regiões islâmicas, e destacou as suas controversas com teólogos muçulmanos, apresentando o seu pensamento sobre Maomé. Pela qual em realidade, viesse a ser uma espécie de “islamologia luliana”. Para o maiorquino, a conversão deveria ser feita mediante ao diálogo e apresentar argumentos lógicos para comprovar a veracidade do Cristianismo.

Ramon Llull dirigiu-se a um público amplo, em língua vulgar, pois ajudava na compreensão dos princípios cristãos, já que o latim não era compreendido por todos, sendo uma forma de quebrar as barreiras na comunicação. Conforme Nascimento (2016), ele falou para o público urbano, aristocrático e burguês, ou seja, para todos os que se interessavam por tratados de saúde, de astrologia, de cavalaria. Llull recebe autorização de Jaime II para circular em diversos espaços como as mesquitas e sinagogas, pois acreditava que seria um defensor da fé cristã. Infelizmente, não se localizou escritos detalhados sobre essa atuação de Ramon Llull nesses espaços, mas em seus relatos é possível destacar que desejava que todos aprendessem os princípios cristãos em sua língua materna, para depois compreender nas demais línguas, pois a vontade divina era que se trabalhasse e servisse o seu criador, já que a vida seria breve e a morte chegava se aproximava de todos as pessoas ao longo dos dias:

[...] Por isso a perda de tempo deve ser muito odiosa. Logo, no princípio o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais, e que o homem faça seu filho soletrar, em língua vulgar, o princípio que aprendeu, de tal modo que ele entenda o que soletrou. E depois convém que lhe seja ensinada a construção gramatical naquele mesmo livro, que deve ser trasladado

depois para o latim porque ele não entenderia o latim antes (LLULL, 2010, prólogo, p. 5).

Assim, observa-se que, do ponto de vista do autor, é necessário aprender a gramática para que facilitasse a compreensão dos ensinamentos cristãos. Uma das questões mais caras a Ramon Llull era mostrar a superioridade da fé cristã e traçar estratégias como um bom missionário, a fim de garantir a conversão dos muçulmanos (PALOU, 1981, p. 12). É essa motivação de converter, que levará Llull a construir um legado, que dura até os dias atuais, Llull vai muito além de comentador de textos bíblicos, ele quer escrever livros que sejam considerados bons e que deixem um legado. Provar que o Cristianismo era a verdadeira religião por meio da razão, foi algo que configurou o projeto político imperialista de Llull, indo além da Lógica e da Metafísica. Como afirma Esteve Jaulent (2013, p. 35), os propósitos estabelecidos por Llull podem se unificar em apenas um: entregar-se à conversão dos infiéis e incrédulos, embora tivesse que arriscar perder a sua própria vida.

Zwemer afirma que (1952, p.49) Llull convence o rei Jaime II a construir o mosteiro, e ao que tudo indica foi construído em 1276, local em que alguns frades começaram a estudar o método de Llull e se inspiraram em seu espírito missionário. O lugar escolhido para a construção desse mosteiro foi em Miramar, na costa norte de Maiorca, sendo aprovado esse projeto pela bula do Papa XXI, pois aprender árabe era uma obrigação para todos os que desejassem participar da conversão dos muçulmanos, o maiorquino sugere, inclusive, que a preparação não seja apenas teológica, que o homem deve estar munido de conhecimento amplo, e que seja, ele não apenas queria criar uma escola de teologia e filosofia, mas queria uma preparação elevado sobre o estudo de línguas, filosofia e teologia. (BADIA; BONNER, 1992, p. 12).

Segundo Domínguez Reboiras (1998, p. 11, grifos do autor), existe um fato interessante que diferencia Llull de seu tempo. O autor destaca que os autores medievais eram comentadores de livros sagrados ou consagrados, já que o intelectual da Idade Média não escrevia seus livros como autor, mas eles comentavam os textos bíblicos, ou sentenças de padres, como “o de Pedro Lombardo - ou de Aristóteles”. A originalidade de Llull “[...] está em que ele escreve um livro - e ele acha que tem que ser o melhor do mundo - para a conversão dos infiéis: o *Livro de Ramón*. Ele era considerado louco por muitos de seus contemporâneos, mas estava convencido de que a posteridade reconheceria seus méritos”. Llull preocupado com a preservação dos livros, fez o depósito de suas obras, a saber: “um em Gênova, na casa do burguês Perceval Spinola; outro, em

Paris, na cartuxa de Vauvert; e uma terceira coleção - provavelmente financiada por seu genro - em Mallorca, no mosteiro cisterciense de *La Real*".

O filósofo maiorquino, defensor da fé católica, destaca o apeço pela vida espiritual e pela Igreja. Após entregar a sua vida aos serviços da fé, deliberou cumprir três objetivos:

Estavam pois os três mencionados propósitos firmemente concebidos no seu espírito, a saber: aceitar morrer por Cristo, convertendo ao Seu serviço os Infiéis; compor solicitar a fundação de mosteiros destinados, como se disse, ao estudo das várias línguas. No dia seguinte Raimundo apressou-se a subir a uma igreja não muito distante. Ali chorou com devoção e orou insistentemente ao Senhor Jesus Cristo para que designasse levar a cabo estes três propósitos dos quais Ele mesmo fora o misericordioso inspirador (LLULL, 2004, I, § 8, p. 59-60).

Assim, Palou (1981, p. 12) afirma que dois maiores desejos de Llull era converter todos os sarracenos ao cristianismo, e depois unificar toda a cristandade. Llull renunciou, como uma prerrogativa do Cristianismo, a sua vida "pecaminosa" com base nos preceitos cristãos. O objetivo é demonstrar que todas as religiões têm a sua história, ou melhor, são parte da história com princípios e doutrinas distintas. Mas no *livro do Gentio e dos três sábios* (1274-1276), Llull não deixa de registrar a sua visão apologética quando se trata dos princípios cristãos. Apesar de demonstrar os princípios do Judaísmo e Islamismo, ele tenta, por meio dos diálogos, confrontar as ideias em que há contradições nas outras religiões e no Cristianismo existe uma perfeição na sua estrutura, há uma linearidade com começo, meio e fim. E é neste fim que Llull tem uma preocupação de converter os não-cristãos, já que, segundo a sua crença, seria no final que todos os homens e mulheres prestariam conta da sua vida terrena e a partir disso seria decidido o seu destino final: paraíso versus inferno.

2.2 Um missionário em formação: entre os muçulmanos e não cristãos

O filósofo maiorquino, dito homem do saber, forjou o seu intelecto com ampla cultura livresca, por meio das viagens no Mediterrâneo e chegando a diversos espaços do saber, como as universidades. Infelizmente, as documentações estudadas, não trazem com clareza em quais as instituições Llull estudou, assim como os livros ou autores que fizeram parte de sua formação. A obra *Vida Coetânea* traz alguns espaços de ensino que colaboraram para seu preparo intelectual. Ao que tudo indica, Llull formou o seu intelecto com base nas conversas com diversas pessoas e viagens que realizou ao longo de sua vida.

Os primeiros anos de vida intelectual, contextualiza-se quando Llull era Senescal de Jaime II, e se dedicava a composições trovadorescas. Infelizmente, essas composições não foram encontradas, mas é possível saber disso por meio de sua autobiografia *Vida Coetânea*, o que mostra que Llull tinha contato com a cultura, e, sem dúvida, era influenciado por suas vivências na corte. Apesar de Llull se considerar um iletrado, sabe-se que a sua capacidade intelectual, conquistou reis, papas, dando-lhe suporte para viajar pela Europa e apresentar uma espécie de um novo “método” de argumentação contido no seu projeto político imperialista de tornar o mundo totalmente cristão.

Llull após a sua conversão, lamentou-se por não ter uma formação intelectual. “Mas voltando a si considerou como era falho de toda a ciência necessária a tão alto empreendimento, pois até de gramática aprendera nada ou muito pouco. Consternado com tal pensamento começou a chorar” (LLULL, 2004, I, § 5, p. 58). Ele entendeu que o ministério ao qual foi designado era tão alto, que não tinha preparo o suficiente, e relatou que sentiu tanta dor e tristeza por não se sentir capacitado, por não ter ciência. Mas fica explícito que ele tinha apreço pelo saber, e mostra-se sempre apreciador do conhecimento. Como um “bom católico”, Llull demonstra um elevado conhecimento bíblico.

Para Zwemer (1952, p. 8), na obra *Raimundo Lulio, primer misionero entre los musulmanes*, destaca que Llull foi um dos maiores missionários dirigidos ao público muçulmano, e foi uma figura em destaque em defesa do catolicismo. Esse autor diz que Llull preparou-se para o contato com o outro, buscou conhecimento em filosofia e quis aprender sobre outras culturas (ZWEMER, 1952, p. 12). A imagem a seguir (figura 2) apresenta um momento significativo para Llull, pois consciente de tamanha missão, entendeu que não conseguiria realizar esse desejo sozinho, e buscou ajuda indo ao encontro de Papas, dos reis e príncipes cristãos. Assim, é possível ver Llull suplicando por ajuda aos membros do poder temporal:

Imagem 2: Ramon Llull suplica aos papas e reis



Fonte: Breviculum. Thomas <Migerii>: *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum*, c. 1321, Badische Landesbibliothek Karlsruhe, Cod. St. Peter perg. 92, f. 8r.

Disponível em: <https://digital.blb-karlsruhe.de/blbhs/content/pageview/105555>

Bonner (1996, p. 458) compreende que entre os anos de 1050 a 1300 foram anos de retextualização, e destaca que entre esses anos houve uma transição de uma sociedade oral para um lugar privilegiado da escrita, com a recuperação de textos filosóficos e da ciência grega árabe. Assim, abre espaço também para a produção de novos de textos, de uma nova cultura dando assim espaço para a organização das universidades medievais “[...] centros codificadores das tarefas intelectuais e de formação de uma classe clerical para a qual a escrita era a sua ferramenta profissional”. Questiona-se nesse sentido, qual foi a preparação de Llull e quais autores o influenciaram? Já que suas obras não evidenciam como se muniu de conhecimentos sobre a cultura ocidental do século XIII e quais as autoridades serviram de exemplo para o vasto conhecimento que Ramon Llull registrou em suas obras

O filósofo maiorquino, após vender parte dos seus bens, deixando uma parte para a esposa e seus filhos, e realizar várias peregrinações a diversos santuários cristãos como Santiago de Compostela, Nossa senhora Rocamadour, determina que deseja ir a Paris se

preparar contra as heresias, mas não recebe o apoio de amigos e familiares, e decide permanecer em sua terra natal (JAULENT, 2013). Ramón de Peñafort foi um dos pioneiros na fundação de escolas para formação de missionários (BADIA; BONNER, 1992, p. 15). Provavelmente Peñafort quis que Llull se preparasse em Maiorca, já que o problema com os muçulmanos era uma realidade do cotidiano da sociedade cristã medieval.

Para Sot (2006, p. 353), a peregrinação²³ no Ocidente medieval, embora tivesse um lugar onde se pretendia chegar, demandava um esforço, era muito mais direcionada aos percalços, isto é, permitia ao indivíduo, preocupado no esforço físico do caminho, afastar-se daquela rotina e apresentava um pouco de comodidade para um mundo desconhecido, ansiando chegar ao lugar físico e espiritual. Na Idade Média, alguns locais ganharam tamanha importância: “[...] vai-se em peregrinação para junto de Santiago, em Compostela, dos apóstolos Pedro e Paulo, em Roma, de Nossa Senhora, Rocamadour”.

Nessa esteira de pensamento, frequentar determinados lugares, tidos como sagrados, mexia totalmente com o homem medieval, existia uma motivação comum para aquele coletivo de pessoas que nutriam a sua fé, a crença, diante de um imaginário fortemente religioso.

Para Adriana Zierer (2013), visitar esses locais tidos como santos, era uma forma eficaz para apropriar-se da salvação. Nessa trajetória era possível achar resquícios dos santos, como pedaços da cruz e outras relíquias. O cristão era posto à prova, andava por caminhos inseguros, era a certeza de ir por esses trajetos, no entanto talvez nunca mais voltaria, já que a pessoa poderia sofrer percalços e dores até chegar a morte, bem como ocorreram com tantos outros mártires.

O que se espera da peregrinação? A remissão dos pecados e a cura de seu corpo. O peregrino percorria por um caminho que não era simples, havia muitas barreiras, e sofrimentos corporais, rememorando que Jesus Cristo também sofreu. Chegar ao lugar desejado, tocar a estátua, o túmulo, é encontrar na fé uma realidade transcendente (SOT, 2006). Era ter contato com as memórias que impregnavam nesses objetos, que de algum modo evocam o passado, recordam de algo com significado, que incitavam a memória coletiva e individual.

A Universidade de Paris era o grande centro de ensino, e o desejo de Llull foi ir ao grande estudo de Paris, pois desejava aprender gramática e outras ciências, mediante

²³ “A peregrinação cristã enfatiza mais a pessoa que se pretende encontrar do que o lugar em que ela está: Cristo na Terra Santa, Pedro e Paulo em Roma, Tiago, o maior, em Compostela, ou Maria Madalena em Sainte-Baume” (SOT, 2006, p. 355).

as quais, e com a ajuda do Senhor, pudesse alcançar o seu propósito. Como afirma Oliveira (2007, p. 113), a Universidade foi uma das mais belas iniciativas medievais para o mundo do saber, houve um despertar para o conhecimento, e não mais somente a reprodução do que já se sabia: “História e memória se entrelaçam, permitindo a compreensão desta instituição como espaço do saber universal mediado pelas relações do poder político, já que, ao longo da Idade Média, a universidade esteve ora sob a chancela do poder laico, ora do papado”.

Dissuadiram-no, porém, os conselhos de parentes e amigos, sobretudo os de Frei Raimundo da Ordem dos pregadores, que noutros tempos havia compilado as Decretais do Senhor Papa Gregório IX. Eles conseguiram com que regressasse à sua cidade de Maiorca (LLULL, 2004, II, § 10, p. 61).

Para Bellver (2022), tal atitude em querer que Llull permanecesse em Maiorca, dava-se por dois motivos. O primeiro era justamente pelo fato de ser um lugar mais apropriado para as necessidades missionárias mediterrânicas, já que uma parte da população era muçulmana. E, o segundo motivo seria para continuar cumprindo suas responsabilidades e atender as necessidades de sua família.

O objetivo de escrever livros para os muçulmanos, estava entre um dos objetivos traçados por Ramon Llull. A expansão muçulmana e a riqueza intelectual, espalhou conhecimentos oriundos de traduções ou produções realizadas pelos árabes por toda a Europa. E pensando nisso, Llull queria conhecer mais dessa cultura, mas reconheceu que deveria buscar mais conhecimento, sobretudo na cultura árabe. Assim, não hesitou em comprar um escravo mouro para que pudesse o ensinar a língua árabe, assim como a cultura que envolvia os muçulmanos.

De regresso à cidade, abandonou as roupas elegantes que usava até então. Vestiu um hábito dos mais simples, talhado no burel mais grosseiro que pôde encontrar. E foi com esta farpela e na sua própria cidade que se entregou ao estudo de um pouco de gramática. Também comprou aí um sarraceno e com ele aprendeu árabe (LLULL, 2004, II, § 11, p. 62).

Como os muçulmanos entenderiam os livros escritos por Llull? Foi com essa preocupação que Llull decidiu aprender a língua dos muçulmanos. Sabe-se que encontrar um professor de árabe para ensiná-lo, certamente não seria fácil, já que o maior objetivo

de Llull seria converter os muçulmanos, logo comprou²⁴ um mouro para tal tarefa. “A arabização foi uma constante nas terras dominadas pelos islâmicos: na Espanha do século IX, o árabe já superava o latim, mesmo na leitura de textos religiosos dos concílios” (MOTA, 2014, p. 28). A importância da língua árabe, fez-se presente nos anseios e objetivos de Llull, pois foi um idioma presente na Península Ibérica, espaço em que o maiorquino, viu de perto a cultura árabe. Mas do que isso, no século XIII o Islamismo era uma notada potência.

No artigo intitulado *The Profile and Possible Origin of Ramon Llull's Muslim Slave*, o autor José Bellver (2022) ressalta que pouca atenção foi dada referente a menção do escravizado comprado por Ramon Llull. Foi uma breve passagem de sua obra, que pouco foi debatida aqui. É interessante pensar que se esse escravo muçulmano foi “professor” de árabe, de Llull. Ele tinha um vasto conhecimento da cultura árabe? Era um escravizado que dominava filosofia e teologia? São alguns dos questionamentos que Bellver levantou nesse texto. Além de destacar, a lógica da tradição de professor-discípulo da Idade Média baseado na autoridade, nesse caso envolvia Llull e um escravizado, em que este tornou-se seu “professor”.

No entanto, sem saber como nem de maneira poderia escrever um tal livro, muito espantou. E quanto mais se espantava, mais se espantava, mais crescia nele o desejo, o ditame de escrever o livro predito. Não obstante- dizia para consigo-mesmo se o Senhor Deus lhe desse a graça de, com o tempo, escrever esse livro, sozinho pouco poderia **fazer, ou mesmo nada, por ignorar totalmente a língua árabe, falada pelos Sarracenos** (LLULL, 2004, I, § 6-7, p. 58-59, **grifos nossos**).

Nessa passagem, Llull afirma que por ter ignorado totalmente a língua árabe, seria difícil escrever o livro e destaca que “sozinho pouco poderia fazer”. Fica evidente que Llull já tinha um plano de aprender o árabe e estudar para obter conhecimento de forma geral. E conhecer o árabe seria uma estratégia em alcançar os sarracenos e se aproximar da cultura árabe, pois apresentar os princípios cristãos na língua árabe foi um objetivo traçado pelo maiorquino. Por isso, não se pode negligenciar esse mouro que se tornou o “professor” de Llull, e que o ensinou a língua árabe, já que o maiorquino queria converter

²⁴ “En cuanto al hecho, quizás sorprendente para el lector moderno, de «comprar» un profesor de árabe, debemos decir que había en Mallorca entonces un comercio de esclavos, primero nativos, y a partir de 1263 (unos dos años antes que Llull comprase el suyo) importados, de tal manera que lo que hizo no era en absoluto anormal. Sí era algo anormal, en cambio, que Llull recurriese a una solución como ésa en lugar de acudir a un profesor de árabe dominico, pues a buen seguro que los había en tierras de la Corona de Aragón” (BADIA; BONNER, 1992, p. 16).

a elite muçulmana para assim influenciar os demais sarracenos e poder iniciar um diálogo em árabe, dominando a língua, teologia e a filosofia árabe (BELLVER, 2022).

Llull recorda na *Vida Coetânea*, a influência na formação de suas opiniões pelo escravo mouro que o acompanhou por alguns anos. Como já mencionado anteriormente, pouca atenção foi dada para esse fato tão relevante que demonstra uma suposta aproximação de Llull com a cultura árabe um pouco mais de perto. O maiorquino não detalhou esse processo de aprendizagem da língua árabe, e pouco mencionou as fontes estudadas ou o que de fato aprendeu com o mouro. Como reflete Bellver (2022), a *Vida coetânea* foi um texto produzido para reforçar o pedido de Llull diante do concílio de Viena.

Celia López Alcalde (2013), no artigo intitulado *La literatura proverbial de Ramon Llull*, destaca que o contato com outras culturas, fomentou o renascimento cultural e o progresso científico no século XII em Toledo e sul da Itália, abrindo espaço para novos debates a partir das traduções das obras de Aristóteles. A autora enfatiza a importância dos árabes na tradução e transmissão de diversos saberes na Península Ibérica.

As obras de Aristóteles foram traduzidas do árabe para o latim, o que mostra a importância dos árabes no mundo medieval, sobretudo no século XIII, com crescente de obras científicas e filosóficas sob a influência dos árabes²⁵. Llull teve a ousadia de desafiar o mundo muçulmano, dessa vez, não com as armas físicas, mas a ferramenta seria a educação. O maiorquino era consciente de que os muçulmanos não eram facilmente convencidos e buscou preparação para estar ao nível da cultura árabe. Destaca-se a relação profunda e constante estabelecida entre Llull e o mundo muçulmano.

Os árabes²⁶ contribuíram para a cultura da Península Ibérica com a pesquisa, com os diversos estudos e as traduções. Por volta do século XIII, outros grandes nomes também se destacaram por serem missionários e pela dedicação ao estudo da língua árabe como de Fr. Lorenzo da Orte, legado apostólico da Síria (1246), e o de Fr. Gia-Olle de Parma, que se dedicaram a evangelização do Islã (PALOU, 1981, p. 14). Para essa

²⁵ “Se, no século XIII, as obras de Aristóteles têm um papel central nos meios universitários ocidentais, é preciso não esquecer que elas circulam sempre acompanhadas de seus comentaristas árabes traduzidos em latim. Aristóteles é, então, recebido e compreendido no ocidente através do prisma de sua leitura árabe” (BASCHET, 2006, p. 85).

²⁶ Não se dispõe hoje de nenhum original árabe. Mas a tradição árabe é importante porque há um pano de fundo árabe presente nas estruturas de alguns de seus livros. E há obras - como o *Libre de Contemplació* e a *Disputatio Raymundi christiani et Homer saraceni* - que dizem expressamente terem sido primeiramente escritas em árabe e depois traduzidas (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1998, p. 01).

empreitada de conversão dos muçulmanos, era necessário o contato direto com eles, ou seja, a comunicação nesse processo era indispensável, por isso, a necessidade de criar espaços para o ensino da língua árabe, “como “studia linguarum” em Mallorca (1237), Túnez (1245), Murcia (1266), Barcelona (1280) y Játiva (1291)” (PALOU, 1981, p. 15), para preparar os futuros missionários entre os muçulmanos:

José Bellver (2022) chama a atenção para algumas considerações relevantes acerca do episódio que envolve Llull e o seu escravo mouro. No diz respeito a própria realidade da escravidão em Maiorca, que foi um espaço de grande recepção de escravizados. Ao que tudo indica, não era comum a relação de um escravizado com seu como aconteceu com Llull e o sarraceno, mesmo que depois de nove anos tenha acontecido um episódio em que o mouro blasfemou contra o Cristo que o maiorquino tanto defendia.

Nove anos depois, aconteceu que o sarraceno, um dia, na ausência de Raimundo, blasfemou o nome de Cristo. Ao regressar a casa, tomou conhecimento da blasfêmia por aqueles que tinham ouvido. Movido por grande zelo pela fé, Raimundo bateu-lhe na boca, na frente e no rosto do sarraceno. O sarraceno cheio de rancor, começou logo a imaginar uma maneira de matar seu senhor. As escondidas, arranjou uma espada e vendo, um dia, Raimundo sentado sozinho, arremessou-se de repente sobre ele, atacando-o com a espada e gritando, num rugido terrível: Estás morto! (LLULL, 2004, II, § 11, p. 62).

Pode-se inferir que a partir desta passagem, que Llull dedicou alguns anos para aprender a língua árabe, mas neste episódio relata que o mouro, o qual ensinava Llull, blasfemou contra Cristo, o que deixou o maiorquino irritado ao ponto de tentar tirar a vida do mouro, o que chama também a atenção nesse episódio é que o filósofo agiu com violência física contra aquele que discordou da sua fé. Assim, questiona-se: pode ter ocorrido outros momentos em que Llull foi além das palavras e utilizou de força física contra os outros de fé diferente da sua? A partir desse relato, observa-se que o filósofo não tolerava críticas ao Cristianismo, pois na sua concepção a respeito dessa religião ela era uma “verdade absoluta”.

O maiorquino acreditava que tinha recebido uma missão divina, e por isso quis se preparar, aprender outras línguas e provar que a sua fé era a verdadeira. Ciente de que deveria cumprir um propósito divino, Llull quis aprender outra língua para conhecer as religiões e poder mostrar para os não-cristãos, a “verdadeira fé”, por isso, estudou sobre outras religiões para descobrir a melhor forma de convencer o outro por meio do uso da razão e apresentação de toda a doutrina cristã” (ZWEMER, 1952, p. 12). Ramon Llull

não matou o escravizado, pois não seria coerente “[...] matar quem lhe havia ensinado árabe, a língua que tanto tinha desejado conhecer. Mas também temia libertá-lo ou mantê-lo mais tempo ao seu serviço [...]” (LLULL, 2004, II, § 12, p. 62). Apesar de desejar tirar a vida do mouro, após orar por três dias e deixar o mouro preso em uma cela, ao encontrá-lo já estava morto. Mais uma vez, Llull reforça a importância da aprendizagem da língua mourisca. Para o filósofo, esta era uma condição imperativa para a comunicação e compreensão do outro. Dentro desta perspectiva, para se comunicar com o outro é indispensável conhecer a língua, pois para o fortalecimento do Cristianismo é fundamental uma comunicação que seja comum a ambos.

Após ser ferido pelo mouro com um golpe em uma região próxima ao estômago, Llull relata na *Vida coetânea*, que se direcionou a uma abadia próxima e pediu ajuda ao Senhor por três dias sobre o que fazer com seu escravizado. Após esse período, sentiu-se desapontado pelo Senhor, e foi até a prisão ver seu escravizado que já se encontrava morto, o que significou para o maiorquino um grande livramento divino, pois não tirou a vida dele com suas próprias mãos (LLULL, 2004, II, §13, p. 64).

A formação de Llull foi baseada, provavelmente na Bíblia²⁷, o livro que ele considerava como o mais importante. Foi um autodidata, e aprofundou-se na filosofia oriental árabe e judaica. Apesar de em suas obras não citar as fontes e os autores²⁸ que costumava ler. Ventorim (2008, p. 45) destaca algumas influências na formação e educação de Llull que “estão na *Bíblia*, o *Alcorão*, o *Talmude*, *Calila e Dimna*, e textos de mística árabe; Platão (428/427-347 a.C.), Aristóteles (384/383-322 a.C.), Anselmo de Cantuária (1033/1034-1109) 120 e São Boaventura (1221-1274) ”.

E mais uma vez, Llull relata uma visão que teve vindo do céu, após ficar por volta de oito dias em estado de contemplação, no monte Randa, local próximo onde ele morava,

²⁷ “En sus primeras obras encontramos referências a la Biblia, al Corán, a los Sufies, al Talmud, a Platón, a Aristóteles (del que recomienda a su hijo, en la Doctrina pueril, diez obras concretas), a Algazel, quizás a Anselmo de Canterbury y a Ricardo de San Víctor, a un misterioso «Libro arábigo del gentil», y a tres de las principales autoridades de la medicina medieval: Avicena, Mateo Platearlo y Constantino el Africano. E l Libro de las bestias toma material del Calila e Dimna, y parece que una parte de la Lógica de Algazel detiva” (ZWEMER, 1952, p. 12).

²⁸ “Mas o lulismo seguiria o seu caminho com uma lógica inexorável. O primeiro passo fora a criação de um sistema *endoreferencial*, que excluía citações de autoridades anteriores. A *auctoritas* deste sistema residia numa Arte recebida de Deus, em redor da qual o autor (imediato) praticava uma espécie de intertextualidade interior. O segundo passo consistiu na formação de comunidades textuais que se dedicassem ao estudo e à propagação deste conjunto de obras, que quando não excluía totalmente os textos consagrados, os utilizavam paralelamente com os lulianos. O terceiro passo foi o exílio, realizado pelo *establishment*, destas comunidades suspeitosamente independentes e dificilmente controláveis” (BONNER, 1996, p. 472).

o que é possível que naquele lugar se sentisse mais próximo de Deus. A ilustração divina direcionou como deveria escrever o livro voltado para os erros dos ditos “infiéis”:

Subiu depois a uma montanha, não distante de sua casa, a fim de ficar mais tranquilo para aí contemplar Deus. Ainda não tinham passado oito dias quando ali, absorto na contemplação dos céus, o senhor iluminou subitamente o seu espírito e mostrou-lhe a forma e o modo de compor o dito livro contra os erros dos infiéis.

Imensamente reconhecido pelo Altíssimo, Raimundo desceu da montanha e regressou imediatamente a citada abadia para escrever o livro, que intitulou primeiro *Arte Maior*, e logo depois *Arte Geral*. Mais tarde, como veremos desenvolveu esta Arte em muitos livros, nos quais expôs os princípios gerais, até aos mais particulares, adaptando-se ao entendimento da gente simples, servindo-se, para o efeito, da experiência já adquirida (LLULL, 2004, III, § 14, p. 65).

A própria vida de Ramon Llull serviu como exemplo; ele mesmo utilizou a pregação e testemunhou o martírio. Seus livros relatam suas dores, experiências, e como ele desejava que o Cristianismo fosse aceito. “A teoria de conhecimento de Lúlio se apoia nesta abertura do mundo (real). A noção luliana de verdade é clássica e tradicional: nossas ideias são verdadeiras, quando se conformam, quando se ajustam à realidade” (JAULENT, 2001, p. 19). Assim, após descer da montanha, direcionou-se a um mosteiro para esboçar o seu livro, escrever as suas ideias, e elaborar a sua Arte para propagar a verdade da “santa fé católica”, “Quando terminou o seu livro, na referida abadia, regressou à montanha já indicada e mandou construir um eremitério no próprio lugar em que se apoiavam os seus pés no momento em que o senhor lhe mostrou que forma dar à sua Arte” (LLULL, 2004, III, § 14, p. 65).

Para Jaulent (2001, p. 17), a Arte luliana é um sistema argumentativo que se baseia em relações consideradas necessárias que se dão nos princípios que constituem a realidade, que, para Llull, “são os mesmos - embora em combinações e intensidades diferentes-para tudo o que existe, desde Deus, suprema Realidade, até a realidade mais ínfima”, e obedecem a leis e razões fundamentais que embasam um modo de argumentar que se firma na realidade da forma como ela é, e não nas “consistências mentais que a realidade imaginada possa oferecer”.

Para o autor Josep Simon (2004), o projeto epistemológico de Llull era substituir a ciência aristotélico-averroísta por uma ciência que ele considerava como completa, logo seria a sua Arte. Na perspectiva luliana a ciência aristotélico-averroístas não corresponde à *recta intentio*, já que a orientação das ações humanas não poderia negligenciar o conhecimento de Deus.

Depois desses acontecimentos, Llull foi convidado por Jaime II para ir a Montpellier para mostrar seus primeiros escritos, e pediu que um frei menor examinasse suas obras. No artigo intitulado *A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua Arte*, Costa (2006, p. 2) reflete sobre a História da filosofia, enfatizando que muitos filósofos foram influenciados por um projeto de criação de uma ciência universal. Nesse aspecto, destaca que Ramon Llull elaborou uma primeira tentativa filosófica dessa sistematização combinatória, a sua *Arte*. “A primeira sensação que o leitor moderno tem quando se interessa pela filosofia de Ramon Llull e ingressa em seu mundo de figuras, círculos giratórios, tabelas, cores e combinações é perplexidade”:

Depois disto, o rei de Maiorca, ao ouvir que Raimundo tinha composto alguns bons livros, mandou-o vir a Montpellier onde na altura se encontrava. Quando Raimundo ali chegou, o Rei fez examinar as suas obras por um Frade Menor, e em especial umas Meditações que compusera devotamente para todos os dias do ano, atribuindo trinta parágrafos especiais para cada um dos dias. Não sem admiração, o frade verificou que estas meditações se encontravam cheias de ensinamentos e de devoção católica. A partir da *Arte* que lhe tinha sido dada na montanha, durante a sua estada em Montpellier, Raimundo escreveu um outro livro intitulado *Arte Demonstrativa*, tendo-o lido em público (LLULL, 2004, III, § 16, p. 66-67).

A proposta de Llull em criar um novo método lógico mostra que ele não estava satisfeito com os argumentos que eram utilizados na sua época. Por isso, assim que escreveu os seus livros, apresentou a Jaime II para que a sua *Arte* fosse lida e aprovada. Diante disso, o rei apresentou a *Arte* para um frei menor, com objetivo de que fosse aprovada. O filósofo também pediu ao rei que fosse edificado um monastério no reino de Maiorca, para os frades aprendessem a língua mourisca para assim levar a mensagem cristã aos muçulmanos. Por que Llull considerava a sua *Arte* tão fundamental? Porque ele queria que todos os homens conhecessem a finalidade pela qual nasceram, e descobrissem a necessidade de aprender e desejo constante de conhecer (COSTA, 2006, p. 6).

Os autores Badia e Bonner (1992, p. 68) chamam a atenção para a complexidade do pensamento luliano, e sobretudo, para produção de sua *Arte*. Llull escreveu sobre os mais diversos temas entre eles provérbios, sermões, narrativas, críticas sociais e tratados sobre política, ciência, medicina, retórica, lógica, filosofia, teologia, direito, etc. Manteve o seu foco e energias em prol da sua missão, a conversão e divulgação da fé católica para todos os não-cristãos e cristãos. E, sobretudo, escreveu com um único objetivo, fundamentar o seu projeto apologético que aqui denominou-se de projeto político imperialista de conversão. Os autores também chamam atenção para duas características

que fundamentam as abordagens no trabalho missionário de Llull. A primeira, é não basear os seus argumentos em citações de autoridades, e a segunda não refutar as crenças dos não-cristãos. Mas provar que a Trindade e reencarnação eram verdadeiros, visto que são dogmas que os muçulmanos e judeus não concordavam,

No ano de 1272, Llull escreve em árabe e depois em catalão, o *Llibre de contemplació*, considerado uma enciclopédia de conhecimentos naturais e sobre teologia. E também uma obra que apresenta o pensamento original de Llull. Essa obra chegou a ser comparada a *Summa canônica de Penhoforte* e a *Suma teológica de Aquino* (JAULENT, 2013, p. 54).

O tempo não chegou, e cansado de buscar auxílio para os seus projetos, decidiu viajar e pregar em outras localidades. Assim, faz-se necessário entender como as viagens realizadas por Llull tornam-no um viajante global, e como isso ajuda a fortalecer seus ideais cristãos. Pode-se considerá-lo como um navegante hábil, que enfrentou “em nome de Deus” os desafios de seu tempo, para provar sua paixão pela missão em converter os “ditos infiéis”, apesar de que seu objetivo ia além da “[...] conversão dos infiéis (embora esta continuasse ocupando o centro de sua missão vital); incluíam também a pregação *ad intra*, a reforma da Cristandade” (BONNER, 1996, p. 469).

O filósofo maiorquino por meio da racionalidade e demonstrabilidade em provar a veracidade do Cristianismo, forjou o seu método filosófico. Pode-se afirmar que, tornar as explicações sobre o que é ser um cristão, em linguagem inacessível, para Llull, não era o método mais usual, apesar de algumas de suas obras não serem tão compreendidas atualmente, configura também a complexidade de alguns temas. Mas de forma geral, a sua preocupação estava em dialogar com aqueles que pensavam “diferente”, no intuito de vencê-los com os seus argumentos de que a fé cristã era infalível.

O maiorquino não era um clérigo de ofício. Como destacam Badia e Bonner (1992, p. 198), os sermões lulianos e os tratados de pregações, pertencem historicamente à era do sermão escolástico. Assim, Llull recebeu alguns treinamentos na matéria de teologia, pastoral e também lógica e retórica, o que o capacitou para enfrentar o público na Universidade e no cotidiano diante da diversidade cultural as quais ele se deparava.

2.3 Ramon Llull um viajante global por um mundo cristão: espaços de circulações de ideais

Ramon Llull teve várias facetas, dentre elas a de um viajante. Esteve em várias localidades com a intenção de também levar a mensagem da fé cristã e conseguir apoio para que isso se concretizasse. Isso remete a se pensar nas mais variadas passagens bíblicas que dão destaque à nomes importantes de homens que também se dedicaram a propagação do Cristianismo. Llull cita os apóstolos como fervorosos na busca por novas conversões. Talvez, devido à Cristandade correr um imenso perigo de perder o domínio religioso, pois o número de cristãos já não era o maior como em outro contexto. Assim, era necessária uma organização urgente para uma evangelização em grande escala. A expansão do Islamismo é uma preocupação constante nos escritos lulianos.

Essa indignação de Llull, dá-se devido à expansão do Islamismo, e o crescimento dessa religião. O maiorquino queria contribuir no enfrentamento contra as demais crenças. E, mostrar que o Cristianismo era a religião “verdadeira” tornou-se quase que uma obsessão. Ele não se conformava como era tão pouco o número de cristãos comprometidos com o evangelho. Por isso, lamentava que não existisse mais homens como os apóstolos presentes na Bíblia que deram até mesmo a sua própria vida para que uma “alma” não fosse perdida; o filósofo sentia falta do engajamento dos fiéis no projeto de expansão do Cristianismo que, para ele, estava em meio a ameaças.

A Idade Média foi uma época de viagens, de descobertas. Como afirma Umberto Eco (2010), a Literatura Medieval está repleta de passagens que relatam viagens fascinantes, além disso também marcadas pelas peregrinações a Jerusalém, Santiago de Compostela e outros lugares que eram considerados dignos para tais finalidades, de receber tamanha louvação. O maiorquino viajava de um lugar para o outro para pregar onde lhe surgisse uma oportunidade. Seu compromisso em evangelizar era com os “hereges”: judeus, cristãos e muçulmanos, ele escreveu para todos.

Para Jaulent (2013), alguns autores destacam que, até 1282, Llull já teria visitado Roma, Alemanha, Norte da Europa, Oriente, Egito, Magreb e Índia, porém não há documentações que comprovem essa afirmação. Ramon Llull registra em seus escritos a ardente e inegável paixão pelos ensinamentos cristãos, mas ao mesmo tempo não perde a perspicácia de estudar a vida a partir de outros ângulos. Talvez isso, tenha o tornando tão necessário, não apenas ao estudo Medieval, mas sobretudo sobre o seu aspecto global, em ter acesso a várias culturas e vivenciar outros espaços culturais, e também criar lugares para que o ensino fosse desenvolvido e “fossem promessas de ciência nas Universidades

nascentes (de Roma ou Oxford, Paris e Salamanca), começando por Miramar (por concessão papal, na pessoa de João XXI, e com o apoio de Jaime II) ” (NASCIMENTO, 2016, p. 16). Llull ansiava pelo apoio para financiar os estudos e suas viagens para formação de missionários, ou seja, pessoas que tivessem um desejo “ardente” em defender a fé cristã, ensinar e atrair novos membros para o Cristianismo.

Durante as viagens vivenciadas por Ramon Llull a diversas localidades, o maiorquino teve contato com várias personalidades como papas, príncipes, reis, e tentou convencê-los que seu projeto em criar escolas, era em grande potencial eficaz para ensinar a língua árabe, a fim de preparar os cristãos para a grande colheita dos não-cristãos (PALOU, 1981, p. 15).

Llull demonstra interesse pelas fronteiras culturais, e mostra o quanto estava disposto a enfrentar as autoridades terrenas para o cumprimento de sua missão. A aproximação de Llull as outras religiões em forma de diálogo, ia ao encontro “[...] de adversários sem perder a bonomia de estar com eles e de procurar aliados em serviço da verdade que já tinha consigo, imaginando que o processo de conversão era possível, mesmo que sempre inacabado” (NASCIMENTO, 2016, p. 16).

O autor Marty (2014, p. 119) é perspicaz em mostrar a dinâmica do Cristianismo, que buscava ser a maior a religião mesmo que, para isso, utilizasse de uma “fé agressiva”. Nesse sentido, a Igreja Ocidental buscava conquistar à distância, o que não estava conseguindo em casa, ou seja, era uma batalha em prol de captar as “almas” dos muçulmanos. Assim, muitos católicos foram a territórios da Ásia Central, local que estava sob o domínio dos mongóis e em que os governadores eram aliados contra o Islã.

Um dos pontos fulcrais de investigação do filósofo luliano, é seu desejo de conversão e compreensão dos não cristãos. Llull circulou por vários lugares, conhecendo, observando e aprendendo, criticou o cisma oriental e as religiões que não criam na santíssima Trindade (GAYÀ ESTELRICH, 1997, p. 25).

Guilherme Souza (2020), no artigo intitulado “*Andando casi por toda la tierra*”? *As viagens de Ramon Llull no imaginário moderno: entre mito e história*, destaca a viagem de Ramon Llull pelo Mediterrâneo (1301-1302) é de fato muito estudada pelos historiadores e pesquisadores de Llull, assim como sua visita a ilha de Chipre e a Armênia Menor, em que escreveu um de seus livros²⁹.

²⁹ O livro escrito por Llull foi “*Liber quid debet homo de Deo credere*”.

Mas as biografias lulianas modernas foram além e apontaram a presença dele no Egito, na Terra Santa, mais exatamente em Jerusalém, além da Síria, Geórgia, Grécia, **“tierras del Emperador de Constantinopla”**, Turquia e Arábia. Em relação à passagem de Llull por Jerusalém, já salientamos que a questão permanece sem uma resposta definitiva, apesar de muitos especialistas acreditarem nesse acontecimento (SOUZA, 2020, p. 68, **grifos do autor**).

Um aspecto importante é que Llull permanecia por longos períodos em algumas de suas viagens, e as vezes a sua estadia era passageira. O objetivo de suas viagens ia além de conhecer outras localidades, mas conhecer o outro, a cultura, e anunciar as “verdades” do Cristianismo, falar com papas, príncipes, reis, na busca por apoio aos seus projetos políticos-pedagógicos “como a fundação de escolas para ensinar o árabe e outras línguas orientais aos missionários cristãos” (SOUZA, 2020, p. 61). Foi considerado, por muitos, como um viajante do Mediterrâneo. Na imagem a seguir (figura 3) pode-se observar algumas viagens realizadas pelo maiorquino em seu processo de formação, de evangelização e busca por seus objetivos como as construções de escolas e divulgação de sua Arte. Llull não ficou apenas em Maiorca, sua cidade natal, mas escolheu outros itinerários em busca de formação e evangelização de outros povos. Neste mapa percebe-se que o maiorquino passou um período em Maiorca, mas maior parte de sua vida esteve em outras localidades, como Paris, Roma, Gênova, Barcelona, dentre outros lugares, que forjaram a personalidade de Llull e ao mesmo tempo buscou realizar seus projetos:

Figura 3: Viagens de formação-político-missionárias de Ramon Llull



Fonte: Antoni Ginard e Joan Bauzá / Gráfico: Esther Utrilla. Imagem retirada do artigo de Guilherme Queiroz de Souza (2020).

Disponível em: <https://www.dialogosmediterraneos.com.br/RevistaDM/article/view/402/pdf>

Ramon Llull foi um escritor e viajante. Deixou registros importantes de suas viagens, um verdadeiro manual de navegação. E outro ponto importante, não escreveu apenas em latim, mas se preocupou em escrever na língua catalã de Maiorca. Preocupou-se em influenciar a sociedade maiorquina, e por onde passou levando suas ideias.

A divulgação da teologia por meio de versos, dos poemas, dos provérbios, é uma tentativa de “facilitar” a compreensão para os leigos. Levar “as minorias” a mensagem cristã que por muito tempo ficou restringida aos “detentores do poder”, já que “[...] entre os analfabetos, que constituíam a maioria dos fiéis entre os séculos VIII e XIII, alguns tiveram uma concepção de Deus e mantiveram uma relação com o divino que merece bem o nome de espiritualidade” (VAUCHEZ, 1995, p. 9).

Ainda sobre as viagens relatadas na *Vida Coetànea*, elas não são consideradas as únicas, já que ele ditou a sua autobiografia, não constando algumas outras experiências de outras viagens. Para Souza (2020), a atuação de Llull não se limita ao que está em sua autobiografia, mas outras possíveis viagens são constatadas em outros documentos que foram assinados pelo próprio filósofo:

De toda forma, outras de suas pegadas são identificadas após 1292, quando ele passou a assinar os textos que produzia, com a indicação da data e do local de redação. Nessas obras, encontramos referências, por exemplo, a périplos pela Armênia Menor e Rodes, que tem um “bom porto, como eu vi” (*bonus portus, sicut uidi*). Sua passagem por Jerusalém permanece um mistério, embora muitos especialistas confirmem sua veracidade, com base numa referência a um “altar” que está acima de todos os outros (SOUZA, 2020, p. 59, grifos do autor).

Conforme Tusquets (1954, p. 15), Llull por ser um grande viajante teve contato com diversas culturas, o que permitiu aprender muito, além de entender o árabe vulgar, diferente do árabe literário, em que estavam escritos os livros místicos dos muçulmanos. O maiorquino não teve total domínio da literatura dos muçulmanos, até mesmo por questões de tempo, ou seja, aquilo que Llull aprendia era por meio das viagens e conversas. Criando um ambiente favorável à intelectualidade, o que favoreceu um intercâmbio de ideias através das fronteiras. Com efeito, uma das preocupações foi conhecer o desconhecido.

Llull foi um homem do debate, da reflexão, mas também quis colocar em ação seus objetivos. Ele cruzou fronteiras, barreiras geográficas, no propósito de cumprir a vontade do “Criador”. A extensão do Cristianismo, idealizada por Ramon Llull, contou com o desejo ardente de construir colégios missionários, a fim de preparar e capacitar aqueles que desejavam dedicar a sua vida para aprender mais e, sobretudo, levar os muçulmanos a conversão, pois não se podia perder isso de vista (PALOU, 1981, p. 10). Llull tinha que provar a sua capacidade para conseguir tais objetivos, já que ele não era “[...] monge nem membro de comunidade regular e, como tal, não teve apoio institucional que lhe desse conforto de sentir outros a seu lado; contudo, tem a consistência de uma personalidade inteligente e vibrante” (NASCIMENTO, 2016, p. 40). Nota-se que Llull não se limitou às circunstâncias desfavoráveis que os rodeava, foi em busca de influência em autoridades para dar cabo ao seu projeto de expansão do Cristianismo. Como um missionário disposto a propagar sua fé, desejou ir à África mesmo em contexto difícil, colocando até mesmo sua vida em risco.

Diante desse ponto, há um diálogo pertinente com a História Global, a partir do destaque que pode ser feito com as conexões e interações entre os diversos povos, que influenciaram a construção do pensamento luliano, e dentre eles foram os árabes, genoveses, judeus e outras, o que pode ser compreendido alinhado à trajetória pessoal da vida de Llull. Trata-se de desencontros e encontros, frente a diversidade cultural que habitava no Mediterrâneo, e para além, das trocas de ideias, comerciais, culturais,

ideológicas, são os diferentes encontros em um ambiente propício para disputas e também alianças. O filósofo transitava por Paris e Roma, e destacou isso em sua obra *Vida Coetânea (1311)*.

Llull recebeu a autorização em 1288, pelo chanceler da Universidade, Bertaut de Saint-Denis, para ensinar sua *Arte* na Universidade de Paris. Mas suas ideias não foram tão bem aceitas, fazendo que a sua estadia fosse rápida naquela cidade, mas o suficiente para ter contato com outras filosofias como o averroísmo latino, que deixa Llull profundamente sensibilizado a querer provar a verdade única e de encontro a qualquer tipo de “heresia”. Esta experiência à docência em Paris foi um momento de grande frustração para o maiorquino, mas muito relevante para Llull repensar sua forma de debate e abordagem aos temas que tentava de discursar. É nesse sentido, que os autores Badia e Bonner (1992), classificam essa experiência importante para a mudança da abordagem da escrita luliana para que suas obras fossem mais enciclopédicas e populares para difusão de sua ideologia. Llull parte de Paris, mas deixa em registro uma mensagem ao rei, Felipe o Belo, e outra mensagem escrita para a Universidade de Paris, no intuito de solicitar que fossem abertas escolas que ensinassem o árabe, grego e tártaro (JAULENT, 2013).

Se há um projeto político de conversão em prol da manutenção e crescimento do Cristianismo, outras religiões avançavam, logo isso preocupava Llull. Costuma-se destacar os avanços por questões e disputas comerciais. Mas é possível notar, a disputa além de territórios, por quem também denominariam, ou seja, entender essa disputa por qual religião era considerada verdadeira, vai além de uma defesa ou apologia pessoal, trata-se de um projeto muito maior [...] é uma filosofia *de conversão*, calcada na diferença, de espírito atuante, vibrante, disposta a dialogar para converter, com argumentos “racionais (em suas palavras, “necessários”) (COSTA, 2017, p. 118, grifos do autor). O entusiasmo apologético de Llull mantém-se vivo e com tão fervor em suas viagens descritas em suas obras.

A notícia da chegada de Raimundo à cidade e a sua determinação em partir para junto dos Sarracenos com o intuito de os converter, se possível, à fé de Cristo espalhou-se rapidamente entre os genoveses. O povo ficou muito edificado. Esperavam que Deus se servisse de Raimundo para fazer muito bem junto dos Sarracenos. Os genoveses tinham ouvido contar que após a sua conversão à vida de Penitente Raimundo recebera miraculosamente, numa montanha, uma ciência sagrada capaz de converter os infiéis (LLULL, 2004, IV, § 20, p. 72-73)

Llull estava convencido de que era necessário estar disposto a abrir mão de tudo pelo próximo. Era preciso ter empenho pela conversão daqueles que estavam segundo Llull no erro. Por isso, a prática missionária era algo que deveria ser encarado com seriedade e preparo. Nesse sentido, ele demonstra essa preocupação quando quer abrir escolas, conhecer a cultura do outro, a crença e se preparar. Sem dúvida, o que está escrito na Bíblia sobre o ir e pregar o evangelho a toda criatura, isso serviu como a bússola do projeto apologético-missionário de Llull.

As viagens percorridas por Ramon Llull demonstram as conexões globais, ou seja, as interconexões com outras culturas, com diferentes religiões e etnias, que foram intensas, e para além da Península Ibérica:

[...] é um marco no processo de apropriação cristã dos conhecimentos produzidos/traduzidos pelos muçulmanos na língua árabe. Esta cidade havia sido cenário de grande expressão intelectual islâmica e passou a oferecer aos religiosos cristãos acesso a livros até então desconhecidos. Aristóteles, Euclides e Ptolomeu tornaram-se disponíveis nas estantes cristãs a partir de suas traduções árabes. Ademais, a presença de grande comunidade arabizada em Toledo estimulava a viagem de cristãos oriundos de diversas partes da Europa a Toledo, com o fito de usufruir de suas ricas bibliotecas através do auxílio de moçárabes e judeus na leitura e tradução deste rico acervo (MOTA, 2014, p. 31).

Conforme Costa (2018), Llull não se preocupou apenas com a conversão dos muçulmanos e judeus, mas também com manutenção da Cristandade. A ilha de Maiorca foi um lugar de um enorme intercâmbio mercantil do Norte da África e Europa.

Os autores Badia e Bonner (1992, p. 28) destacam algo fundamental sobre a preparação de Llull a sua primeira viagem à África. Ele se preparou, não só em termos de estudos, mas traduziu em Gênova uma de suas obras intitulada “*Ars inventiva veritatis*” para o árabe. E depois vai a Roma, solicitar ao Papa Nicolau IV, autorização para fundação de mosteiros para o ensino das línguas estrangeiras. Como destaca Jaulent (2013), Llull acreditava que o Papa seria favorável e autorizasse a construção de novos mosteiros, visto que a Cristandade já tinha perdido tantos territórios na Palestina.

O primeiro contato que Llull teve com os intelectuais de Paris foi uma experiência desagradável, visto que sua *Arte* não foi compreendida. Sofreu diversas críticas, o que o deixou abatido, Llull visita Felipe, o rei da França em 1285, para apresentar sua proposta de construir mosteiros, centros de aprendizagens da língua árabe para preparar os missionários. Apesar de receber duras críticas, Llull conseguiu em Montpellier autorização para ensinar sua *Arte* em alguns conventos franciscanos (BADIA; BONNER,

1992, p. 30). Para Tusquets (1954, p. 25), no final dos anos de 1290, Llull realizou várias tentativas de apresentar suas obras e encontrar alguém que compreendesse seu projeto.

Como destaca Hillgarth (1996), as viagens contínuas de Llull pelo Mediterrâneo há pelo menos um século antes de sua vida, seriam inviáveis. No entanto, ele aproveita esse tempo para colaborar com o expansionismo do Cristianismo. Mostra-se um homem confiante, e se depara com inúmeras problemáticas do seu tempo. Uma delas seria pensar distinto, diferente do pensamento oficial, contrariando reis, papas, apesar de que em alguns momentos eles pudessem se unir. Mas Llull mostra por meio de suas obras uma personalidade peculiar, bem como uma busca desfreada em mostrar suas ideias. Diferente de alguns pensadores de seu tempo, não teve sua formação em Paris, mas em Maiorca. A maior parte de seus textos foi escrita em latim. Vivenciou as suas experiências ao lado de uma cultura diversificada, e diante de uma movimentação constante de viajantes, o que deve ter colaborado para a visão de mundo que ele próprio idealizou.

Em passagem da *Vida Coetânea*, fica evidente que Llull já era conhecido em outras localidades. Ao que tudo indica, o seu testemunho serviu de exemplo e de inspiração. A sua viagem a Gênova, deixou muitos na expectativa do que poderia acontecer por intermédio de sua vida “[...] mas quando, em meio da alegria do povo, o Senhor visitou Raimundo, “como que ao romper do dia”, mandou-lhe “subitamente, para o pôr à prova”, uma tentação gravíssima (LLULL, 2004, IV, §20, p. 73). Mas, Llull sentiu profundo temor,

Por isso, temendo pela sua pele, como noutros tempos o apóstolo São Pedro na Paixão do Senhor e esquecendo o seu propósito anterior a vida por Cristo indo converter os infiéis, deixou-se ficar em Gênova, retido por um temor paralisante. Deus abandonava-o desse modo a si mesmo, porventura para o impedir de inutilmente presumir das suas próprias forças (LLULL, 2004, IV, §20, p. 73).

Llull entendia que o seu propósito era ser um servo de Cristo, logo morrer por ele seria uma forma de Glorificá-lo, e uma total devoção a Cristo, mesmo que derramasse lágrimas ou sangue da sua alma. Esse é um ponto importante de reflexão, o sofrimento. Sofrer em nome de Deus também é uma forma de demonstrar coragem e bravura pela sua fé. Isso se evidencia quando nos relatos bíblicos muitos cristãos morreram como mártires. Para Zwemer (1952, p. 102), o ideal de martírio tinha tomado posse da Igreja, o que ficou registrado em muitas literaturas populares, servindo de modelos e entusiasmo para outros. A filosofia idealizada pelo maiorquino se deu por meio da observação, leitura, contemplação, meditação e conversão.

No ano de 1293, Llull viajou para Túnis, lugar em que teve um encontro com alguns muçulmanos letrados. O filósofo foi categórico ao afirmar que provaria a superioridade do Cristianismo, em outras palavras desejava apresentar o modelo de um homem que alcançaria a salvação. Conforme retratou em a *Vida Coetânea*, o desejo de ir a Túnis foi maior do que a sua enfermidade. Muitos amigos de Llull não foram a favor dele realizar essa viagem, pois o maiorquino enfrentava sérios problemas de saúde. Mas depois de poucos dias, Llull entrou em uma barca e foi a Túnis contra a vontade de seus amigos. “Não muito tempo depois, apercebendo-se de novo de que um outro navio, a que os genoveses chamam vulgarmente uma barca, aparelhava para fazer a viagem até à dita cidade e reino dos sarracenos, Túnis, fez-se transportar seus livros e coisas necessárias [...]” (LLULL, 2004, VI, § 25, p. 78). Ao que tudo indica Llull não temia o perigo, e arriscou-se pregar nas terras dos sarracenos (BADIA; BONNER, 1992, p. 30). Sobre essa viagem, é importante como Llull a retrata, pois, segundo os seus relatos:

Não muito tempo depois, apercebendo-se de novo de que um outro navio, a que os genoveses chamam vulgarmente uma barca, aparelhava para fazer a viagem até à dita cidade e reino dos Sarracenos, Túnis, fez-se transportar com os seus livros e as coisas necessárias, contra a vontade os conselhos dos amigos. Mal os marinheiros saíram do porto e navegavam ao largo, Raimundo recuperou repentinamente a alegria no Senhor e sentiu-se reconfortado pela misericórdia do Espírito Santo. A sua consciência obnubilada recuperou a esperança que julgara perdida, ao mesmo tempo que o seu corpo doente reencontrou a saúde; de tal modo que em pouquíssimos dias, e para grande espanto de todos os que com ele iam embarcados, e dele próprio, sentiu o corpo e a mente num estado tão bom como nunca estivera em toda a sua vida. Deu graças a Deus por isso, como tal é devido. Pouco depois o navio entrava no porto de Túnis. Os passageiros desembarcaram em terra e entraram na cidade. Pouco a pouco Raimundo convocou os mais versados na Lei de Maomé. Dizia-lhes, entre outras coisas, que conhecia bem os argumentos da Lei dos Cristãos em todos os seus artigos e que viera na intenção de aprender em que argumentos se apoiava a Lei deles, isto é, a de Maomé. E que no caso de, após haverem trocado as suas ideias sobre estas questões, lhe parecesse que os argumentos deles eram mais validados do que os dos Cristãos, ele se converteria à seita deles (LLULL, 2004, VI, § 26, p. 78-80).

A passagem acima retirada da obra *Vida Coetânea* traz alguns pontos de observações interessantes para essa tese. Llull destaca que estudou profundamente sobre a sua fé cristã, e queria provar que os fundamentos do Cristianismo eram verdadeiros, e ressaltou que se não pudesse provar a veracidade do Cristianismo e se converteria ao Islamismo. As estratégias utilizadas pelo filósofo maiorquino estavam movidas em provar a “concordância e conveniência” na fé cristã.

O diálogo estabelecido entre Llull e os muçulmanos chegaram ao conhecimento das autoridades islâmicas, o que causou preocupação sobre a tentativa de Llull provar as verdades da fé cristã, que gerou diversas preocupações entre os sarracenos, pois se realmente Llull conseguisse comprovar as verdades do seu credo, a seita dos muçulmanos poderia ser exterminada e destruída. Assim, a princípio o rei quis dar uma sentença de morte ao maiorquino, mas como pensaram que quando um muçulmano também fosse pregar em território cristão poderiam ter a mesma sentença que Llull, desistiram e optaram apenas por expulsá-lo:

Parecia que Raimundo começava a iluminar o espírito dos infiéis sobre estes temas, quando o espírito dos infiéis sobre estes, quando alguém muito considerado pelos Sarracenos desvendou as palavras e a intenção dele. Suplicou, por isso, insistentemente ao rei, para que mandasse decapitar aquele homem que se esforçava por subverter os Sarracenos e temerariamente se excedia ao querer destruir a Lei de Maomé. As instâncias dessa famosa personagem e de muitas outras, no conselho, a vontade do rei inclinava-se já para a execução capital. (LLULL, 2004, VII, § 28, p. 82-83).

Os perigos registrados por Llull, não deixam de ser um alerta aos cristãos de que não há motivos para não pregar evangelho mesmo diante da ameaça de morte. Em diversas passagens, Llull deixou registrado os perigos de morte, em que quase perdeu sua própria vida por amor ao evangelho. Como na passagem acima, fica evidente que um rei muçulmano foi alertado para não tirar a vida de Llull, pois quando os muçulmanos fossem pregar para converter os cristãos ao Islamismo poderia acontecer o mesmo.

Com isso, percebe-se que existe uma profunda competição pela captação de “vidas” tanto por parte dos cristãos como dos muçulmanos. Assim, Llull mais uma vez “livrou-se” da morte, o que, para ele, pode ter sido uma permissão divina, pois ele considerava-se como um homem a serviço de Cristo e tudo que acontecesse consigo faria parte do plano divino.

Ramon Llull, em suas incansáveis viagens, mostrou que viver o perigo ou morrer em prol de uma causa maior que seria a conversão das almas, era muito válido. Por isso, arriscou-se e sofreu diversas ameaças, e tentativas de mortes. Mas, para ele, isso significava entregar a vida pelos outros e também cumprir a sua missão. Assim, continuou viajando na tentativa de encontrar apoio pela sua causa nobre. Desembarcou em Nápoles, e deu petição perante o Sacro-Colégio dos Cardeais. Por volta de 1295, Llull escreveu *Arbre de Ciència*, e após os fracassos de não ter conseguido recursos e apoio Llull escreve

também *Desconhort*, um poema lírico didático que traz um desabafo e decepção do maiorquino (JAULENT, 2013, p. 52).

Llull estava envolvido em uma cultura junto às várias religiões, por isso pretendia formar um homem que soubesse lidar com essa variedade, e respeitasse o espaço do outro, embora a sua tentativa fosse de convertê-los ao cristianismo. Ele tentou conciliar as práticas de uma vida terrena com o desejo das glórias do Paraíso; pretendia formar um homem temente a Deus e responsável com o outro.

Como podemos observar na imagem a seguir (figura 4), Llull aparece dialogando no meio de vários muçulmanos, mas o que chama a atenção é forma como ele foi recepcionado. Pode-se olhar que muitos homens estão segurando pedras, pedaços de madeira, dando empurrões, gritarias, o que indica uma reprovação por parte dos muçulmanos, que provavelmente não aceitaram suas ideias opiniões, expulsando-o daquele local.

Figura 4: Viagem missionária com disputas religiosas, tumultos e expulsão



Fonte: Fonte: Breviculum. Thomas <Migerii>: *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum*, c. 1321, Badische Landesbibliothek Karlsruhe, Cod. St. Peter perg. 92, f. 10r.

Disponível em: <https://digital.blb-karlsruhe.de/blbhs/content/pageview/105559>

Esteve Jaulent (2013, p. 57) diz que durante a estadia de Llull em Paris, nos anos de 1297 a 1299, houve diversos debates entre os pensadores católicos e os averroístas

árabes, gerando diversas polêmicas. Mas para o maiorquino a ciência não era “[...] o único modo de vencer os que estão errados, desejando convertê-los ‘por modo do amor’, escreve seu *Arbre de filosofia d’amor*, belíssimo tratado místico de alto valor literário”.

Ao retornar para Maiorca em 1299, Llull teve uma única preocupação e suplicou ao rei “[...] algumas utilidades da santa fé católica, e viu que não aproveitava nada, retornou a Maiorca. E estando aqui, trabalhava continuamente com disputas e sermões para converter à santa fé católica os mouros que aqui estavam” (LLULL, 1999, p. 28). Hillgarth (1996) afirma que muitos pensadores do século XIII estavam preocupados com a expansão do Islã e isso representava um desafio para os cristãos. Por isso, a evangelização era um método apostólico utilizado quase que de forma urgente, pregar e utilizar as ferramentas em prol do Cristianismo.

As sinagogas e as mesquitas foram espaços circulados por Llull, que recebeu do rei Jaime II autorização para pregar para judeus e muçulmanos. Em 1301, Llull embarcou para Chipre ao saber sobre a derrota que tártaros infligiram aos muçulmanos. Mas é importante destacar que ao chegar em Chipre descobriu que a notícia era falsa. Assim, Llull “[...] prega e disputa sobre a fé cristã com os sarracenos, jacobinos, nestorianos e gregos. Suplica ao rei de Chipre, Henrique II, que convoque oficialmente esses infiéis para uma controvérsia pública” (JAULENT, 2013, p. 165). Llull queria visitar o Sultão de Babilônia e reis da Síria e do Egito para falar sobre a fé católica. “Confiando então naquele que dá grande poder aos que anunciam evangelho, Raimundo começou corajosamente os seus sermões e as suas disputas, apenas com a ajuda de Deus” (LLULL, 2004, VII, § 34, p. 89-90). Ramon Llull acabou doente depois de realizar diversas pregações e foi ajudado por dois homens, um clérigo e um criado, que pretendiam na verdade envenenar Llull. Com isso, assim que o maiorquino percebeu se retirou daquele lugar, dirigindo-se a Famagusta:

Foi recebido alegremente Famagusta pelo Mestre do templo, que se encontrava na cidade de Limassol. Ficou com ele até recuperado da saúde. Depois foi para Gênova, por mar, onde publicou vários livros. Por fim, partiu para Paris, onde expôs sua Arte com sucesso e copilou vários livros (LLULL, 2004, VIII, § 34, p. 89-90).

Ramon Llull passou por diversos momentos em que aponta a fragilidade de sua saúde. Isso de certa forma serve para mostrar ao leitor, que mesmo doente ele não se isentava de sua tamanha “responsabilidade” com as almas, assim como ele gostava de enfatizar. Estava disposto a perder a sua vida para “salvar” a vida do seu próximo. Llull

continuou escrevendo livros, e viajando pelo “mundo”. Foi a Paris, no tempo de Clemente V, na tentativa de implorar mais uma vez para a construção de novos mosteiros, para a aprendizagem de diversas línguas com o objetivo de alcançar os “ditos infiéis ” (LLULL, 2004, XI, § 35, p. 89-90)

Llull gritava que a lei dos cristãos era única, verdadeira e santa, e que a religião do mouro era “[...] falsa enganadora. Eis o que estou pronto a demonstrar. Enquanto exortava no idioma dos Sarracenos a multidão de pagãos presentes a fim de os conduzir para a fé de Cristo, um bando de criminosos atacou-o com o intuito de o lapidar” (LLULL, 2001, IX, 36, p. 92). Ao ser conduzido para o bispo, este questiona tal audácia de Llull em desejar impugnar a lei de Maomé, mas prontamente Llull responde que um servo de Deus não pode temer a morte, mas que é necessário mostrar a verdade. O filósofo, convencido de sua preparação filosófica-teológica, inicia um debate e tenta provar a Trindade e a soberania de Deus.

Pode-se, ao menos sugerir, a partir dessas passagens da *Vida coetânea*, que Llull não desistia de seu principal objetivo, evangelizar e converter. É perceptível que enfrentou diversos obstáculos. Com base nesta descrição acima, após essa tentativa de mais uma vez apresentar os fundamentos cristãos, o bispo ordenou que Llull fosse preso. No entanto, os mouros aguardavam do lado fora para apedrejá-lo. Mas o bispo promulgou um decreto para não haver nenhum apedrejamento, pois o próprio bispo determinaria uma sentença. O maiorquino foi acorrentado e sofreu por alguns dias. Depois foi transferido para um cárcere mais cruel, o qual permaneceu por uns seis meses na prisão. Os mouros tentaram converter Llull ao Islamismo, prometendo muitas mulheres e tesouros. Llull também tentou converter os mouros, prometendo uma vida eterna (LLULL, 2001, X, 40, p. 96). Assim, ambos foram convidados para escrever um livro que provassem a verdadeira fé. Mas sobre tal assunto, esclareceu Llull que existia o mal que tenta arruinar almas.

Convencido de que tudo o que estava acontecendo era algo para prejudicar a sua missão de evangelizar, Llull entende que deve intensificar as suas produções e ajudar todos os que não estavam no caminho bom. Diante desse cenário, mandam colocar Llull em um barco, mas ressaltam que não o deixe em nenhuma terra de mouros, pois caso contrário o maiorquino iria querer novamente tentar provar que sua crença era a verdadeira. O barco estava em direção a Gênova, e teve uma grande tempestade em alto mar provocando um naufrágio próximo a Pisa em que muitos morreram, mas Llull permaneceu vivo. Foi em Pisa que Llull, por volta de 1308, continua um dos seus

propósitos em escrever livros, mesmo já velho não cessava “[...] a trabalhar por Cristo, concluiu a sua Última Arte Geral. Este livro, como aliás todas as outras obras do Mestre, é digno de imenso êxito e de ser conhecido e apreciado” (LLULL, 2001, X, 41, p. 98).

Por volta dos anos de 1308 a 1309, em Montpellier, Llull aumenta significativamente a sua produção. Já estava velho e já tinha viajado por diversas localidades, enfrentando diversas situações e conhecendo culturas diferentes, o que possivelmente contribuiu para que ele escrevesse sobre quase todas as temáticas, mas nenhuma foi mais ampla do que escrever livros em defesa da fé cristã, na tentativa de converter os não-cristãos e ir contra os averroístas.

Para compreender mais acentuadamente o projeto luliano de conversão, revela-se imprescindível o exame de um fragmento da *Vida Coetânea*, em que Lúlio adverte que está disposto a conquistar a Terra Santa.

Após ter terminado a referido Arte e muitos outros escritos, Raimundo ainda quis incitar a comunidade dos cidadãos de Pisa ao serviço de Cristo. Propôs-lhes a boa constituição de uma Ordem de religiosos soldados cristãos com a missão de combater sem tréguas os pérfidos Sarracenos até à recuperação da Terra Santa (LLULL, 2004, X, § 42, p.98).

. Nessa passagem, mais uma vez, percebe-se que o propósito de Llull seria unificar as crenças apenas na fé cristã, ele batalhava por um mundo cristão. Tornou-se uma obsessão de Llull evangelizar e converter a todos.

O maiorquino parte para Paris, e não desiste de ir contra as ideias averroístas e seu desejo ardente pela conquista a Terra Santa. De acordo com Jaulent (2013), foi no fim dessa temporada em Paris que Ramon Llull conseguiu uma declaração de quarenta mestres e bacharelados em Artes e medicina, que a sua *Arte* não tinha nada que fosse contra a fé católica, já que muitos afirmaram que a doutrina de Llull estava distante das ideias defendidas por essa Igreja.

Foi por volta de 1310, quando Llull fez sua última viagem à França que obteve um resultado positivo, recebendo a provação de sua *Arte*, segundo um documento datado de 1310, quarenta mestres e bacharéis da Universidade de Paris acataram a doutrina de Ramon Llull e conseguiu também “[...] de dois de agosto de 1310, Ramon conseguiu do rei da França cartas de recomendação para pregar em todos os territórios da Cristandade, especialmente, para os seus súditos” (VENTORIM, 2008, p. 70).

O papa Clemente V iria reunir um conselho³⁰ geral na cidade de Viena em 1311. Ao saber disso, Llull decidiu ir ao conselho para apresentar três propostas para contribuir na expansão da fé católica. Primeiro, o desejo que fossem construídos lugares para que estudassem diversas línguas para que todos pudessem pregar a doutrina da fé católica. Segundo, que fosse dada uma ordem para que os cavaleiros cristãos participassem da Conquista da Terra Santa, e por fim, escrever livros que apresentasse debates filosóficos e teológicos contra opinião dos averroístas (LLULL, 2004, XI, § 44, p. 100-101). Fica evidente a preocupação de Llull com educação, no sentido de formar missionários preparados para a evangelização.

Llull (2004, XI, § 44, p. 100-101) finaliza sua autobiografia enfatizando que mesmo após quarenta anos de sua conversão, toda sua vida foi dedicada a missão de evangelizar e converter, e desejou “a fundação de uma casa de adequada a receber homens piedosos e de inteligência vigorosa para estudarem línguas estrangeiras; iriam de seguida pregar o evangelho a toda criatura”, o maiorquino percorreu diversos locais com a finalidade de expandir as ideias cristãs.

Dessa forma, o capítulo buscou refletir sobre como a formação de Ramon Llull foi forjada a partir de diferentes culturas as quais o autor teve contato, ao longo de sua trajetória intelectual em suas viagens pela Península Ibérica, França, Itália, norte da África, nesses espaços conectados. Assim, no próximo capítulo será analisado os ensinamentos usados pelo maiorquino para alcance da conversão dos muçulmanos, judeus e gentios.

³⁰“ En el concilio de Viena, que se prolongó desde octubre de 1311 hasta mayo de 1312, Llull obtuvo un éxito parcial, pero auténtico. De los tres propósitos citados en la Vida, el primero, la fundación de escuelas de misioneros, fue incluido en el canon del concilio, por el que se ordenaba la enseñanza del hebreo, el árabe y el «caldeo» (araméo o siríaco) en París, Oxford, Bolonia, Salamanca y la corte papal a estudiantes destinados a ser misioneros” (BADIA; BONNER, 1992, p. 62).

3 “POR UM MUNDO CRISTÃO”: a Educação como instrumento de conversão dos não-cristãos na *Obra Doutrina para Crianças (1274-1276)*

Neste capítulo, pretende-se discutir como a educação proposta por Ramon Llull tinha a intenção de converter os adeptos de outras religiões, assim como instruir os cristãos nesse processo de conversão dos não-cristãos. Observa-se a preocupação de Llull em mostrar que o cristão não deveria propriamente falar de sua fé, mas era necessário estar preparado e por intermédio da argumentação demonstrar a superioridade do Cristianismo. Assim, na *Obra Doutrina para Crianças*, Llull utiliza uma linguagem didática, e divide o seu livro em uma sequência lógica de ensino. É bastante relevante destacar que o maiorquino oferece em seu discurso elementos formadores e também teológicos desse cristão que ele pretende formar para o combate, ou seja, para uma “guerra santa de ideias”, com o objetivo de provar a veracidade da fé cristã, ou seja, formar missionários para a difusão e expansão da fé católica nos territórios reconquistados pelos cristãos na Península Ibérica e fora dela.

3.1 A Educação como arma de conversão e seus ecos na *Doutrina para Crianças (1274-1276)*

As tensões entre os cristãos, muçulmanos e judeus marcaram a sociedade ibérica medieval, já que a religião cristã era anunciada como a religião verdadeira e da salvação. Isso gerou enormes conflitos entre os seguidores de Cristo e aqueles que não acreditavam na existência da Trindade. Llull, por meio do diálogo e da argumentação tentou convencer cristãos e não-cristãos. Com os cristãos, o maiorquino alertou sobre o tempo de preparação, ou seja, ele acreditava que a educação era base da formação humana, existia um processo individual de conversão, e também era necessário conhecer a língua e a cultura do outro. Assim, vimos no capítulo anterior que Ramon Llull lamentou profundamente pelo fato de não estar preparado para a missão evangelizadora e se capacitou por mais de nove anos, aprendendo novos idiomas e estudando outras religiões.

A propagação do Cristianismo foi uma causa levantada por muitos adeptos a religião que tinham como objetivo maior de vida estudar e propagar sua fé. No pensamento luliano os princípios da “Santa Igreja” deveriam ser honrados. Para o maiorquino são ensinamentos que iluminam a alma. Llull lamentou profundamente a forma como o Cristianismo se encontrava, e alertou seu filho sobre temer a morte: “E se temes ser levado à morte, relembra como os apóstolos e os outros mártires foram honrados

por Deus no céu e na terra, porque deram o verdadeiro testemunho de Seu louvor e de Seu honramento” (LLULL, 2010, XX, 4, p. 23). A preocupação do filósofo maiorquino é apresentar ao filho Domingos uma doutrina consistente sobre as bases cristãs, que fossem possíveis de ensinar a Domingos a pensar e a refletir a partir de uma lógica do temor e obediência. Llull era ciente que a base dos seus ensinamentos se diferenciava da realidade “mundana”, pois a propensão do homem em querer viver os prazeres carnis era muito mais acentuada.

Um dos pontos centrais para se compreender como Llull acreditava que a educação era essencial no processo de conversão, é estabelecer o diálogo entre fé e razão. Compreender os limites entre ambas é indispensável, pois o hábito de entender é importante no pensamento luliano. O homem aprende aquilo que entende. Assim, a pedagogia utilizada pelo maiorquino era pautada na base de explicar conceitos e princípios do Cristianismo a partir do uso da razão, ou seja, fazer com que aquele “indivíduo” compreendesse o real propósito da existência diante de tantas possibilidades de outras crenças, embora nem sempre a razão fosse superior a fé. Por isso, ele tentou dinamizar em suas obras os mais variados temas que contemplassem em sua maioria a veracidade da fé cristã: “A fé católica é crer verdadeiras as coisas invisíveis, convenientes à religião cristã, para se perceber o que é verdade na fé sem que a razão demonstre necessariamente as coisas em que o homem crê” (LLULL, 2010, LII, 1, p. 41).

Llull considerava como a verdade, o próprio Deus, mas que o homem não poderia conhecê-lo em sua totalidade. Dessa forma, o homem só poderia se aproximar de Deus por meio da reflexão, diálogo e o do conhecimento. Assim, a aproximação entre fé e razão era essencial no discurso luliano. Costa e Santos (2015, p. 15), ao tratarem sobre a escolástica medieval, afirmam que ela é também responsável pelo resgate da filosofia grega. Em outras palavras, isso permite compreender como o aristotelismo ficou conhecido no Ocidente, trazendo para a filosofia medieval uma pluralidade e o multiculturalismo, já que a filosofia medieval não se trata apenas de uma filosofia cristã, mas a mistura da filosofia pagã, do Cristianismo, Judaísmo e Islamismo.

O século XIII é marcado como o momento de “maior brilho do Medievo” por meio do movimento da Escolástica e do uso da razão, tem início também do declínio desse período em questão. As novas Instituições e as novas relações humanas permitiram meios para que se contestassem os princípios religiosos e laicos. Nesse contexto, há uma mudança de realidade e um novo modo de pensamento com a “separação da filosofia da teologia”. Dessa forma, intensifica-se um novo modo de pensar, ocorrendo disputas entre

a fé e a razão, o que resultava também em uma nova forma de educar (GATT, 2020). Zwemer (1952, p. 45) explica que Llull propôs a dialética a serviço do evangelho com o propósito explícito de converter os sarracenos.

O conceito de educação utilizado por Llull, conforme defendido nesta tese, não é de uma educação formal que acontece em espaços formais ou em grandes centros de ensino, apesar que, para Llull, estes espaços sejam importantes para aquisição de outras habilidades como estudar outros idiomas e preparar missionários. Segundo Llull, a educação está atrelada à forma como o indivíduo concebe a aprendizagem ao longo da vida, e sobretudo, no sentido de uma preparação em que o indivíduo seja capaz de utilizar o intelecto para formular questionamentos e respostas. É uma educação vinculada ao conhecimento “útil”, o que para ele é aprender sobre as coisas necessárias para elevar o pensamento na compreensão sobre Deus e sobre falar de Deus. Esse ponto é fundamental, visto que a exposição do conhecimento em Llull, está relacionado ao conhecimento filosófico-teológico.

Sobre este aspecto, deve-se destacar conforme os estudos de Ruiz Simon (2004, p. 16), que a proposta da epistemologia luliana seria quase impossível de ser compreendida, sem levar em consideração o contexto histórico, já que é nesse contexto em que há uma crise sobre a escolástica que fundamenta uma ciência substancialmente cristã sobre as bases do aristotelismo, uma crise datada em 1277, “[...] ano da condenação pelo bispo de Paris de 219 teses que presumivelmente se ensinavam na Faculdade de Artes da Universidade de Paris”. Assim, Ruiz Simon (2004, p. 23) explica que para Llull sua Arte, sem dúvida, representou uma nova ciência universal, com os aspectos que não existiam na *ordo scientiarum* escolástica, e possibilitaria a solução para questões na escolástica-aristotélica, que Llull percebia sua inaplicabilidade e impotência para fundamentar todas as ciências sobre bases mais concretas.

Ao dedicar o livro *Doutrina para Crianças*³¹ ao seu filho Domingos Llull mostra estar preocupado tanto com os cristãos como com os não-cristãos. Apresenta ao filho os princípios que ele considerava básicos para viver e alcançar a vida eterna. Isso se deve ao fato de Llull refletir sobre as ações humanas e o impacto dessa compreensão sobre a vida em prol também da conversão e aceitação da missão em nome de Deus:

³¹ Este livro pode ser “considerado como um manual pedagógico, pode nos fornecer informações importante sobre aquele período, pois mostra o imaginário religioso, os princípios cristãos que homem deveria seguir e obedecer. Assim como recordar sempre da memória que cristã que movia o cotidiano no medievo” (MATEUS, 2018, p. 49).

Deus deseja que trabalhemos e pensemos em servi-Lo, pois a vida é breve e a morte se aproxima de nós todos os dias. Por isso a perda de tempo deve ser muito odiosa. Logo, no princípio o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais, e que o homem faça seu filho soletrar, em língua vulgar, o princípio que aprendeu, de tal modo que ele entenda o que soletrou. E depois convém que lhe seja ensinada a construção gramatical naquele mesmo livro, que deve ser trasladado depois para o latim porque ele não entenderia o latim antes (LLULL, 2010, prólogo, p. 5)

Esta passagem traz algumas reflexões importantes. Em primeiro lugar, o pai deve ensinar ao filho coisas gerais sobre o mundo, para então saber identificar as especiais. Compreender o que está no mundo externo, é também compreender o mundo interno. É entender o “Ser”, o que é real ou próprio do existir. É do próprio ser humano, a necessidade de conhecer e entender, o que implica uma ligação entre o conhecimento e o ato de entender. Em segundo lugar, ensinar seu filho a soletrar em língua vulgar aquilo a que foi compreendido, pois não era interessante saber apenas soletrar, mas também entender o que soletrou, apesar de Llull defender que nem sempre o “entendimento” está preparado para compreender, sobretudo as coisas sobrenaturais. Llull era consciente que aprender a ler ou aprender outra língua era uma forma de acessar outras culturas e outros entendimentos sobre o mundo, aprender a gramática era relevante, mas não só no sentido apenas gramatical, mas na compreensão do que está sendo dito. Llull entende que a língua é comunicação, e comunicar-se com o outro é também compreender as ideias formuladas por outras culturas. O que seria uma boa comunicação na perspectiva luliana?

Os autores Badia e Bonner (1992, p. 131) destacam que Llull não estava preocupado em seguir em seus textos, obrigatoriamente, uma linha poética, mas estava além de tudo atento a compreensão das suas ideias e da comunicação, o que nos dias de hoje chama-se de ciência da linguagem e comunicação. O foco, sem dúvida, era superar as barreiras comunicativas da linguagem e promover o diálogo, e logo uma ação prática, em que colocasse o indivíduo em uma posição de responsabilidade pelas suas atitudes. Assim, a forma da escrita de Llull traz uma carga doutrinária o que reforça a razão fundamental pela qual escrevia de fato os seus livros, que de forma implícita convoca a sociedade para uma reforma moral da humanidade.

Tal perspectiva torna o projeto de Ramon Llull importante, pois observa-se ao longo de sua obra os fundamentos para conhecer a religião do outro e estar apto para o diálogo com pessoas que estavam inseridas em contextos e culturas distintas. Sua preocupação se voltava, sobretudo, ao aspecto religioso, pois tentava encontrar um ponto

em comum diante daquilo que ele acreditava ser a verdade e demonstrar para outros credos que era possível entender e compreender a verdade cristã. O filósofo estava inserido no pensamento de diversos cristãos, que apresentavam as recompensas ou a danação do Além.

Como discute Nogueira (2000, p. 92), a afirmação da boa religiosidade, com o auxílio da Pedagogia do Medo “consolidou no discurso teológico uma demonologia sistemática, levando os homens a uma trágica dicotomia ao nível mental, a um drama dualista, do qual não se podiam libertar, não podendo pensar no Mal”. Os sermões a partir do século XIII difundiam um temor crescente em relação ao Diabo, considerado como aquele que afastava o cristão do bom caminho e afastava o homem do propósito para qual o homem foi criado.

Muitas instituições romanas desapareceram, mas a Igreja permaneceu e utilizou parte do legado da Antiguidade, que ganhou novos ressignificados, por exemplo, os elementos gregos que foram reformados pela Igreja sob novas direções. É nesse sentido, que todo o legado clássico foi integrado aos conteúdos de uma fé altamente “transformadora”, e que se difundiria de uma forma impensável (DAWSON, 2016, p. 21). Toda produção feita a partir da produção realizada por meio da fé cristã, mexeu em toda a estrutura social, alterando lentamente e de forma contínua das populações europeias o que gerou um impacto no pensamento humano. “Nesse sentido, estudar a cristandade medieval é indispensável para o devido entendimento de muitas estruturas modernas, inclusive as que se opõem deliberadamente às influências cristãs. Somos, inapelavelmente, filhos do Medievo” (DAWSON, 2016, p. 21). A partir dessa discussão, é importância notar que toda produção direcionada às questões das práticas cristãs afetou diretamente o pensamento humano, logo apontou ao homem um tipo de específico de comportamento.

É nesse sentido, que o maiorquino se dedicou constantemente em escrever sobre as práticas que agradavam a Jesus Cristo. Ramon Llull considerava a perda de tempo como algo odioso. Em outras palavras, seria o mesmo que não aproveitar as “virtudes divina” e as obras da criação. Perder tempo na concepção de Llull era não se dedicar ao serviço de Deus. Percebe-se que um instrumento que para Llull parece decisivo é o da propagação e manutenção do conhecimento, por isso é necessário conhecer o latim³², o

³² Conforme destaca Baschet (2006, p. 75), “[...] as línguas faladas pelas populações distanciam-se inexoravelmente do bom latim, a ponto de recomendarem que os sermões sejam traduzidos para as diferentes línguas vulgares de suas audiências. Assim, eles abrem a via ao bilinguismo que caracteriza toda

que faz da gramática e da retórica disciplinas mestras do saber. O ato de aprender em Llull, é mostrar o significado daquilo que está sendo ensinado, pautado no uso da razão. “O ato de acreditar e o de entender são iguais”? (JAULENT, 2013, p. 37). Tudo o que acredita se entende? Na concepção de Llull nem tudo se pode entender, já que o entendimento nem sempre é possível na perspectiva da compreensão do homem, pois muitas realidades estão fora do alcance da razão humana. “Nesta oposição entre fé e razão, o conteúdo da fé é denominado, na terminologia típica luliana, uma ‘segunda intenção’, enquanto que será a razão a que permitirá conhecer e amar a Deus, e, portanto, alcançar a ‘primeira intenção’ (BONNER, 1996, p. 462).

Por outro lado, Llull recorda ao leitor, ao explicar sobre a unidade da Trindade que: “[...] neste mundo crês nisso pela luz da fé, no outro século entenderás pela luz do entendimento iluminado pela divina inteligência ” (LLULL, 2010, II, 5, p. 6). Trata-se de mostrar que nem sempre haverá entendimento sobre a aquilo que se acredita, mas mesmo assim se deve crer. Llull trata a fé como algo que vem de dentro do ser humano, ou seja, é algo sustentado pelo próprio Deus. É uma fé que provoca mudanças, e que afeta diretamente o comportamento e seus atos. Depois da Queda original, “[...] a única novidade importante foi a Encarnação. A verdade, ao mesmo tempo histórica e salvífica, foi revelada na Bíblia, pois o destino do povo judeu mostra que a história tem um sentido e persegue um objetivo preciso: a salvação da alma” (ELIADE, 2011, p. 48).

A tentativa de provar racionalmente a existência da Trindade aos judeus e muçulmanos faz parte do projeto de conversão luliano. “Para o catalão, Deus só pode ser compreendido pela razão humana (e aceito pelas outras religiões monoteístas) através de Suas "dignidades"- tradução da palavra grega axioma” (COSTA, 2012, p.1219). Evidentemente, Llull tenta explicar o inexplicável, na tentativa de convencer o considerado “infel”. Ramon Llull foi ambicioso em querer tornar o mundo cristão. O plano do filósofo estava ligado aos interesses pela conversão e educação do não -cristãos, instrumento de dominação do seu projeto cristão imperialista.

A conversão é um processo também de compreensão teológica. Llull dedica parte da obra *Doutrina para crianças* para explicar temas importantes no que se refere à compreensão das próprias ideias do Cristianismo. Ensinar sobre a ressurreição é enfatizar que a conversão é importante para alcançar um bom lugar no Paraíso. Faria sentido

a Idade Média, com, de um lado, uma multiplicidade de línguas vernáculas faladas localmente pela população e, de outro, uma língua erudita, aquela do texto sagrado e da Igreja, tornada incompreensível para o comum dos fiéis”.

converter alguém a algo sem mostrar a recompensa final? Provavelmente não. Por isso, a promessa de salvação da alma era o principal tema: “[..] mérito é a recompensa prometida pela guarda do Reino dos Céus àqueles que, pelo amor de Deus, suportam neste mundo perseguições, trabalhos, afrontas e tribulações” (LLULL, 2010, XLIV, 1, p. 35).

Dessa forma, explicar sobre a ressurreição de Cristo, torna-se até mesmo um fenômeno “mágico”, e apresenta ao ouvinte uma proposta que, no mínimo, fizesse sentido para “aceitar” a mensagem elaborada por um homem comum que buscava captar almas para o Cristianismo. Llull, já tinha chamado a atenção para essa questão da ressurreição, e em uma passagem na obra *Doutrina para Crianças* enfatizou que “[...] na ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo foi representada e significada a nossa ressurreição, que acontecerá no dia do juízo, quando seremos ressuscitados e julgados pelo Filho de Deus” (LLULL, 2010, X, 7, p. 14).

Llull era católico logo, defendia essa visão salvífica e anunciava o tão temido Juízo Final. Esta passagem sobre a ressurreição é de extrema importância, uma vez que aponta para uma expectativa que quase “todos” os cristãos aguardam o retorno de Cristo. Llull procurou de diversas formas ressaltar a expectativa desse retorno. Acreditar nisso, de certa forma, impulsionou e impulsiona os cristãos a trabalharem com zelo e criar estratégias para que a mensagem seja espalhada.

Ramon Llull, muitas vezes perdido, carregado de culpa e à beira da loucura, escreveu que, graças ao amor de Deus, ele viveria pela fé naquele a quem chamava de o verdadeiro Salvador. Tal fé tornou-se um dos temas centrais na sua mensagem pregada. Para o maiorquino, a ciência que os homens adquirem pelo aprendizado vindo da escola e de seus mestres é válida e necessária, mas aquela que é dada pelo Espírito Santo é muito mais nobre “[...] muitos homens têm ciência por aprendizado. Mas a ciência que o Espírito Santo dá é infundida e é muito maior e mais nobre que aquela que o homem aprendeu na escola de seu mestre” (LLULL, 2010, XXXIV, 3, p. 45).

O debate sugerido por Llull era de urgência. Urgência em apresentar aos homens o caminho que ele considerava o melhor e mais correto. Era necessário que o homem estivesse munido de sabedoria e compreendesse o verdadeiro sentido de sua fé. É dessa forma que Llull desejava evangelizar e retirar os homens da total ausência de fé e sabedoria.

O filósofo supõe que as faculdades da alma possuem um movimento próprio e natural. Assim sendo, define o entendimento como “[...] o poder da alma que entende o bem e o mal, e entende a diferença, a concordância e a contrariedade nas criaturas, e pelo

entendimento, o homem conhece as coisas que são verdadeiras e as coisas que são falsas” (LLULL, 2010, XXXI, 2, p. 27). Ao destacar esse aspecto que cada homem possui a capacidade de diferenciar ou o próprio entender, Llull coloca o homem na posição de criatura responsável pelas suas escolhas, pois ao homem foi dado a capacidade de entender o mal ou o bem, de compreender as diferenças, entre o que é verdadeiro e o que é falso. No capítulo quatro desta tese serão discutidas as doutrinas de cada religião, ao mostrar os diálogos entre o muçulmano, judeu e cristão, em que cada um é capaz de entender as verdades, logo entender a verdade é também dialogar com as diferenças e mostrar ao ouvinte daquele momento ou ao que está participando do diálogo, as contradições e possíveis verdades. “Assim, entender o inteligível é uma das faculdades características do homem. Mais ainda, assim como o pássaro tem asas para voar, o homem tem entendimento para entender” (JAULENT, 2013, p. 40).

Llull esclarece que o ato de “aprender” impacta diretamente no comportamento do Ser que está em formação. Assim como está preocupado em “converter” o “infiel”, também se dedica a ensinar e formar outros no estágio inicial da vida como forma de preparação para converter novas almas à fé cristã. Na passagem a seguir, retirada da obra *Doutrina para crianças*, destaca que os pais devem mostrar aos filhos sobre cogitar, ou seja, refletir, pensar, sobre as glórias e punições na vida *post-mortem*. É oportuno que o homem “[...] mostre a seu filho a forma de cogitar a glória do Paraíso e as penas infernais e os capítulos que estão contidos neste livro, pois através de tais cogitações, a criança se acostumará a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos” (LLULL, 2010, prólogo, p. 5). Em outras palavras, quanto mais cedo o homem se habituar na prática de servir a Deus, mais fácil ele aprenderia a fazer as boas obras.

Como afirma Oliveira (2013, p. 2), “[...] A educação, como todas as demais ações, é proveniente do agir humano, portanto, ela se modifica em consonância com as vicissitudes sociais”. Por isso, cabe aqui uma reflexão sobre o que motivou Llull a criar uma estratégia de conversão a partir de um projeto pedagógico que visava educar para formar um bom cristão. Fica claro nesse projeto o desejo em mudar a mentalidade e direcionar a um novo caminho para viver e conhecer o mundo.

A falta de conhecimento sobre o que Llull considerava como a “verdade” é um dos motivos que leva o homem “ao desvio” da intenção pela qual o homem foi criado. Para educar e fazer com o que o indivíduo sempre se lembre da primeira intenção que é amar e servir a Jesus Cristo, é necessário conforme seu pensamento luliano que alguém ensine, eduque e mostre “o caminho” que leva o homem a alcançar a salvação da alma.

Dito isto, é possível compreender que a estratégia de Llull por meio dos seus escritos, viagens e debates, era reforçar a importância de o homem conhecer “a verdade” do Cristianismo. Isso parece ser um objetivo incansável registrado em suas obras. Ele explica que Deus não tem nem começo nem fim, e que somente ele “sabe de todas as coisas” (LLULL, 2010, I, 7, p. 5).

Llull considera que só existe um Deus e que ele é soberano. Por isso, ir ao encontro de judeus e muçulmanos era mostrar a superioridade do Cristianismo, que possuía o Deus verdadeiro. Ao tratar dos dez mandamentos, Llull explica que o maior mandamento e mais elevado é adorar, amar e servir o verdadeiro Deus. Isso está na Lei, que conforme o próprio maiorquino afirmou, que foi entregue aos judeus no Monte Sinai. Mas Llull chama a atenção para fato de que os judeus “[...] eram amigos de Nosso Senhor Deus, acreditavam nele e eram contra o povo que acreditava em ídolos de pedra, de ouro, de prata e de outras coisas. E cada príncipe fazia uma forma semelhante ao homem, de madeira ou de outra coisa, e a adorava como se fosse Deus” (LLULL, 2010, XIII, 3, p. 19).

Quando Llull ressalta essa questão do judeu, ele está querendo mostrar que os judeus a princípio acreditavam plenamente no Deus dos dez mandamentos, da Lei Velha. Mas, a partir do que estava escrito na Lei Nova, os judeus não acreditavam e eram contra a ideia de que o messias veio salvar a humanidade. A cisão entre cristãos e judeus se deu a partir de questões centradas na figura do Jesus humano, pois mesmo que ambas sejam religiões monoteístas, os judeus não aceitavam o lugar de divindade suprema de Jesus Cristo.

Saibas, filho, que a Lei dos judeus foi dada no princípio, e é chamada de Lei Velha; e de Nova é chamada a Lei que agora os cristãos têm, que foi dada por Nosso Senhor Jesus Cristo. São os Evangelhos que ouvimos ler na santa igreja. Sabes, filho, por que Deus deu uma lei aos judeus? Para que não estivessem no erro no qual estavam as outras gentes que acreditavam em ídolos. E para que seu povo tivesse profetas que anunciassem vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, e para que, naquele povo dos judeus, nascesse Nossa Senhora Santa Maria, na qual se encarnou o Filho de Deus (LLULL, 2010, XIII, 5, p. 19).

Assim, Llull considerava os judeus traidores e carregadores de uma culpa por negarem o salvador e redentor. A partir dessa explicação, Llull deseja mostrar aos leitores e ao público que ele direcionava suas ideias, que assim como os judeus seriam punidos qualquer homem e mulher que negasse a Trindade, sofreria os tormentos eternos.

O *Além* faz parte de um dos atributos do Cristianismo que levou o homem e a mulher medieval a se preocuparem com o *pós-morte*. Esta religião é conhecida por

prometer a salvação da alma do indivíduo que seguir as suas doutrinas à risca, o qual estará livre da danação eterna. Estas preocupações, no período medieval, ganharam um lugar central, tal cuidado “não concernia somente ao ‘estado’ dos indivíduos, mas também à localização de suas vidas futuras” (LE GOFF, 2006, p. 21).

O Cristianismo tem como fundamento a ressurreição dos mortos por meio de Jesus Cristo, o qual ressuscitou depois da sua morte terrestre na cruz. Para que ocorra a ressurreição não depende somente da vontade de Deus, já que este respeita as regras que Ele estipulou. Isso levou os homens e mulheres a se comportar segundo os padrões de um cristão perfeito. Pois, após a morte, quando houver a ressurreição no fim do mundo, os “bons” viverão eternamente em um lugar de delícias, isto é, no Paraíso e os “maus” serão condenados e destinados ao Inferno, lugar de dor e sofrimento (LE GOFF, 2006).

A crença do Além no período medieval atribuiu à vida do homem e a mulher características peculiares. A vida terrena é uma luta, luta essa pela salvação, por uma vida na eternidade, o mundo torna-se um campo de combate em que o indivíduo enfrenta o Diabo, quer dizer, contra si mesmo, contra os desejos considerados pecaminosos pelas doutrinas cristãs. “Pois, herdeiro do Pecado Original, o homem está arriscado a se deixar tentar, a cometer o mal e a se danar. Confrontando-se neles o vício e a virtude, pondo em jogo o seu destino eterno”. Acerca desse campo de guerra de vida ou morte “que é o mundo, o homem tem por aliados Deus, a Virgem, os santos, os anjos e a Igreja, e sobretudo, a sua fé e suas virtudes; mas tem também inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do Pecado Original” (LE GOFF, 2006, p. 22). Nesse sentido, Llull tenta provar as diferenças entre os cristãos, judeus e muçulmanos. Mesmo que essas religiões creiam em algo, para Llull não é o suficiente no que diz respeito à fé e à salvação.

A ferramenta eficaz do sistema elaborado pela Igreja Católica não foi o Paraíso, mas sim o Inferno, pois para instigar os fiéis na luta pela sua salvação, mostravam-lhes mais o medo do Inferno do que o anseio pelo Paraíso. Este era um lugar de paz e alegria; o oposto seria o Inferno, um local em que havia fogo eterno que queimava os danados perpetuamente. “Diante da morte, eles temiam menos a própria morte do que o Inferno. Assim se instala, apesar de algumas nuances, um Cristianismo do medo”. Tais práticas revelam que a Igreja medieval usava um discurso sobre o Além para concretizar a sua dominação em relação aos cristãos e justificar a ordem do mundo que tanto essa Igreja zelava (LE GOFF, 2006, p. 30).

Falar sobre essa expectativa da vida depois da morte, foi uma das estratégias utilizadas pela Igreja, e por todos que faziam parte dessa instituição e assim desejassem defender os princípios cristãos. Assim, Llull afirma que aquele “[...] que menospreza a glória deste mundo que pouco dura para que sejas possuidor da glória que não tem fim” (LLULL, 2010, I, 11, p. 06). Para Llull, Deus dá ao homem a capacidade de entender as coisas além de uma visão natural, e mediante a fé alcança a salvação.

Na passagem selecionada a seguir, Llull versa sobre grandeza de Deus e o quanto é inquestionável a sua bondade: “[...] Amável é Deus, pois é totalmente bom; grande é Deus, pois tudo quanto existe termina Nele; durável é Deus, pois não tem princípio nem fim; temível é Deus, pois todo poder está Nele e Ele sabe todas as coisas” (LLULL, 2010, I, 7, p.6). Llull indica ao seu filho obediência. Do seu ponto de vista era imprescindível: “[...] aprender os quatorze artigos da Santa fé católica, os 10 mandamentos que Nosso Senhor Deus deu a Moisés no deserto, os sete sacramentos da Igreja e os outros capítulos seguintes” (LLULL, 2010, prólogo, p. 5). Isto mostra a preocupação em manter o modelo cristão, não só pela conversão ou apenas por cumprir os princípios estabelecidos pela Igreja, mas é também uma forma de estabelecer o controle de comportamento.

Llull não questiona sobre a Trindade. Ao contrário, a legitima. A seu ver, não há nessa passagem nenhum questionamento ou dúvida sobre a unidade de Deus, para ele (2010, II, 5, p. 6) a “[...] Santa Trindade de Deus e da Sua Unidade é assim e ainda melhor do que posso dizer. E se tu neste mundo crês nisso pela luz da fé, no outro século entenderás pela luz do entendimento iluminado pela divina inteligência”. Por outro lado, ele aconselha que seu ouvinte “[...] não descreias de tudo que não podes entender, porque se o fazes, tu desejas ter um maior entendimento de todas as coisas. E sabes por que te falo assim sutilmente? Para que teu entendimento se acostume a exaltar e entender toda a vontade de amar a Deus”. Essa questão será um argumento bastante utilizado por Llull, pois a negação da Trindade pelos muçulmanos e judeus, contrariava um dos pilares do Cristianismo. Não crer que Jesus Cristo veio para salvar a humanidade era uma condição certa para a danação eterna.

No seu discurso ele propõe que nem sempre há um entendimento de tudo, e que o não entender não pode sustentar a descrença. Evidentemente que os direcionamentos dados pelo maiorquino devem ser compreendidos no contexto do século XIII, quando o Cristianismo passa pela ameaça crescente de outras religiões. Ele, se assim pode-se dizer, não propunha uma compreensão racional para tudo, mas queria que o homem aprendesse a contemplar a Deus e seus feitos. Em outras palavras, o filósofo chama atenção do leitor,

apesar de escrever o livro para o seu filho, que “[...] se desejas ter a salvação, é conveniente creres que Deus é o Criador de tudo quanto existe, e que tudo quanto existe retornaria ao nada se Deus não o sustentasse, e sem Deus, o que existe não existiria” (LLULL, 2010, III, 9, p. 7).

É nessa prerrogativa, em provar a existência de um Deus uno, que Llull cria um projeto de anunciar a mensagem cristã por meio da explicação, ou seja, para Llull criar um debate significa ter conhecimento, logo a preparação é uma das questões primordiais para aqueles que se reconheciam como missionários e que desejam se preparem para convencer todos aqueles que tinham escolhido um caminho que não fosse o Cristianismo.

Na passagem que se segue, nitidamente Llull se dirige ao público cristão e a todos a quem ele queria influenciar com seu discurso.

[...] vê quão grandes coisas Deus criou, como o céu, o mar e a terra, e vê quantas criaturas diferentes foram criadas, e olha como as criaturas são belas e proveitosas. Logo, se nas criaturas há tanto de bem, abre os olhos de tua alma e vê quão Grande, Nobre e Bom é o criador que fez todas as criaturas. Todos os que são reis e todos os homens deste mundo não poderiam criar uma flor nem poderiam criar nenhuma criatura, nem poderiam impedir o movimento do sol nem a queda da chuva (LLULL, 2010, III, 10, p. 7).

Fica bastante evidente no discurso deste divulgador do Cristianismo, no capítulo a “*Da Criação*”, trechos muito parecidos com o da Bíblia, como a explicação da criação do mundo, conforme explicado e narrado no livro de Gênesis. “Os sermões da Idade Média (como hoje em dia) vinham construídos sobre citações bíblicas” (BONNER, 1996, p. 464). Apesar de Llull não citar suas fontes, fica claro a influência bíblica em seu texto, e uma tentativa muito explícita em suas obras de trechos bíblicos em que o filósofo inclusive, repete exaustivamente ao longo de toda sua obra.

Seja como for, um aspecto interessantíssimo na *Doutrina* é a forma como Llull conduz sua explicação sobre a origem do pecado e da morte na perspectiva de sua fé. Ele se preocupa em apresentar elementos que são indispensáveis para o leitor. Somente a partir dessa concepção, é possível compreender como se origina a ideia do distanciamento do homem com Deus, é a ideia da separação, do obstáculo entre Deus e homem, o pecado.

De acordo com Llull, se Adão não tivesse cometido o pecado nenhum homem morreria ou teria qualquer coisa ruim. Baseado no relato bíblico sobre a expulsão de Adão e Eva, Llull mostra ao filho e ao leitor que a reconciliação do homem com Deus só foi possível porque o Criador entregou seu filho unigênito.

Todos aqueles que morriam andavam e subiam no fogo infernal, até que o Pai Soberano teve prazer que Seu filho tomasse a carne em Nossa Senhora Santa Maria pela graça do Espírito Santo. Assim, o Filho de Deus, por Sua grande piedade, veio em uma donzela virgem, chamada Nossa Senhora Santa Maria, que era da linhagem de Davi (LLULL, 2010, IV, 5, p. 11).

De acordo com a descrição do autor, o distanciamento do homem com Deus, só poderia ser resolvido por intermédio de Jesus Cristo. Assim, pode-se pensar a partir dessa lógica que essa será uma das maiores divergências entre judeus e muçulmanos. Talvez, por essa razão Llull tenha enfatizado isso em sua obra, na tentativa de mostrar aos não-cristãos alguns princípios inegociáveis para a Salvação. Isto se dá, porque para o filósofo maiorquino a busca pelo conhecimento, a razão, e tudo o que estava ligado ao pensamento cristão, estava submetido à existência de Deus.

Llull, portanto, mostra que utilizava em suas obras um aspecto criativo e de uso da imaginação, para fins pedagógicos. É uma forma de ensinar a partir de histórias moralizantes que apresentam ao leitor uma capacidade de reflexão frente a uma verdade. Badia e Bonner (1993, p. 123), classificam a literatura elaborada por Llull como inovadora, ou como um produto original e de criações próprias. É interessante destacar, que Llull criou diversas histórias, elaborou e criou personagens fictícios, e até mesmo formulou sua própria Arte no intuito de convencer um público.

O próprio Llull salientou a importância de pregar “[...] prega eternamente, o tanto quanto podes, e que com todas as tuas forças te ponhas a conhecer, amar, honrar, louvar e servir Nosso Senhor Jesus Cristo, de tal maneira que tuas palavras, tua vida e tuas obras sejam agradáveis ao Deus da Glória” (LLULL, 2010, VI, 12, p.10). A pregação é para Llull, o resultado da preparação ao qual o homem se dispôs a estudar, compreender e entender o propósito divino. A conversão era um dos principais objetivos de Ramon Llull, apesar de ele escrever para um público diverso de homens e mulheres, apresentou temas sobre o comportamento ideal do cristão, a mensagem cristã e a vida pós-morte, Llull também queria convencer o público judeu, muçulmano e todos os que, segundo ele, encontravam-se “perdidos”.

Llull explica que os judeus eram um povo escolhido por Deus, e que foram eles que receberam do Criador os dez mandamentos. Mas inquieta-se com a situação dos judeus terem sido os verdadeiros culpados pela morte de Jesus Cristo, e explica que

[...] que os judeus espoliaram o Salvador de todo o mundo, cuspiram em Sua cara, taparam Seus olhos, feriram-No e deram-Lhe golpes. Depois Lhe perguntaram quem O havia ferido. De todas as maneiras que podiam, eles O ultrajaram e O escarneceram, apesar Dele ter vindo para salvá-los e para tirá-los do poder do diabo (LLULL, 2010, VIII, 7, p. 11-12, grifos nossos).

Retratar sobre a traição dos judeus em negar que Cristo era o Salvador da humanidade, é lembrar que os traidores não alcançarão a eternidade. É importante lembrar, que a vinda de Jesus Cristo à terra, tornou-se o episódio central para tudo que estava direcionado a vida do cristão, pois olhar para o passado para toda história bíblica, sobretudo da nova lei, era reviver esse passado.

As ações humanas deveriam estar centradas na vontade de Deus e não em suas realizações pessoais. E, é essa a mensagem que Llull deseja anunciar por meio do seu discurso pedagógico, que na concepção dele é exemplar e edificante. Dessa maneira, ele buscou se afastar dos seus desejos carnis para se dedicar ao Cristianismo. Por isso, idealizou o modelo de um cristão perfeito e procurou através, dos exemplos bíblicos e sua admiração pela história de Cristo apresentar o modelo ideal a ser seguido por todos os homens.

Como observado, após a conversão de Llull ao Cristianismo, seus objetivos foram radicalmente transformados por um único propósito em cumprir a primeira intenção, pois Llull também defendia a ideia de um tempo que possuía um começo e um fim, ou seja, uma criação e o dia do Juízo Final. É nesse sentido, que o maiorquino busca explicar sobre a eternidade, sendo esta a maior motivação apresentada para o público cristão e aos não cristãos. É falando sobre a eternidade que Llull também queria demonstrar a recompensa para aqueles que se convertessem ao Cristianismo.

Por conseguinte, Llull defende a tese da eternidade, pois Deus era causa de tudo. Mas conforme os autores Badia e Bonner (1993, p. 78), Llull teria que lutar contra a tese defendida por Aristóteles e os Averroístas, que confrontavam a tese da eternidade. Como um missionário, Llull organiza um sistema de compreensão sobre temas que fundamentam a sua fé. Todavia, ele se mostra consciente que se não for algo bem estruturado e que se o seu argumento não for convincente, certamente será uma estratégia falha.

Mas, apesar disso, Llull encontrou diversos obstáculos para apresentar suas ideias, já que cada religião que ele desejava convencer sobre a veracidade cristã, também tinha suas crenças concretizadas. Assim, o ensino marcou o projeto luliano, pois é por meio da

educação que ele tencionou apresentar as questões centrais em se tratando do Cristianismo.

Filho, toda a linhagem humana caiu em pecado e em erro por causa de nosso primeiro pai e nossa mãe Eva, que foram desobedientes a Deus, Senhor de glória. Por isso, foi conveniente que o pecado fosse vencido e superado por aquele que é mais contrário ao pecado que qualquer outra coisa (LLULL, 2010, IV, 2, p.15).

Para além disso, Llull apresenta a verdadeira causa do distanciamento entre o homem e Deus. Mostra que a desobediência de Adão e Eva foi a principal causa de dar início ao processo em que a humanidade caiu em pecado, causando o caos aos homens. Assim, essa barreira só poderia ser superada e vencida por meio de Jesus Cristo que para Llull foi quem recriou a linhagem humana, logo todos deveriam se converter e viver pela primeira intenção.

Nesse aspecto, Llull traz os principais fundamentos cristãos para sua obra, pois ocupa grande parte da *Doutrina* com explicações teológicas, no sentido de oferecer aos leitores uma compreensão sobre o significado do que é ser um bom cristão e quais as bases verdadeiras que comprovam a veracidade do Cristianismo a partir da compreensão do que ele entendeu em meio as suas vivências e leituras.

Em outra passagem, Llull traz uma breve reflexão sobre aqueles que foram servidores de Jesus Cristo, “[...] aquele dia será muito agradável a todos aqueles que neste mundo foram seus servidores e será muito horrível e espantoso a todos aqueles que neste mundo morreram em pecado” (LLULL, 2010, XII, 6, p. 15). A passagem explicita que de forma clara que o grande dia será de salvação ou condenação, será ao mesmo tempo agradável e horrível. Essas palavras expressadas pelo maiorquino, dizem muito a respeito do processo em apresentar as consequências que cada homem receberia de acordo com seus atos.

Para Llull, a vida é muito efêmera, e não há como negar isso. Mas adiante o autor reforça ao filho a importância em lembrar: “[...] como Deus poderia te fazer pedra, madeira ou besta, se quisesse, e entende como poderia te fazer mutilado, judeu, sarraceno, demônio ou qualquer outra coisa que seria melhor não ser do que ser” (LLULL, 2010, III, 18, p. 7). Em outras palavras, reforça o poderio de Deus além de tudo.

O Medievo Ocidental estava centrado na hierofania, ou seja, no pensamento religioso (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 30). Talvez alguns hoje poderiam definir a experiência mística como loucura, delírio, etc., porém, deve-se pensar que no Medievo a

experiência religiosa guiava o indivíduo no seu cotidiano, e fazia parte das ações e decisões tomadas pelo ser humano.

Por isso nas igrejas, nas catedrais, nos vitrais e nos afrescos, elementos do Além estavam ali, justamente como uma forma pedagógica, para lembrar os fiéis que qualquer ato poderia levar para o Inferno e Paraíso, por isso Llull explica que “Deus criou teus olhos para que com eles tu vejas as criaturas que o representam aos olhos de teu pensamento, criou tua memória para que ela o relembres e criou teu coração para seja a cama onde o tenhas e o ames” (LLULL, 2010, III, 16, p. 08). O filósofo destaca que a memória foi criada por Deus para lembrar, lembrar que Deus a criou para que o indivíduo pudesse sempre lembrar dos feitos do criador. O autor também afirma que:

Filho, se tu menosprezas a glória deste mundo para teres a glória do outro, terás uma glória que durará tanto quanto a glória de Deus. Assim, relembre e entende como, por menosprezares a pouca glória que dura pouco, podes ganhar que dura tanto quanto a glória do Altíssimo (LLULL, 2010, V, 7, p. 9).

A proposta de Llull sobre o ato de “relembrar e entender”, se dá na perspectiva de que mais importante do que absorver o conhecimento, a doutrina, ou que era divulgado na igreja, nas imagens, estava na capacidade cognitiva de entender o que via ou ouvia, refletir sobre a mensagem, por exemplo, do que estava sendo ensinado. Ramon Llull tentava ensinar sobre uma vida cristã firmada no evangelho. O que mais o interessava era que o seu ensinamento passasse pela memória, depois pelo constante ato de lembrar e relembrar, e entender o que estava sendo lembrado, só assim o que estava sendo ensinado teria significado. Por meio da compreensão “aqueles que estão na glória tanto amam quanto entendem e tanto entendem quanto amam, e tem tudo isso que amam e entendem (LLULL, 2010, V, 10, p. 9). Ainda sobre a relação entre memória, ensino e aproximação com Deus, Llull afirma que:

Acostumar tua criança a recordar, entender Deus e amar a Igreja é acostumar sua vontade em amar Deus, seu pai e sua mãe. A memória que lembra, o entendimento que entende e o temor que envergonhado engendra a vontade que desama as faltas e ama as virtudes. Deseja educar bem teu filho? Acostuma sua memória e seu entendimento a cogitarem nobres feitos para que a vontade ame a companhia de bons homens. E desejas educar o entendimento do teu filho, para ser exaltado e elevar seu entendimento? Mostra-lhe a ciência divina e a natural. E desejas que ele tenha um elevado entendimento para entender sutilmente? Mostra-lhe a *Ars de atrobat verital* e o *Libre de deffinicions e de comensamentes e de question*. E deseja que teu filho ame muito a Deus? Faz-lhe lembrar e entender a vileza deste mundo e a bondade, a

eternidade, o poder, a sabedoria, o amor e as outras virtudes de Deus (LLULL, 2010, XCI, 17, p. 77).

O ato de lembrar é precisamente um exercício da memória que pode tanto se acostumar a retomar os bons atos e pensamentos como o contrário também. É necessário que relembre a bondade, a grandeza, a eternidade, o poder, a sabedoria, o amor e as outras virtudes que estão no Deus do Cristianismo e ver as coisas que foram manifestadas na concepção e na encarnação do Filho de Deus “[...] Amável filho, com amor e com lágrimas deveria ser recontada a Santa Paixão de Nosso Senhor Deus Jesus Cristo, pois essa paixão foi a maior prova de morte e de dor que existiu e que existirá” (LLULL, 2010, VIII, 1, p. 10-11). Recontar a Paixão de Cristo é lembrar do passado cristão, é a memória bíblica, nisto Llull fala ao filho se possível sempre recontar aos outros sobre o amor de Jesus Cristo, da sua morte e ressurreição.

Segundo Baschet (2006, p. 374), a vida no além e as crenças, eram premissas importantes para compreender o homem no medievo Ocidental. O mundo dos mortos, momento em que cada um receberá uma sentença eterna, ou seja, após a morte alguns iriam para o Paraíso e outros iriam para o Inferno.

A clareza com que Llull estabelece a relação entre educação e o Cristianismo marcam todo o seu projeto. Em outras palavras, o filósofo luta contra o que ele considerava como o erro, e para isso direcionava seu projeto para a exposição da verdade. “Filho, cresceram no mundo os golpes, as feridas e os erros, e estão cheios os caminhos pelos quais os homens irão sustentar infinitos trabalhos” (LLULL, 2010, XV, 7, p.17). Ele acreditava que para livrar do homem do erro, não era necessário o uso de armas, mas sim a persuasão da palavra de Deus que deveria ser exposta de forma clara e convincente³³.

Tusquets (1954) enfatiza que muitos fatores colaboraram para o ideal estabelecido por Llull e afirma que a formação das universidades foi um ponto relevante para o maiorquino, visto que Llull demonstrou grande respeito pela Universidade de Paris, sobretudo pelos professores que ensinavam e ajudavam a compreender muitos equívocos da doutrina cristã. E isso para Llull era de extrema relevância, pois ele defende que convencer os “infiéis” deveria ocorrer como faziam os apóstolos de Cristo em suas pregações, e para que isso acontecesse era necessário estar munido dos fundamentos cristãos.

³³ Em obras como *Doutrina para Crianças* e no *Livro do Gentio três sábios*, Llull prega o poder da palavra, mas em outras obras por vezes Llull irá mudar de opinião.

Contudo, como já foi discutido no capítulo dois dessa tese, Llull é conhecido hoje pela sua “ousadia” ou pelo método inovador de convencer por meio do diálogo e da explicação, bem como por suas tentativas de provar a veracidade de sua fé. Como destaca Rafael Barceló (2013, p. 85), o filósofo tinha uma compreensão também da realidade sobre as questões sociopolíticas de sua época, e se preocupou em entender sobre as leis terrenas. Foi na Universidade de Montpellier que o maiorquino teve contato direto com professores, o que fez Llull tentar demonstrar racionalmente sua fé. Em outras palavras Llull queria compreender e ao mesmo tempo apresentar aos homens a superioridade das leis divinas sobre as leis dos humanos.

Preocupado em como alcançar o objetivo de propagar o Cristianismo e converter os “infieis”, sobretudo o grande público muçulmano que vivia em Maiorca, Llull, após abandonar sua influência na Corte de Jaime I, decide aprofundar sua aventura intelectual para estar mais preparado para o serviço de sua profunda mística religiosa, e busca criar a Escola de línguas orientais de Miramar, em Maiorca. Por isso, a partir de então se aprofundará no estudo da cultura islâmica, influenciando parte de suas produções filosóficas que foram escritas em árabe (HOMS, 2013, p. 20).

Contudo, Homs (2013) ressalta que os projetos lulianos consistem em uma constante sucessão de projetos, e que muitos foram frustrados, pois Llull não estava tão atento que mudar a sua realidade social tinha riscos e existia um forte pluralismo cultural que estava sendo cada vez mais formado no século XIII, por isso muitos dos sonhos lulianos são considerados utópicos. Na obra *Vida Coetânea*, os mouros demonstraram isso ao apedrejar Llull e mostrar que a fé muçulmana era inabalável. Mas o maiorquino, sem negar sua ambição não desiste, e faz de sua vida um exemplo próprio de renúncia:

Essa confiança de Llull em alcançar o triunfo de seus ideais – a extensão do reino de Cristo, com os valores que lhe são inerentes - por meios alheios à pressão dos poderes estabelecido, vê-se também expressada em sua ideia e que toda regeneração social é antes individual, e composta a exigência incontornável de uma preparação ascético-mística dos componentes do corpo social, extensiva a todos os níveis da Igreja e do Estado (HOMS, 2013, p. 26).

É nesse sentido de a regeneração social ser primeiramente individual, que Llull a princípio mostra cada indivíduo como responsável por suas escolhas. E a reforma religiosa da sociedade se daria primeiramente pelo meio individual, sobretudo, por meio dos exemplos daqueles que abriram mão das riquezas e renunciaram sua vida em prol do serviço cristão (como ele mesmo havia feito). Para entender melhor as reações ou

respostas lulianas, é importante compreender que para ele homem deveria usar sua inteligência e sua razão, em primeiro lugar para um fim: amar o bem acima de tudo e evitar as coisas erradas.

Mas Llull esperava também que a própria Cristandade fosse renovada, para isso contava no seu trabalho missionário com a ajuda dos papas e de todo corpo eclesiástico. Para Hillgarth (1996, p. 976), Llull também esperava que os príncipes cristãos participassem ativamente no projeto de conversão dos não-cristãos. Mas Llull muitas vezes não recebeu ajuda sobre os seus projetos, e ao contrário de grandes intelectuais de sua época não foi porta voz de nenhuma ordem religiosa. Além disso, evitou citar as autoridades em suas obras, o que dificultou seu sucesso nas universidades.

Pode-se dizer que Llull estabeleceu um “ideal de conversão para o século XIII”. A conversão primeiramente se dava para aqueles que já se diziam cristãos, mas que não estavam cumprindo a missão de serem propagadores da sua fé, como o filósofo pretendia. E, em segundo lugar, tencionava converter os não-cristãos, que seguiam credos diferentes, a quem ele procurava, por meio de suas obras, convencer sobre a superioridade da fé cristã.

Em outra passagem, Llull reforça a importância de criar um hábito de estar sempre presente na Igreja e diz “[...] vás à Igreja obedecer e honrar o padre que está no lugar de Deus, ouças as palavras que te contarão de Deus e confesses todos os teus pecados ao padre, oferecendo teu corpo e tua alma, e dês os bens deste mundo, os quais Deus lhe confiou (LLULL, 2010, XV, 5, p. 17). Nessa passagem, Llull deixa explícito que o padre é como um intermediador entre o homem e Deus, mas também questiona o fato de muitos deles não estarem preparados para difundir a fé e terem perdido o fervor religioso. Para o autor,

Quando o número dos santos que estiverem na glória estiver completo nos tronos de onde os demônios caíram, acontecerá a ressurreição geral dos bons e dos maus, e todos virão ouvir a derradeira sentença da qual nenhum homem poderá apelar e nem escusar. Naquele dia maravilhoso, ressuscitarão os corpos dos homens, os quais eram pó e cinzas na terra, esperando a sentença que seria dada no dia do Juízo pelo Filho de Deus. Naquele momento, aqueles corpos se ajustarão uns com os outros, e cada braço recuperará sua mão, cada membro sua forma e cada alma recuperará o mesmo corpo que era seu neste mundo (LLULL, 2010, XII, 1, p.15).

Llull aborda sobre um tema central no processo de evangelização que é justamente apresentar a recompensa a quem se converter. Como se pode ver, trata-se de um

argumento que impacta o leitor, pois a “ressurreição geral” não dará mais a oportunidade de ninguém escolher o seu próprio caminho, sendo inútil qualquer forma apelo. Os bons serão separados dos maus, e cada um terá a sua própria sentença. Llull enfatiza que aqueles corpos que se transformaram em pó e cinzas, no Juízo Final, poderão retornar aos seus corpos e a sua própria alma, mas será em um corpo glorificado que se juntarão no paraíso para desfrutarem da glória eterna.

Nas palavras do filósofo, este aspecto de educar o leitor por meio dessas imagens mentais construídas a partir de uma análise para além das perspectivas físicas e naturais, coloca o homem em uma condição de repensar as suas atitudes. Ou seja, os escritos de Llull reforçam a promessa de que a morte não é o fim, mas sim um novo começo, sobretudo para os homens “bons”, que experimentarão uma vida eterna.

O maiorquino deixa claro seu estilo inconformista com a realidade social de sua época e seu profundo desejo em reformar a estrutura da sociedade; para isso traçou um projeto de diálogo com outras culturas, e sobretudo, a cultura do Islã. É importante mencionar que Ramon Llull teve um comprometimento político e preocupou-se com a organização social de seu tempo. Projetos voltados para educação e para formação humana, marcaram significativamente a sua História, pois apesar de ser um homem comum, sem grande repercussão em sua época, lutou a serviço do bem comum, mostrando que por meio da virtude era possível organizar uma sociedade.

Dessa forma, duas questões moviam Llull em seu tempo. Em primeiro lugar, era um contestador de sua realidade. Utilizava-se de seus escritos para questionar o seu tempo. E, em segundo lugar, propôs uma nova perspectiva de Cristianismo “puro”, que retornasse ao Cristianismo “original”, fundamentado na Bíblia. Ele mostrava por meio de suas reflexões estar sempre descontente com a realidade cristã de sua época, bem como com o rumo que homens estavam tomando ao abandonar a primeira intenção, criticava padres, papas e reis por não terem lutado pela expansão do Cristianismo no período em que viveu.

O filósofo direcionou seu projeto de conversão por meio da educação. Assim, o apreço pelas ciências, pelo conhecimento e seu alvo principal a evangelização e conversão dos muçulmanos, era uma tentativa de dar uma resposta à crise que o Cristianismo vivia no século XIII, o que na concepção de Llull era uma crise social. Essa percepção do maiorquino estava atrelada à busca da verdade pela religião e pelo profundo conhecimento da ciência.

A sua busca em criar um novo modo de filosofar, ao fundir o uso da razão e a fé cristã, tinha como objetivo fundamentar seus argumentos ao demonstrar que a verdade só era possível quando o homem conhecesse a Deus: “Filho, ciência é saber o que existe, e o Espírito Santo deu essa ciência aos apóstolos e aos outros homens que têm a ciência infundida pela graça de Deus, a qual ciência não pode ser dada sem a graça do Espírito Santo” (LLULL, 2010, XXXIV, 1, p. 29).

3.2 Os “inimigos” da cruz: a tensão entre cristãos e muçulmanos

Os muçulmanos, no que se refere aos seus aspectos doutrinários, fizeram com que Llull buscase ser um apologista da fé cristã, visto que para o maiorquino o Islã estava compreendendo erroneamente a doutrina cristã ao contrariar a existência da Trindade. Isso colocou Ramon Llull em uma posição de não aceitação dessas ideias, e para ir de encontro à crença dos muçulmanos, Llull usa seus próprios argumentos na tentativa de explicar que a interpretação do Islã era equivocada em referência à doutrina da Trindade. Apesar de admirar a cultura muçulmana, pode-se observar, segundo o pensamento luliano que os cristãos não estavam empenhados em demonstrar a veracidade do Cristianismo.

Ramon Llull criou seu próprio método de conversão e se tornou um missionário, sobretudo, focado em converter os muçulmanos. Demonstrou um verdadeiro ardor e desejo em falar sobre o evangelho aos “infiéis”, e para isso organizou um projeto voltado para uma missão evangelizadora, se propondo a conhecer e estudar a cultura do outro.

Fica evidente a insatisfação do maiorquino em relação aos cristãos do seu tempo. É possível notar, em algumas partes de sua obra, uma espécie de “denúncia” sobre a forma como os cristãos se comportavam diante da missão evangelizadora. Sempre que Llull se refere a esses cristãos é no sentido de alertar aos demais sobre um total despreparo e falta de ardor ao contrário do que os apóstolos de Cristo tinham quando o Espírito Santo desceu até eles:

Filho, está distante de nós o dia em que o Espírito Santo desceu sobre os discípulos. Por isso, filho, estão quase mortas a devoção e a caridade para **pregar e converter os errantes infiéis**, e encontra-se em nós o temor da morte, no qual estavam os apóstolos antes que o Espírito Santo descesse sobre eles. O entendimento humano é exaltado nos homens pelos costumes e escrituras, e os **infiéis requerem razões e provas necessárias para demonstrar a verdade da fé católica**. Esse requerimento acontece para nós quando, pela grande caridade e fervor, trabalhamos para aprender diversas línguas e termos a doutrina necessária, já que não somos dignos de fazer milagres, e temos tal indignidade por falta de caridade e fervor e pelo temor que temos para

suportarmos trabalhos e morte pelo amor de Deus (LLULL, 2010, L, 6, p. 40, **grifos nossos**).

Quando Llull reforça que os “os infiéis requerem razões e provas necessárias para demonstrar a verdade da fé católica”, o maiorquino mais uma vez quer apresentar ao leitor que o processo de conversão, é um processo de convencimento que exige uma explicação clara e contundente. É nesse sentido que o filósofo se tornou um estudioso da cultura e da religião muçulmana. Para Mota (2014, p. 37), Ramon Llull foi um grande expoente da literatura anti-islâmica. Empenhou-se em refutar os fundamentos do Islã, embora desejasse a conversão dos muçulmanos: “Confrontado com o ideal cruzadístico exclusivo, Lúlio foi portador de um otimismo missionário que apostava na conversão”, o que se configura como uma busca de conhecimento dos cristãos sobre os muçulmanos.

Em outras palavras, a arte persuasão elaborada por Llull pretendia provar que o Islamismo apresentava uma doutrina errônea. Ao mesmo tempo em que foi um admirador da cultura islâmica, também foi duro em seus comentários contra Maomé. Embora tentasse compreender os pontos que aproximavam as três religiões (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo), as diferenças foram suficientes para o maiorquino criar um projeto de conversão e tentar provar que as demais crenças estavam equivocadas. Contudo, Llull não mensurou o perigo e colocou sua vida em risco diversas vezes, pois confrontou bases da fé islâmica em terras muçulmanas.

Jordi Pardo Pastor (2006) chama atenção que durante o Medievo a filosofia grega serviu para estabelecer uma compreensão ao transcendental, ou seja, colocar o homem em uma posição de imagem e semelhança de Deus. As três religiões monoteístas tentaram alcançar uma combinação entre platonismo e aristotelismo na tentativa de explicar o mundo e, sobretudo, a existência de um Deus. Cada uma das religiões tinha os seus princípios estabelecidos, mas também não se pode pensar em uma unificação no interior das religiões, pois a diversidade em cada lugar colocava o Cristianismo, Judaísmo e Islamismo frente a múltiplos contatos culturais. Pardo Pastor (2006) defende a tese de que Llull, ao longo de sua vida intelectual, tentou unir os pontos que aproximassem essas religiões, e que não era adepto ao confronto. Mas, ao longo da pesquisa, observa-se que Llull tem um objetivo claro em provar a superioridade cristã, convertendo o outro, isto é, muçulmanos a suas ideias e aos seus pensamentos.

Baschet (2006, p. 66) também mostra que o processo de crescimento dos monastérios³⁴ no século VI faz com que a palavra “conversão” ganhe um novo sentido, que não significa mais somente a adesão a uma nova fé, mas a escolha de uma vida distinta, dedicada ao monastério. Com isso, “converter-se” pode receber diversos significados ao longo da Idade Média. O próprio processo de conversão do Ocidente ao Cristianismo, foi muito mais além do que o batismo de um rei e de certos guerreiros. Baschet (2006, p. 67) afirma que ainda no século VI o Cristianismo é uma religião das cidades. “Para os cristãos, os deuses antigos existem, mas são demônios, que é preciso caçar. A expulsão dos demônios encontra-se, então, no centro de toda narrativa de propagação de fé cristã contra o paganismo”.

Em uma das viagens de Llull a Tunis, quase perde sua vida, pois ao pregar sobre o Cristianismo reforçou mais uma vez sobre a verdade e superioridade da sua fé. Ele foi desafiado a provar a superioridade de Cristo sobre Maomé. E como Llull fez isso? Pelo debate. Essa será uma das armas mais poderosas utilizados pelo filósofo maiorquino, que tentou provar “os equívocos de Maomé”. Assim, apresentou a possibilidade de também lhe provarem a verdade da fé islâmica. Llull foi bastante categórico em mostrar que não basta só ter a capacidade de fazer o bem, mas é necessário fazer e agir. “Aqueles que possuem o *poder*, mas não o utilizam adequadamente, desperdiçam uma graça divina e, conseqüentemente, aumentam a possibilidade de ocorrência do mal no mundo, já que todos podem ter a vontade de fazê-lo” (COSTA; MEIRA, 2022, p. 110).

No que tange o contato³⁵ do Islã com o Ocidente, observa-se que os muçulmanos estavam abertos para influência da herança intelectual do mundo antigo. Isso possibilitou um “boom” nas Ciências e da Filosofia, como atesta Fletcher:

³⁴ “A exigência de uma escola mais rude impõe-se: esta será o monastério, lugar de estudo e de prece, de mortificação de si mesmo pela obediência alienante ao abade, pela penitência e pela privação. Espiritual e ideologicamente, a aparição do movimento monástico é, então, o contragolpe da formação de uma sociedade que se quer inteiramente cristã, mas se admite necessariamente imperfeita” (BASCHET, 2006, p. 67).

³⁵ “O grau de cultura e formação científica de judeus, cristãos e muçulmanos foi, ao longo da Idade Média espanhola, muito diferente. Durante o domínio Islâmico foram os muçulmanos e sua classe dirigente os determinantes da estrutura cultural na Península Ibérica. Com o domínio cristão, a cultura dos muçulmanos, quase todos dedicados a ofícios agrícolas e artesanais, foi caindo paulatinamente, ainda que não se deve esquecer que esses muçulmanos sabiam ler, pois por exigências de sua religião tinham que recitar textos do Alcorão. A população judia foi conservando um alto grau de cultura e desempenhou na sociedade multi-religiosa sob domínio cristão uma função de portadores de cultura, exercendo ofícios que exigiam alto nível de alfabetização. A cultura judia registrou na Espanha medieval uma verdadeira época de ouro. Em suas aljamas não só se cultivavam as ciências relacionadas com o estudo da Bíblia, seu alto nível cultural motivou que numerosos judeus ocupassem postos chave na administração dos estados cristãos e exercessem uma enorme influência nas finanças e estruturas administrativas dos mesmos. Houve judeus também em outras partes de Europa” (DOMÍNGUES REBOIRAS, 2012, p. 60 - 61).

Os estudiosos islâmicos também podiam recorrer à sabedoria acumulada e à competência da antiguidade Grega e Persa, da Índia e da China. Foi o que eles fizeram, no início do período Abássida, com um entusiasmo incrível. A essa fase de absorção seguiu-se uma explosão de criatividade intelectual – especialmente nas áreas da Filosofia e das Ciências que teve consequências de longo alcance para o desenvolvimento da civilização (FLETCHER, 2003, p. 49).

Nesse sentido, é importante mais uma vez reforçar que existia uma cultura do Islã consolidada. As questões científicas e filosóficas que moviam os muçulmanos não são ignoradas por Llull, mas representavam uma dificuldade, pois reforçam que a conversão dos muçulmanos era um desafio, uma vez que muitos deles eram letrados em ciência e filosofia. Assim, é possível afirmar que Llull se aproximou da cultura Islã, e tradição filosófica e da língua árabe, pois o conhecimento em si de tudo o que estava ao redor das vivências de Llull proporcionaram a ele estabelecer um projeto de conversão. Talvez, por isso o contato de Llull com os judeus³⁶, possa ter sido um trabalho de conversão não mais fácil, mas existia uma familiaridade entre eles com temas que eram discutidos a partir do Velho Testamento que era comum a eles, mas os embates de interpretação desse livro, também gerou diversos conflitos entre cristãos e judeus.

O intenso contato de Llull com as comunidades cristãs, muçulmanas e judaicas, o colocou diante de uma perspectiva heterogênea no que diz respeito à Cristandade na Península Ibérica. A sociedade plurirreligiosa influenciou decisivamente o pensamento de Ramon Llull. Vivendo em um espaço “privilegiado” no sentido cultural, a cidade de Maiorca já tinha se tornado um centro econômico e urbano, tornando-se um lugar de encontros e de trocas, de idas e vindas.

Com base nisso, Llull persegue um ideal de converter todos ao Cristianismo. O que é interessante é que Llull deseja converter cristãos e não-cristãos. Na passagem a seguir, Llull mais uma vez, destaca que assim como os infiéis são ignorantes e sofrerão os tormentos eternos, os cristãos que estão em pecado também estão distantes do criador. Segundo o filósofo, existia um desinteresse por parte dos cristãos em evangelizar os muçulmanos, para o filósofo esses cristãos eram ingratos.

³⁶ “Com relação a população judaica, sabe-se que esta existia na ilha desde os tempos da diáspora. Juntou-se a ela o grupo de judeus que ajudou Jaime I na reconquista e que foi recompensado no Repartiment da terras. Cabe recordar que em Maiorca a população judaica, embora fosse muito pequena em números absolutos, era em termos relativos extremamente superior- quase três vezes -à dos outros territórios da Coroa de Aragão, onde não ultrapassava 2 % do total dos habitantes ” (JAULENT, 2001, p. 22)

[...] se choras porque os cristãos pecadores não são gratos a Deus, que deixou Seu Filho crucificado para que nos consolássemos Nele, e se choras pelos infiéis que ignorantemente vão para os tormentos duráveis que dão os demônios, tenhas consolação na justiça de Deus, que faz todas as Suas obras reta e ordenadamente (LLULL, 2010, XXXIX, 3, p. 35).

A obra *Doutrina para Crianças* revela o pensamento de Llull sobre o Islã. Ao se referir a Maomé, o maiorquino de imediato, apresenta ao leitor a imagem do profeta que foi um homem falso e tentou deturpar a verdade cristã. Para Llull, “Maomé foi um homem enganador que fez um livro chamado *Alcorão*, e disse que lhe foi dado por Deus ao povo dos sarracenos, dos quais sarracenos Maomé foi o iniciador” (LLULL, 2010, LXXI, 1, p. 56).

O autor De La Cruz Oscar (2002) faz uma observação referente à forma como Llull organizou o seu discurso referente a Maomé em suas obras, destacando que na *Doutrina para Criança* o maiorquino foi mais agressivo e preconceituoso, apresentando duras críticas ao Islã. Contudo, no Livro do *Gentio e dos três sábios Llull* o discurso estabelecido por Llull é de total convencimento e tentativa em apresentar a veracidade do Cristianismo sem atacar o Islamismo, dando a oportunidade das outras religiões apresentarem o seu credo.

Na citação a seguir o filósofo coloca mais uma vez Maomé como um homem que influenciou outras pessoas a se desvirtuarem do caminho cristão:

Quando Maomé desceu do monte e foi à Vila de Triple e se fez profeta, disse que Deus o enviara ao povo daquela cidade para prometer que eles teriam no Paraíso a companhia de fêmeas, que comeriam manteiga e mel, beberiam vinho, água e leite, teriam belos palácios de ouro, prata e pedras preciosas, e teriam as vestimentas que desejassem. Ele prometeu muitas dessas bem-aventuranças para que acreditassem, e se jogou na terra, retorcendo as mãos e os olhos quase como um endemoniado, dizendo depois que São Gabriel veio a ele e mostrou palavras de Deus que estão em seu livro chamado *Alcorão*, e que ele, pela grande santidade do São Gabriel e de suas palavras, não podia se conter, e por isso se jogava na terra. E era costume que se cobrisse, e quando havia estado assim uma hora, ele se levantou e disse o que havia pensado (LLULL, 2010, LXXI, 6, p. 56).

Conforme excerto, é possível notar que Llull faz referência a Maomé como um “endemoniado” e que simulou a aparição do anjo Gabriel, utilizando de promessas falsas como um paraíso na companhia de fêmeas, e registrou as palavras e os desejos divinos no livro chamado o *Alcorão*, que serviria de bússola para conduzir os fiéis de forma errônea. Llull estabelece na passagem a seguir uma comparação entre cristãos e

muçulmanos, afirmando que “Maomé foi de uma vila chamada Triple; que fica a dez dias de Meca, à qual Meca os sarracenos fazem reverência da mesma forma que os cristãos fazem ao Santo Sepulcro de Jerusalém”, mas explica ao leitor que Triple e Meca, estão cheias de gentes idolatras que adoravam bestas, aves, e que não tinham nenhum conhecimento sobre Deus e muito menos entendimento (LLULL, 2010, LXXI, 2, p. 56). A construção da imagem de Maomé a partir da visão luliana, é de alguém que colocou outros homens no erro, e por meio da força os converteu ao Islamismo fazendo promessas falsas.

O inconformismo de Llull dava-se pelo fato de notar que os cristãos, príncipes e mestres não estavam preocupados com a Cristandade, e percebia uma indiferença da parte destes em se preparar para o campo missionário. O filósofo denunciava uma fragmentação no meio cristão o que deu margem para a expansão dos muçulmanos, pois os próprios cristãos não compreenderam o real sentido da primeira intenção, amar a Deus, isso implicava renunciar a sua vida e as vontades, assim como Llull testemunhou seu próprio exemplo de vida:

Saibas que os apóstolos converteram o mundo com pregação, queda de lágrimas e de sangue e muitos trabalhos e mortes graves. Por sua vez, a terra que os sarracenos têm, eles converteram-na. Por isso, estendendo Seus braços, Jesus Cristo deu na cruz um significado: que venham os bem-aventurados sábios que se encontram no povo dos cristãos lembrar Sua santa Paixão, e que abraçará aqueles que forem pregar aos sarracenos e aos infiéis. Amável filho, se ao Deus da Glória der prazer, e àqueles que estão tão bem recompensados, honrados e encarregados, seria razão e hora para retornar o fervor e devoção que existem, frequentemente, ao converter e endireitar os errados, para que estes não fossem infernados e tivessem a Glória na qual Deus fosse amado, conhecido, servido e obedecido neles (LLULL, 2010, LXXI, 12, p. 57).

Ele realiza uma análise detalhada do seu entorno, ao perceber que não podia contar que outras pessoas tivessem o seu mesmo entusiasmo missionário, o que acabou gerando vários momentos de frustrações. Por isso, sua maior referência, sempre indicado ao longo da fonte *Doutrina para crianças*, é sua admiração pelos apóstolos que converteram o população e expandiram a fé cristã pelo mundo, mesmo enfrentando os mais diversos perigos. Não foram aleatórias as escolhas de Llull em permanecer em algumas localidades em que pudesse estar diretamente em contato com a cultura muçulmana:

Algo determinante para isso era que o Mediterrâneo, ao contrário de Paris, oferecia um contato direto com o Islamismo e a língua árabe, que Llull pretendia conhecer profundamente para converter os muçulmanos. Esse palco contava com escolas missionárias (*studia arábica*), bem como centros nos quais diversas culturas dialogavam e textos filosóficos e científicos gregos eram traduzidos do árabe para o latim (SOUZA, 2022, p. 224).

Para Souza (2022), rotular Ramon Llull como um *autor catalão* ou *patriarca da língua catalã* é não estar atento ao contexto histórico, pois Llull não é pai da Catalunha, e suas obras necessariamente não são sobre a Catalunha, mas sua literatura “[...] é híbrida, amalgamada, fruto de entrelaçamentos e fusões culturais, com inspiração em modelos diversos, muitos dos quais provenientes do Oriente”. Suas obras são encontros e desencontros de culturas que revelam a riqueza de um tempo junto a culturas distintas.

4 O PROJETO GLOBAL DE CONVERSÃO NO *LIVRO DO GENTIO E DOS TRÊS SÁBIOS* (1274-1276)

Este capítulo tem por finalidade compreender as estratégias discursivas de Ramon Llull para a conversão dos ditos “infieis” ao Cristianismo a partir da análise da obra *O Livro do Gentio e dos Três Sábios* (1274-1276), em que tentou divulgar seu pensamento de forma incansável, e utilizou de um método da conversão por meio de argumentos em que persuadisse os não-cristãos a alinharem suas crenças aos princípios do Cristianismo. Segundo Palmas (2005, p. 261), em algumas passagens das obras de Llull, é possível notar exemplos didáticos que mostram como dialogar com o mundo muçulmano. No *Livro do gentio e três sábios*, considerada uma obra importante para compreender o pensamento luliano, na qual ele se utiliza de um recurso didático que visa permitir ao leitor decidir sobre que religião seria a verdadeira, deixando a interpretação nas entrelinhas conforme a compreensão de cada leitor.

É importante destacar que a proposta de diálogo estabelecida por Ramon Llull, não pode ser confundida com “tolerância religiosa”, tema questionado e defendido por alguns autores, já que Llull parte da certeza que o Cristianismo é “a única religião verdadeira”. No entanto, é possível notar em sua obra o espaço que ele oferece em expor as doutrinas de cada credo, apontando também as contradições dos credos.

Conforme as autoras Oliveira e Perin (2021), o *Livro do Gentio e dos três sábios* pode ser considerado para época, como um manual de ensinamentos de convivência para homem diante das questões do século XIII, visto que Llull faz um diálogo mostrando o funcionamento do Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Mas também se pode notar que é um manual que deixa o leitor com diversas dúvidas ao mostrar que as crenças são fragilizadas devido as divisões que acontecem no próprio seio de cada uma.

Assim, fica explícito compreender que o Cristianismo não era a única e mais importante religião, mas fazia parte do imaginário de uma sociedade, o que nos faz repensar na importância que o Islã e o Judaísmo também tiveram na formação da sociedade medieval.

4.1 Livro do Gentio: a apologética de Ramon Llull e o diálogo com os muçulmanos, judeus e o gentio

Ramon Llull desejava provar por meio de um método discursivo em que apresenta uma “fé racional” que os princípios do Cristianismo são corretos. Ele faz uma verdadeira “guerra santa de ideias”. Não mais com o uso das armas, da violência ou guerra, Llull

queria era converter o “dito infiel”, argumentando que há uma única “verdade”, e que esta seria o Cristianismo. Mas é de tamanha complexidade a tentativa realizada por Llull, já que estará diante de pessoas, que também acreditam, que sua fé é a “verdadeira”. Esteve Jaulent (2001, p. 9) afirma que Ramon Llull declarava que o homem foi criado para entender, e não para crer, ou seja, a relação entre fé e razão era algo presente no discurso do maiorquino. Para Ramon Llull, “[...] o princípio da busca do conhecimento deve ser livre de julgamentos prévios. A verdade é encontrada somente quando se inicia a investigação com uma razão que admita que todas as possibilidades podem ser verdadeiras” (COSTA, 2006, p. 2).

No *Livro do Gentio e dos Três Sábios*, Llull não registrou um único nome dos muçulmanos com quem dialogou. Palou (1981) enfatiza que muitos ignoram que o grupo de muçulmanos que se preservaram em Maiorca depois de 1229 são os que Llull pode conhecer e investigar, pois foi a partir dessa relação que o filósofo conseguiu visualizar de perto como essa crença estava organizada.

A convivência em Maiorca proporcionou a Llull o contato direto com os judeus e muçulmanos. Cabe destacar, que os diálogos mantidos com judeus e muçulmanos apresentados no *Livro dos gentios e três sábios*, revelam que Llull utilizou a persuasão como um instrumento de conversão.

Da redação do *Livro do Gentio e dos Três Sábios* para o *Livro do Tártaro e o Cristão*, duas obras com uma *estrutura narrativa dialogante*, o conhecimento do mundo por parte de Ramon Llull ampliou-se consideravelmente. Do âmbito da Coroa de Aragão (Palma de Maiorca-Montpellier) – sua *fase introspectiva* –, o filósofo alargou seus horizontes: foi à então *capital intelectual* do mundo cristão, Paris; apresentou sua *Arte* na universidade; esteve na corte papal em Roma, quando se inteirou da pressão que a Cristandade sofria com os mongóis – sua *fase de expansão* (COSTA, 2017, p. 18, grifo do autor).

O maiorquino buscou conhecer outras culturas e visitou outros locais o que possibilitou compreender a situação da Cristandade, e assim buscou criar estratégias para captar novos membros para o Cristianismo. Ao se ter em vista o que até aqui já foi discutido, é possível perceber que Llull também se inspirou nos apóstolos bíblicos que lutaram em defesa da fé cristã. Na Bíblia, algumas passagens também mostram esse ardor que é percebido nas obras lulianas. Muito disso se dá pela paixão missionária que é despertada no século XIII, talvez porque o Cristianismo já encontrava a sua preponderância ameaçada por outras religiões ou por terem alguns territórios que o Cristianismo ainda não havia conquistado.

O projeto missionário de Llull é uma resignificação do que os apóstolos de Cristo deram origem. Para ele, o mundo deixou de lado a primeira intenção, e, por isso, Llull enfrentou os muçulmanos tentando provar de modo sistematizado o seu credo, mesmo que, para isso, tivesse que perder sua vida, o filósofo não hesitou em comprovar os seus argumentos, e enfrentou o perigo da morte.

Lemos (2010) aponta uma semelhança evidente entre Paulo, personagem importante dos textos bíblicos, com Ramon Llull, pois ambos registraram seus feitos em nome de Deus e tiveram suas conversões por meio de uma iluminação divina com mudanças internas que serviram de testemunhos em suas pregações.

Llull faz uso do simbolismo visual no *Livro de gentio e dos três sábios* de uma árvore para dar ao leitor a orientação necessária no labirinto da estrutura relacional e combinatória que foi criada. As autoras Oliveira e Perin (2021) afirmam que os números estão nos textos medievais quase sempre atrelados às questões de fé e razão, como uma forma de comprovar a criação de tudo por Deus. Desta forma, o maiorquino deseja comprovar a veracidade de Deus por meio da matemática “[...] Como uma ciência lógico-demonstrativa, ou seja, aquela que pode comprovar, por meio do raciocínio, a existência de Deus”.

Segundo Adriana Zierer (2001, p. 110), a árvore é um elemento simbólico que possui diversos significados e que está presente na tradição de várias culturas. “Devido ao fato de suas raízes mergulharem no solo e seus galhos voltaram-se ao céu, é considerada como representante das relações entre a terra (o microcosmo) e o céu (macrocosmo)”, e a árvore também recebeu na Bíblia o significado de “árvore da vida”, em que o homem e a mulher ao comerem de seu fruto teriam o conhecimento do bem e do mal.

Conforme explica Bonner (1996), Llull propõe uma ciência das ciências, ou seja, buscar um mecanismo capaz de explicar todos os outros conhecimentos. E essa busca se dá de forma interna, fazendo menção “ao coração artístico de sua obra”, o que, para ele, vai além de pensar pelas opiniões de outros pensadores, mas o próprio homem é capaz de fazer e de encontrar dentro de si os mecanismos necessários no quesito da necessidade espiritual e intelectual. “Desta maneira propõe-nos um sistema que poderíamos chamar *endoreferencial*, em vez de um outro *exoreferencial*, como era costume na época. Quer dizer, um sistema baseado numa intertextualidade interior” (BONNER, 1996, p. 466).

Para os cristãos medievais, o Islamismo não era uma religião. Mas uma seita que enganava os homens e prometia uma vida de prazer na vida eterna. Talvez, por isso, Llull

elaborou como tese principal de sua obra a unidade de todos os cristãos para enfrentar o problema o qual, ele considerava como o maior, o crescimento da religião islâmica. Para isso, o gentio presenciaria uma disputa entre esses três sábios e escolheria qual a religião a seguir. Llull, no prólogo do *Livro do Gentio e dos três sábios*, mostra a sua real intenção que era convencer o leitor de que o Cristianismo era a verdadeira religião a ser seguida, a saber

Tendo convivido longo tempo com infieis, entendi **suas erradas opiniões**. Eu, homem culpado, mesquinho, pobre, desprezado por todos, indigno de inscrever meu nome neste livro ou qualquer outro, esforçar-me-ei plenamente, conforme o método do livro árabe Do gentio e confiando na ajuda do Altíssimo, em procurar novos caminhos e argumentos pelos quais os que erram possam ser encaminhados à glória sem fim, escapando dos infinitos trabalhos, e deste modo louvem a Deus nosso Senhor e cheguem ao caminho da salvação eterna (LÚLIO, 2001, prólogo, p. 41, **grifos nossos**).

Ramon Llull inicia o prólogo do *Livro do gentio e dos três sábios*³⁷, relatando sua convivência com os considerados “infieis”. E, ressalta que se considerava um homem indigno, pobre e desprezado. Essa fala de Llull lembra a expressão utilizada por Isaías que também reconhece sua pequenez diante do Deus cristão e vivência com aquelas que seguiam a deuses diferentes, postura bastante adotada nas falas de alguns homens que destacam esse sentimento na Bíblia. “Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (Is 6, 5).

Ainda sobre o Prólogo dessa obra, ao colocar a figura do gentio como homem já velho e reflexivo sobre a existência e o fim dela, traz justamente ao leitor, a capacidade de se colocar no lugar desse personagem e também daquele debate que envolvem as três crenças (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). A lógica é colocar o homem sempre em uma perspectiva de reflexão sobre a sua pequenez, sobre o pecado e a fragilidade humana. Dessa forma, o gentio retratado no livro sente o desejo de ir para uma floresta e estar em contato direto com a natureza a fim de trazer refrigério aos seus pensamentos. Sem religião, sem crença e depressivo, o gentio representa inúmeros homens, que Llull desejou alcançar por meio de sua obra:

³⁷ “No século XIII espalhou-se um novo estilo nos prólogos aos comentários dos *auctors*, baseado nas quatro causas aristotélicas. O *auctor* era apresentado como a “causa eficiente” da obra que se comentava; o conteúdo - o substrato da obra - constituía a “causa material”; o seu estilo literário, seus métodos ou procedimentos, e a estrutura da obra estudavam-se sob a rubrica da “causa formal”; enquanto que a finalidade última da obra, o motivo pelo qual fora escrita, o benefício que se podia obter com ela, considerava-se a “causa final” (BONNER, 1996, p. 468-469).

Os gentios são gentes sem lei e que não têm conhecimento de Deus. Assim, pela ignorância que têm de Deus, pois segundo o corpo da natureza todo homem deve ter conhecimento de seu criador, os gentios, apesar de não conhecerem Deus, pelo menos fazem alguma honra a algumas criaturas para significar que alguma coisa é mais nobre que eles. Amável filho, pela ignorância que os gentios têm de Deus, estão em diversos erros e opiniões. Por isso são diversos povos: uns adoram ídolos; outros adoram o sol, a lua e as estrelas; outros adoram as bestas e as aves; outros adoram os elementos, e cada um deles tem uma maneira diferente dos outros no que crê (LLULL, 2010, LXXII, 1, p. 57).

Na concepção luliana, o gentio é um homem sem lei, e não tem conhecimento sobre Deus. Ao retratar sobre o gentio e os três sábios, Llull deseja que o leitor também se sinta naquela floresta, sobretudo, aqueles que não concordam com o Cristianismo ou estão distantes da considerada “verdade cristã”. “Llull entende que o ser humano tem, como condição natural, estar entre a *vontade* (potência da alma que a move conscientemente a fazer algo ou não) e o *poder* (a própria capacidade de fazer algo)” (COSTA; MEIRA, 2022, p. 4). Logo o gentio é um homem retratado na obra como alguém em aflição diante da sua fragilidade e da morte, que não acredita em um Criador e muito menos na vida depois da morte. Assim, é necessário que ele encontre alguém que explique aquilo que era compreensível apenas pela razão, mas era necessário também que alguém possuidor de um saber mostrasse a esse gentio outras possibilidades de compreensão sobre o mundo.

Para Badia e Bonner (1992, p. 166), o *Livro do Gentio e dos três sábios* trata-se de uma obra lírica de amor exaltado à Divindade, em que Llull apresenta a possibilidade de conhecer o desconhecido e até mesmo em mostrar o entusiasmo na conversão, e na missão missionária. É possível notar no discurso maiorquino uma paixão pela missão em converter, mas ao mesmo tempo existe uma barreira diante de seu próprio projeto, quando ele percebe que existem as três religiões monoteístas, ou seja, como convenceria os outros da união de todos em apenas um credo? Como venceria essa “guerra santa de ideias” por meio de um discurso construído a partir da sua relação com o sagrado?

É nesse sentido que Llull apresenta como os três sábios se encontraram, e com por vontade própria, decidem caminhar e dialogar juntos. “Aconteceu que, ao mesmo tempo em que o gentio estava caminhando por aquela senda, três sábios encontraram-se à saída de uma cidade: um era judeu, outro cristão e o terceiro sarraceno” (LLULL, 2001, prólogo, p. 44). O encontro desses homens, mesmo que de forma ficcional, apresenta como Llull criou uma narrativa para verificar se o ouvinte estava atento ao seu discurso,

em que tentou demonstrar que era necessário existir apenas uma crença, pois no meio de infinitas ideias, existiam muitos conflitos sendo necessário apenas uma crença, a cristã.

O grande objetivo da obra é apresentar para aquele que não tem uma religião qual seria a melhor deles, embora Llull não deixe explícito a opção a ser feita, mas observando o seu lugar de fala (CERTEAU, 2011) é possível ver que o filósofo tendia a mostrar que o Cristianismo deveria ser a religião escolhida por esse gentio. Llull usa a alegoria, o que permite que o leitor compreenda um tema que possa ser complexo, de forma mais branda, poética e tranquila. Assim a “Inteligência”, por exemplo, é representada por uma mulher:

Tanto andaram os três sábios, falando cada um de sua crença e da ciência que ensinava a seus discípulos, que alcançaram aquela mesma floresta pela qual andava o gentio. E tanto caminharam os três sábios por ela que chegaram a uma bela pradaria onde havia uma aprazível fonte que regava cinco árvores significadas pelas cinco árvores que estão no início deste livro (LLULL, 2001, prólogo, p. 44- 45).

A “nobre dama”, que representa a Inteligência, ensina a “verdade”, utilizando a árvore como explicação e símbolo. É por meio desse método que Llull deseja apresentar as dignidades do Deus do Cristianismo, a “verdade” da fé cristã e os princípios absolutos desse Deus, argumentando pela razão inteligível. Seja como for, para Llull, a eternidade tem relação com aqueles que seriam salvos ou condenados (REINHARDT, 1980. Dois aspectos são relevantes nesse debate. O primeiro é observar a tentativa em provar a “verdade” cristã, e o segundo, embora Llull não o alcançasse, seria a conversão da humanidade, isto pareceu um objetivo explícito de seu projeto considerado ambicioso no sentido de que criou um projeto utópico, pois desejava que todos seguissem uma mesma fé, visto que tal desejo não se realizaria

Llull (2001, prólogo, p. 45-46) ao dar enfoque a Inteligência representada por uma “bela mulher”, utiliza essa personagem também de forma assertiva, pois ela dará as explicações e respostas as quais os três sábios desejam obter respostas para os seus questionamentos. Para isso, inicia explicando o que são as cinco árvores³⁸ e o significado de cada flor.

A primeira árvore, na qual vedes 21 flores, significa Deus e suas virtudes incriadas essenciais, cujo nomes estão escritos nas flores, conforme podeis ver. Aquela árvore possui duas condições principais: a primeira é que se deve reconhecer e atribuir a Deus sempre a maior

³⁸ A árvore tem um simbolismo importante no pensamento luliano. Além das cinco árvores no *Livro dos Gentios*, também escreveu obras intituladas *Árvore da Ciência*, *Árvore da Filosofia* e também a *Árvore Imperial*. Ver (Costa, 2000).

nobreza na essência, nas virtudes e nas obras. A outra condição é que as flores não sejam contrárias umas às outras, nem sejam umas menos do que as outras. Se não se tiver conhecimento destas duas condições não se poderá ter conhecimento da árvore, nem de suas virtudes, nem de suas obras (LLULL, 2001, prólogo, p. 46).

A “Inteligência”, personagem de seu livro, é enfática ao destacar que a árvore representava Deus e as flores suas virtudes. Existe no argumento apresentado pela Inteligência uma tentativa em demonstrar que Deus é soberano, e que não pode existir contradições entre seus seguidores, pois só é possível conhecer a Deus em total compreensão se o pensamento estiver na direção correta.

Assim, na segunda árvore, a Inteligência apresenta a importância das virtudes para alcançar a felicidade eterna, o que representa que todos os fiéis devem manter retidão em seu caminho compreendendo o real sentido da salvação, ou seja, só seria possível ser salvo quem abdicasse dos vícios em favor das virtudes.

Na explicação sobre a terceira árvore, todas as virtudes não podem jamais concordar com os vícios, pois todos que comentem os setes vícios, que são os pecados mortais, levam os homens à condenação eterna. Assim, a terceira árvore tem duas condições principais: “[...] a primeira é que as virtudes de Deus não sejam concordantes com os vícios; a segunda, que convém afirmar tudo aquilo mediante o qual, pelos vícios, as virtudes de Deus sejam melhor significadas ao entendimento humano” (LLULL, 2001, prólogo, p. 46).

Na quarta árvore, há um alerta de que as virtudes devem concordar entre si, e que os homens cresçam cada vez em virtudes, e se mantenham distantes de todos os vícios. E, por fim, na quinta árvore as virtudes nunca poderiam concordar com os vícios, e o homem deveria amar as virtudes e odiar todos vícios.

Nesse sentido, todas as explicações as quais a Inteligência apresentou têm como objetivo mostrar ao homem a finalidade maior da existência, que é amar, conhecer, temer e servir a Deus, na perspectiva luliana. Com essa explicação, Llull queria que o leitor tomasse consciência dos princípios e da doutrina que ajudariam a todos os homens que se encontravam no erro, ou seja, desvirtuados do cristianismo e que não conheciam a Deus, mas que tinham uma chance de se purificar de todo pecado.

É interessante que em uma das passagens do *Livro do Gentio e dos três sábios*, mais uma vez fica “implícito” o projeto de unificação do Cristianismo, quando um dos três sábios, representante de uma das religiões, que não foi revelada, argumenta sobre a

união dos credos em apenas um. Assim, analisaremos a seguir uma passagem em que os três sábios estão debaixo das cinco árvores, e um dos sábios diz:

Ah, que grande bem-aventurança seria se através destas árvores todos os homens que existem pudessem estar debaixo **de uma mesma Lei e de uma só crença!** Que não houvesse nem rancor nem má vontade neles, enquanto hoje se odeiam uns **aos outros pela diversidade e pela contrariedade de crença e de seitas!** E que assim como há um só Deus, Pai, Criador e Senhor de tudo quanto existe, assim também todos os povos existentes se unissem para ser um povo só no caminho da salvação, **e todos juntos tivessem uma só fé, uma só Lei e dessem louvor a nosso Senhor Deus** (LLULL, 2001, prólogo, p. 47, **grifos nossos**).

Observa-se nesse trecho, que Llull tinha a intenção de apresentar um projeto de uma única crença. Basta perceber que o diálogo está sendo proposto para que um representante do Cristianismo, do Islamismo e do Judaísmo apresentem os seus argumentos. Como poderiam todos estarem “debaixo de uma só crença”? Já fica bastante evidente que o projeto luliano é que todos aderissem a apenas uma fé. Com isso, ele mostra que devido à expansão de outras crenças e seitas, o ódio e rancor era notório em seu meio, e uma solução para esses desentendimentos, seria o fim das religiões em prol de apenas uma. Na passagem acima, é indispensável observar alguns pontos. O primeiro, “o desejo de existir uma única Lei”, isso significa que a existência de uma única crença anularia as demais, ou seja, fica explícito que das três religiões apenas uma seria melhor. O questionamento que se faz é qual seria a religião que se tornaria única? A segunda observação é quando Llull diz que “hoje se odeiam uns aos outros pela diversidade e pela contrariedade de crenças e seitas”, o que fica evidente é que para o autor existia uma severa oposição e rivalidade entre os credos de forma que se houvesse apenas uma religião, isto é o Cristianismo, o mundo seria um lugar mais harmônico para a convivência pacífica entre os seres humanos.

Nadal Canellàs (2016) faz uma ressalva importante ao falar na obsessão do projeto luliano em unir todos a uma única fé. O autor chama a atenção para um fato interessante de que o maiorquino em nenhum momento dos seus escritos fala em unir as Igrejas, mas sempre se refere à união dos cristãos. Não menciona nenhuma autoridade em seus escritos, mas acredita que o processo de unificação do Cristianismo é de responsabilidade dos cristãos. Isto não significa que não tivesse respeito ou admiração pelo papa de romana e pela Igreja Católica.

Essa fonte permite entender que diversos pontos estão se cruzando em defesa do Cristianismo, e vemos as conexões que estão sendo projetadas entre as religiões. Isto reflete o quanto Ramon Llull estudou sobre a religião dos judeus e os islâmicos, além de se aprofundar nas bases cristãs. Nessa esteira de pensamento, é possível perceber as profundas conexões culturais que Llull apresenta ao leitor. O contato estabelecido com o outro se dá por meio da circulação de ideias, de notícias, de mudanças, e faz da comunicação um elemento indispensável para a compreensão e entendimento de outros credos.

Ramon Llull demonstrou sua total devoção ao Cristianismo por meio de suas ações em entregar sua vida a serviço de sua fé. Não colocou obstáculos na tentativa de agregar outros membros ao credo cristão. Llull batalhou por meio da apologética cristã e contribuiu também no aspecto religioso, social e político do seu tempo. A defesa do Cristianismo revela muito da formação e da própria entrega às questões cristãs de seu tempo. Fica evidente em sua obra *O livro do gentio e dos três sábios* a presença do Islamismo, o que permite também conhecer o Islã medieval. Como afirma Palou (1981, p. 10), é interessante notar que nos escritos lulianos, há um profundo conhecimento do Islã Medieval, pois ele apresenta parte da doutrina, apreciações e tradições que foram observadas pelo filósofo de sua obra.

A relação que foi estabelecida entre cristão, judeu e muçulmano apresentada pelo filósofo maiorquino mostra, mesmo que de forma ficcional, a complexidade na Península Ibérica no que diz respeito às crenças. É possível notar que Llull escreve a partir de uma ótica privilegiada por meio do contato com o “outro”. Assim, é fundamental e cabe destacar o papel de inúmeras influências, já que o filósofo percorreu várias cidades com seu espírito missionário, a fim de converter os “infiéis” e aqueles que seguiam outras crenças.

Em um contexto multicêntrico, na ilha de Maiorca, Llull tornou-se um amante e conhecedor da ciência, da filosofia e do saber de uma forma geral. Assim, no começo do *Livro dos gentios e dos três sábios*, o maiorquino faz referência ao seu sistema lógico de demonstração, e fala sobre a densidade de seu vocabulário que era não utilizado habitualmente pelos leigos. “Em muitos momentos de sua extensa obra, Lúlio usará esta argumentação como uma ‘razão necessária’ para demonstrar a existência de Pessoas na Trindade divina” (JAULENT, 2013, p. 44).

Efetivamente, o desejo de Llull é apresentar as bases do seu credo. Mostrar que o Cristianismo é a verdadeira religião. Após se convencer sobre as verdades cristãs,

apresentar, a partir do seu lugar de fala, os “erros” das demais religiões, é por meio da compreensão que o dito “infiel” passará a acreditar no Cristianismo e seguirá esse credo. Há uma preocupação explícita em Llull de apresentar de forma lógica o seu credo. O homem ocupava uma posição importante por ter uma alma, “[...] pertencia ao mundo espiritual (mundo dos anjos e das almas), e por ter corpo, ao mundo material (das plantas, dos animais, etc.). Daí o destaque dado à antropologia pelo humanismo cristão do século XII, corrente da qual Ramon pode ser incluído” (COSTA, 2006, p.4).

Conforme Mota (2006), Ramon Llull é um exemplo de quem elaborou uma teoria e ao mesmo tempo colocou em prática uma proposta ambiciosa, mesmo que os resultados não tenham sido conforme esperava. O filósofo foi um modelo de homem que buscou até certo ponto respostas para os problemas sociais de sua época.

Llull destacou quase que insensatamente sobre um assunto que pareceu nunca se cansar, falar sobre a superioridade do Cristianismo em relação ao Islã, já que ele não aceitava o conceito de unidade de “Deus” no Islamismo. O maiorquino não se preocupou em refutar a missão de Maomé, mas apresentou argumentos para mostrar que a forma como o Islamismo apresentava o conceito de Deus não era suficiente. “Esse Deus é invisível aos teus olhos corporais, mas visível aos olhos de tua alma e é digno de todo louvor e de todo o honramento” (LLULL, 2010, I, 4, p. 5). A Arte ofereceu a Llull os meios que ele considerava relevantes para provar que o Deus das três religiões monoteístas é o mesmo. As argumentações utilizadas “[...] consistem na maior parte dos casos em associar as conveniências, diferenças e oposições que necessariamente apresentam as Dignidades divinas com as conveniências, diferenças e oposições” (JAULENT, 2001, p. 22).

Cabe ressaltar que os muçulmanos não acreditam na trindade e consideram essa doutrina como uma adoração a três deuses distintos. Então, essa divergência entre os cristãos e os muçulmanos representa um ponto fundamental e duas problemáticas que Llull enfrentaria ao tentar converter os muçulmanos, pois na concepção dos muçulmanos um Deus jamais se rebaixaria para assumir a forma de homem e ao mesmo tempo três em um (BADIA; BONNER, 1992, p. 31). Esse questionamento não cabe somente ao período medieval, é algo que até os dias atuais leva diversos cristãos a um debate exaustivo, na tentativa de apresentar argumentos bíblicos que comprovem tal crença cristã. Outro ponto a ser destacado é que dentro do próprio seio do Cristianismo há embates doutrinários entre os seus dogmas.

O autor quer provar por meio dos argumentos os erros dogmáticos, sobretudo, comprovar a existência da trindade, pois a compreensão dessa temática levaria o homem a entender de forma clara e verdadeira o mundo.

Ainda que Arte seja sempre e ao mesmo tempo inventiva, compendiosa, demonstrativa e geral, é cada uma dessas coisas por razões diferentes. É inventiva porque oferece “lugares” onde encontrar argumentos e porque, a partir destes, permite encontrar a verdade buscada. É compendiosa porque esses “lugares”, bem limitado em número, permitem encontrar “infinitos” argumentos. É demonstrativa porque esses argumentos implicam, segundo Lúlio, a necessidade das conclusões a que permitem chegar. E é em geral porque é aplicável a qualquer matéria, pois seus princípios são princípios de todos os gêneros de ser (RUIZ SIMON, 2004, p. 24-25).

Llull nutria uma certeza que por meio dos seus argumentos lógicos seria possível convencer a quem a mensagem estava sendo destinada. Não se limitava apenas à evangelização pautada em um discurso bíblico, mas acreditava que seus argumentos precisavam de conclusões contundentes, e estava explícito seu objetivo em demonstrar alguma verdade como objetivo final.

Diante disso, no prólogo do *Livro do gentio e dos três sábios*, a figura do gentio apresentada no livro foi no intuito de mostrar uma pessoa que não tinha uma religião e que se sentia perdida e cansada, mas que poderia alcançar alento para sua alma. Por isso, o gentio ao ser questionado por um sábio sobre a ressurreição, mostra-se atento para compreender o conceito sobre a ressurreição. Desta forma, os três sábios ficam contentes em poder explicar ao gentio sobre a existência de Deus e os principais meios para alcançar a salvação. Os sábios fazem o seguinte questionamento:

Que método adotaremos para provar estas coisas? O melhor será seguir o que nos foi indicado pela mulher Inteligência. Mas se provarmos estas coisas por cada uma das flores, a matéria se tornará demasiadamente longa; por isso julgo que seria bom que por alguns das flores investigássemos e demonstrássemos a existência de Deus, e existir nele as sete virtudes que já mencionamos, e existir ressurreição. Um de nós principiará pela primeira árvore e demonstrará através dela; outro, em seguida demonstrará pela segunda árvore, e assim pela ordem, demonstraremos através das cinco árvores, e demonstraremos ao gentio aquilo que lhe é necessário conhecer (LLULL, 2001, prólogo, p. 50).

Com objetivo de mostrar ao gentio o caminho da salvação, o principal argumento utilizado pelo maiorquino é a demonstração pela razão; em outras palavras, é tocar no entendimento humano de forma assertiva naquilo que ele deseja provar. Uma das estratégias utilizadas por Llull é o argumento racional e lógico, e também por meio de

exemplos práticos que pudessem comprovar na prática os seus argumentos. Logo, uma das questões mais caras para o filósofo é provar que o seu Deus existe. Esse é um ponto indispensável no Medievo Ocidental, a existência de uma divindade chamada Deus.

As três religiões tinham esse ponto em comum, já que acreditavam em um Deus criador do Universo. Diante desse argumento, o primeiro capítulo do livro do *Gentio e dos três sábios* é dedicado a explicar o real significado das cinco árvores em que Llull utiliza como alegoria para dar suas explicações convenientes ao leitor. Assim, o sábio deseja mostrar na primeira árvore a existência de Deus e da ressurreição:

Ora, se o corpo do homem ressuscitar e durar todo tempo depois da ressurreição, a bondade de Deus e a sua eternidade significariam maior nobreza e maior obra. E como, conforme as condições das árvores, a Deus convém ser concedida maior nobreza, por isso convém necessariamente, conforme a divina influência eterna, que seja ordenado que por aquela influência venha a graça e a benção ao corpo humano, pelas quais tenha ressurreição, e que seja duradouro por todo tempo (LLULL, 2001, I, 1, p. 57).

Observa-se nessa passagem a fala de um dos sábios, que não fica evidente se é o judeu, o cristão ou o muçulmano, faz mais uma vez o apelo em utilizar o significado da ressurreição como uma estratégia de convencimento, pois mostra que a recompensa final fazia parte de um discurso que envolvia o indivíduo em um desejo de salvação.

Para Baschet (2006, p. 89), entre o Ocidente, Bizâncio e o Islã era possível notar os conflitos que envolviam armas, rivalidades e instabilidades, mas também não se excluía a coexistência de trocas comerciais e intelectuais. Assim, as trocas revelam que existiu uma movimentação de ideias e cruzamentos intelectuais, o que colocou Bizâncio e a cultura árabe também como um marco para aquela sociedade de importantes contribuições, mesmo que existisse uma tentativa em desqualificar essa cultura.

A imagem construída sobre os muçulmanos na sociedade cristã durante o século XIII era de uma religião idólatra, e que seus fiéis seguiam as ideias “deturpadas” de Maomé, o que seguia como uma justificativa elaborada pelos cristãos para acusar o Islã de um desvio do Cristianismo. Desta forma, o Ocidente renegava o Islã por ser considerado como apenas um cisma, e de conduta contraditória ao Cristianismo. Com isso, a rivalidade entre essas duas religiões colocou sempre em pauta do discurso, qual crença era a superior, e para que o Cristianismo fosse validado como a verdade, era indispensável apresentar as contradições das outras religiões. Foi a partir desse ideal de colocar o Cristianismo em um lugar de destaque, que muitos assimilaram a religião

muçulmana idolatria pagã e uma seita repleta de heresias, “[...] vê-se bem que é inconcebível para a cristandade considerá-lo uma fé específica e coerente. É por isso que aqueles que chamamos de muçulmanos só podiam ser designados, na época, como infiéis” (BASCHET, 2006, p. 90).

Deve-se notar que apesar de seu espírito em defesa da fé cristã e a tentativa do diálogo com as outras religiões, isto não quer dizer que Ramon Llull concordava com as demais crenças, mas dar voz as outras religiões também é uma tentativa de apresentar a sua como a verdadeira e melhor. Ao discorrer sobre os outros credos, de maneira inteligente aponta de forma indireta a superioridade do Cristianismo. Na *Doutrina para crianças*, Llull responde a um explícito esforço em ridicularizar a fé islâmica, enfatizando de modo pejorativo sobre a imagem de Maomé. Não hesita em dar a sentença final de Maomé que seria ir para o inferno.

Para Trías Mercant (1998), compreender o contexto de Maiorca no qual Llull estava inserido, é essencial para entender a proposta do *Livro do Gentio e dos três sábios*, pois Llull colocou as três religiões monoteístas em disputa bem como deixa em destaque as principais diferenças e aproximações entre os credos, o que fazia parte do sistema de doutrinação luliano. Llull em meio ao mundo bélico, surge como uma voz discordante e busca uma outra forma de abordar as questões sobre as crenças do seu tempo, sobretudo com os muçulmanos. O espírito missionário, a racionalidade da fé e métodos utilizados por meio da razão, anunciavam o desejo de Llull pela unidade cristã.

As disputas de Barcelona, ordenada pelo rei Jaime I, visavam dar destaque às diferenças conceituais entre os judeus e cristãos diante das questões que envolviam o messianismo. Jaime I ordenou que fosse criada uma comissão teológica para examinar o livro dos judeus, e que todas as passagens que fossem anticristãs não deveriam ser pronunciadas. Assim, entra em debate que a atitude de tolerância por parte dos cristãos aos judeus, era inversamente proporcional, pois o Cristianismo se fortalecia cada vez mais, deixando os judeus em um espaço menos privilegiado, o que os forçava a conviver em um mesmo espaço, forçando uma “tolerância” de caráter político (TRÍAS MERCANT, 1998).

Eusebio Colomer (1968) no texto intitulado *Ramon Llull y el judaísmo en el marco histórico de la Edad Media hispana*, coloca a Espanha Medieval em um contexto diferente de outros países europeus, devido a coexistência e interação dos cristãos e dos muçulmanos. E embora existisse para luta para recuperar o território e reconstruir a unidade territorial com base na cultura cristã, as duas grandes crenças se entrelaçavam.

Nessa perspectiva, nota-se que as três religiões monoteístas conviviam, lutavam e trabalhavam em um território comum a todas. O que chama a atenção nesse caso, é observar como se dava a convivência entre essas crenças. Colomer (1968) afirma que a tolerância na Espanha Medieval se tratava de em viés político, imposta pela necessidade da coexistência das três religiões em um mesmo espaço.

Diante disso, Llull também foi influenciado por esse espírito da “boa convivência” pelo fato de que, quanto mais próximo estivesse das outras crenças mais conheceria a sua doutrina, o que permitiria traçar objetivos para confundir o outro por meio das contradições observadas na crença deles.

Além disso, parte de sua estratégia é chamar a atenção aos cristãos em reconhecer que seus pecados os tornavam negligentes diante do projeto em converter os ditos “infiéis”, pois afastava o homem de Deus e do propósito. Assim, é possível compreender que a partir da análise da documentação, e pelos lugares em que Llull vivia ou realizou suas viagens, o Cristianismo não era totalmente a religião dominante daqueles espaços, ou seja, existia uma tensão sobre qual religião seria preponderante e um descaso dos próprios cristãos perante a sua fé.

Inúmeras vezes, Llull demonstrou seu forte interesse em ir visitar o mundo muçulmano, mesmo sabendo dos possíveis perigos. Realizou algumas viagens, em prol do que ele considerava como sua maior missão, que era o ideal de conversão dos considerados “infiéis”, visto que Llull teve experiências de perto sobre a relação entre cristãos, judeus e muçulmanos, já que: “[...] na Espanha das três religiões, uma convivência, que é, de fato, uma situação de coexistência e de interações, regulares, em que se misturam trocas e pactos, coabitações e conflitos, tolerância e esforço de subordinação” (BASCHET, 2006, p. 90).

Os diálogos mantidos ao longo da obra, conforme Palou (1981), só explicam que Llull tinha um alto conhecimento da doutrina muçulmana, o que provavelmente tenha sido aprendido nas vivências com os muçulmanos, e sobretudo com o escravizado mouro que ficou por nove anos ensinando-lhe a língua árabe, além de que, na ilha de Maiorca, o contato com essa cultura foi muito acentuado, levando a ser um meio diversificado para as três religiões.

No artigo intitulado *Misión y cruzada en el pensamiento de Ramon Llull (1232-1316), una cuestión sin zanjar*, o autor Llano (2020) argumenta que Llull nutriu o “sonho da conversão”, ou seja, acreditava que por meios racionais, a conversão dos muçulmanos seria concretizada. Assim, tinha certeza que seu método era quase infalível, e que

precisava utilizar a estratégia do diálogo, construindo pressupostos que fossem comuns ao Judaísmo, Islamismo e Cristianismo.

Como já mencionado no capítulo dois desta tese, Llull visitou diversos lugares de poderes como a visita ao Papa, à Universidade de Paris a fim de conseguir recursos para a construção de mosteiros, justamente pelo fato de que acreditava que os cristãos precisavam se preparar melhor, conhecer a língua do “infiel”, entender outras perspectivas da religião do outro e adquirir um conhecimento mais adequado acerca da religião e cultura do outro, tais pressupostos facilitariam a compreensão de elementos pontuais para proporcionar um debate que fosse coerente ao apresentar os princípios que norteavam a fé cristã. Por isso, Llull considerou de fundamental importância estudar o árabe e se apropriar de conhecimentos para além das suas crenças.

Para Fidora (2013), o maiorquino desejava primeiramente que os cristãos compreendessem os conteúdos da fé cristã, e posteriormente chegassem ao ponto de concordância por parte dos muçulmanos em relação ao Cristianismo. Neste sentido, o filósofo maiorquino buscava esse compromisso que os cristãos estivessem dispostos a explicar sua fé e assim como os muçulmanos e a outros não-cristãos que estivessem dispostos a compreendê-la. Nesse sentido, Llull explica que:

Boa coisa é a fé, porque pela fé o homem crê e ama aquilo que o entendimento não pode entender; e se a fé não fosse nenhuma coisa, o homem não amaria, porque não a entenderia. Ora, como o homem não pode entender pela fé, pelo fato de que pela fé o homem ama aquilo que não entende, e na medida em que o homem ama e não entende, o homem deseja o entender (LLULL, 2001, I, 2, p. 60).

Llull defende que a fé é algo natural dado ao homem. Em caso da não existência, dessa fé, o homem não ansiaria tanto por ela, apesar de não a compreender. Llano (2020) diz que a proposta do maiorquino se deu de forma inteligente, uma vez que desejava apresentar sua fé por meio da compreensão, pois para “acreditar” é preciso compreender, já que ele defendia o uso de “armas intelectuais”, e o testemunho do seu próprio martírio. Embora o gentio se mostrasse bastante atento a cada explicação, e estar até mesmo disposto a conhecer ao Deus no qual os sábios tentaram explicar, algo o deixou confuso quando percebeu que embora os três sábios falassem no mesmo Deus, existiam diferenças:

Quando o gentio disse estas palavras, cada um dos três sábios lhe respondeu e disse que se convertesse à sua Lei e à sua crença.

- Como? Disse o gentio. E não estão os três em um só Lei, uma só crença?

-Não, responderam os sábios, antes, somos diversos em crenças e em leis, porque um de nós é judeu, o outro cristão e o outro sarraceno.

-E qual de vós, disse o gentio, está na melhor Lei, se cada uma destas Leis é verdadeira?

Cada um dos três sábios respondeu e falou contra o outro, louvou a sua crença e repreendeu ao outro aquilo em que cria (LLULL, 2001, I, 5, p. 81).

A questão que se coloca ao tratar sobre a conversão do gentio, é que apesar dele ouvir sobre as três religiões e as explicações sobre Deus, as crenças dessas três religiões eram divergentes, o que faz com que o debate girasse em torno de qual religião o gentio deveria seguir. O gentio percebeu que “[...] os três sábios não se entendiam e cada qual dizia que a crença do outro era um erro pelo qual o homem perdia a bem-aventurança celeste e ia para a pena infernal, se antes o seu coração estava em ira e em tristeza, agora ficou ainda mais” (LLULL, 2001, I, 5, 81).

Assim, Llull nas diversas questões que aborda durante seu diálogo, propõe apresentar a doutrina de cada religião como uma estratégia de mostrar que existiam diferenças entre essas crenças, mesmo que existisse a coerência no mesmo Deus.

Observa-se que o gentio se convence do monoteísmo e da ressurreição, e está ciente de todas as diferenças que existem entre as três crenças, e deseja compreender as diferenças de cada credo. Assim, cada um terá oportunidade de apresentar suas diferenças, seguindo uma ordem lógica pelo judeu, por ser representante da religião mais antiga, comparada as duas outras, Cristianismo e Islamismo.

Inicia-se de forma respeitosa a fala pelo judeu, já que esse faz parte de uma religião mais antiga em comparação as outras duas. O sábio judeu defende que dentre os artigos que ele acreditava, um era que Deus ainda iria mandar um messias para retirar todos do cativeiro no qual o homem vivia. Essa crença divergia diretamente com a doutrina cristã, pois, para os cristãos, Jesus Cristo era o Messias que veio para salvar toda a humanidade.

Solução. Respondeu o judeu: - Nós já estivemos em dois cativeiros. Um durou 70 anos e outro 400, mas este tem mais 1200 anos. Dos dois primeiros cativeiros sabemos a razão por que estivemos neles, mas deste cativeiro em que estamos não sabemos por que estamos nem por que não (LLULL, 2001, II, 4, p. 107-108).

Enquanto, para os cristãos, Jesus Cristo era o Messias e veio para salvar toda a humanidade, os judeus ainda continuavam aguardando um salvador, esse ponto era crucial na divergência entre os cristãos e os judeus. O maiorquino defendia a ideia de que os judeus estavam no erro e por isso Deus os puniu para serem servos e prisioneiros de todos. Desta forma, eles são considerados, na opinião de Llull, como os mais covardes e perversos entre os homens (LLULL, 2010, LXX, 2, p. 55). Assim, o personagem que representa o judeu continua explicando sobre a expectativa da vinda do Messias:

Ora, como estamos em servidão de todas as gentes, pela queda de nossos primeiros pais, pela servidão de todas as gentes, pela queda de nossos primeiros pais, pela servidão em que estamos, não podemos ter e nem cumprir bem a lei que Deus nos deu- esta lei que observamos ou poderíamos observar mais corretamente, na liberdade, se a tivéssemos. Por isso convém necessariamente que Deus envie o Messias para livrarnos da servidão em que estamos e sejamos livres e tenhamos reis e príncipes, como costumávamos ter [...] temos sustentado longamente o grande cativo em que estamos, no qual somos muito ultrajados e menosprezados pelos povos cristãos e sarracenos, de quem somos e pelos quais somos forçados e atormentados, e a eles devemos pagar tributos e dízimos todo ano, sustentamos e amamos todo este trabalho para melhor amar a Deus e não abandonar a lei nem o caminho no qual nos colocou (LLULL, 2001, II, 4, p. 106-107).

Do mesmo modo, o judeu explica que são ultrajados e menosprezados pelos cristãos e sarracenos, que são obrigados a eles a pagar tributos e dízimos todo ano, e que permanecem em total servidão. Um pouco mais radical, o gentio disse ao judeu que o fato de estarem nessa servidão, poderia ser a permanência deles estarem em estado de pecado, e que para se livrarem disso deveriam pedir perdão a Deus. Fica muito evidente, que Llull utiliza a fala do gentio para expressar a sua opinião sobre a crença dos judeus, pois pelo fato de negarem a Jesus Cristo como salvador deixava-os nessa condição de pecado e servidão. Assim, o judeu continua explicando sobre a expectativa da vinda do messias:

Ora para significar que o poder de Deus é tão grande, que dará àquele homem, o Messias, tão grande poder, nos mandou ter grande esperança em sermos por um homem liberados da servidão em que estamos sob tantos homens. Deus, portanto, ordenou que estejamos no cativo e sejamos libertados pelo poder de um homem tão-somente; e por isso se prova que o Messias deve vir para nos libertar (LLULL, 2001, II, 4, p. 108-109).

É importante destacar que Llull não era defensor da tolerância religiosa, nem tampouco pregava que todos deveriam ter credos diferentes, visto que ele idealizava a junção de todos em uma única fé. Com essa observação é notório que Llull quis apresentar

as diferenças, na tentativa de unificar todas as crenças a uma única, ou seja, tornar todos cristãos. Mesmo que isso não tenha acontecido, pois sabe-se que as três religiões, que estão em debate no livro, são completamente diferentes em suas doutrinas mesmo que tenham algumas aproximações, é essa manobra que Llull tenta argumentar, extrair as semelhanças e convencer a todos a renunciarem as ideias contrárias e contraditórias aos princípios cristãos. Para isso, Llull apresenta os três sábios que estarão munidos do uso da razão e da inteligência para que o debate aconteça.

Trías Mercant (1998) traz um debate interessante sobre as discordâncias que existem entre alguns pesquisadores, de um lado uns defendem o lado tolerante de Llull e outros não aceitam o espírito de tolerância no posicionamento do maiorquino, visto que ele defendia o Cristianismo e aceitar os princípios de outras crenças seria contraditório diante do discurso que ele amplamente defendeu em suas obras. Mesmo que o *Livro do Gentio e dos três sábios* mostre uma convivência entre os três sábios e como cada um poderia apresentar os princípios religiosos de suas crenças, existem alguns pontos contraditórios e estratégicos sobre como Llull queria apresentar as “verdades” cristãs. Mercant fala que o escritor Leon Poliakov analisa que existia uma “tolerância extraordinária” na Espanha Medieval, sobretudo, pelo fato do “Deus” ser o mesmo para as três religiões, embora os cultos fossem regulados, existia uma compreensão fraterna e social, ponto esse questionável pelo autor.

Neste sentido, é possível notar que a convivência entre as religiões sempre foi uma temática delicada no sentido de que existe uma tentativa em colocar sempre uma como a melhor e mais correta que outra. Pelo fato de existir uma promessa de uma vida depois da morte, algumas religiões utilizam esse discurso para manter os seus fiéis debaixo dessa crença e assim poder convencê-los a permanecer debaixo das doutrinas e regras que são impostas. Por isso é complexo falar em uma boa convivência em meio as disputas e controvérsias.

Do outro lado, pode-se dizer que Llull apresenta no *Livro do Gentio e dos três sábios* uma tolerância da benevolência, ou seja, muito provavelmente uma atitude sociológica de compreensão e não deixa de utilizar a razão como requisito em estabelecer condições para que seu próprio discurso também seja compreendido pelo outro. É problemático falar sobre um conceito de tolerância em Llull, pois embora os judeus tivessem aproximações com os cristãos, o maiorquino também apresenta as contradições que são encontradas dentro do Islamismo (TRÍAS MERCANT, 1998).

Conforme afirma Llano (2020), para muitos o espírito tolerante e respeitoso com os outros religiosos era questionável, o que leva a compreensão da estratégia do maiorquino em abrir espaço para um tipo de tolerância racional para que desta forma o conhecimento e a compreensão mútua pudessem superar toda a diversidade e utilizar de todo estudo realizado sobre a busca da unidade cristã. Llano (2020) não concorda com esse posicionamento de colocar Llull como um personagem na Idade Média fundamentalista, fanático e intolerante, pois considera que o maiorquino estava influenciado pelo ardor missionário do século XIII, e como um cristão queria expor as bases da doutrina de sua fé, e se colocava na posição de defensor e propagador dos ideais cristãos.

É evidente que Llull também queria se transformar em uma figura emblemática de alguém quem se entregou ao martírio e fez tudo em nome Deus. Queria que seu nome fosse eternizado como um defensor da Cristandade e de um homem que buscou a unificação da Igreja cristã, pois estava incomodado com falta de missionário comprometidos em evangelizar e pregar para toda criatura.

Como destaca Juan Nadal Canellas (2019), Llull traçou como um de seus objetivos a reforma da Igreja, a libertação da Terra Santa do domínio muçulmano e a união de todos. Todavia o projeto de Llull não se resumiu apenas a isso, mas queria saber e conhecer profundamente a situação do Cristianismo no mundo. Llull estava interessado nos “infieis” e também naqueles que ele considerava como os cismáticos, gregos, hereges, jacobitas e nestorianos. Como ressalta Nadal Canellas, Llull não se colocava como um teólogo, mas como um missionário em uma missão ambiciosa a serviço da fé, pois queria evitar a propagação de outros credos, sobretudo os muçulmanos que cresciam demasiadamente, a exemplo tinham os tártaros que se converteram ao Islamismo.

O discurso antiislâmico, portanto, desempenha uma função ordenadora da própria identidade da cristandade latina, que evoca para si toda a força política e religiosa do messianismo apocalíptico. Para tornar-se prática, esse discurso assentou-se em experiências sociais concretas: liturgias, devoções, confrarias leigas, ordens militares, festas cívicas, sermões, pactos políticos, assembleias, renegociação de dívidas, reordenamento jurídico, procissões, romances, poemas e gestas. Costumamos pensar as cruzadas como deslocamentos militares intercontinentais e como embates entre exércitos, mas as cruzadas eram muito mais do que isso, eram movimentos sociais que abarcavam as comunidades latinas inteiras e comprometiam as intenções morais e espirituais de quase todos os indivíduos que compunham o território cristão (MIATELLO, 2017, p. 1181).

Llull não hesitou em mostrar em seus escritos uma literatura anti-islâmica, ou seja, como um bom defensor do Cristianismo ele criticou Maomé e o considerou como endemoniado e enganador, para tornar seu anseio realizado utilizou seu testemunho de um servo de Cristo e por meios concretos quis externar realizando suas peregrinações, escrevendo livros e indo por todo o mundo levando o evangelho aos não cristãos. De certa forma, Llull não ignorava as problemáticas dentro do próprio Cristianismo, e considerava o próprio cisma prejudicial, pois apresentava uma divisão e rompimento da doutrina cristã, deixando muitas vezes na dúvida se deveria se tornar grego, jacobita, católico ou nestorianos. Assim, todos aqueles que tinham uma visão equivocada sobre Deus alimentavam opiniões errôneas, o que possibilitava o surgimento e expansão de outras crenças. Por isso, o filósofo maiorquino afirma que:

Pela ignorância que os gentios têm de Deus, estão em diversos erros e opiniões. Por isso são diversos povos: uns adoram ídolos; outros adoram o sol, a lua e as estrelas; outros adoram as bestas e as aves; outros adoram os elementos, e cada um deles tem uma maneira diferente dos outros no que crê. Mongóis, tártaros, búlgaros, húngaros da Hungria Menor, comanos, nestorianos, russos, genoveses, e muitos outros são gentios e homens que não têm lei (LLULL, 2010, LXXII, 2, p. 57).

Uma razão que mostra que Llull tinha uma opinião elevada sobre o catolicismo em ser uma religião superior é quando se refere as demais opiniões como errôneas, pois se distanciavam da proposta cristã, ou seja, esse filósofo usava como parâmetro a sua religião para assim tecer considerações a respeito das outras crenças. Juan Nadal Canellas (2019) destaca que a essência do Cisma, ou seja, a grande separação da Igreja Cristã, que dividiu seu povo e provocou diversos desentendimentos, sendo um deles a questão doutrinária acerca do Espírito Santo, e que tanto essa divisão no meio cristão como a conversão dos muçulmanos faziam parte do projeto de Llull. Com isso, é possível notar que essa divisão da Cristandade era algo que, na perspectiva luliana, era bastante prejudicial, pois só aumentava o distanciamento entre os próprios cristãos que, por meio desses desentendimentos enfraqueciam o potencial de fortalecimento de sua crença, e tornava-se um dos maiores obstáculos para conversão dos muçulmanos, assim reconhecia a própria divisão dentro do Cristianismo. Por isso, Llull tentava se aproximar dos “Cristianismos” que estavam espalhados sobre diversas doutrinas, na tentativa de unificar a Cristandade.

Llull chegou a formular uma opinião positiva sobre os gregos, pois eles têm muitos bons costumes, e como estão tão próximos da fé católica, seriam rapidamente induzidos à Santa Igreja Romana, se houvesse quem aprendesse sua linguagem e sua letra, tivesse tanta devoção que não duvidasse de receber a morte para honrar a Deus, e fosse pregar entre eles a excelente virtude que o Filho divino tem em dar procedência ao Espírito Santo (LLULL, 2010, LXXII, 4, p. 58).

Conforme discutido no capítulo três dessa tese, a questão relacionada à Trindade, era um ponto de grande relevância no discurso de Llull. Embora os gregos fossem considerados cristãos para Llull, pois tinham bons costumes, existia um elemento que os distanciavam da fé católica, que era justamente a discordância da Trindade. O maiorquino idealizava que as diferenças não impediriam de que os gregos fossem evangelizados facilmente e que poderiam se converter e fazer parte da Santa Igreja Romana. Como afirma Miatello (2017), a Cristandade assemelhava-se a uma ilha envolvida por um mar de descrenças e diversos erros, e os cristãos gregos “[...] à medida em que negavam a comunhão com a fé romana, estavam igualmente de fora e, por isso, a cristandade afirmava-se latina, capitaneada, não sem conflito, pela auctoritas pontifícia e pela potestas régia”

Llull escreveu a obra *Disputatio quinque hominum sapientium (1294)*, e expôs as opiniões dogmáticas dos gregos, o que mostra seu compromisso em estudar a teologia grega. Nesse sentido, conhecer as doutrinas era um ponto fundamental para a conversão. Mas uma das críticas mais presentes no pensamento luliano era a falta de união entre os cristãos, que romperam entre si e criaram doutrinas que os afastavam e que acabavam comprometendo a Cristandade.

Para além disso, Llull rejeita qualquer ideia de que os cristãos eram totalmente cientes de seus compromissos com a fé. Muito pelo contrário, ele emitia duras críticas aos cristãos que não buscavam conhecer sobre sua própria crença, assim como a crença do outro. Era necessário pelo menos dar respostas básicas sobre o Cristianismo, fato que, para Llull, era inadmissível um cristão que não soubesse responder a objeções e heresias dos ditos “infieis”.

No capítulo dois desta tese, já foi discutido sobre as viagens as quais Llull realizou pelo Mediterrâneo e tantas outras localidades em que ele pôde conhecer e dialogar com outras culturas. A viagem para Chipre e Armênia (1301-1302) trouxe percepções sobre o seu projeto de conversão, sobretudo com os gregos. Fica evidente seu conhecimento sobre o mundo grego, principalmente em relação as questões doutrinárias que divergiam

das cristãs. Na imagem a seguir (figura 5), é possível perceber Llull chegando em uma embarcação e, posteriormente, ao que tudo indica, dialogando com muçulmanos em uma de suas viagens. Provavelmente pregando e conhecendo o outro, mas sobretudo falando de sua fé, de Deus e da salvação, que eles só alcançariam se caso se convertessem ao Cristianismo:

Figura 5: Ramon Llull dialogando com os muçulmanos



Fonte: Breviculus. Thomas <Migerii>: *Breviculus ex artibus Raimundi Lulli electum*, c. 1321, Badische Landesbibliothek Karlsruhe, Cod. St. Peter perg. 92, f. 9v.

Disponível em: <https://digital.blb-karlsruhe.de/blbhs/content/pageview/105558>

Ramon Llull buscava um caminho de diálogos com os “infiéis”, e desejava conhecer o outro para assim poder também refutar as doutrinas dos muçulmanos e de todos que professavam uma fé diferente. Como afirma Palou (1981), Llull se debruçou sobre a doutrina muçulmana, justamente pelo seu contato direto com eles, pelas leituras de textos islâmicos, pelo contato também com mouro que o ensinou a língua árabe, o que resultou em diversas obras escritas no original em árabe e depois traduzida para o catalão.

O contato com essa cultura o possibilitou conhecer melhor e estudar mais fundo dessa doutrina. Ramon Llull dialogou amplamente com os muçulmanos, estes que influenciaram a ilha de Maiorca, por meio da cultura e do comércio marítimo, espaço que foi palco de trocas culturais. Llull se dedicou para as missões a partir de um longo período de capacitação, sobretudo, no que diz respeito a aprender a língua árabe e escrever também obras que serviriam de apoio para outros missionários formados nas escolas que Llull tanto desejava que fossem abertas.

É possível estabelecer que o gentio, personagem de sua obra, reflete muito a personalidade de Llull por trás dessa personagem, pois demonstra suas curiosidades e incredulidades sobre os credos. Segundo Palou (1981), o gentio formula objeções, pede explicações ao muçulmano no *Livro do Gentio e dos três sábios*, e apresenta as contradições quando não há compreensão diante do que foi explicado. Nota-se que as controvérsias descritas na obra, é observada nos diálogos estabelecidos entre os três sábios e o gentio.

Dessa forma, os diálogos mostram uma concentração das ideias em orientar as pessoas que estavam também com dúvidas sobre qual fé seguir. Assim, apresentar de forma detalhada as doutrinas dos credos, era uma forma de demonstrar também que o maiorquino conhecia as outras religiões, e dava espaço para explicar sobre outras doutrinas. Assim, no momento em que o gentio dialogava com o judeu, questionou se os cristãos e sarracenos acreditavam na mesma Lei dos judeus, e o representante do Judaísmo no *Livro do Gentio e dos três sábios*, respondeu da seguinte forma:

É coisa certa que os cristãos e os sarracenos creem que Deus deu a Lei a Moisés, e cada um crê que a nossa Lei é verdadeira. Mas como eles creem em outras coisas que são contrárias à nossa Lei, na medida em creem naquilo que é contrário à nossa Lei, não creem na Lei. Ora, nós discordamos sobre a exposição e glosas que são contrárias; por isso nós não podemos concordar por argumentos de autoridade, e procuramos razões onde nós possamos concordar (LLULL, 2001, II, 3, p. 105).

Há divergência dentro de cada credo e as opiniões diferentes geravam o diálogo entre as crenças o que geravam disputas e lutas acirradas na tentativa de comprovar quais as ideias eram mais verdadeiras. Por meio do diálogo acima, exposto por um judeu, é possível notar que há uma resistência em encontrar os pontos comuns entre os credos. Observa-se uma constante tentativa em de refutar os erros e concordar sobre qual é a verdadeira fé. Para isso, sempre iniciava um debate geral sobre as diferenças que os

separavam dos cristãos e Llull queria que fosse apresentada a verdade, pois quis passar aos que o escutavam uma mensagem das contradições de todos os outros credos.

No entanto, os textos produzidos pelo maiorquino foram escritos para apresentar princípios cristãos, doutrinas para a vida diária, e mesmos seus poemas tinham a função pedagógica. Buscava com isso, impor um conjunto de imagens exemplares e de lições morais que enquadrassem todos em uma mesma perspectiva de fé, e ao mesmo tempo mostrar a possibilidade de acabar com as doutrinas que os separavam. Era uma forma de estruturar suas opiniões no intuito de impor uma visão a partir de seus interesses. Por outro lado, tenta-se constituir um conjunto de diálogos estabelecidos intencionalmente, mesmo que de forma ficcional, para influenciar o inconsciente coletivo sobre as crenças do seu tempo.

No artigo intitulado *En qué consiste la unidad de los cristianos, según Ramón Llull* (2016), Nadal Canellas analisa que Llull tinha como objetivos durante sua trajetória a unidade dos cristãos, a reforma da Igreja e libertação da Terra Santa do domínio dos muçulmanos. Mas esses objetivos seriam possíveis se os cristãos se unissem, e fosse abolido o Cisma que causava escândalo na forma como os muçulmanos interpretavam as doutrinas cristãs em meio a diversas divisões do próprio Cristianismo. Nadal Canellas (2016) destaca que, para Llull, a problemática em torno da união dos cristãos não seria solucionada pela intervenção da Igreja e papas, mas que o povo deveria ser persuadido da verdade para que acontecesse um rompimento das barreiras de separação.

Como já mencionado anteriormente, Llull acreditava que converter os gregos não seria um processo difícil, levando em consideração que eles eram cristãos, mas estavam apenas equivocados com algumas questões dogmáticas. É nessa questão central, que o maiorquino se dedica em levar a todos os católicos e não católicos sua Arte, no intuito de mostrar que o verdadeiro Cristianismo é aquele em que todos caminhariam para uma Cristandade forte e unida.

As “verdades” apresentadas por Llull do seu credo, eram em sua grande parte negada pelos judeus, muçulmanos, gregos e todos os que não acreditavam nas premissas cristãs. As estratégias lulianas iam para além do meio terrestre e se lançou por meios marítimos na tentativa de explicar aos muçulmanos as questões que envolviam os mistérios da trindade e da encarnação.

Palou (1981) ressalta que o maiorquino escrevia algumas de suas obras em árabe, justamente para alcançar o público muçulmano, a exemplo disso escreveu a obra *La Disputatio Raimundi Chritiani et Hamar saraceni*, considerada uma obra dedicada aos

muçulmanos e enviada a um líder religioso do qual não se tem muitas informações de sua identidade. Llull apesar de cristão defensor convicto de sua fé, debruçava-se sobre os textos muçulmanos, pois sempre defendeu a importância de conhecer para convencer o outro. Embora estivesse dentro de um padrão medieval das disputas, diálogos e controvérsias, ele tinha esse perfil bastante presente em seus escritos, registrar e falar sobre as outras religiões como um foco de suas estratégias e um caminho que parecia ser bem mais eficaz para a conversão dos ditos “infieis”, pois era uma maneira de saber o que aproximava e distanciava em termos de doutrinas.

4.2 Ide por todo o mundo e pregai o evangelho: *Peregrinos em Marcha para a Salvação*

Há um trecho da Bíblia que diz: *Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*. O significado dessa frase acompanha a intenção diária de inúmeros cristãos que são capazes de deixar seus lares em prol de levar o evangelho “a toda criatura”. Esse fenômeno da conversão ainda está presente em nossa sociedade, em que vários homens e mulheres, que se consideram cristãos, apresentam um caminho que leva a “salvação”, sendo isso possível, segundo a doutrina, somente para aqueles que entregam a sua vida a Jesus Cristo. É impressionante a forma como as pessoas se entregam a esse “mandamento” e pregam na certeza da consolidação dessa missão. “Por pregação entende-se a exposição exegética e hermenêutica das Escrituras cristãs segundo os pressupostos e normas da homilética litúrgica” (MIATELLO, 2017, p. 1173)

E, foi com esse mesmo objetivo que Llull decidiu espalhar essa mensagem cristã por todos os lugares que andava e por todas as suas viagens realizadas. Acreditava que por meio da pregação a conversão poderia ser um meio eficaz. Como afirma Miatello (2017), a força persuasiva da pregação, que era um ato de oratória, teria sido uma forma de Llull encontrou de tocar os corações e incentivar as mudanças em atitudes, já que se tornou um pregador, justamente por ter ouvido um sermão de São Francisco de Assis.

Cada momento era uma oportunidade de falar sobre Jesus Cristo e mostrar os erros dos não-cristãos. Todas as considerações feitas nos capítulos anteriores, apresentam uma sociedade dinâmica e diversa, seja por suas crenças ou pela própria dinâmica social e política. Embora Llull estivesse influenciado por questões próprias do seu tempo, não se pode desconsiderar um fator importante de sua crença, que era a Salvação da Alma.

Esse tema sobre o Além, foi muito debatido por autores e continua sendo uma temática intrigante e pontual ainda hoje. Dessa forma, na parte final da tese discutiremos

como Llull acreditava que a ressurreição final, seria mediante a todos aqueles que que fizessem a confissão e se entregassem a Jesus Cristo.

Depara-se com essa questão central da obra, apresentar o que cada crença achava sobre a vida após a morte. Esse tema merece uma análise, pois envolve o imaginário de uma sociedade, sobretudo, a idealização do maiorquino sobre a vida no Paraíso e os tormentos do inferno. Discutiremos nessa seção o que Llull falava sobre a ressurreição e o Juízo Final, assim como quem poderia alcançar a salvação da alma.

Durante a Idade Média a religião foi uma “mola propulsora de toda a atividade pedagógica; o estudo e a investigação não tinham finalidades em si mesmas, mas endereçavam a busca da perfeição cristã”. Desse modo, o elemento religioso tomava o lugar central “da vida interior da Idade média” (BASCHET, 2002, p. 143).

Uma contribuição trazida pelas universidades medievais foi a ampliação das pesquisas que iam além do saber religioso, acarretava em novos estudos que cooperaram para o desenvolvimento científico e um saber autônomo, não mais monopolizados nos monteiros. Mas se observa que a força da sagrado era muito forte que vigorava nesse período o imaginário de que os homens e mulheres medievais na sua passagem terrena, teriam uma vida de provações e que seriam recompensados, o que dependeria dos atos de cada um e da sociedade, no pós-morte, com a salvação ou a condenação das almas. Das possíveis funções da obra de Ramon Llull, enfatiza-se o direcionamento dado à sociedade, que por meio de suas ações, poderia pensar que após a morte desfrutaria na eternidade das dádivas do paraíso, em que os indivíduos teriam acesso à presença de Deus. Na pretensão de direcionar os seres humanos ao contato com Deus, dava-lhes a conhecer as glórias do Paraíso, Llull traçou no desenvolvimento das suas obras padrões que eles deviam ser ou serem evitados para que se alcançasse um fim de não danação (GOMES, 2017).

A religiosidade e seus elementos compunha o dia a dia dos indivíduos na Idade Média, e foram esses aspectos que influenciaram decisivamente a proposta de evangelização luliana. Temáticas como Juízo Final, Paraíso, Inferno, vida pós-morte, influenciavam na conduta do homem. Este vivia uma espécie de mundo dualista, ou seja, era luta da alma entre o bem e o mal. Por que refletir a respeito do tema do Além nas obras desse filósofo? Acredita-se que seja relevante pensar na preocupação daquela sociedade com a vida após a morte, já que as atitudes terrenas eram pensadas a partir da crença e da fé.

Baschet (2006) diz que a fé medieval era menos uma crença pessoal e mais uma fidelidade prática, expressada por palavras, e atitudes. Assim, a fé que fazia parte do presente no dia a dia definia o modo de se apreciar mundo. O Além era o local que a justiça divina mostraria a verdade acerca do mundo. O medo de ir ao Inferno serviu como uma arma ideológica que a Igreja usou para converter grande número de fiéis ao Cristianismo, uma vez que as pessoas quiseram mais a salvação pelo medo do Inferno do que pelas glórias do paraíso. “A peça essencial do sistema não foi o Paraíso, mas o Inferno” (LE GOFF, 2006, p. 30). Este autor afirma que a Igreja usou o Além para ajustar seu predomínio sobre os cristãos e explicar a ordem do mundo pela qual ela velava, tudo estava devidamente ligado à interferência da Igreja Católica e suas necessidades ideológicas.

O homem foi concebido à sua imagem e semelhança e todo o seu comportamento deveria conduzi-lo a uma só finalidade: a de amar e servir a Deus em vida para desfrutar da sua glória, no Paraíso, após a morte. **A desobediência às leis divinas o faria purgar no Inferno para toda a eternidade. Essas leis foram todas definidas pela Igreja Católica, com base nas tradições judaica e grega, adaptadas às necessidades de domínio da Igreja sobre a sociedade como um todo.** De modo que, observa-se em todos os textos medievais, qualquer que seja a facção da sociedade que o tenha produzido, eles estarão sempre contagiados por esse ideário religioso (SOUZA, 2021, p. 8, **grifos nossos**).

No livro *O Deus da Idade Média*, Le Goff (2007) faz a diferença entre as diversas facetas de Deus para quem a imagina, um Deus do rico, um Deus do pobre, um Deus do humilde. Isso mostra como as variadas representações de Deus para aquela sociedade foi importante na sua construção, pois foi na crença em um Deus da religião oficial, do catolicismo, que as bases da educação foram sendo estabelecidas, e tinham uma finalidade. Essa finalidade seria a Salvação da alma dos indivíduos. Segundo Schmitt (2002, p. 30), Deus era o resumo de toda a concepção de mundo do homem e da mulher medieval.

Percebe-se que os escritos bíblicos geraram na Cristandade medieval a imagem positiva e negativa dos indivíduos. A imagem positiva seria aquela do homem como a melhor criação divina, aquele que deu nomes aos animais, aquele que encontraria o novo Paraíso. E a imagem negativa, era de um homem pecador, vulnerável às tentações, e prestes a perder o Paraíso, e mergulhar em uma morte eterna. O homem viveria uma constante luta, e sua alma seria o palco da guerra, o lugar das grandes decisões “o homem em marcha, em viagem permanente nesta terra e na sua vida, que são o espaço/tempo

efêmeros do seu destino e onde ele caminha, segundo as suas opções, para a vida ou para a morte” (LE GOFF, 1989, p. 9-10).

Como já foi dito a obra *Doutrina para Crianças*, escrita por volta de 1274-1276, foi dedicada ao seu filho Domingos e pode ser considerada como um dos primeiros manuais pedagógicos voltados à educação infantil. Nela, destacam-se os fortes ensinamentos cristãos, “ao longo dos quais todos os ensinamentos giram em torno de Deus e dos preceitos da Igreja Católica³⁹” (MATEUS, 2018, p. 52), apresentando um campo de batalha, sendo um duelo entre a vida e a morte:

Sobre esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo o homem tem por aliados Deus, a virgem, os santos, os anjos e a igreja e sobre tudo, a sua fé e suas virtudes; mas têm também inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do Pecado Original. A presença do Além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois arriscar a salvação a cada instante de sua existência, e mesmo se ele não está consciente, esse combate por sua alma é travado sem trégua aqui embaixo (LE GOFF, 2002. p. 22).

A imagem descrita sobre o Paraíso, era de um lugar considerado de paz, alegria, que excluía qualquer tipo de mal. A partir do momento que o pecado se interioriza, desvia o indivíduo da boa conduta moral, infringindo as normas e desviando-o do caminho considerado bom. Segundo Llull, o indivíduo que seguisse uma educação voltada às virtudes e se afastasse dos vícios, aproximar-se-ia de Deus:

Imagina, filho, uma vontade muito próxima que todos os tempos deseja, mas nunca tem o que deseja, e todos os tempos tem o que desama e poderia ter todos os tempos o que ama. Assim, imagina quão grave paixão a vontade dá ao entendimento quando entende o que a vontade deseja todos os tempos e não tem, e teve o que todos os tempos desamou, e perdeu Deus, que todos os tempos deseja e ama. Assim, saibas, filho, que tal entendimento atormenta a vontade dos que estão no Inferno, porque neste mundo não tiveram amor a Deus (LLULL, 2010, LIV, 12, p. 43).

Da passagem acima, podemos destacar que Llull enfatiza que o homem deve compreender a importância de resistir aos anseios da vontade, pois quando o entendimento entende o que vontade quer, deixa de lado o que realmente deveria ser cogitado que é agradar a vontade de Deus. Ele afirma que muitos do que estão no Inferno, sentem-se atormentados porque enquanto em vida derem valor as suas próprias vontades

³⁹ A obra *Doutrina para Criança* ressalta bem que o bom cristão deveria frequentar a Igreja e enfatiza “a importância dessa instituição em todo processo educativo, não só ir, mas cumprir os mandamentos, os sacramentos” (MATEUS, 2018, p. 110).

humanas e desprezaram a de Deus. É nesse sentido que os bons hábitos deveriam ser reforçados, e praticados. No próximo item, falaremos dos vícios que deveriam ser evitados e das virtudes que quanto mais praticadas, mais a alma se adaptaria a fazer o bem. Llull diz ao seu filho que depois da morte, o homem se aproximaria de Deus ou seria aprisionado no “eterno fogo infernal”:

A danação é perder a glória celestial perdurável e ficar submetido a suportar as penas infernais que não têm fim. Assim, por meio dos sete Pecados mortais ditos acima, saibais, filho, que os homens têm danação. Deus dana quem quer, mas sua vontade não quer danar sem razão nenhum homem. Sabes Por quê? Porque razão e justiça se convém. E como a vontade e a justiça de Deus são uma mesma coisa, Nosso Senhor Deus não dana nenhum homem que não seja culpado (LLULL, 2010, LXVII, 1, p. 52).

Ramon Llull pode ser considerado um pedagogo cristão, o qual estava preocupado tanto com a educação religiosa quanto a vida terrena, sujeita às tentações da carne. Ao se analisar a obra *Doutrina para Crianças*, observa-se que funciona como um manual de ética e moral religiosa, em que na primeira parte da obra, “o autor apresenta toda a proposta catequética que pretende mostrar para formação humana, assim como trata do caráter social, das artes e ciências. Para Llull, o homem deveria ser ensinado, e o ensino tinha como base o pensamento cristão” (MATEUS, 2018, p. 136).

Desta forma, ao se falar da religiosidade e seus elementos que faziam parte do dia a dia do homem medieval, nota-se que isso influenciou diretamente na proposta de educação luliana, pois temas como Juízo Final, Paraíso, Inferno, vida pós-morte, fizeram-se presentes nessa obra, uma vez que esses aspectos incidiam nas ações do homem, o qual vivia uma espécie de mundo dualista. Isto é, era luta da alma travada entre o bem e o mal. Isso justifica o porquê de se refletir a respeito do tema do Além na obra *Doutrina para crianças*. Já que se acredita que seja necessário pensar que havia a inquietação “com a vida pós-morte, regia o código da moral de vida em sociedade, isso influenciaria diretamente no comportamento humano. Logo, as atitudes terrenas eram pensadas a partir da crença, da fé, que influenciaram o projeto educacional luliano” (MATEUS, 2018, p. 136).

O peso da construção do nascimento dos homens com o “pecado original” resultou em grandes impactos nas sociedades, sobretudo a medieval, em que elementos foram construídos no imaginário dos homens de que haveria reversão desse peso que os acompanhava desde o ato de nascer, o que seria sanado com a busca constante pelo

Paraíso no pós-morte. De fato, como seria esse lugar tão almejado pelos homens e mulheres no período medieval?

O Paraíso é um lugar de paz e alegria, desfrutadas pelos eleitos por meio de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos, cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gosto de frutos deliciosos para a boca, panos aveludados para os dedos (pois os pudicos eleitos vestem, em geral, belas togas brancas, só alguns artistas devolvem a eles a nudez da inocência do Paraíso terrestre antes da Queda). Algumas vezes, o Paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas e compreende espaços concêntricos protegidos, eles também, por muros, cada espaço mais luminoso, mais perfumado, mais saboroso, mais harmonioso, aproximando-se do centro que reside Deus e que mantém reservada a visão beatífica. O Paraíso do Gênesis era um jardim de acordo com as realidades climáticas e imaginárias dos orientais; o Paraíso do Ocidente medieval, mundo de cidades antigas e novas, foi concebido sobretudo sob forma urbana, no interior de uma muralha, tendo como modelo a Jerusalém Celestial. Esse Paraíso era estritamente reservado aos bons “batizados”, sendo o batismo o passaporte necessário (mas não suficiente) para o Paraíso (LE GOFF, 2006. p. 30).

A descrição feita acerca do Paraíso, seria de um local em que reinava a paz, alegria, que recusava quaisquer tipos de maldade. Esse era o grande desafio de Lull, era mostrar aos homens que a partir do momento que o pecado se interioriza, desvia o indivíduo da boa conduta moral, infringindo as normas e desviando-o do caminho considerado bom. O homem percorreria uma linha tênue entre o mundo espiritual e terreno, travava uma luta diária contra alma e vice-versa. O mundo seria somente um lugar passageiro, e salvação a ser conquistada para se ter uma vida de paz na eternidade.

O homem manteria o corpo em conservação de pureza. Algo que se consolida na Idade Média central é a noção do livre-arbítrio que cresceu e responsabilizou cada um por suas escolhas, cada homem seria responsável por suas ações. Aquilo que realizasse na vida terrena, determinaria se seria salvo ou condenado, tornando assim a escolha de ser salvo uma opção do homem que, para isso, precisaria fazer escolhas e renúncias:

O mundo é representado pela Igreja de forma dualista, cristãos versus não-cristãos, bem versus mal, Deus versus Diabo. Assim, tanto leigos quanto clérigos, saíam em busca pela salvação da alma. Mesmo hoje, na aurora do século XXI, o deslocamento ainda é visto como uma forma do Ser reencontrar-se consigo mesmo e os caminhos da era medieval continuam a ser visitados. As promessas, pedidos de graças aos santos na religião católica, também muitas vezes são pagas por meio de uma longa trajetória percorrida pelo fiel a pé. Ainda estão ligados na civilização ocidental, conceitos como o de salvação, viagem e sofrimento física (ZIERER, 2013, p. 74).

Sobre a morte e o pós-morte, Agostinho de Hipona refletiu que o pecado original levou o homem à situação de homem mortal, como uma penalidade divina. O homem interrogava-se acerca do que o esperava após a morte, como um mortal recairia sobre a vida terrena e a eterna. Ele definia o homem com alma e corpo a “antropologia agostiniana argumentou que está sujeito a uma ‘dupla morte’: uma dizia respeito ao homem exterior, na carne/corpo, quando a alma abandona o corpo, enquanto a morte atinge o homem interior, a alma, quando esta é deixada por Deus” (PIRATELI, 2008, p. 206). A alma dá vida ao corpo, e Deus é a vida da alma, sendo assim, o homem deveria cultivar essa relação com o divino. Deus é aquele que protege e incita o homem à virtude:

A imortalidade da alma, para Santo Agostinho, garantia ao homem para além de sua vida um ‘eterno hoje’: realidade não sujeita ao tempo, a qual se dividia em dois lugares distintos a que a alma humana chegará, céu ou inferno, segundo a crença cristã, e isto de acordo com aquilo que havia praticado na sua vida terrena [...] os justos, que para o pensador cristão representava o ‘peregrino’ –homem voltado para o amor a Deus e desprezo de si próprio-, encontrariam seu fim no céu, desfrutando da eterna felicidade e da plenitude de seu ser, gozando e contemplando o Ser Supremo, Deus (PIRATELI, 2008, p. 209).

O Diabo ganhou uma representação da figura do mal, personagem tido como um dos mais importantes e temidos na cultura popular do Ocidente. Aquele que é responsável por trazer toda as formas de maldades a humanidade, a própria encarnação do mal, oponente das forças malignas. É essa figura que tenta e induz o homem ao pecado. A figura do maligno é reforçada nas imagens, nos textos. Baschet (2006) afirma que a partir do ano mil, ele encontra um lugar digno em que recebeu uma representação específica que sublinha sua monstruosidade e sua animalidade, conseqüentemente, posto como figura central na religião preponderante na sociedade medieval.

Sendo assim, as figuras protetoras e a mediação da Igreja foram necessárias e urgentes, frente à divulgação da imagem temerária do chamado Príncipe das Trevas. Diante desse imaginário, o filósofo não deixou de registrar essa preocupação que foram passadas ao seu filho. Isso fica evidente quando diz que: “Amável filho, a tentação diabólica faz todo o contrário disso, pois no princípio satisfaz o corpo para começar o mal, entristecendo a alma no fim, pois ela tem consciência do pecado e do mal que faz quando consente ao demônio, que é seu inimigo” (LLULL, 2010, XC, 6, p. 78). Llull imaginava que “o corpo e alma são um campo de batalha para o homem, pois a partir do momento que o indivíduo cede aos desejos da carne, pode a princípio satisfazê-la, mas no final a alma fica entristecida” (MATEUS, 2018, p. 141).

Foi por meio da educação que essa imagem foi difundida e o que se foi construindo sobre o Além medieval, modificou-se a forma de pensar acerca do mundo, e suas ações. O Cristianismo estabeleceu uma dualidade radical do Além. Como consequência da sua educação, o homem praticaria as virtudes e evitaria os vícios; preocupado com a salvação viveria de modo mais harmonioso na vida em sociedade.

A temática da “morte” na Idade Média foi um pensamento comum na sociedade medieval, e a Igreja Católica considerada a intermediadora entre Deus e o homem, noticiava aos fiéis a relevância do cumprimento dos mandamentos cristãos “sob pressão da Igreja Católica e por medo do Além, o homem que sentia a morte chegar queria prevenir-se com as garantias espirituais” (ARIÈS, 2012, p. 113). A partir disso, nota-se o porquê da representação do Além ser tão marcante na obra *Doutrina para criança* e “está diretamente ligada à abordagem sobre a educação, que tinha a influência religiosa, na estrutura do projeto-pedagógico luliano” (MATEUS, 2018, p. 141):

[...] a vida é breve e a morte se aproxima de nós todos os dias. Por isso a perda de tempo deve ser muito odiosa. Logo, no princípio o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais, e que o homem faça seu filho soletrar, em língua vulgar, o princípio que aprendeu, de tal modo que ele entenda o que soletrou (LLULL, 2010, prólogo, p. 01).

Observa-se que a vida do homem medieval estava pautada em permanecer em uma constante guerra entre pecar e vencer o pecado, já que este, de acordo com Casagrande e Vecchio (2002, p. 337), estabelecia uma dinâmica das relações entre a alma e o corpo os quais constituíam a “pessoa medieval”:

[...] a alma e o corpo vivem juntos no indivíduo em estado de contínua tensão, que por sua vez gera o pecado: aqui a carne concupiscente, fonte de impulsos dificilmente refráveis; ali um espírito enfraquecido, assolado pelas paixões incapazes de governar sozinho o corpo que habita e tolhido em seu desejo de se voltar para o bem (CASAGRANDE; VECCHIO, 2002, p. 337).

Ramon Llull dá enfoque na relevância de se aproveitar o máximo de tempo possível em compreender a vida, já que a morte sempre estará próxima, quanto mais o tempo passa, mais ela se aproxima do homem. Este deveria estar pronto espiritualmente para enfrentar a morte. Seria responsabilidade dos pais ensinarem aos seus filhos sobre o máximo que conseguirem até chegar aqueles assuntos que consideravam mais “importantes”, que na ótica do filósofo seria o sagrado. Desse modo, é notável que na linguagem do filósofo sempre era enfatizada a seu filho como este deveria manter um

bom comportamento. Para Llull, “os pais deveriam mostrar aos filhos como refletir sobre a glória do Paraíso e as penas infernais, assim a criança se acostumaria a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos, ensinando no caminho divino” (MATEUS, 2018, p. 142). Nesse contexto, a educação era de dois tipos: a da alma (memória, vontade e entendimento) e a do corpo (visão, olfato, audição, paladar e tato). Era responsabilidade do homem aprender e se afastar do mal:

Em Deus existe bondade, grandeza, eternidade, poder, sabedoria, amor, virtude, verdade, glória, perfeição, justiça, largueza, misericórdia, humildade, senhoria e paciência. E em Deus há muitas virtudes semelhantes a essas, e cada uma dessas virtudes, ao mesmo tempo, é somente um Deus (LLULL, 2010, I, 5, p. 5).

Para Mateus (2018), ao dar ênfase às virtudes que existem em Deus, a justiça, e a sabedoria, Llull apostava que o ser humano deveria segui-las em sua vida diária para viver nessa sociedade mais justa e se aproximar do Criador. Assim, conseguiria tanto a salvação de sua alma após a morte, como viver harmonicamente em sociedade. Em específico, Ramon Llull destacava em seus escritos como conhecer a Deus e alcançar a salvação.

Seguido do tema sobre a morte, o pecado, é lembrar que o homem vivia constantemente em luta contra si mesmo. Para o pensamento da Igreja, o pecado já germinava no homem desde o nascimento, devido ao “Pecado Original” que tirou o homem do seu estado de perfeição para uma condição de dominação do pecado, quando Adão e Eva desrespeitaram os desígnios do Criador no Paraíso Terrestre. A desobediência a Deus permitiu ao homem viver assim, nesse constante combate. Dessa maneira, acreditar no filho de Deus, ou seja, na Encarnação é o que poderia tirar o homem desse estado de condenação “A Encarnação desencadeia um processo de salvação, de libertação do pecado; o fim dos tempos assinala a condenação definitiva dos pecadores e a glória eterna dos não pecadores” (CASAGRANDE; VECCHIO, 2009, p. 337):

No além, homens e mulheres reencontrarão um corpo, para sofrer no Inferno, para, graças a um corpo glorificado, usufruir licitamente do Paraíso, onde os cinco sentidos estarão em festa: a visão na plenitude da vista de Deus e da luz celeste, o olfato no perfume das flores, a audição na música dos coros angelicais, o paladar no sabor dos alimentos celestes e o tato no contato com o ar precioso do céu (LE GOFF, 2006, p. 89).

A imagem que era divulgada do Além, gerava medo do Inferno e o anseio de ir para Paraíso. “A dinâmica da sociedade e da civilização medievais resulta de tensões: entre Deus e o homem, [...] entre a razão e a fé. Entre a violência e a paz. Mas uma das

principais tensões é aquela entre o corpo e a alma. E, a inda mais, as tensões no interior do próprio corpo” (LE GOFF, 2006, p. 11). A procura pela salvação da alma, representava na Cristandade passar pela penitência corporal. Durante a Alta Idade Média, o monge representou o modelo humano para a sociedade, era aquele que mortificava o corpo. Abstinência e continência estão entre as virtudes mais fortes. A gula e a luxúria são os maiores pecados capitais.

Ramon Llull apresentou de modo bastante minucioso a geografia do Além. Sabe-se que no decorrer da Idade Média a criação e características de como seria o lugar que almas encontrariam após morte foram sendo modificados, e tudo tinha o porquê de acordo com as necessidades da Igreja:

O Inferno está no meio de um lugar que fica dentro do coração da Terra, e tal lugar é trancado e fechado, e ali existe pena por todos os tempos. Essa pena acontece em quatro lugares: um é o Inferno, onde estão os danados que nunca sairão; outro é o Inferno que é chamado Purgatório, no qual o homem faz penitência porque não a cumpriu neste mundo; o terceiro Inferno é o lugar onde entraram os profetas antes que o Filho de Deus fosse encarnado, e esse Inferno é chamado Abraão; o quarto Inferno é aquele onde entraram as crianças que morreram e não foram batizadas (LLULL, 2010, XCIX, 1, p. 87).

A mensagem dada ao filósofo ao seu filho, mostrava a visão assustadora do Inferno, ou seja, isso de certa forma causava no indivíduo medo, este buscava cumprir o que a Igreja divulgava, obedecendo as regras e os mandamentos. “Em outras palavras, para ser salvo das penas infernais, dever-se-ia estar na Igreja e sob a autoridade do papa. Como Llull era católico, indiscutivelmente, colocava-se sob esse espectro salvífico” (COSTA, 2011, p. 27). O discurso de Llull era fundamentado na lógica da salvação, desse modo, atendia o que era imposto pela Igreja. Llull acreditava que se a criança aprendesse a pensar e entender o que era o Paraíso e o Inferno, começaria a amar e temer a Deus. Procurando em seus atos priorizar um bom comportamento:

Assim como o homem ganha mérito por amar a Deus e a seu próximo, para ter justiça de si mesmo ou de outro e fazer boas obras, Deus deu a fé ao homem para ganhar mérito e crer nas coisas que não entende. Pois assim como tu deves ter gratidão se o homem te empresta sem garantia e penhora e não faz contrato, mas confia em tua palavra, se crês em Deus e nas Suas obras que não entendes, tens gratidão de Deus naquilo que crês, e pela gratidão tens mérito e pelo mérito tens glória. Assim, para que Deus seja a ocasião de dar a glória, deu fé aos homens (LLULL, 2010, LII, 4, p. 40, grifos nossos).

Domingos era ensinado pelo pai a não se envolver com as “obras mundanas”, já que isso comprometeria o propósito pelo qual foi criado. Revela ao filho o quanto era necessário procurar a ajuda divina, e declara que as virtudes (Fé, Esperança, Caridade, Justiça, Prudência, Fortaleza, Temperança) foram criadas por Deus para ajudar o Homem a alcançar a Salvação, ao contrário do que seriam os vícios (Gula, Luxúria, Preguiça, Avaréza, Soberba, Ira, Inveja). Por exemplo, a luxúria “que é a sujeira do corpo e do pensamento, pela qual sujeira, castidade e virgindade são eleitas” (LLULL, 2010, XVIII, 1, p.19), levaria o homem para os infinitos tormentos. Acerca das virtudes e vícios o autor diz que:

[...] caridade, para que O ames, ames a ti mesmo e a teu próximo; suplica justiça, para que temas a justiça de Deus, e para que tu mesmo te julgues neste mundo, para suportares trabalhos por amor de Deus e para satisfazeres tuas culpas; suplica a Deus a luz da sabedoria para que ilumine tua alma nos caminhos de Deus, e para que saibas e desejes iluminar aqueles que estão nas trevas; suplica a Deus fortaleza contra a gula, luxúria, a avareza, a inveja, a acídia, o orgulho, a ira; e suplica temperança em teu comer, beber, falar, vestir, gastar, dormir e acordar. Filho, saibas que melhor coisa é, sem toda comparação, suplicar a Deus as virtudes antes ditas, que suplicar saúde, vida, dinheiros, honramentos, filho, filhas, possessões ou outras coisas semelhantes a essas, pois por todas essas coisas, o homem pode estar na ira de Deus e caminhar para infinitos tormentos, e pelas virtudes, o homem vai ser bem-aventurado na glória celestial que dura todos os tempos (LLULL, 2010, LXXXIV, 6, p. 71).

Assim, somente os virtuosos conseguiriam uma vida eterna, e para isso, o homem ou a mulher medieval adotariam uma vida de retidão. É, por isso, “que educação seria imprescindível para incutir no ser humano como deveria ser seu procedimento de vida. É interessante pensarmos nesse homem medieval que buscava tanto preservar essa moral cotidiana, assim como manter a fé em um mundo invisível (MATEUS, 2018, p. 146).

Nesse contexto, o pecado original era considerado como a fonte da desgraça humana, é o momento em que o homem se vira contra Deus. A Cristandade medieval insistia em duas imagens do homem, a primeira aquela do ser criado por Deus, que deveria encontrar o Paraíso perdido por sua culpa, e segunda a imagem negativa de um homem pecador, que cedia às tentações (LE GOFF, 1989, p. 11). Mas no século XIII, alguns teólogos destacam o valor positivo do corpo, e do próprio homem, que é reflexo da imagem divina e pode alcançar a salvação:

São Boaventura sublinha a excelência dos altares, que, em virtude do primado do movimento de baixo para cima, corresponde à orientação da alma em direção a Deus. **Insiste igualmente na importância da condição sexuada, que colabora para a perfeição da natureza humana preservada após a ressurreição em direção ao Paraíso**, não para concepção, que não tem mais razão de ser, mas para a perfeição e a beleza dos eleitos. Mais ainda, para Santo Tomás de Aquino o prazer corporal é um bem humano indispensável que deve ser regido pela razão em prol dos prazeres superiores do espírito, as paixões sensíveis contribuindo, assim, para o dinamismo do impulso espiritual (LE GOFF, 2006, p. 12, **grifos nossos**).

Somente os virtuosos conseguiriam uma vida eterna, e para isso, o homem ou a mulher medieval adotariam uma vida de retidão. É, por isso, que educação seria imperativa para inculcar no ser humano como deveria ser seu método de vida. É interessante pensar nesse homem medieval que procurava tanto conservar essa moral cotidiana, bem como manter a fé em um mundo invisível. Essa relação com o invisível é um forte traço da sociedade cristã. Todas as atitudes humanas se resumem às virtudes e vícios. Tudo girava em volta dos critérios eclesiais, ou seja, “vícios e virtudes” ligavam-se ao fato de que a moral proporcionava um discurso totalizante sobre o mundo. Assim, a Igreja intervinha na sociedade com a “missão” de trazer a libertação do homem do pecado e das vaidades. Como foi característica do período medieval, existiu uma forte contrariedade entre vícios e virtudes (BASCHET, 2006).

Dentre as vaidades, destaca-se os pecados capitais “[...] que são ditos como capitais porque se engendram uns aos outros e, sobretudo, porque cada um deles é o ponto de partida de ramificações que dão nascimento a numerosos pecados derivados [...]” (BASCHET, 2006, p. 377). O indivíduo se distanciaria de tudo o que pudesse danificar sua vida cristã, isto é, o que pudesse afetar a sua salvação. O ser humano cometeria um pecado que abriria portas para outros e mais outros, o que desagradaria à vontade divina. Foi por volta do século XIII que o Cristianismo impôs a imagem do homem que se perdeu, aquela imagem do homem do Antigo Testamento, de Jó (LE GOFF, 1989).

A grande preocupação da Igreja versava em sustentar um discurso de boa conduta para sociedade. Assim, era tão relevante a prática das virtudes, e em contrapartida o distanciamento dos vícios. Por exemplo, a inveja que conduzia a uma desenfreada competição entre as pessoas, a ira que levava a violência e a agressividade, o orgulho que era um tipo de pecado mais temido pelos *oratores*, esses três pecados irrompiam com a harmonia cristã. De acordo com Baschet (2006), a Preguiça (tristeza) a princípio era um vício fundamentalmente monástico, porém, no decorrer da Idade Média Central, era

considerado um sintoma de ociosidade, remetia aos leigos que não cumpriam com seu trabalho. A avareza, sem dúvida, foi um dos pecados mais condenáveis, isto é, era uma agressão contra o pecado da usura, pecado profissional dos banqueiros (BASCHET, 2006, p. 379). Todo esse imaginário que se construiu do pensamento religioso, transcendia a religião, porque a mensagem deveria ser transformada em atitudes no seio das relações sociais, na pretensão de preservar aqueles que já haviam optado pela religião cristã, mas também ir atrás de novos membros e foi nesse contexto que Llull se encontrava, o qual elaborou o seu projeto de evangelização dos ditos infiéis.

Assim, ele construiu uma visão de si próprio como uma figura iluminada por Deus, e que todos os seus projetos visavam o pleno alcance do Reino de Cristo. Ser um missionário comprometido e atuante, foi uma imagem muito bem estabelecida e criada pelo próprio maiorquino, a fim de garantir seu espaço e também ter seus pedidos atendidos.

Jordi Pardo Pastor (2004) discute sobre o método utilizado por Llull em evitar as referências de citações da Bíblia ou de padres de sua época. Mesmo que ele utilizasse partes da Bíblia faz a partir de uma análise própria, sem citá-la como fonte. Talvez isso se explique pelo fato do maiorquino tentar criar um sistema que se diferenciasse dos demais, e ter uma visibilidade maior em época, buscando uma certa “originalidade” de seus escritos.

Além disso, para o autor José Bellver (2022), Llull evita expor em sua obra *Vida coetânea* detalhes de sua formação e as fontes utilizadas para construir seus conhecimentos, a fim de garantir que sua Arte ou ideias fossem consideradas inspirações divinas. Esse objetivo ficou exposto em sua obra, uma vez que Llull quis transmitir uma ideia de iluminação divina e que teria sido um eleito para o serviço de Cristo, já que um de seus métodos era muito pautado nessa ideia de iluminação e que tudo que escrevia ou objetivava era por motivos espirituais, e que faziam parte de suas estratégias de evangelização

No diálogo entre o judeu e o gentio, foi possível estabelecer uma estratégia luliana em apresentar a própria divisão de opiniões entre os próprios judeus, já que a divisão nos cristãos era um fato visivelmente problemático na perspectiva de Llull, e com o Judaísmo não era diferente. Assim, o representante do judeu fala sobre as opiniões diferentes acerca da ressurreição que alguns judeus tinham e discordavam entre si. A primeira, é que alguns judeus não acreditavam na ressurreição, pois o corpo que é corruptível, e não poderia retornar ao mesmo corpo após a morte. A segunda opinião é existirá a ressurreição depois

do final do mundo e depois reinará a paz, em que cada um terá sua mulher e filho e beberão, mas não cometerão nenhum pecado. Mas depois virá o momento em que todos morrerão e não haverá ressurreição e almas terão glória sem fim, mas os corpos não ressuscitarão. E, a terceira opinião é de que todos irão ressuscitar, mas apenas os bons terão uma glória que durará. Muitos serão punidos e depois receberão o perdão de Deus, já outros não serão perdoados e permanecerão no inferno (LLULL, 2001, II, 5, p. 112). Após o judeu explicar as diversas opiniões entre os judeus sobre a ressurreição, o gentio questiona ao judeu mais vez sobre essa divisão:

Disse o gentio: Muito me admiro de vós, judeus! Como pode acontecer que estejais divididos e repartidos em diversas opiniões sobre o artigo acima dito, sendo coisa tão necessária para se saber. E por isso quer me parecer que se estais em diversas opiniões, isto se dê por carência de ciência, ou por desprezo do outro mundo (LLULL, 2001, II, 5, p. 113).

Nessas circunstâncias, não é surpreendente a admiração do gentio, pois de fato para uma pessoa que está representando um personagem, que vivia sem uma direção na vida e desejava acreditar em algo ou conhecer uma religião, demonstrava-se bastante confuso diante de várias opiniões dentro de um mesmo credo, ou seja, é possível notar que o cenário era de total diversidade de opiniões, e aquela visão de um Judaísmo ou um Cristianismo unificado, vai aos poucos deixando espaço para outras discussões que incluam um amplo conjunto de ideias e opiniões divergentes dentro dos membros do próprio credo.

Com isso, nota-se que essas diferenças faziam com que Llull apresentasse as discordâncias dos outros credos, visto que o Cristianismo tinha suas diversas divisões, o que contribuía para o enfraquecimento de uma Cristandade unida na concepção do maiorquino. Apresentar que os outros credos tinham essas falhas, era uma estratégia e uma possibilidade de defender o Cristianismo.

A vida após a morte, era um tema em comum aos três credos, e cada um à sua forma apresentava uma retribuição a essa vida eterna. Longe de ser apenas uma mera crença de uma “ressurreição” do corpo e da alma, Llull naturalmente reproduzia esse discurso de uma promessa a todos aqueles que se convertessem ao Cristianismo em desfrutar de uma vida no Paraíso, pois isso impactava diretamente no comportamento humano. Mas não era apenas o Cristianismo que defendia essa ideia. Pode-se refletir na seguinte passagem, momento em que o judeu explica que antes de almejem a vida pós-morte, eles precisam resolver o problema do cativo e a própria vinda do Messias:

Senhor, disse o judeu, nós temos tão grande desejo de recuperar a liberdade na qual costumávamos estar neste mundo, e tanto desejamos que o Messias venha e nos livre do cativeiro em que estamos, que dificilmente podemos contemplar o outro mundo, principalmente estando ocupados e afadigados vivendo entre povos que nos mantêm em cativeiro, aos quais lhes pagamos muitos impostos, sem os quais não nos deixariam viver entre eles. Deveis saber ainda que temos um outro empecilho, que é não está tanto em uso como deveria, e é abreviada por falta ciência. E por isso não temos tantos livros em ciência de filosofia e outras coisas como nos seria necessário. Porém há uma ciência entre nós, que é chamada de Talmude, a qual é tão grande e de tão sutil exposição que nos dificulta os termos conhecimentos do outro mundo, e principalmente porque por esta ciência nos inclinamos para o direito a fim de nos satisfazer com os bens deste mundo (LLULL, 2001, II, 5, p. 113).

Nessa passagem, existem dois argumentos realizados pelo judeu que justificam a necessidade de se preocuparem mais com o mundo terreno do que com o mundo espiritual. O primeiro é o desejo que têm de serem libertos do cativeiro, e por isso perderam sua liberdade, e aguardam ansiosos pelo retorno do messias. E, o segundo é a falta de ciência e de livros em ciência, filosofia, dentre outras coisas que seriam necessárias para a contemplação do outro mundo. Devido ao cativeiro, andavam cansados e afadigados.

Para Barenstein e Fernández (2014), as atividades apologéticas desenvolvidas Llull, davam-se por estar convencido de que no tempo dos profetas, as pessoas se convertiam pela fé, e dos apóstolos pelas evidências de milagres. Assim, seriam necessários argumentos e atitudes convincentes para que pudessem levar os “infiéis” a uma fé que fosse explicada racionalmente. Com isso, Llull acreditava no poder da razão para compreender os dogmas de sua fé. Miatello (2017, p.1163) explica que a “[...] pregação dirige-se também aos infiéis, hereges e cismáticos e, mais uma vez, pela argumentação racional, expõe às inteligências o erro de sua crença e a verdade da fé católica, facultando a sua expansão”.

É importante destacar, que a conversão dos “infiéis” e dos cismáticos era o objetivo de Llull, já que o Cristianismo verdadeiro, na sua concepção, era o católico. Barenstein e Fernández (2014) afirmam que o realismo de Llull, pode ter sido um dos motivos de sua Arte não ter sido bem aceita por professores e alunos, e não teria sido apenas por sua complexidade, mas porque o maiorquino falava abertamente sobre o seu inconformismo do seu tempo. Embora as três crenças tivessem pontos em comum, como acreditarem em um Deus, divergiam sobre a Trindade, ressurreição e sobre o Juízo Final.

Assunto amplamente debatido entre as três crenças, o Juízo Final, como já foi discutido anteriormente, traz a promessa da vida eterna. Era um discurso que interessava as três religiões, pois diante disso cada uma utilizaria da melhor forma esse discurso para atrair os seus fiéis sobre uma vida que seria melhor e com promessas muitas vezes sedutoras. Com isso, será analisado como Llull apresentou a partir da fala do judeu, como eles acreditavam na vida após a morte:

Disse o judeu ao gentio: -Tão grande e excelente é o poder de Deus, que a todos os homens pode manifestar-se em particular e em Universal. E como convém que seja manifesto universalmente a todos o grande poder de Deus, convém que todos estejamos reunidos num só lugar, e o vejamos. Ora, por isso estaremos todos em um só lugar, e Deus julgará os bons e maus. Os bons julgará para a duradoura bem-aventurança, os maus para as penas infernais, e nenhum homem poderá escusar-se nem poderá contradizer a sentença de Deus. Ora, se o dia do juízo não existisse, o grande poder de Deus não seria tão demonstrável na presença e na reunião de tantos povos, e seguir-se-ia que a bondade, a grandeza, a sabedoria, o amor e a perfeição de Deus seriam contrários à grandeza e ao poder de Deus, isto é, contra todas as condições das árvores, e por esta contrariedade se demonstra o dia do juízo ao entendimento humano que consegue alcançar a significação das flores das árvores (LLULL, 2001, II, 6, p. 114).

Assim, todo o capítulo dois do *Livro do gentio e dos três sábios*, Llull expõe princípios e contradições do Judaísmo a partir do diálogo do judeu com o gentio. Nessa obra em especial, Llull de forma proposital segue uma lógica cronológica das religiões. Primeiro deixou que o judeu começasse o debate, e logo em seguida um representante do Cristianismo, e, por fim, o muçulmano finaliza com suas justificativas e princípios de suas crenças.

É bastante interessante essa lógica que maiorquino utiliza, priorizando a religião mais antiga, o Judaísmo para começar os argumentos da crença judaica. Foi bastante enfático ao mostrar as contradições dos judeus e as divisões dentro do próprio credo. Assim, o gentio questiona várias vezes ao judeu sobre a veracidade do Paraíso e do Inferno. Na passagem a seguir, a explicação dada pelo judeu reforça mais uma vez a existência de uma vida após a morte:

Está provado que Deus existe, e por isso está provado que na eternidade divina o amor divino não convém ao começo, nem ao meio, nem ao fim. Porque se assim fosse, uma coisa seria em Deus a eternidade que não convém ao começo, ao meio e ao fim, e outra coisa seria o amor divino. Ora, sendo o amor e a eternidade uma essência, uma mesma coisa, porque de outra maneira eles não seriam um Deus, e nós provamos que há um só Deus, fica provado que o amor divino não tem começo, meio

e fim. E por isso sai do amor divino uma influência que leva a amar a criatura racional e dar-lhe a glória eterna sem fim, para significar que o amor tem perfeição na eternidade, dando glória eterna à criatura, e esta glória é o Paraíso que não terá fim (LLULL, 2001, II, 7, p. 119).

É possível mais uma vez, analisar que o foco principal era mostrar a existência de um único Deus. Essa mesma divindade estava ligada aos três credos, ou seja, o que não seria necessário ter tantas doutrinas ou religiões diferentes. Essa perspectiva era a partir do projeto de Llull, que tentava argumentar a existência de um mesmo Deus, e que não haveria necessidade dessa divisão. Bastava que todos se unissem em uma mesma fé e um mesmo credo. Em outras palavras, Llull tentava argumentar que todos deveriam se voltar para o Cristianismo, pois assim existiria um fortalecimento da Cristandade e evitaria tantas opiniões “errôneas”.

Respondeu o judeu:- O povo dos judeus está dividido em diversas opiniões sobre isto que me perguntas, porque alguns creem que o inferno está neste mundo em que estamos, outros dizem que está num lugar situado no meio da terra, outros dizem que o inferno está no ar, outros ainda dizem que não é outra coisa senão não ver mais a Deus e pensar que se perdeu a glória e a visão de Deus, enquanto que outros finalmente dizem que o inferno é o corpo estar eternamente no fogo, no gelo, na neve, em enxofre, em água fervente e entre demônios e cobras e serpentes que atormentarão sem fim. E a pena da alma será maior na medida em que em nenhum tempo cessarão os tormentos, e saberá que perdeu a glória para sempre (LLULL, 2001, II, 8, p. 127).

Mais uma vez o personagem que representa o judeu expõe que as opiniões entre os judeus variavam conforme cada doutrina. Quando se trata do Inferno, alguns acreditavam que estava localizado na terra, para outros, estava no meio da terra, no ar ou seria o próprio corpo a ser queimado eternamente arrodado de demônios. A partir disso, Llull tenta apresentar para os leitores as contradições, mesmo que dê espaço nessa obra para apresentar argumentos que expliquem o Judaísmo e Islamismo, também não deixa de destacar as “fragilidades” de cada uma, e deixa dúvidas ao leitor da escolha de sua fé, que no caso estava sendo representado por um gentio sem religião.

Tendo o judeu dito estas palavras e muitas outras que seria longo repetir, proferiu: - **provamos e demonstramos como o povo dos judeus tem a verdadeira Lei e está no caminho da verdade, na medida em que concordamos nossos artigos com as flores das árvores e com suas condições.** Ora, se nossa Lei não estivesse no caminho da salvação, não poderíamos ter concordado as flores e as condições das árvores com os artigos que cremos, e esta concordância temos demonstrado e significado, bendito seja Deus! **E como a Lei dos cristãos e dos sarracenos é contrária à nossa, por isso manifesto que**

eles estão no erro, porque tudo aquilo que é contrário à verdade convém ser erro. Por isso. Tu gentio, terás uma culpa maior do que antes tinhas, se deixares a via salutar e tomares o caminho pelo qual os pecadores descem ao fogo eterno e perdem a glória que em nenhum tempo terá fim (LLULL, 2001, II, 8, p. 128, **grifos nossos**).

A partir desse trecho acima, observa-se que a fala final do judeu demonstra a tentativa em colocar sua crença acima das demais, e que além de considerar a sua crença como verdadeira é a religião que está no caminho da salvação. Reforça mais uma vez as diferenças entre os cristãos e sarracenos, e como eles ainda permanecem no “erro”, ou seja, todos que decidissem seguir o caminho apresentado por um cristão ou muçulmano estaria condenado ao fogo eterno e perderiam a glória. Llull apresentou pontos relevantes do Judaísmo, e estruturou uma “história” que envolvessem representantes das três religiões, a fim de estabelecer um debate que oportunizasse explicações acerca dessas crenças, sem deixar de exaltar o Cristianismo.

De acordo com Bellver (2022), o maiorquino dedicou um longo período para aprender o árabe, que não é uma língua fácil de se aprender, o que mais uma vez comprovava o projeto de conhecer e converter os sarracenos, pois Llull queria explicar em árabe as doutrinas do Cristianismo, o que facilitaria a compreensão e seria mais coerente para seu projeto em pregar ao mudo muçulmano.

Como já mencionado, o filósofo queria unificar todos os credos em apenas uma crença. É interessante que ao mesmo tempo que Llull perseguia os sarracenos, ele também queria conhecer mais da cultura e doutrinas, e registrou isso muito bem em sua obra.

A persuasão utilizada por Llull, dá-se de forma objetiva e perspicaz, quando expõe as doutrinas das religiões e ao mesmo tempo traz argumentos para comprovar as contradições, mesmo apresentando as possíveis “verdades” de cada credo, sendo o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Não parece que o objetivo final seja o de ser tolerante ou que esteja fazendo apologia em compreender especificamente as religiões. Ao que parece ele estabelece uma estratégia em mostrar que é um conhecedor e que estuda sobre os outros credos além do seu, mas que tem como foco principal convencer o público de que é necessário repensarem sobre a decisão em permanecer em seus credos e desapontarem o Cristianismo, que embora tivesse suas divisões o isto se dava justamente por se espalhar diversas crenças e comprometer o plano estabelecido por Cristo em proferirem argumentos contra a Santíssima Trindade.

Em seguida, o capítulo intitulado “*O terceiro Livro da Lei dos cristãos*” do *Livro do gentio e dos três sábios* expressa uma exposição da doutrina cristã. Como já

mencionado anteriormente a lógica sobre as falas dos três representantes se dar “[...] conforme a ordem, deve o cristão começar primeiro, porque a sua Lei foi antes que a dos sarracenos” (LLULL, 2001, III, p. 129). Assim, como o judeu já teria exposto todas as suas conclusões a respeito de sua fé, o próximo a explicar e defender sua fé seria o cristão. Embora mais uma vez Llull demonstre um tom de tolerância ao mencionar uma possível quebra de hierarquia:

Então o gentio rogou ao cristão que começasse a provar sua Lei e os artigos em que cria. Mas o cristão respondeu e perguntou ao sarraceno se lhe aprazia que ele começasse conforme o gentio o desejava, e o sarraceno se lhe aprazia que ele começasse conforme o gentio o desejava, e o sarraceno respondeu e disse que lhe aprazia (LLULL, 2001, III, p. 129).

Nesse fragmento anterior, é possível observar que Llull tenta criar um ambiente de compreensão, em que o cristão e o sarraceno tomam a decisão de quem seria o próximo a falar sobre as bases doutrinárias de sua fé. Com isso, é possível mais uma vez notar que a estratégia em estabelecer um ambiente de harmonia e compreensão era uma sustentação que Llull tentava explicitamente expor em sua obra. Mas sabe-se que tudo isso fazia parte de seu plano missionário que tinha como objetivo evangelizar e por meio de seu testemunho e argumentos racionais mostrar os princípios de sua crença, e sempre chegar a pontos comuns das crenças, para “induzir” que não teria nenhuma necessidade de manter diversas crenças se apenas uma seria necessária para o homem seguir e alcançar um bom lugar na vida após morte.

Contudo, pouco depois da fala do sarraceno em permitir que o cristão falasse, na primeira parte, Llull traz exemplos para demonstrar racionalmente sua fé, como por exemplo, a Trindade e encarnação, que são temas que direcionam a sua intervenção missionária. Algumas menções são feitas logo de imediato para reforçar mais uma vez sobre a Unidade e Trindade divina

Llull salienta que era uma obrigação do cristão a crença na Trindade. Não crer na Trindade era a própria negação do Cristianismo. Como ele mesmo afirmou o “[...] Pai é um, o Filho é outro e o Espírito Santo é outro, e todas essas Três Pessoas são um Poder, Sabedoria e Um Amor” (LLULL, 2010, II, 4, p. 06). Esse tema foi amplamente debatido por Ramon Llull que tentava por meio de suas pregações convencer sobre a existência da Trindade, que era um pilar básico para o processo de conversão do infiel. Ensenyat Pujol (2015) considera esse método luliano, por vezes ineficaz, visto que por mais que Llull utilizasse seus argumentos, razões filosóficas, dificilmente iria convencer os

muçulmanos, sobre a encarnação, Trindade ou que a Ressurreição aconteceria para todos aqueles que tivessem acreditado no Cristo e se convertido ao Cristianismo.

Nascimento (2022) destaca que a vida contemplativa era um ideal luliano, visto que se tornou um modelo de vida e todo conhecimento adquirido deveria conduzir ao homem a esse destino, e a própria forma como Lull organizava suas narrativas eram associadas a modos diversos e as mais variadas formas imaginosas, metáforas, diálogos, que conduzissem a um tipo de comunicação que exaltasse a plenitude da vida, sobretudo, a vida cristã.

O maiorquino explica que os artigos de sua fé eram 14, em que sete pertenciam a natureza divina e outros sete à natureza humana de Cristo. “ Os que pertencem à natureza divina são estes: um Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, criador, recriador, glorificador”, e os que pertencem a Cristo são: “Cristo concebido do Espírito Santo, nascido da Virgem, crucificado, decido aos infernos, ressuscitado, elevado aos céus, virá a julgar bons e maus no dia do Juízo” (LLULL, 2001, III, 1, p. 130):

A fé é uma virtude pela qual o homem crê em Deus e na glória do Paraíso; e a esperança é a virtude pela qual o homem confia na misericórdia de Deus e na sua justiça. Ora, assim como tu, gentio, vês com os olhos corporais as coisas corporais, assim a fé e a esperança são muito maiores, tanto melhor vê o homem as obras de Deus. Ora, se Deus quis ser homem, e sustentou a morte para recriar o homem, a fé e a esperança podem ser maiores do que não seriam se Deus não se tivesse feito homem nem tivesse morrido pelo homem [...] Se o Filho de Deus assumiu natureza humana e, sendo homem, morreu para salvar o povo de Deus, a justiça de Deus e a ira dos pecadores no inferno, os quais terão ira ao serem condenados, serão mais contrários (LLULL, 2001, III, 6, p. 162).

O maiorquino apresentou as particularidades da crença dos cristãos e mais uma vez chama a atenção para o fato de que o Paraíso também era uma realidade para todos aqueles que permanecessem fiéis, já que, conforme relata Lull, o filho de Deus assumiu a natureza humana para retirar o homem do pecado e oferecer a oportunidade do homem se livrar do inferno e não enfrentar a condenação eterna.

A tentativa de persuadir o outro por meio da disputa intelectual, era uma estratégia utilizada para apresentar o erro da religião do outro e argumentar as suas principais ideias. Ensenyat Pujol (2015) afirma que o maiorquino não pretendia dialogar com os sarracenos, mas que a intenção final de seu diálogo era conversão e imposição de sua fé. Ele considera que Lull promovia um tipo de debate com o “outro” e que misturava um pouco de ficção

em seus diálogos, e fingia uma espécie de compreensão, para no final considerar que seu lado do debate era sempre o mais correto.

O autor Llano (2020), ressalta que durante o século XIII muitas estratégias foram utilizadas para resolver a ameaça que o Islã representava para o Ocidente e Oriente, na perspectiva dos cristãos que acreditavam que tinham missão de convencer que o mundo pertencia a um único Deus, que tinha enviado seu filho para redimir o pecado da humanidade e salvar a todos. Assim, surgiram movimentos como as Cruzadas, a tentativa de quererem a posse da Terra que consideravam como “sua” e que intitularam como “Santa”, as ideias apologéticas, o martírio e pregações que exaltavam a fé cristã e defendiam a cruz como a única possibilidade para o homem alcançar a sua salvação, e junto a isso os missionários nutriam o “desejo da conversão”. Esses objetivos se espalharam coletivamente aqueles que seguiam o sonho da conversão, da reforma moral e conversão dos considerados “infiéis”, sobretudo os muçulmanos, que representavam grande ameaça para os cristãos.

É nesse cenário que Llull cria suas estratégias direcionadas para um projeto pessoal de conversão, e se focava em um público em específico. Como destaca Ensenyat Pujol (2015), Llull se direcionava principalmente para os muçulmanos eruditos, pois tinham uma preparação intelectual para compreenderem intelectualmente o que ele falava; poderia persuadi-los por meio de sua Arte; e eram instruídos a ponto de saber que a doutrina muçulmana era falsa. E pode-se constatar essas afirmações no seguinte trecho da fonte *Doutrina para crianças*, quando ele menciona que os sarracenos que tinham mais conhecimentos, estavam mais suscetíveis a se converterem ao Cristianismo:

Amável filho, tais sarracenos que têm o entendimento sutil e não crêem que Maomé seja profeta seriam fáceis de serem convertidos à fé católica, se houvesse quem lhes demonstrasse e pregasse a fé, quem amasse tanto a honra de Jesus Cristo, lembrasse tanto a honra de Jesus Cristo e lembrasse tanto Sua Paixão, que não duvidasse de suportar os trabalhos que se tem para aprender sua linguagem, nem temesse o perigo da morte. E pela conversão que se faria naqueles, pela virtude do martírio, e como eles já têm a opinião que Maomé não é o mensageiro de Deus, os outros sarracenos se converteriam, se vissem que seus maiores sábios se tornaram cristãos (LLULL, 2010, LXXI, 11, p. 57).

Fica evidente que, para o filósofo maiorquino, estabelecer uma relação com os muçulmanos que eram considerados da alta hierarquia, era um passo importante para convencê-los de que Maomé era um enganador e jamais poderia ser considerado um mensageiro de Deus, pois o único salvador era Jesus Cristo. E, espalhar essa mensagem

entre os sarracenos vindo dos considerados mais importantes da elite muçulmana seria muito mais fácil o processo de conversão. Desta forma, os sarracenos mais esclarecidos se comprometeriam em comprovar que a doutrina do Islã era confusa e mentirosa na concepção luliana (ENSENYAT PUJOL, 2015).

Vemos na imagem a seguir a importância de Ramon Llull ter aprendido a língua árabe no intuito de converter os muçulmanos. Aqui mais uma referência da obra *Breviculum* quando o filósofo aprendeu o idioma árabe:

Figura 6. Ramon Llull aprendendo árabe com o seu escravo muçulmano



Fonte: *Breviculum*. Thomas <Migerii>: *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum*, c. 1321, Badische Landesbibliothek Karlsruhe, Cod. St. Peter perg. 92, f. 3v (detalhe).

Na figura 6, percebemos dois homens que dialogam diante de um manuscrito escrito em árabe. O escravo muçulmano é representado com um turbante cobrindo a cabeça, como é costume na religião islâmica. Percebemos aqui mais uma vez por meio da gesticulação dos homens e das palavras escritas, uma verdadeira “guerra” de ideias, a qual o maiorquino pretendia vencer por meio de seus argumentos racionais e da superioridade do Cristianismo.

Ensenyat Pujol (2015) afirma que as viagens apologéticas de Llull ao norte da África acontecia sempre nos meios urbanos, já que nas comunidades rurais as dificuldades seriam muito maiores. Assim, buscava o diálogo mais racional, e, por isso, a cidade representava esse espaço da intelectualidade e, sobretudo, com os muçulmanos. Como o autor destaca, nem sempre os muçulmanos estavam abertos para o diálogo e muito menos desejavam compreender algo que estivesse atrelado às ideias cristãs.

Llano (2020) destaca que Llull a partir de 1287 começou a difundir suas ideias e projetos nos centros que representavam o poder à sua época como a corte papal de Honório IV, em Paris quando foi até Felipe IV e em 1292 apresentou também a Nicolau IV um projeto de Cruzada. Por isso realizou diversas viagens, a fim de garantir que seus projetos fossem aprovados, mesmo que não tenha obtido sucesso. Chegou até mesmo a ir territórios muçulmanos sendo expulso e quase perdeu sua vida. Foram diversos relatos que Llull proferiu, criando uma imagem de si, como aquele que faria qualquer coisa em nome de Deus. Criticou as autoridades de seu tempo “[...] por sua omissão na luta contra os infiéis, ele apela para termos políticos, já que a finalidade é, sobretudo, política, isto é, tomar de assalto o Oriente muçulmano” (MIATELLO, 2017, p. 1166).

Ora, o raciocínio de Llull era conseguir financiamentos para que seus projetos fossem concretizados. Como afirma Llano (2020), dois pontos essenciais são indispensáveis para compreender o que estava por trás do discurso do maiorquino. O primeiro era trazer a Igreja e mundo, ou seja, reformar o próprio Cristianismo, e o segundo que seria a conversão dos cismáticos e “infiéis”. Conseqüentemente, objetivava uma educação e formação de missionários que estivessem preparados intelectualmente e gramaticalmente, para que estivessem capacitados em ensinar o “verdadeiro credo” cristão. E mais uma vez, Llull por meio do personagem que representava os cristãos mostra o quanto eles eram negligentes ao mostrar as doutrinas aos infiéis:

Solução. Respondeu o cristão: Pelo nosso pecado, nós cristãos somos negligentes em mostrar e demonstrar nossa crença aos infiéis, eles têm coração duro e um entendimento embotado para entender nossa Lei. Ora, nós não cremos naquela encarnação que eles pensam que cremos, e a crença que nós cremos na encarnação do Filho de Deus é outra que eles pensam, e por isso não nos podemos entender e divergimos sobre diversas opiniões (LLULL, 2001, III, 8, p. 173).

Mas uma vez Ramon Llull chama a atenção para as divergências e discordâncias entre os credos, e ao mesmo tempo trata de um tema que muitas vezes destacou em suas obras, a falta de comprometimento dos cristãos em apresentar a doutrina cristã, visto que

para ele os sarracenos não compreendiam a encarnação conforme os cristãos acreditavam e cada crença cria em algo de forma divergente.

Assim, o maiorquino dedica todo um capítulo de sua obra para apresentar a doutrina do Islã por meio do muçulmano, personagem no *Livro do gentio e dos três sábios*, que finaliza a obra no *quarto livro* apresentando todas as bases principais do Islamismo. E detalha os principais pontos de divergência que existem com as demais crenças. No primeiro momento, destaca os principais doze artigos que compõem a crença dos sarracenos. Llull expõe vários pontos importantes da doutrina islâmica, trazendo informações necessárias para compreensão desse credo e de como alcançar o Paraíso.

No entanto, mais uma vez fica evidente a estratégia utilizada pelo maiorquino, a fim de apresentar as contradições e discordâncias entre os sarracenos. Na passagem a seguir Llull apresentou as divergências sobre o que eles acreditavam sobre as glórias do Paraíso:

Solução. Respondeu o sarraceno e disse: É verdade que há diversidade no modo de crer na glória do Paraíso, porque uns a crêem ter segundo o que eu narrei, e isto o entendem segundo a exposição literal, que tomam do Alcorão, que é nossa Lei, e dos provérbios de Maomé, e das glosas dos comentadores do Alcorão e dos provérbios. Mas há entre nós outros povos que entendem esta glória moralmente e a expõem espiritualmente, e dizem que Maomé falava por semelhanças aos gentios que eram rudes e sem entendimento, e para que os pudesse enamorar de Deus lhes narrava a glória acima mencionada. E por isso aqueles que têm essa crença dizem que no Paraíso não haverá glória de comer nem de unir-se com mulher, nem das demais coisas acima mencionadas (LLULL, 2001, IV, 10, p. 236).

Dessa forma, Llull destacou as diversidades sobre o modo como cada muçulmano poderia interpretar o significado do Paraíso, e como alguns interpretavam a narrativa a partir de uma visão idealizada de um Paraíso com sensações semelhantes a vida terrena, o que para outros esses sentidos não poderiam ser tomados com um significado literal.

Conforme analisa Ensenyat Pujol (2015), mesmo que o *Livro do gentio e dos três sábios* apresente um diálogo pacífico, calmo e tolerante entre as três crenças, apenas uma das três seria considerada como a fé verdadeira. Não se trata de todas alcançarem a verdade de forma conjunta, mas no final levaria o leitor a compreensão de que não há possibilidades de existirem tantas crenças e todas estarem corretas, apenas uma pode ser a vitoriosa no final, por isso o maiorquino reforçou a quantidade exagerada de crenças e como isso atrapalhava e semeava diversos conflitos. Apesar de Llull não ter especificado a religião correta que o gentio deveria seguir, ele não economizou passagens que reforçassem a sua opinião:

Quando o cristão provou o artigo acima mencionado ao gentio, ele lhe disse: conforme o que está disposto para que possas conhecer qual é a Lei que é melhor que as outras, pela glória acima dita podes conhecer que a Lei dos cristãos vale mais do que as outras, já que a melhor e maior glória convém às condições das árvores que a glória menor, contrária à maior, e essa maior glória não pode ser tão bem significada pela Lei dos judeus nem dos sarracenos como a Lei dos cristãos (LLULL, 2001, III, 7, p. 168).

Percebe-se nesse trecho que o maiorquino, mais uma vez, reforça que a melhor Lei era a cristã, objetivo que ao longo de toda a obra foi defendido a fim de fortalecer seu projeto de unificação da Cristandade. No entanto, observa-se que Llull abriu espaço para dialogar com o Islamismo e o Judaísmo apresentando bases doutrinárias dessas religiões. Neste capítulo, buscou compreender as estratégias discursivas utilizadas pela maiorquino, que apresentou as bases doutrinárias dos três credos, mas ao tempo apresentou as contradições dentro do próprio Judaísmo e Islamismo, e registrou sua quase “obsessão” em unificar os credos em apenas um, e não escondeu sua preferência em defender o Cristianismo e tentar provar que essa religião era melhor.

Considerações finais

Nesta tese, buscou-se mostrar que a conversão dos não-cristãos estabelecida pelo projeto Iuliano, vai muito além do movimento de convertimento dos ditos infiéis. Llull, por meio de seus escritos, apresentou uma Idade Média diversificada, sobretudo durante o século XIII e início do século XIV, e revelou também a própria divisão no seio do Cristianismo. Embora o espaço geográfico em que o maiorquino nasceu tenha sido na ilha de Maiorca, ele percorreu por diversos locais, descortinando por meio de suas obras outras culturas e crenças, resultando mormente, no prolongamento do combate contra os “infiéis”, principalmente contra o Islã.

Para defender esse argumento de unidade cristã, utilizou-se de seu discurso que apresentava o Cristianismo como a crença verdadeira e a única que poderia levar ao homem a salvação da alma. Escreveu diversas obras para explicar o seu método e seu projeto de educação, que visava transformar a sua sociedade e formar missionários que fossem capazes de compreender a língua e a cultura daqueles que seguiam outras crenças, nomeadamente, os sarracenos que representavam uma ameaça para a Cristandade.

O projeto Iuliano de conversão ambicionava um sentido óbvio de unificação do Cristianismo, mesmo que isso signifique, para muitos estudiosos, uma utopia e idealização, de que ele visitou grandes centros de poder como a corte papal, a Universidade de Paris. Todo esse histórico de peregrinações era em busca de aprovação da sua Arte, pois considerava o seu método quase infalível, e julgava como o mais completo para ações missionárias e de conversão dos não-cristãos.

Assim, por meio dessa tese foi possível notar que as divergências religiosas sempre estiveram presentes nas mais distantes sociedades que separam a nossa era, e que na atualidade não é diferente. Enfrentamos cotidianamente a intolerância, a coexistência de culturas e religiões distintas, que nem sempre favorecem a uma boa convivência, gerando guerras, desrespeitos e até mesmo mortes em grandes escalas.

Embora, o maiorquino tenha estudado sobre a cultura dos sarracenos, aprendido a língua árabe, isso não reflete necessariamente que sua convivência com os mouros tenha sido pacífica. Registrou em sua obra sua total aversão a Maomé e o acusou de enganador, sujo e falso. E os argumentos apresentados sobre o profeta do Islamismo, não parecem ser de respeito ou tolerância, mas reflete um discurso de alguém que deseja invalidar uma crença e apresentar a veracidade da sua e sobrepor a do outro.

Destacou-se nesta pesquisa que Llull construiu um projeto ambicioso, com o qual procurou convencer os ditos infiéis a seguirem a sua religião. Problematizou-se os meios pelos quais usou para colocar em ação esse projeto. Constatou-se que a sua intenção foi além de educar, mas esta foi umas das armas para o seu empreendimento. Para isso, considerou-se que a obra *Doutrina para crianças* e o *Livro do Gentio e dos três sábios* foram manuais pedagógicos que continham um conjunto de doutrinas que visavam formar um tipo de cristão aos moldes da sua época, na qual ocorreram trocas, (des)encontros culturais e redes de alianças políticas. Tomou-se como exemplo a cultura islâmica que esteve submersa em sua formação, o que pode ter facilitado a sua compreensão sobre esta religião para combatê-la, visando sobrepô-la por meio dos ideais cristãos.

Não se pode deixar de sublinhar que se buscou romper com uma abordagem eurocêntrica, que se limitava a um recorte geográfico somente na Europa, como muito fez uma dada historiografia. Por outro lado, defendeu-se que Llull foi um viajante global percorrendo além da fronteira e se conectou a outras culturas e observou a complexidade e heterogeneidade de seu tempo. Nos seus registros, menciona-se a sua ida desde Paris à África, o que revelou que seu projeto de evangelismo foi ambicioso, rompia e não se restringia a uma cultura apenas ocidental europeia. Ramon Llull como um dos propagadores do Cristianismo que foi além da Península Ibérica, a exemplo em Túnis no norte da África, no combate ao avanço do Islamismo

Foi perceptível que o século XIII, período em que Llull colocou seu projeto em prática, foi um momento em que se cultivou uma abundante colheita intelectual em que o conhecimento deixou de ser monopolizado nos mosteiros, não mais destinados à Bíblia e aos Pais da Igreja. A partir daí, notou-se que com o surgimento das universidades ocorreu uma ampliação dos objetos de pesquisas, rompendo com um conhecimento apenas pautado no Sagrado. E foi nesse contexto que o filósofo se encontrava, em que havia um terreno fértil para dar início a sua “Guerra Santas de ideias”, como se mostrou no decorrer desta pesquisa. Disputa essa travada entre as diferentes e maiores religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).

Compreendeu-se que essas “guerras” entre cristãos, judeus e muçulmanos, na Península Ibérica, possibilitou um ambiente diverso, em que ocorreram divergências nas práticas religiosas. Sobretudo, visando barrar uma cultura árabe que se expandiu e entrou em choque com a religião cristã, mas isso não quer dizer que esta não foi influenciada, pelo contrário, como se observou, ocorreram trocas culturais, mas não se deixou de presenciar os mais variados embates políticos-religiosos.

Portanto, no primeiro momento investigou-se o ambiente político e social em que Llull esteve inserido, o que lançou as bases para compreender a elaboração de seu discurso. Esse filósofo esteve atento às questões do seu tempo, tivemos como hipótese que seu ideal de vida após a sua conversão ao Cristianismo foi combater aos inimigos dessa religião. Para isso, criou um “ideal” de conversão, construindo um projeto político missionário em que fez uso da retórica para convencer os não-cristãos. Ao longo desta pesquisa chamou-se a atenção para que, no fato de não haver registro de conversões a partir das pregações de Llull, não invalidou o seu projeto, mas o que se destacou foi que houve uma idealização, mesmo que possa ter sido utópica, entretanto mostrou a força do Cristianismo no decorrer dos séculos a partir de sua origem.

Para uma melhor compreensão do autor que é tomado como objeto de estudo desta tese, foi feita uma panorâmica trajetória de sua vida, em que chamamos de “projeto imperialista cristão” o empreendimento de conversão dos não-cristãos elaborado por ele. Foi contextualizado o período em que Llull estava inserido, constatou-se que buscou apoio de autoridades da sua época para colocar em execução o seu projeto. Llull procurou usar a sua vida como exemplo de transformação após se converter ao Cristianismo. Depois desse episódio, tomou como missão a propagação dos ideais dessa religião. Para tal objetivo, teve uma preparação para-se tornar um “viajante global”, que buscava tornar o mundo cristão não por meio da força física, todavia, essas batalhas ocorriam por meio das ideias.

Prontamente, discutiu-se como a educação proposta pelo filósofo Llull foi crucial instrumento para execução do seu projeto. Isto é, combater outras religiões e converter os adeptos delas, assim como doutrinar os próprios cristãos nesse processo de converter os ditos infiéis. Notou-se que a sua inquietação era revelar que o cristão não deveria só falar da sua fé, porém, seria preciso preparar-se e por meio de uma argumentação sólida para comprovar a superioridade do Cristianismo. Dessa maneira, tomou cuidado ao empregar as suas estratégias como a utilização dos seus escritos para este fim. Isso se expressa na obra na *Obra Doutrina para Crianças*, na qual elaborou uma linguagem didática, e dividiu o seu livro em uma sequência lógica de ensino. Foi perceptível por meio das análises dos seus discursos os elementos formadores e também teológicos que visavam formar para batalhar, ou seja, para guerrear por meios das palavras, na pretensão de comprovar que o Cristianismo era a única religião verdadeira e capacitar missionários para a propagação dessas ideias contribuiria de forma significativa para o alargamento da fé católica nos territórios reconquistados pelos cristãos na Península Ibérica e fora dela.

Por fim, compreendeu-se a estratégias discursivas de Ramon Llull para a conversão dos ditos “infieis” ao Cristianismo a partir da análise da obra *O Livro do Gentio e dos Três Sábios (1274-1276)*, em que procurou divulgar seu pensamento de modo incansável, e sob o uso de um método que pretendia a conversão, por meio de argumentos, dos não-cristãos para que alinhassem suas crenças aos princípios cristãos. Tomou-se com fonte documental esse livro, considerada uma obra importante para a compreensão do pensamento luliano, na qual ele se utilizou de um recurso didático que visou permitir o leitor a decisão sobre que religião seria a verdadeira, entre elas o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Mas se pode observar que, nas entrelinhas, a religião vencedora nesse campo de batalha seria o Cristianismo.

Teria Llull um espírito pacifista, tolerante e respeitoso? Ou utilizou o seu discurso como forma de impor seus ideais? Não podemos julgar Llull com o nosso olhar do presente, ou pelo que entendemos hoje como tolerância e intolerância. Mas ao seu tempo, expressou suas ideias, opiniões, e estava totalmente influenciado pelos princípios de sua religião. Marcado pelo imaginário da sua época, agiu como um “bom cristão”, fez sua parte de evangelizar e lutar pela unificação da Cristandade, e sobre suas intenções, não cabe a nós julgar. Ao que tudo indica, ele criou um ideal de conversão dos “infieis” e almejou cristianizar o mundo, combatendo com as armas que dispunha que era a sua capacidade de oratória. Com isso, procurou cumprir aquilo que acreditou ser a grande missão que, para o Cristianismo, era e é converter o máximo de pessoas a seguir as leis e os princípios cristãos.

Assim, a partir do curso de vida do filósofo Ramon Llull espera-se contribuir com os estudos ligados à História do Cristianismo, especialmente, naqueles estudos que se dedicam a combater à Intolerância Religiosa. Isso se expressa quando o conhecimento histórico cumpre a função social de promover a conscientização do respeito, acesso à informação e da luta por direitos individuais, bem como a promoção da tolerância e a liberdade religiosa, as quais quando ausentes resultaram em grandes guerras que foram além das palavras, gerando opressões e mortes daqueles que ousaram a pensar diferente.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

LLULL, Ramon. **Vida Coetânea**. (Trad. Maria Santiago de Carvalho). Coimbra: Ariadne editora, 2004.

LÚLIO, Raimundo. **O Livro do gentio e dos três sábios (1274-1276)**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

LLULL, Ramon. **Doutrina para crianças**. Trad. de Ricardo da Costa, e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III. Editorial Ivitra, 2010.

LLULL, Ramon. **Breviculum**. Thomas <Migerii>: *Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum*, c. 1321, Badische Landesbibliothek Karlsruhe, Cod. St. Peter perg. 92.

ESTUDOS

ACALDE, Céliz L. Fé e razão em Raimundo Lúlio. **Scintilla**, Curitiba, vol. 10, n. 1, 2013, p. 63-78.

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. Linguística e História: Oralidade e escrita no discurso religioso medieval. In ANDRADE Filho, Ruy de Oliveira (org.) **Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Solis, 2005, p. 47-55.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

ASSIS, Arthur Alfaix. A didática da história de J. G. Droysen: constituição e atualidade. **Tempo**, v. 20, p. 1-18, 2014.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: **Anthropos-Homem. Enciclopédia Einaudi. Lisboa**: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, v.5. p. 296-332.

BADIA, Lola; BONNER, Anthony. **Ramón Llull: vida, pensamento y obra literária, Barcelona**, Quaderns Crema, 1992.

BARCELÓ, Rafael. La Fundamentac Ión Y La Estructura Del Derecho En El *Ars Brevis Quae Est De Inventione Iuris* De Ramon Llull. In: **Scintilla - Revista de Filosofia e Mística Medieval**. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 10, n. 1, janeiro/junho 2013, p. 107-133.

BARENSTEIN, Julián; FERNANDEZ, Diana. Fe y razón según Ramón Llull: el *Liber de convenientia fidei et intellectus in obiecto* (1314). **Circe clássico y modernos**. v.18, 2014.

BARRONCAS, R. A memória, o esquecimento e o compromisso do historiador. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], n. 21, p. 124–136, 2013. DOI: 10.26512/emtempos.v0i21.19842. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19842>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BARROS, José D'Assunção. História interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, p. 01-30, 2019.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BELVER, José. The Profile and Possible Origin of Ramon Llull's Muslim Slave. *Studia Iuliana*, p. 67-128, 2022.

BENTIVOGLIO, J. História e Hermenêutica: a compreensão como um fundamento do método histórico – percursos em Droysen, Dilthey, Langlois e Seignobos. **OPISIS**, vol. 7, nº 9, p. 67-79. 2007.

BONNER, Anthony. A “arte” Iuliana como autoridade alternativa. **Veritas**, Porto Alegre, v. 41, n. 163, p. 457-472. Set. 1996.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAIXETA, Elenice M. Abordagem historiográfica da História da Península Ibérica Medieval e da influência cultural árabe no Brasil. **Revista entre Parêntese**, n. 8, v. 2, 2019.

CARVALHO, M. S. Introdução. In: LLULL, Ramon. **Vida Coetânea**. (Trad. Maria Santiago de Carvalho). Ariadne editora, 2004.

CASTRO, Anna Carla. Sobre identidade e trocas culturais na "Espanha" medieval. **Plêthos**, nº 2, p. 27-37, 2012.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. 3 ed.; Rio de Janeiro: Forense, 2011.

COLOMER, Eusebio, Ramon Llull y el judaísmo en el marco histórico de la Edad Media hispana, **Estudios Iulianos**, vol. X Fasc. I, 1966, p. 5-4.

CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

COSTA, Ricardo. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull, A Infinitude e a Eternidade divinas no Livro da Contemplação (c. 1274). **Revista de Filosofia e Mística Medieval**. Vol.3, n. 1, 2006, p.107-133.

COSTA, Ricardo. A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua Arte. In: SANTIAGO, Homero (coord.). **Discutindo Filosofia 3**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

COSTA, Ricardo. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: A Infinitude e a Eternidade divinas no Livro da Contemplação (c. 1274). In: Scintilla - **Revista de Filosofia e Mística Medieval**. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133.

COSTA, Ricardo da. A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua Arte. In: SANTIAGO, Homero (coord.). **Discutindo Filosofia 3**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

COSTA, Ricardo da. A Educação na Idade Média: a Retórica Nova (1301) de Ramon Llull. **Notandum (USP)**, v. 16, p. 29-38, 2008.

COSTA, Ricardo. Maomé foi um enganador que fez um livro chamado "Alcorão": a imagem do Profeta na filosofia de Ramon Llull (1232-1316). **Notandum (USP)**, v. 27, p. 19-35, 2011.

COSTA, Ricardo da. “A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232–1316)”. In: **Mundos medievales: Espacios, Sociedades y Poder**. Homenaje al Profesor José Ángel García de Cortázar. Santander: PubliCan, Ediciones de la Universidad de Cantabria, D.L., 2012, tomo II, p. 1215–1227.

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) foi o filósofo da tolerância na Idade Média?. In: SALATINI, Rafael; DIAS, Laércio Fidélis. (Org.). **Reflexões sobre a Paz. Vol. II ? Paz e Tolerância**. 1ed.Marília, São Paulo: Editora Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2018, v. II, p. 115-138.

COSTA, Ricardo da. **A Árvore Imperial – um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232?-1236)**. Tese de Doutorado em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.

COSTA, Ricardo da. Ramón Llull y el Orden del Temple. **Abacus**, v. 11, p. 4-142, 2013.

COSTA, Ricardo da. MEIRA, Gabriel t. O ordenamento divino da Vontade e do Poder no Livro da Contemplação em Deus de Ramon Llull (1232-1316). In: In: Antonio CORTIJO OCAÑA & Vicent MARTINES (orgs.). **Mirabilia Journal**, 2022, p. 103-123.

COSTA, Sandra. O Islão em Portugal. In: PINTO, Maria do Céu. **O Islão na Europa**. Lisboa: Editora Prefácio, 2006. p. 155-174. Disponível em:

<http://www.academia.edu/6073332/O_Isl%C3%A3o_em_Portugal_Islam_in_Portug_a> . Acesso em: 11 abr. 2022.

CROSLY, P. **O que é a História Global**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

DE LA CRUZ PALMA, Oscar. “La información sobre Mahoma em la Doctrina Pueril de Ramon Llull”. In: **Taula, quaderns de pensament**, 37, 2002, p. 37-49.

DIAS, Frederico Caetano Pereira da Silva de Portugal. **Franciscanos e Dominicanos nos séculos XIII a XV: sociedade e espiritualidade**. 138 p. (Mestrado em História) — Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2018.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, **Fernando (Raimundus-Lullus-Institut, Freiburg im Breisgau, Alemanha)**. Entrevista concedida no dia 01.12.1998.

DOMÍNGUES REBOIRAS, Fernando. **A Espanha Medieval: Fronteira da Cristandade**: Disponível em :<<http://www.Hottopos.com/mirand10/reboirras.Ht>>. Acessado em : 23 jan. 2022.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas, volume III: de Maomé à Idade das Reformas**. Rio de Janeiro: Ed ZAHAR, 2011.

ENSENYAT PUJOL, Gabriel. La difícil proposta lul·liana per a la conversió dels musulmans A difícil proposta luliana para a conversão dos muçulmanos Ramon Llull and the Muslims: a difficult propose for conversion. **Mirabilia**, v2, n2, 2015.

FLETCHER, Richard. **A Cruz e o Crescente: a convivência entre muçulmanos e cristãos das Cruzadas à Reforma Protestante**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FONTES, Leonardo. As margens da Cristandade: **Os mouros D’Espanha à Época de Afonso X**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, p.321, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As Cruzadas**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**, São Paulo: Brasiliense, 2001.

GATT, P. A Filosofia em prol da Religião: o movimento Escolástico na Idade Média Central (XI-XIII). **Sapere Aude**, v. 11, n. 22, p. 417-433.

GARCÍA SANJUÁN, A. Cómo desactivar una bomba historiográfica: la pervivencia actual del paradigma de la Reconquista. In: AYALA MARTÍNEZ, C. de et al (coord.). **La Reconquista: Ideología y justificación de la Guerra Santa peninsular**. Madrid: La Ergástula Ediciones, 2019. p. 99-119.

GAYÀ ESTELRICH, J. Ramon Llull en Oriente (1301-1302): circunstancias de un viaje. *Studia Lulliana*, **Palma de Mallorca**, v. 37, p. 25-78, 1997.

GINARD BUJOSA, Antoni. “Ramon Llull, viatger universal”. **Lliçó inaugural de la UOM Curs acadèmic**, Universitat de les Illes Balears, 2015, p. 01-31.

GONÇALVES, Rafael Afonso. **O despertar dos mendicantes para os outros mundos (séculos XIII e XIV)**. 2011. 155 fl. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca. 2011.

GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. IN: Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195.

GUICHARD, Pierre, Islã. In: LE GOFF; SCHMITT, Jean-Claude. (Coord.). **Dicionário temático do Ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, v. I, p. 633-649.

HERNANDEZ, Miguel. **El Pensamento de Ramon Llull**. Barcelona: Castalia, 1977.

HILLGARTH, J. N. “Vida i Importància de Ramon Llull en el context del segle XIII”. In: **Anuario de Estudios Medievales 26**. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1996.

HOMS, Romàm. **Alfonso, o sábio e Ramon Llull: Suas concepções da justiça e da ordem social**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “ Raimundo Lúlio”, 2013.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

JAULENT, Esteve. Introdução. In: LÚLIO, Raimundo. **O Livro do gentio e dos três sábios (1274-1276)**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

JAULENT, Esteve. Fé e razão em Raimundo Lúlio. *Scintilla*, Curitiba, vol. 10, n. 1, 2013, p. 37-50.

JAULENT, Esteve. **Raimundo Lúlio: um pensamento e um único amor**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “ Raimundo Lúlio”, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LANNES, S.B. **A Formação do Império Árabe-Islâmico: História e Interpretações**. 2013. 127 f. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas - São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 21-34.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. 6ªed. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2014.

LEMOS, Tatyana Nunes. **Pregação e cruzada : a conversão dos *infiéis* nos poemas de Ramon Llull (1232-1316)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2010.

LLANO, Ignacio. Misióny cruzada enel pensamento de RamonLlull (1232-1316), una cuestiónsinzanjar. **Medievalismo**, 30, p. 75-115, 2020.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundos. **Métis: história & cultura**, v. 3, n. 6. p. 129-151, 2004. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1163/801>. Acesso em: 11 mar. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso. In: ____, CHARAUDEAU, Patrik. (Ed.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 168-72. p. 169.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTY, Martin. **O mundo Cristão: uma História Global** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MATA, S. **El hombre que demostró el Cristianismo** Madrid: RIALP, 2006.

MATEUS, Natasha. **Ensino de história medieval: a obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull e a produção do paradidático Ramon Llull e a Idade Média**. Dissertação (Mestrado). História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2018.

MIATELLO, André. Pregação e cavalaria no processo de expansão da cristandade latina: o papel da Ordem da Milícia de Ramon Llull (1232-1316). **Horizonte**, v. 15, n. 48, p. 1151-1190, 2017.

MOTA, Thiago. **A Outra Cor de Mafamede Aspectos do Islamismo da Guiné em três narrativas luso-africanas (1594-1625)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

NADAL CAÑELLAS, Juan. “Ramón Llull y el mundo bizantino”. **Byzantioç. Studies in Byzantine History and Civilization**, vol. 15, p. 295-297, 2019.

NASCIMENTO, A. Raimundo Lúlio, ou a procura do mundo pelo Mestre iluminado (na celebração do 7º centenário da sua morte). **Lusitania sacra**. Ser. 2, vol. 33. p. 15-42, 2016.

NASCIMENTO, A. Raimundo lulo: o mestre iluminado à procura do mundo **anu.filol.antiq.mediaevalia**, p. 55-87, 2022.

NOGUEIRA, C. R. F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: Edusc, 2000.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EDUSP, 1979.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

OLIVEIRA, T; PERIN, S. O ensino apresentado por Ramon Llull por meio da Simbologia da Natureza. **Revista de Educação Pública**, v. 30, p. 1-23, jan./dez. 2021.

OLIVEIRA, T. Origem e Memória das Universidades Medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História** (UFMG. Impresso), v. 23, p. 113-129, 2007b.

ORIANI, Angélica Pall. Primeiros rascunhos: aproximações entre Michel de Certeau e a História do Tempo Presente. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 22, p. 316 - 338, set. /dez. 2017.

PALMA, Oscar L. C. Raymundus Lullus contra Sarracenos: el islam en la obra (latina) de Ramon Llull. **CEHM**, n° 28, p.253-266, 2005.

PALOU, Sebastian. **Ramon Llull y el Islam**. Palma de Mallorca. Gráficas Planisi, 1981.

PARDO PASTOR, Jordi Pardo. Las Auctoritates Biblicas en Ramon Llull: Etapa 1304·1311. **Revista Espanola de Filosofia Medieval**, 2004, p. 167-179.

PARDO PASTOR, Jordi. La Natureza humana en Ramón Llull el pequeño mundo del hombre. **Revista Española de Filosofia Medieval**, nº13, 2006, p. 63.

PEREZ, J. **Histórias Conectadas: ensaios sobre história, global, comparada e colonial na Idade Moderna**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2016.

PIERINI, Franco. **A Idade Média: curso de história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.

PUJALS, Joan Maria. **As Fronteiras da Identidade - Um caso concreto: Catalunha**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2008.

REINHARDT, Klaus. "Entre el tiempo y la eternidad: la idea de la eviternidad en el pensamiento de Raimundo Lulid". In: **Revista Española de Filosofia Medieval**, n. 5, 1998, p. 21-32.

ROMÁN, José. Fazendo História Global: Reflexões, dúvidas e compromissos. **Estudos Históricos**, v. 30, p. 241- 252, 2017.

RUBIO, José Higuera. Ensayo Bibliográfico sobre los estudios luliano (2008-2018). In: **Revista Anales del Seminario de História de la Filosofia**, n 38, p. 65-75, 2021.

RUIZ SIMON, J. Maria. **A arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2004.

SANTOS, P. A. C.; NICODEMO, T.; PEREIRA, Mateus . Historiografias Periféricas em Perspectiva Global ou Transnacional: Eurocentrismo em Questão. **Estudos Históricos**, v. 30, p. 161-186, 2017.

SANTOS, Bento Silva ; COSTA, Ricardo da . **História da Filosofia Medieval**. 1. ed. Vitória: Secretaria de Ensino a Distancia-Sead-UFES, 2015.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens**. São Paulo: EDUSC, 2007.

SILVA, Macedo Candido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Kalina. Uma História de Conexões e comparações dos Impérios Coloniais Modernos. In: PEREZ, J. **Histórias Conectadas: ensaios sobre história, global, comparada e colonial na Idade Moderna**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2016, p. 9-17.

SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: Estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**, v. 8, p. 210-236, 2019.

SOLER, Albert. Ramon Llull no va abandonar la seva família. **Randa** , p. 53-58, 2022.

SOT, Michel. Perigração. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2006. p. 21-34.

SOUZA, Carlos. ISLÃ, CULTURAS E RELIGIÕES: um diálogo possível? Perspectivas históricas acerca da presença Islâmica em Al-Andalus. **Interações**, vol. 12, núm. 22, pp. 343-368, 2017.

SOUZA, Guilherme. “Andando casi por toda la tierra”? As viagens de Ramon Llull no imaginário moderno: entre mito e história. **Revista Diálogos Mediterrâneos**. v.19, p. 58-81, 2020.

SOUZA, Guilherme. Raimundo Lúlio, a Idade Média Global e o ensino de história: perspectivas de abordagem. **Esboços**, v. 28, p. 531-557, 2021.

SOUZA, Guilherme. Revisitando a literatura luliana: do nacional ao global. **Ehumanista**, v. 52, p. 211-226, 2022.

TRIAS MERCANT, Sebastia. Judios y Cristianos: La Apologetica de la Tolerancia en el «Llibre del Gentil». **Revista Espanola de Filosofia Medieval**, 5, 1998, p. 61-74.

TUSQUETS, Monseñor. **Ramon Llull: Pedagogo de la Cristandade**. Instituto San José de Calansaz, 1954.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. São Paulo: EDUSC, 2001.

VEYNE, Paul. **Quando o mundo se tornou Cristão**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

YATES, Frances A. **A Arte da Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZIERER, A. Significados medievais da maçã: Fruto proibido, fonte de conhecimento, Ilha paradisíaca. **Mirabilia**, v. 1, p. 104-119, 2001.

ZIERER, Adriana. **Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal**. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

ZWEMER, S.M. **Raimundo Lúlio, primer missionero entre los musulmanes**, Madrid, 1952.